

LIVRO 3 | SÉRIE ENIGMAS

 inevitável
DILEMA

T. M. KECHICHIAN



INEVITÁVEL DILEMA

T.M. KECHICHIAN

Copyright © 2020 T.M. KECHICHIAN

Revisão: Ivany Souza

Capa: Will Nascimento

Diagramação: GD² Serviços Editoriais

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

LIVRO 3 | SÉRIE ENIGMAS

 inevitável
DILEMA

T. M. KECHICHIAN

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Nota da revisora](#)

[Aviso da autora](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1 – Seguindo em frente?](#)

[Capítulo 2 – Perdida](#)

[Capítulo 3 – Offline](#)

[Capítulo 4 – Carregando...](#)

[Capítulo 5 – A viagem](#)

[Capítulo 6 – Compreensão](#)

[Capítulo 7 – Brasil, Brasil](#)

[Capítulo 8 – Rio 40 graus](#)

[Capítulo 9 – Notícia inesperada](#)

[Capítulo 10 – Efeito bondinho](#)

[Capítulo 11 – Água de beber](#)

[Capítulo 12 – Decisão tomada](#)

[Capítulo 13 – Raso](#)

[Capítulo 14 – Percepção](#)

[Capítulo 15 – O monstro](#)

[Capítulo 16 – Sem controle](#)

[Capítulo 17 – Caindo na real](#)

[Capítulo 18 – Uma nova jornada](#)

[Capítulo 19 – Um retorno revelador](#)

[Capítulo 20 – Surpreendido](#)

[Capítulo 21 – Uma causa maior](#)

[Capítulo 22 – Chega!](#)

[Capítulo 23 – Meu relato](#)

[Capítulo 24 – Uma noite fria](#)

[Capítulo 25 – Eu quero viver](#)

[Capítulo 26 – Enxergando um futuro](#)

[Capítulo 27 – Você e eu](#)

[Capítulo 28 - Enfeitiçado](#)

[Capítulo 29 – Um marco](#)

[Capítulo 30 – Quebrando correntes](#)

[Capítulo 31 – Virando a página](#)

[Capítulo 32 – Família](#)

[Capítulo 33 – Meu paraíso](#)

[Epílogo](#)

[Bônus – ALÉM DA ESSÊNCIA](#)

[Agradecimentos](#)

[Demais obras da autora](#)

[Biografia](#)

[Redes sociais](#)

Sinopse

Depois de Scarlett Ryan e Liv Scott, agora é a vez da ruiva Ticy Parker contar sua história e fechar a Série Enigmas.

Apesar do passado traumático, a advogada e sócia de um renomado escritório de advocacia em Nova York procura viver de bem com a vida. Porém, com suas amigas agora casadas e seguindo rumos diferentes, ela terá que aprender a caminhar sozinha, desviando-se dos pensamentos sombrios que ameaçam sua paz e confiança.

Nesta nova fase, Ticy encontrará em Andrew Stan, baixista da banda de rock Sultans of Swing, uma distração muito bem-vinda, o que julga como algo saudável para uma mulher de 27 anos. Contudo James Foster, sócio de Daniel Hant e seu cliente direto no Mars & Pierce, está cada vez mais presente em sua vida e em seus pensamentos.

Um dilema está prestes a se desenrolar. Ticy continuará fugindo e vivendo na superfície ou se renderá a um amor puro e libertador, capaz de quebrar as amarras do passado?

*Aviso: apesar de não ser um livro DARK, o tema abordado pode gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto.

Nota da autora

Quando escrevi Misteriosa Essência e criei a personagem da Ticy com um passado traumático, nunca imaginei que um dia faria um livro só dela — afinal, ainda não era uma série —, muito menos que traria um assunto tão sério em um romance que era para ser um simples entretenimento.

Com o passar do tempo, a minha necessidade por abordar temas mais complexos e reflexivos vem aumentando. Hoje, quase três anos do início da série, tenho a certeza de que nada é por acaso.

Falar sobre a violência doméstica contra mulheres é de uma importância sem tamanho e, de uma complexidade na mesma medida.

Para escrever esta história precisei mergulhar no mundo de Beatrice, estudar, pesquisar, compreender suas escolhas e seus medos, *me* envolver em sua doçura e em seu desespero... Precisei respirar Beatrice. Uma advogada competente, uma amiga fiel e uma mulher quebrada.

Ao longo da escrita, a personagem foi crescendo de uma maneira tão exponencial que a considero uma das mais fortes que já escrevi. E você vai entender o que estou falando.

Acredito que a série não nos dá um adeus, mas traz o fechamento digno que ela merece.

Que a história da nossa *Ginger* te toque, assim como me tocou!

Que nós, mulheres, possamos ter a plena ciência de que somos incríveis, capazes, maravilhosas, poderosas e, principalmente, que temos o

direito de sermos e termos o que quisermos!

Nada e nem ninguém pode nos calar!

Muito obrigada pela atenção e tenha uma ótima leitura!

T. M. Kechichian.

Nota da revisora

O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa, contudo características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano. Os trechos em *itálico* se referem a termos técnicos, estrangeirismos e/ou gírias e termos coloquiais.

Aviso da autora

Se você não leu o Bônus “Além da Essência”, indico que leia, pois ele traz informações importantes que antecedem esta história. Para facilitar, eu o disponibilizei no final do livro, é só procurar por “Bônus” no sumário e você vai parar direto nele.

Apesar de não ser um livro DARK, o tema abordado pode gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto (relacionamento abusivo).

A você que um dia foi silenciada,
mas se reergueu e aprendeu a GRITAR!

Epigrafe

Quero pedir desculpa a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas.

Fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você, fosse seu maior orgulho, quando seu espírito já despedaçou montanhas. De agora em diante vou dizer coisas como, “você é forte!” ou, “você é incrível!”, não porque eu não te ache bonita, mas porque você é muito mais do que isso.

Rupi Kaur

Você é forte, você é incrível e não merece nada menos do que o MELHOR!

T. M. Kechichian

Prefácio

Talitha é aquela mulher incrivelmente encantadora, que chega de mansinho e toma conta do espaço destinado a ser dela. Tenho acompanhado sua evolução enquanto escritora e só posso dizer que estou muito orgulhosa de tudo que tenho visto.

Uma mulher determinada, que não se intimidou diante da mudança de profissão, apesar dos receios, cobranças... permaneceu firme, buscando firmar seu nome em um cenário tão complexo como é o da Literatura Nacional Contemporânea.

Entregar para o público uma obra que represente mais que um passatempo é algo muito imprescindível em meio a tanta desinformação.

Essa série aborda temas muito interessantes, com personagens intensos e apaixonantes, mas Inevitável Dilema é, sem dúvida, aquele "algo a mais"!

Quem já acompanha essas três amigas sabe um pouco do que há por trás da fachada que nossa ruivinha ergueu ao longo dos últimos anos.

Uma mulher, que poderia ser qualquer uma de nós, está neste livro para nos lembrar que não podemos aceitar menos que o papel de protagonistas de nossa própria história!

E o que dizer de James? Sabe aquele mocinho completamente envolvente? Ele possui a dose certa das características essenciais para se tornar inesquecível.

Espero que, assim como foi comigo, acompanhar esse enredo aqueça seu coração e desperte a força que pode apenas estar adormecida!

Boa leitura!

Ivany Souza - revisora



SEGUINDO EM FRENTE?

*Estou aprendendo a andar novamente
Acho que já esperei tempo demais
Mas por onde eu começo?
Estou aprendendo a falar novamente
Você não vê que já esperei tempo demais?
Mas por onde eu começo?*

Walk, Foo Fighters.



Dias antes...

Acordo suada e desorientada.

É a segunda vez em uma semana.

Lampejos do pesadelo mais recente tentam vir à tona, mas eu os jogo para longe. Ultimamente meu sono tem sido agitado, levando-me a acordar diversas vezes durante a noite.

— Ticy, já estou indo, tudo bem? Pode ficar o tempo que quiser — Drew avisa, tirando-me dos meus pensamentos ao sair do banheiro vestido com uma calça jeans rasgada e uma blusa branca cavada.

Ele vem em minha direção na cama e se despede com um beijo no rosto.

— Vai lá e arrasa no ensaio! *Nos vemos qualquer dia!* — digo, abrindo um sorriso fraco, ainda afetada pela sensação ruim de uma noite mal dormida.

Andrew pisca para mim e sai do quarto do hotel em que eventualmente nos encontramos, o Magnific. O baixista da *Sultans of Swing* veio a Nova York para um ensaio fotográfico de uma marca famosa de roupas masculinas e me ligou, perguntando se eu gostaria de encontrá-lo. Como não tinha nada marcado, aceitei. Estávamos sem nos ver há quase dois meses e, pelo visto, ficaremos mais um tempo sem contato, pois, a partir da semana que vem, a banda fará alguns shows pelo mundo para divulgação do novo álbum. Apesar das pausas entre um evento e outro, não costumamos

marcar compromissos com antecedência. Nosso lema tem sido: desprendimento total.

Não sei se Andrew percebeu minha agitação noturna, mas eu o agradeço internamente por não ter comentado nada. Mais um ponto positivo de não aprofundarmos nosso “relacionamento”, não preciso dar explicações ou me desgastar desnecessariamente com um assunto com o qual não quero lidar.

Meu celular começa a tocar, e o pego na mesinha ao lado da cama.

— Alô!

— *Hey, Ginger! A noite foi boa?* — Reviro os olhos e me pergunto como ainda me surpreendo com Liv.

Ela me ligou ontem à noite, mas eu disse que estava ocupada e, esperta como é, logo *pescou* que tinha algo a ver com a vinda de Andrew.

— Sim, foi ótima. E você, animada para ir ao Japão? — pergunto, mudando de assunto.

— *Não vou te deixar encabulada, Ticy.* — Ela ri. — *Estou animada para a viagem sim, mas com o coração partido por não poder participar do mesversário do nosso sobrinho-afilhado.*

Ela já havia se comprometido, meses atrás, a acompanhar o marido a um show da SoS no Japão e, quando Scarlett decidiu fazer uma pequena celebração pelos seis meses de vida do nosso *baby* Bill, *Branca de Neve* ficou arrasada.

— Ah, Liv. Não fique assim. Eu estarei lá te representando. Compense sua ausência no aniversário de um ano.

— *Com certeza. Estou com uma saudade tão grande daquele bebezão!*

— Eu estive na casa de Scarlett ontem, e ele está a coisinha mais linda que já vi. Vou te mandar a foto que tirei. E o sorrisoão banguela? Ah, virei uma tia babona mesmo.

Nós duas rimos.

— *Eu, que não tenho o menor jeito com crianças, babo naquele bebê!*

— Acho que seria impossível não se apaixonar.

E é verdade. O pequeno Bill é um doce de criança, só espero que o fato de ter três padrinhos — pois é, Scarlett e Daniel não conseguiram escolher apenas um e decidiram nomear Liv, James e eu para a função — não o deixe mimado demais.

— *Mas, sério, Ginger, está tudo bem com você?*

— Sim, está tudo bem, Liv.

— *Você sabe que eu te amo, não é? Mesmo à distância, estou sempre disponível para quando precisar conversar, desabafar...*

— Obrigada, amiga. De verdade!

Assim que nos despedimos, levanto-me da cama, espreguiçando-me em seguida. Caminho até o banheiro elegante e vislumbro minha imagem no espelho de corpo inteiro. Encaro meu rosto, a camisola vermelha, curta... Às vezes, eu me pergunto se estou vivendo uma vida que não é minha e imagino que vou acordar a qualquer momento e voltar para a minha realidade. Uma realidade na qual não tenho chance de ser feliz e seguir em frente. Uma realidade onde *aquela* monstro venceu e me estragou para sempre.



O final de semana passou voando, e resolvi tirar um tempo para descansar. Maratonei *Grey's Anatomy*, na *Netflix*, não cozinhei — preferi pedir *delivery* —, quase não saí do meu sofá confortável. Excesso de agitação sempre me deixa um pouco atordoada e, depois da noite com Drew, combinada com uma série de lembranças ruins em forma de pesadelo, eu precisava de um tempo para mim.

Chego ao prédio em que trabalho, cumprimento os funcionários e sigo para minha sala. Meu estagiário me espera com um copo de café na mão, e sorrio em agradecimento.

— Muito obrigada, Denny. Bom dia!

— De nada, Dra. Parker. Tenha um bom dia!

— Teve alguma dificuldade para fazer aquele recurso? — pergunto ao me acomodar em minha cadeira e ligar o computador.

— Só um ponto que preciso discutir, pois as provas não estão a favor da empresa que estamos defendendo.

— Ah, infelizmente isso é comum em nosso trabalho. Os nossos clientes nem sempre estão com a razão, e cabe a nós encontrar alguma brecha, ou, como dizem, fazer mágica!

Ele ri e eu também, porque é a pura verdade. Ser advogado demanda não só estudo, mas jogo de cintura. É cada “pepino” que aparece, que não é brincadeira! Isso quando não nos procuram depois que agiram

precipitadamente! Por isso, sempre digo às empresas para as quais advogo que é essencial haver um corpo jurídico para prevenir certos tipos de problemas e ações, a famosa Assessoria Jurídica Preventiva.

— Vou procurar alguns *julgados*. Pode ser que eu encontre uma saída — Denny anuncia e logo se levanta.

— Isso! Analisar os precedentes sempre é um bom caminho.

— Obrigado, Dra. Parker!

Logo que ele sai da sala, continuo olhando para a porta por alguns segundos. Eu gostaria de ser tão segura na minha vida como sou com a minha profissão e com a área em que escolhi atuar. Quem me vê palestrando, ensinando ou participando de alguma audiência, nunca diria que tenho algum tipo de fragilidade emocional. No final das contas, atuar já faz parte do meu dia a dia. Só não sei até quando conseguirei manter esta máscara, ou até quando conseguirei fingir que está tudo bem e que não continuo tão quebrada quanto antes.

Desperto do meu torpor quando recebo uma mensagem no celular. É de Larry Mars, um dos sócios do escritório — conhecido também como meu chefe. Ele tem mania de usar o *Whatsapp* em vez de ligar para o meu ramal. Quando leio o que me enviou, sou pega de surpresa.

Sem cerimônia, levanto-me e sigo em direção à sua sala.

Era só o que me faltava...



— Como assim eu terei que ir para o Brasil, Larry? — Mal chego à sua sala, já vou perguntando.

Com seus 50 anos de idade, ele é sócio majoritário da Mars & Pierce, juntamente com Michael Pierce, outro advogado renomado aqui nos Estados Unidos. Eu respondo diretamente a Larry, e temos uma relação de trabalho agradável e respeitosa, comparada a outros escritórios em que já atuei.

— Bom dia para você também, Beatrice!

Ele sorri, enquanto beberica seu café, e cruza os braços, aguardando pacientemente até que comece a se explicar.

— Temos dois clientes importantes que estão com alguns problemas trabalhistas por lá. Como somos o escritório principal, eles precisam que averiguemos o que está havendo e como podemos auxiliar os advogados brasileiros, seja com estratégias diferenciadas ou com trabalho em equipe. Pensei que fosse exagero quando falavam na faculdade, mas aquele país parece ser uma bagunça de ações trabalhistas, Beatrice!

É normal que eu viaje para acompanhar clientes, vez ou outra, porém nunca fui para tão longe a trabalho. Eu conheço o sistema jurídico do Brasil, pois uma vez precisei realizar pesquisas no MBA e fiquei assustada com a quantidade de processos trabalhistas que o país carrega.

— Sim, não é à toa que muitas empresas daqui decidiram não operar mais por lá. É complicado, Larry.

— Eu tenho perfeita noção, entretanto não posso dizer algo assim para os nossos clientes, não é? Aqui precisamos dar soluções, você sabe... — E, complementando, diz: — Em alguns dias, James irá confirmar a data de ida, ok?

— James? James Foster?

— Sim, algum problema? — pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Nenhum! Eu só não imaginei que seria ele.

— Sinta-se privilegiada, porque você é responsável por uma pasta muito importante, Dra. Parker — diz, referindo-se ao fato de que tanto James quanto Daniel Hant são meus clientes diretos.

Quando Daniel veio ao escritório solicitar que eu cuidasse dos seus negócios, quase não pude acreditar. Saber que represento dois dos caras mais poderosos dos EUA — e que possuem empresas por todo o mundo — é um desafio e tanto, mas também uma prova de que confiam em meu trabalho.

O problema deve estar ocorrendo no hotel de luxo no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, e, por um momento, sinto-me pequena diante da grandeza de tudo isso.

— Ótimo! Estarei disponível, Larry. Aguardarei mais informações — finalizo, saindo de sua sala e tentando, ao máximo, não demonstrar o quanto estou nervosa.



Uma semana depois e ainda não me encontrei com James. Pelo que fiquei sabendo — porque não temos conversado diretamente —, a agenda dele está lotada, muitas viagens, preparando tudo para a ida ao Brasil, que ainda não tem data certa. Uma loucura! Sou muito organizada com minhas tarefas, e, não saber o dia em que irei viajar, deixa-me bastante incomodada, entretanto como Larry diz: nossos clientes são nossos chefes! O jeito é continuar esperando os próximos passos.



PERDIDA

*Há algo em mim que me puxa para baixo
da superfície
Consumindo, confundindo
Esta falta de autocontrole eu temo que nunca acabe
Controlando
Parece que não consigo
Me achar novamente
Minhas paredes estão se fechando.*

Crawling, Linkin Park.

Dias atuais...

Quando penso que estou evoluindo, vem a noite e me faz retroceder.

Enquanto eu tinha minhas amigas por perto, tendo a certeza de que poderia contar com elas a qualquer hora e momento, achava que estava bem. Elas me impulsionavam de uma maneira que fazia com que me sentisse realmente curada.

A confiança que depositavam em mim, as palavras de ânimo e motivação, o escudo que mantinham à minha volta, era o que me fazia acreditar que eu estava seguindo em frente, mas, agora, sem tê-las por perto, cada uma seguindo seu rumo, é como se toda aquela confiança e coragem tivessem se esvaído, e o que restou foram os pesadelos, o medo e a insegurança, mostrando-me que estou longe de ficar em paz.

Acordei de madrugada, suando, com falta de ar. A voz maligna continuou sussurrando ao meu ouvido mesmo quando abri os olhos:

— *Todos os homens são como eu, Beatrice. Queremos apenas uma coisa de você: sua boceta! Você se acha mais esperta que eu (risadas). Você nunca será suficiente, sua putinha!*

Estremeço só de recordar suas palavras acusadoras, e é como se *uma a uma* tivesse o poder de me dar um soco no estômago.

Contra as forças que queriam que eu ficasse em casa, triste e em comiseração, visto um terninho branco, aplico uma maquiagem leve e sigo para o trabalho. Tenho uma reunião muito importante.

No caminho, penso em ligar para Liv, mas não quero *preocupá-la* com meus problemas. Minhas amigas não estão disponíveis como antes, e está na hora de me acostumar com isso! Elas têm suas vidas, seus afazeres, seus maridos... E, pela primeira vez, sinto-me só. Um calafrio perpassa meu corpo, e estremeço no banco do carro. Não vou deixar que o medo volte a me assombrar. Eu não *vou* deixar. Eu *não posso* deixar!



Chegou a hora da reunião.

Em alguns minutos, estarei frente a frente com James.

Desde cedo venho pensando neste momento, e minhas mãos não param de suar em expectativa, enquanto respondo aos e-mails pendentes.

Não nos falamos desde o *mesversário* do nosso afilhado, *baby* Bill, nos Hamptons, há duas semanas. Após aquele dia, minha cabeça ficou dando giros e mais giros para tentar compreender o que a nossa conversa significou. *O que eu não quis entender...*

O diálogo se repete em minha mente como um *loop*, mesmo tentando afastá-lo a todo custo.

— *O que você quer comigo, James?* — perguntei.

— *Não acho que você esteja preparada para saber, querida.*

Sua resposta não para de ecoar dentro de mim. Circula pela minha mente, reverbera em meu corpo...

“*Não acho que você esteja preparada para saber, querida.*”

“*Não acho que você esteja preparada para saber, querida.*”

Uma parte minha gostaria, e muito, de perguntar o que quis dizer com aquela frase, mas a outra, a que venceu, preferiu ficar na “ignorância”. Como ele disse, não estou preparada, e não poderia estar mais certo!

Desde que se tornou meu cliente, nossa ligação se traduz no

profissional, sem muita intimidade ou brincadeiras. As coisas mudaram. E, por mais que eu sinta falta da nossa amizade, lá no fundo eu sei que é melhor continuarmos distanciados.

Ainda na festinha do meu afilhado, da mureta da mansão de Daniel e Scarlett, eu divagava, encarando um canto específico na praia, sem me preocupar com o barulho das ondas quebrando com tudo, perdida em lembranças que não deveria revolver... até ouvir a voz de James.

— *Você lembra, não lembra?*

— *De quê?* — perguntei, fazendo-me de desentendida.

Ele sorriu, passando uma mão pelos cabelos loiros.

— *Você sabe, querida. O seu olhar não sai daquele lugar.*

Como ele conseguiu ler a minha expressão? Do que eu estava lembrando...

Eu o subestimei por achar que ele não lembraria.

O exato lugar em que nos beijamos durante a festa de casamento da Scarlett, que aconteceu justamente nos Hamptons.

Foi naquela noite que eu percebi o perigo que James representava para mim.

Com apenas um beijo, ele me desarmou, deixando-me desejosa por mais. Mais do que paixão carnal, mais do que eu poderia oferecer... Então o afastei. *Nós nos afastamos.* Como se nada tivesse acontecido.

Após aquele dia, uma irritação anormal surgia sempre que o via. O que ele me fez sentir, a faísca que teimava em aparecer toda vez que o encontrava, as lembranças do beijo que dominavam meus sonhos involuntariamente, tudo isso me deixava em pânico e, ao mesmo tempo, com raiva, pois não queria sentir nada daquilo.

Por outro lado, James parecia se divertir, brincava, mexia comigo — hoje vejo que era o jeito dele, o mesmo jeito de quando o conheci, mas estava tão à flor da pele e irritada, que só conseguia pensar que estava fazendo de propósito.

Faz tanto tempo... Como isso pode vir à tona ainda hoje?

A única razão que me vem à cabeça é que James é intenso demais. Sua presença me desconcerta de maneiras que não consigo explicar. Seu olhar faz com que eu me sinta exposta, sem qualquer máscara ou proteção. Como se me enxergasse de verdade, na minha alma, e isso... me incomoda. E muito!

Ao mesmo tempo, ele consegue ser o homem que toda mulher gostaria de ter ao lado. Bem-humorado, educado, inteligentíssimo, com uma beleza máscula e imponente, e, mesmo exalando poder, mantém a humildade, o que, na minha opinião, o torna mais encantador.

Não sou cega. É claro que eu o acho lindo, senão o homem mais bonito que conheço, porém não conseguiria lidar com a sua intensidade. Meu histórico ainda não me permite ousar. Ir além do que me deixa segura.

Estou na fase da leveza, da liberdade de poder fazer o que bem entendo, da facilidade descomplicada, de caminhar no raso, sem mergulhar, sem me aprofundar, e com ele não vejo esta possibilidade, por mais que muitas mulheres façam fila para ter sua atenção.

Quando as outras advogadas e estagiárias sabem que ele virá ao escritório, chega a ser cômico. Elas ficam eriçadas, agitadas e esperançosas de que um dos solteirões mais cobiçados da atualidade vá notá-las. Já dá para imaginar como estão hoje.

O cúmulo aconteceu esses dias, quando duas colegas souberam que vou ao Brasil com James. Elas vieram à minha sala e disseram que se eu não

quisesse ir, ou se acontecesse algum imprevisto, estariam disponíveis para a viagem.

Veja se pode? Como se o meu trabalho já não fosse estressante, ainda tenho que lidar com a força do pensamento de pessoas que gostariam de estar em meu lugar!

O telefone toca e volto à realidade. Atendo, e a recepcionista diz que meu cliente chegou.

— Obrigada, você pode pedir para ele entrar em cinco minutos? É só o tempo de finalizar uma pesquisa.

— Claro, Dra. Parker!

Respiro fundo e me levanto da poltrona. Sigo para o toalete e, de frente para o espelho, alinho o conjunto branco que estou usando, tirando uma linha invisível da minha calça.

Olhando para o meu reflexo, forço-me a visualizar se há algum resquício de que tive uma noite ruim, contudo a maquiagem cumpre o seu papel com êxito e não deixa transparecer as olheiras que vêm sendo minhas companheiras diárias. Menos mal. Do jeito que o homem é detalhista, todo cuidado é pouco.

Retorno para a sala e, antes que eu alcance minha cadeira, a porta se abre.

— Bom dia, Beatrice — a voz grave e sexy acompanha a elegância do homem de 1,90m de altura que está à minha frente.

Como sempre, James está impecável em um conjunto de blazer e calça social na cor preta e camisa branca em contraste. Os olhos azul-piscina, os cabelos loiríssimos propositalmente bagunçados e a barba por fazer...
Foco!

— Bom dia!

— Preparada para a nossa viagem?

Ele ergue as sobrancelhas, uma característica própria, e abre um sorriso de lado. Acho que James patenteou esta expressão. Fica perfeita nele!

— Confesso que estava começando a pensar que nem iríamos mais.

Ele para ao meu lado, e nos cumprimentamos com um beijo no rosto, em seguida, senta-se na minha frente, e eu me acomodo em meu lugar.

— Por quê? — pergunta de maneira genuína.

— Apenas imaginei. Você demorou a retornar, não comentou sobre datas...

— Imaginou errado, Dra. Parker — responde, cruzando uma perna em cima do joelho, parecendo à vontade. — Eu estava correndo atrás do máximo de informações para te auxiliar, tanto com o antigo escritório quanto com os funcionários do hotel no Brasil.

— Ah, sim, ótimo! E o que está acontecendo?

— *Me* desculpe não ter avisado sobre a viagem antes, mas foi tudo muito rápido. Temos sofrido alguns processos trabalhistas no Magnific do Rio de Janeiro, e não preciso dizer que eu e Daniel não estamos acostumados com este tipo de situação. Nos outros países há demandas, mas não na quantidade que está acontecendo lá. É como se estivessem trabalhando apenas para ingressar com ações, e isso causa preocupação.

— Entendo. É realmente preocupante, entretanto temos que tomar cuidado com palpites e suposições. Precisamos saber o que, de fato, está acontecendo. Podemos reavaliar as estratégias que o hotel está usando ao contratar mão de obra e se está acontecendo algum episódio que ainda não sabemos, ou que a assessoria brasileira está deixando passar. Isso demandará pesquisa de campo, trabalho em equipe com o corpo jurídico brasileiro, convivência e disciplina. Quando pretende ir?

— Daqui a dez dias.

Meu Deus! Tenho apenas dez dias para me organizar, *me* atualizar sobre as leis trabalhistas brasileiras, preparar estratégias... Ele deve ter percebido minha expressão chocada e logo emenda:

— Eu sei, eu sei, está em cima, mas teremos uma audiência importante sobre assédio moral e gostaria de acompanhar.

— Você sabe que não precisa acompanhar nada, não é? Para isto que servem os prepostos. E pode ser ruim para sua imagem...

— Eu e Daniel vemos com outros olhos. Entendemos que pode significar que temos boa intenção, que não estamos alheios, apesar de sermos *gringos*, como eles se referem a nós.

— E do que vai adiantar se você não entende nada em português? Acho que...

— Quem disse que não entendo *nada* em português? — ele me interrompe, elevando as sobrancelhas mais uma vez. — Eu pesquisei aquela área toda antes de virar o hotel de luxo que é hoje. Para isto, passei alguns meses na Cidade Maravilhosa e acabei aprendendo algumas palavras, frases. Devo admitir, porém, que entendo muito mais do que falo.

Não sei como ainda me surpreendo com James. O cara é um ícone no mundo dos negócios. É claro que é poliglota. E eu, idiota por pensar que ele era um cara como os outros.

— Impressionante! — murmuro. — Tudo bem! Se este é o seu desejo e o de Daniel, vamos à audiência, e depois começamos o nosso trabalho por lá!

— Ótimo! Vou reservar o jatinho para a próxima segunda-feira, às 8h da manhã, e pedirei para te buscarem em casa às 7h30. Tudo bem para você?

— Sim! Ficarei no aguardo.

— Ok! Nos vemos em breve, Beatrice.

James se levanta, e eu o acompanho até a porta. Ele para de repente e se vira, quase chocando o corpo grande no meu. Suas íris encontram as minhas, e um canto dos lábios rosados se curva para cima, em um sorriso malandro, daquele tipo que *derreteria* qualquer pessoa.

Será que vai comentar sobre o nosso último encontro? Prendo o ar, as mãos voltam a suar...

A voz rouca e grave me traz de volta à realidade, e o fôlego retorna aos meus pulmões. O modo profissional se impõe em uma fração de segundos, e só posso agradecer internamente por isso.

— Antes que eu esqueça, no máximo até amanhã você receberá um e-mail com todos os detalhes do que está acontecendo. Testemunhos, estudos do escritório brasileiro, o que está sendo requerido nas ações, e ficará por dentro do que é praticado no hotel atualmente.

— Perfeito — respondo, recompondo-me da estranheza de instantes atrás.

Com um aceno, ele vai embora e, assim que a porta se fecha, volto para o meu lugar, afundando na cadeira acolchoada.

Assumindo a postura de sócia de um escritório renomado, uma das poucas coisas de que me orgulho, endireito-me, ligo meu computador, pego o caderno de anotações e começo a focar na “missão Brasil”, jogando para longe tudo o que não tem a ver com o longo trabalho que tenho pela frente.

Cada minuto é precioso e preciso dar o melhor de mim. As leis trabalhistas dos Estados Unidos e as do Brasil são muito diferentes. Aqui, há uma Lei Federal principal, que serve de base para o sistema de trabalho americano, a *Fair Labor Standards Act* - *FLSA* (Lei de Padrões Justos de Trabalho), cada Estado tem autonomia sobre o próprio Poder Judiciário e leis

próprias, já no Brasil, as regras são mais uniformes e rígidas, regidas por uma Lei Federal, a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT).

Meus planos para o final de semana acabaram de mudar. Uma questão importante, contudo, martela em minha cabeça: não sei quantos dias ficaremos lá. *Droga!* Mais tarde eu pergunto para James, porque agora preciso “mergulhar de cabeça” no sistema jurídico brasileiro.



OFFLINE

*Toda a estrada é uma ladeira escorregadia
Há sempre uma mão que você pode segurar
Olhando bem fundo pelo telescópio
Você pode ver que o seu lar está dentro de você.*

93 Million Miles, Jason Mraz.

James

Logo que saio do escritório de Beatrice, sou cercado por uma advogada de cabelos castanhos e olhos amendoados, expressivos, que faz questão de falar comigo toda vez que venho ao Mars & Pierce, porém não me recordo do seu nome, então, apenas sorrio e a cumprimento.

— Olá, tudo bem?

— Tudo bem, Sr. Foster. Como estão as coisas?

— Agitadas, mas tudo ótimo.

— Espero que esteja gostando do tratamento da nossa firma. Não é à toa que estamos entre as melhores do ramo há três anos.

— Com certeza estou gostando. A Dra. Parker tem sido fundamental!

A mulher se empertiga, e noto que fica sem jeito após eu mencionar Beatrice. O que posso fazer? Ela é quem cuida das minhas empresas!

Observo ao redor e percebo que outras funcionárias me olham disfarçadamente. Passo uma mão na nuca e abro um sorriso ao ver a atenção dispensada em minha direção.

Enquanto tantas mulheres me encaram, outras preferem ignorar minha presença, ou melhor, uma em especial... Rio comigo mesmo e volto meus olhos para a morena.

— Bem, agora preciso ir. Nos vemos em breve — digo e dou uma

piscadela, mania que sei que devo evitar, porém não consigo. Mais de uma vez interpretaram de maneira equivocada.

— Até, Sr. Foster. E caso queira uma companhia extra para a viagem ao Brasil, estou à disposição.

Ergo as sobrancelhas com a ousadia da mulher e não consigo fazer outra coisa senão rir. Não sou de me surpreender facilmente, mas a atitude da morena me deixou sem palavras. Direta e focada em seu objetivo, que acredito que seja me conquistar.

— Obrigado pela preocupação com meu trabalho. Terei isso em mente — respondo, sem demonstrar que tenho ciência de sua verdadeira intenção.

Sou um apreciador de mulheres bem-resolvidas, que sabem o que querem e não querem, que exercem o poder da sedução inerente a elas, mas quando há ausência de ética, perco o interesse imediatamente.

A advogada sabe que sou cliente de Beatrice, consequentemente, é com ela que irei viajar, como deve ser de conhecimento de todos os advogados e estagiários. Não há necessidade de uma pessoa querer passar por cima de outra, mesmo que envolva um flerte ou um interesse qualquer. Eu poderia muito bem comunicar sua postura ao Larry, o cara que manda em tudo por aqui, contudo tenho mais a fazer.

Despeço-me com um aceno e sigo em direção ao elevador. Não vejo a hora de finalmente poder relaxar depois de semanas sem colocar os pés em casa.



De banho tomado e vestido com um conjunto de moletom, a roupa mais confortável que encontrei, acendo a lareira, sirvo-me de uma dose de uísque e me sento em frente ao piano de cauda, meu companheiro, que tem estado um pouco abandonado, eu diria.

Nunca trabalhei tanto como nos últimos meses. Negligenciei meu descanso, meus prazeres, tudo em prol dos negócios. Sei que Daniel, meu amigo e sócio, faria o mesmo por mim caso eu tivesse constituído uma família e precisasse ficar perto dela por alguns meses. É por isto que nossa amizade se fortalece ano após ano. Não jogamos nada na cara um do outro, o que um fez ou deixou de fazer, e, se há alguma diferença ou estranhamento, conversamos e logo tudo se esclarece.

Não bastassem as empresas em que somos parceiros, as minhas também têm requerido atenção e disposição. O que resulta em uma viagem atrás da outra.

É muito bom ter dinheiro, poder, influência, mas são poucos os que veem, de fato, os sacrifícios que são feitos. Acham que o sucesso vem sem esforço. Sorte, não é o que dizem?

Aos 36 anos de idade já vivi muitas experiências. *Me* formei em Administração, fiz mais de seis especializações, tanto nos EUA quanto na Europa, administrei minha primeira empresa aos 22 anos e, a partir daquele momento, descobri minha vocação: comprar companhias “quebradas” e

erguê-las pouco a pouco. E foi assim que construí meu império.

Para mim, são mais do que instituições falidas, há a beleza do levantar, da administração adequada e perfeitamente executada, de mostrar que, com um trabalho bem feito e perseverança, é possível ter sucesso.

Solto um longo suspiro e bebo um gole de outro companheiro fiel, meu *Macallan*. Apoio o copo em um protetor sobre o piano e dedilho algumas notas, aquecendo e alongando meus dedos.

Enfim estou em casa, porém não ficarei por muito tempo. Dentro de alguns dias retorno ao Brasil para enfrentar um problema dos grandes.

Gradativamente, entro no modo *offline*, desligando-me do meu lado profissional, e começo a tocar uma música que costuma destravar minhas articulações, entregando-me à melodia. Fecho os olhos e encontro o ritmo perfeito. E, como se eu nunca tivesse parado de tocar, meu corpo reconhece o som e balança junto ao ritmo de *The Well-Tempered Clavier*, de *J. S. Bach*, uma das primeiras músicas que aprendi, ainda criança.

O toque fica mais intenso, crescendo e crescendo, meu corpo vai junto, sentindo, encontrando seu propósito, até diminuir novamente, ficando mais fraco a cada nota, crescendo uma vez mais para retornar à suavidade, até finalizar a apresentação.

Respiro fundo e sorvo mais um gole da bebida. O relaxamento que buscava.

Desde que me entendo por gente toco piano. Minha mãe investiu pesado, fazendo com que eu frequentasse conservatórios, aulas particulares... Por sorte acabei gostando. Por volta dos 23 anos, descobri a paixão pelo Jazz e, alguns anos depois, pela Bossa Nova.

Este é um dos motivos do Brasil ser um dos lugares que mais visito e pelo qual tenho enorme apreço. A riqueza cultural do país é incrível, e toda

vez que estou lá, sinto minhas energias serem renovadas. É um lugar inspirador. Espero que Beatrice sinta o mesmo!

A ruiva invade minha mente por alguns instantes, mas a afasto delicadamente. O momento é de relaxar, e não de tentar decifrar um enigma. Foco no piano e decido tocar uma música de *Steve Wonder*, *Isn't She Lovely*, com uma batida de Jazz.

Alguns minutos depois, a campainha me interrompe.

Olho para o relógio e, já sabendo do que se trata, caminho pela ampla sala, que, se não fosse pelo sistema de aquecimento, a lareira e os diversos tapetes espalhados, estaria um gelo, e abro a porta.

Sorrio para minha convidada e sou agraciado com um abraço muito bem-vindo.

— Hey, Bri!

— Hey, Jamie! — exclama, chamando-me pelo apelido que adotou desde que nos conhecemos há mais ou menos sete anos. Sem saber que era assim que minha mãe me chamava quando eu era pequeno.

A loira se desvencilha dos meus braços e entra no apartamento, os saltos tilintando na parte do porcelanato que os tapetes não cobrem, e vai direto para o balcão de bebidas, servindo-se de uma dose de uísque.

Brianna se formou comigo em um dos cursos de MBA que fiz na Europa, e, desde então, *nos* tornamos amigos. Ela é irlandesa, mas se mudou para Nova York recentemente. Na ausência de Daniel, tem sido uma ótima companhia.

— Estava tocando? — pergunta, acomodando-se no lugar que eu ocupava instantes atrás.

— Era mais um aquecimento.

Sento-me ao seu lado, dedilhando algumas notas distraidamente.

— Como vão as coisas? Aposto que estava louco de saudade do seu apartamento elegante e másculo...

Ela ri, divertindo-se, pois sabe como amo meu apartamento e os bens que conquistei. Não é um apego material, mas uma prova concreta de que *consegui*. De que *venci* e estou vencendo dia após dia.

— Está tudo bem, mesmo com a correria diária, você sabe... E, sim, estava com saudade do meu canto. Posso ter apartamentos pelo mundo todo, porém nunca vai se comparar ao que sinto quando chego aqui. Aqui é o meu verdadeiro lar.

— Eu entendo. E... como foi a reunião? — pergunta, hesitante.

— Como qualquer outra reunião de trabalho. Séria e tediosa.

Continuo tocando notas aleatórias, quando a mão de Brianna segura a minha, impedindo-me de continuar. Viro o pescoço em sua direção, e ela está com a cabeça inclinada, os cabelos ondulados moldando seu rosto delicado, as sobrancelhas erguidas como se aguardasse algo mais.

— Foi apenas isso — respondo sem querer prolongar o assunto. — Se toda vez que eu for *encontrá-la* você me lembrar do que conversamos quando estava bêbado, não vai dar certo.

— Eu só quero te ver feliz, Jamie.

Girando meu corpo, fico de frente para ela, com uma perna de cada lado do banco, e sustento seu olhar.

— Estou feliz, Brianna. De verdade. Minha vida não vai parar por que não posso ter *tudo* o que quero. O que tenho já me basta.

Sua mão afaga minha bochecha, os dedos fazendo uma carícia preguiçosa em minha têmpora, e diz, num sussurro:

— Você é bom demais, James. Merece toda a felicidade.

— Obrigado, Bri, mas apenas vivo a vida como ela merece ser vivida. Sem arrependimentos, sem expectativas. Quando aprendemos que não temos poder sobre nada, fica muito mais fácil ser feliz. E você também merece toda a felicidade.

Depois de alguns segundos, de olhares e palavras não trocadas, pergunto:

— Agora, vamos aproveitar a noite?

— Com certeza!



CARREGANDO...

*Oh, eles estão tentando abater os anjos
Estão tentando arrancar suas asas fora
Para que eles não consigam voar
E, oh, mas ela é tão corajosa
Como um tornado
Ela está nos levando como uma tempestade.*

You Can't Stop The Girl, Bebe Rexha.



Droga! Preciso sair.

Me deitei no sofá assim que cheguei do escritório e acabei apagando. O somatório de trabalho, pesquisas e mais pesquisas para a viagem ao Brasil e as noites maldormidas têm me deixado extremamente cansada.

Além do horário, vi que há mensagens das minhas amigas, perguntando se estou bem e como está meu ânimo para a viagem, que será em três dias, porém depois eu as respondo, pois agora tenho um compromisso importante e não posso me atrasar.

Eu gosto de ser a primeira a chegar para ficar quase invisível em meu canto, apenas observando, sem chamar a atenção.

Ainda não estou preparada para me expor.

Respiro fundo, escolho uma roupa confortável e, em minutos, estou pronta.

O táxi me deixa na porta, e fico um tempinho parada antes de entrar. Tem sido assim desde que decidi conhecer este lugar há mais ou menos um mês. Penso, penso... e depois entro. Alívio me invade quando constato que ainda não há ninguém.

— Boa noite, Beatrice! — uma voz ecoa no ambiente vazio, e me viro em sua direção.

— Boa noite, Esther!

— Está tudo bem? — pergunta.

— Sim. E com você?

— Tudo bem também. Alguma chance de termos a sua presença na reunião de hoje?

— Prefiro continuar assistindo de longe.

— Certo. Compreendo. Tome seu tempo, mas não demore tanto. Sua voz precisa ser ouvida. Não por mim, mas por você.

Demoro alguns segundos para entender o que ela quis dizer e assinto antes de responder:

— Estou me preparando, Esther.

— Não irei perguntar novamente, Beatrice, fique tranquila. Não quero te afastar ou que se sinta sob pressão. Minha intenção é apenas te orientar. Eu sei o quanto nos sentimos perdidas antes de dar o primeiro passo, mas sintase à vontade. Só o fato de estar aqui já é um começo!

— Obrigada!

Ela se vira e começa a organizar as cadeiras em círculo e eu me sento em um cantinho afastado, onde a iluminação é mais fraca.

Aos poucos, as mulheres que fazem parte do grupo vão chegando e cumprimentam Esther antes de se sentarem. Algumas me veem e ficam receosas de falar comigo, talvez pensem que faço parte de alguma instituição, não sei, mas o sofrimento em suas expressões me deixa inquieta.

O que me diferencia delas? Posso parecer bem, externamente falando, mas e por dentro? O quanto da minha angústia ainda transparece?

A terapia me fez compreender que cada pessoa desenvolve uma reação ao passar por um trauma. Não dá para generalizar, comparar ou dizer quem sofreu mais... a dor é uma só. A perda de algo essencial acontece em todos.

As mulheres se preparam para iniciar a sessão, porém outras vão chegando, acuadas, tão desconfiadas, que Esther precisa *acompanhá-las* até as cadeiras extras.

É assustador como o grupo cresce a cada encontro. Meu estômago se revira, mesmo sem saber o que passaram. Afinal, se estão aqui, é sinal de que foram, ou estão sendo, vítimas de violência doméstica.

Esther então começa a reunião, falando um pouco de si e do quão importante é esse tipo de encontro, pedindo, em seguida, para as novas integrantes se apresentarem. Uma delas não consegue falar, mas as outras dizem seus nomes e idade.

Chega a hora dos testemunhos, e essa é a parte pela qual sempre aguardo. O que alimenta a coragem de um dia contar a minha história. Cada relato me atinge de uma forma, isso quando não preciso sair para respirar ar puro. É pesado, asqueroso e real.

A líder aponta para uma moça chamada Rachel, que frequenta o grupo desde quando vim pela primeira vez, mas nunca a ouvi.

— Boa noite para todos, *me* chamo Rachel e tenho 20 anos.

Meu Deus! Quase a idade que eu tinha...

— Cresci em um orfanato e sempre tive dificuldade para me relacionar com as pessoas. Cheguei a pensar que nunca encontraria um cara ideal pra mim. Quando comecei a trabalhar em uma lanchonete, o dono do estabelecimento começou a me olhar de um jeito diferente. Era gentil, atencioso, *me* elogiava todos os dias, e rapidamente me apaixonei. Mesmo sendo dez anos mais velho, eu não via problemas com a diferença de idade. Era respeitador, nunca havia me tratado mal. Eu o chamava de Príncipe.

A menina sorri, provavelmente perdida em lembranças, mas o sorriso não chega aos olhos.

— Três meses depois que começamos a namorar, minha vida virou de cabeça para baixo. O Príncipe se tornou um Monstro. Comecei a ser insultada por gostar de um gênero musical diferente do dele, por usar um batom da cor que ele não gostava, por ter engordado alguns quilos e até por cumprimentar algum conhecido na rua. Ele dizia que eu não tinha pais, pois eles não conseguiram me aguentar, que não era digna de ter um namorado como ele, ou de ter um filho, pois era uma órfã, e nenhum homem teria coragem de ter uma família comigo.

Nossa! Quando eu acho que já ouvi de tudo, vem um novo testemunho e me faz ver como estou longe de entender o que leva uma pessoa a tratar outra desta forma. O que esses homens pensam? O que acham que são? Deuses? Seres superiores?

A raiva cresce dentro de mim, contudo a afasto para continuar ouvindo o que Rachel tem a dizer.

— Quando decidi que iria trabalhar em outro lugar, as coisas pioraram. Os insultos e ameaças se tornaram tapas, socos, pontapés... Até o dia em que precisei ser hospitalizada com fraturas múltiplas e deslocamento de retina. Só então consegui pedir socorro. Até isto acontecer, não havia percebido que o que ele estava fazendo era uma agressão. Achava que era minha culpa, que merecia todas aquelas palavras...

Ela não termina de falar, pois as lágrimas a impedem.

Eu não estou diferente. Choro silenciosamente. Coloco uma mão na boca, sofrendo calada, imersa em meu casulo.

Esther chega ao seu lado e a abraça, e é aí que Rachel se desmancha. Tadinha! Tão nova e já tão traumatizada... A história se repete...

Quantas mulheres mais passarão por isso? É necessário que haja uma fatalidade para que as pessoas compreendam o quão sério o assunto é?

As ouvintes, assim como eu, parecem soltar o ar que estava preso, e os olhares estão perdidos, aposto que lidando com suas próprias lembranças. Exatamente como me sinto agora.

É como se estivéssemos revivendo nossas prisões, enfrentando nossos dilemas, lutando contra fantasmas de vozes acusadoras, de puro ódio e ira.

Umas choram compulsivamente, outras tremem sem parar, e há as que permanecem indiferentes, apáticas, como se nada mais as afetasse por terem sido quebradas de maneiras inimagináveis.

A voz de Esther se sobressai aos pensamentos agitados do salão, ainda abraçada à jovem:

— A história da Rachel é mais uma dentre tantas que ouvimos diariamente nos jornais, semanalmente por aqui, isso quando o pior não acontece. Segundo a ONU, sete em cada dez mulheres no mundo já foram ou serão violentadas em algum momento da vida.

Ela faz uma pausa e retorna para sua cadeira.

— Por que é tão difícil identificar um relacionamento abusivo? Por que nós, mulheres, fortes, capazes, não conseguimos enxergar o que estava bem à nossa frente? Por que não demos um basta na primeira vez que eles gritaram conosco? Por que não demos um basta na primeira vez que eles nos proibiram de fazer alguma coisa? Da primeira vez que nos bateram? E bater não precisa ser fisicamente. Palavras machucam tão ou mais do que tapas e socos. Elas detonam o nosso psicológico, o que causa, na maioria dos casos, cicatrizes irreversíveis.

Deixo de respirar por alguns segundos, cerrando minhas mãos com força ao lado do corpo.

A culpa tem me corroído por tantos anos, que estes questionamentos são familiares demais. Ainda hoje não consigo aceitar que uma estudante de

Direito, criada em uma família exemplar, que já tinha uma noção da vida, pudesse ter sido tão fraca a ponto de ser vítima de uma agressão psicológica e física. Que pudesse ter se rendido a um canalha acreditando que aquilo era amor... que era proteção.

Só depois é que fui compreender que, na verdade, eu estava emocionalmente dependente de Frederick. Não era amor. Ele me deixou doente. E me custou demais.

Esther continua:

— Mas o que tenho a dizer para vocês é: parem de se culpar! Nós nunca esperamos que vá acontecer conosco, *até acontecer*. Nós não somos fracas, não somos frágeis. Não há como imaginar que um homem que se mostra tão encantador será um carrasco dias, meses ou anos depois. Eles nos afastam das nossas famílias, amigos, trabalhos e se tornam o centro da nossa existência. É por isto que muitas mulheres sentem medo. Medo de perderem seus parceiros, pois ficam tão dependentes dos agressores, que preferem continuar vivendo em um inferno a se separarem, porque têm medo de encarar a vida, de criar filhos sozinhas, de não serem capazes de se tornarem independentes e donas de suas próprias vidas. Há ainda o medo de não conseguirem sair vivas após uma denúncia.

A orientadora do grupo se levanta e fica no meio do círculo formado, olhando para cada ouvinte. Ela deve ter um metro e meio de altura, mas, quando está falando, parece uma gigante. A autoridade que mantém na voz, na postura, chega a ser inspiradora.

— Para finalizar, reforço o que sempre falo: não podemos ter medo! As dificuldades existirão, com ou sem os agressores, e precisamos ter coragem e determinação para dar um basta. Se estamos aqui hoje, é porque estamos vencendo. É porque somos fortes e podemos motivar outras

mulheres a serem fortes também. Precisamos alertá-las de que elas precisam falar com outras pessoas sobre o que está acontecendo. Não podemos ficar caladas! Vamos ao nosso lema?

Um coro se eleva no salão, ecoando por todos os espaços, o que me deixa arrepiada todas as vezes em que escuto, e resolvo fazer minha parte, soltando a voz:

— Eu sou mulher! Eu sou forte! Eu sou capaz! Não irão me calar!

Um senso de urgência me toma por completo. Não posso mais me permitir ficar observando, de longe, indiferente ao que essas mulheres estão passando, ao que eu já passei... Continuar me martirizando não vai fazer com que eu supere meu passado. Preciso agir, preciso usar as armas que tenho.

Quantas mulheres estão sem condições de saírem de suas casas, tendo como única opção ficar com seu agressor? Quantas mulheres deixam de denunciar seus companheiros por não ficarem à vontade ou não terem coragem de ir até um advogado?

Hoje eu sou uma operadora do Direito, trabalho em prol da justiça, em um escritório reconhecido, tenho notoriedade. Preciso usar isso de alguma forma. Quando retornar de viagem, será minha prioridade. Quem sabe, ajudando outras mulheres, eu não possa me ajudar também?



A VIAGEM

*Essa é a vida
Eu te digo, eu não posso negar
Eu pensei em desistir
Mas meu coração simplesmente não aceita
E se eu não pensasse que fosse válida uma
única tentativa
Eu pularia direto em um pássaro e então voaria.*

That's Life, Frank Sinatra.



Segunda-feira. O carro que James enviou me pegou em casa pontualmente às 7h30, e cheguei ao aeroporto dentro do horário. Após todo o trâmite burocrático, sigo o caminho para uma pista diferenciada e avisto três jatinhos parados. Liv e Scarlett já andaram em uma aeronave como esta, eu ainda não.

Por falar nas duas, depois da reunião da qual participei ontem, cheguei à minha casa exausta e respondi as suas mensagens, dizendo que estava bem e ligaria para elas quando chegasse ao Brasil.

Aproveitando a motivação que o grupo de apoio me proporcionou, comecei a esboçar um projeto, porém o cansaço me impediu de prosseguir, afinal, já era tarde e eu precisava acordar muito cedo a fim de me preparar para a viagem.

No meio da semana passada, liguei para James com o intuito de saber por quanto tempo ficaríamos no Brasil, e ele disse que, a princípio, seriam de quatro a cinco dias, então, separei meus melhores terninhos, roupas casuais e um biquíni para prevenir — Scarlett disse para eu comprar mais por lá. Segundo ela, a cidade faz tanto calor que parece que é o centro do aquecimento global na Terra.

Rio sozinha ao me lembrar do momento em que Liv ficou sabendo que eu iria viajar e, mesmo do outro lado do mundo, deu um jeitinho de me ligar. Claro que não pude ficar sem as suas piadinhas. “*Hum, uma viagem para o Brasil. Parece que eu já vi esse filme...*”, “*Se cuide, garotinha!*”

Ela perguntou por Andrew, mas eu disse que não nos falamos desde o dia em que ele esteve em Nova York para uma campanha, o que a silenciou. É a pura verdade. Andrew e eu não temos o costume de conversar aleatoriamente.

Sinto uma vibração na bolsa e lembro que deixei meu celular no silencioso. *Quem será que está me ligando tão cedo?* Pego o aparelho e, quando vejo o nome no visor, balanço a cabeça com um sorriso nos lábios. É claro que ela iria ligar!

— Bom dia, mãe!

— *Bom dia, querida! Como você está?*

— Prestes a embarcar.

— *Eu só liguei para desejar uma boa viagem. Aproveite bastante!*

— Mas é apenas trabalho, mãe!

— *Pare com isso, Ticy. Mesmo a trabalho há maneiras de se desbravar um lugar desconhecido. Está levando roupinhas de verão? O Brasil nessa época é de derreter.*

— Sim, mãe, estou levando. Scarlett me alertou, e você já havia comentado algumas dez vezes também.

— *Olha a malcriação, menina! E o cliente bonito?*

— Mãe!

— *O que foi? A Liv me contou que seu cliente é quase um deus nórdico de tão bonito. Está na hora de formar uma famí...*

— Não precisa terminar a frase, mãe. — Liv me paga! — Só me faltava essa. Trabalho é trabalho, não misturo as coisas. E você de papinho com a Liv?

— *Qual o problema? Acabei de chegar de uma longa viagem pelo*

mundo, e ela queria algumas dicas de países que ainda não conhece. Aí, um assunto levou a outro.

— Sei... Preciso desligar. Estão me esperando.

Ela solta um longo suspiro antes de falar:

— *Filha, eu só quero o seu bem. Não me conformo que uma mulher tão linda, inteligente e bem-sucedida como você ainda não tenha encontrado um homem bom e que te mereça. Eu nunca vou me esquecer do que passou, e sei que isso te assombra até hoje, mas pode ter certeza de que o que Deus tem guardado para a sua vida é muito maior do que você imagina. Está na hora de abrir o seu coração, filha!*

Um bolo se forma em minha garganta, e não consigo falar. Lágrimas embaçam minha vista, e dou graças a Deus que estou de óculos escuros. Minha mãe parece compreender a ausência de resposta e se despede:

— *Fique bem, Ticy! E não deixe de aproveitar! A vida é breve demais, querida. Tenha uma ótima viagem! Estou aqui para o que você precisar.*

A linha fica muda, e me dou conta de que ela desligou. Respiro fundo, recompondo-me à medida que vou acalmando os pensamentos.

Meus pais acompanharam de perto o meu sofrimento, as crises... Eu me tornei outra Beatrice. Eles ficaram desesperados, buscando entender o que havia acontecido, querendo acabar com a vida do homem que chamei de namorado por dois anos, até compreenderem que era mais sério do que pensavam e, a partir daquele momento, contrataram os melhores profissionais para me ajudar, mas, principalmente, *me encheram de amor*, assim como minhas amigas, e foi isso que me fez querer levantar dia após dia.

Mais equilibrada, volto a caminhar, carregando minha mala, que mesmo com rodinhas, está pesada, e logo escuto a voz do motorista:

— Srta. Parker, deixe-me ajudá-la!

— Ah, muito obrigada, Johnny!

Como de costume, jogo as lembranças ruins para longe e foco no que realmente preciso e, quando faço isso, perco o fôlego.

James está parado na entrada do jatinho.

Os braços cruzados deixam as mangas do suéter azul-marinho repuxadas por conta dos músculos e a calça jeans de lavagem escura delinea suas coxas torneadas de uma forma que é impossível não se perguntar como ele consegue manter um corpo como esse trabalhando como ele trabalha. É óbvio que não tenho coragem de fazer esta pergunta, portanto, permanecerei me indagando internamente.

Mesmo vestido de maneira casual, o homem consegue manter a elegância! É algo que lhe é intrínseco. Sofisticação e poder. Eu queria não ficar tão corada, ser mais como as minhas amigas, não ter reticências e inseguranças, porém sou bem diferente das duas.

— Bom dia, Beatrice! Preparada?

— Bom dia, James! Sim, estou.

— Que bom! Seja bem-vinda ao Magnific 01!

— Uau! Até nome tem — brinco, e James ri.

— Sim! É o meu brinquedo preferido. Se não fosse por ele, minha vida seria muito mais difícil.

— Imagino! Com tantas viagens para fazer...

— Nem me fale. Estou contando que as coisas fiquem menos turbulentas a partir de agora. Preparei tudo para não precisar me preocupar enquanto estiver no Brasil. Venha, vamos nos sentar que já vamos decolar.

O interior do jatinho é espetacular. A decoração masculina e

imponente tem um ar sexy, que não sei dizer como é possível. As poltronas de couro na cor caramelo e os detalhes da estrutura em madeira escura exalam riqueza. James parece perceber que estou analisando cada detalhe.

— Gostou? — pergunta.

— Adorei — confesso.

— O projeto de decoração foi escolhido por mim. Se é para viver viajando, é melhor que seja no meu próprio estilo, não é?

— Com toda certeza — concordo.

James tinha tudo para ser um cara soberbo e mesquinho: inteligência, beleza, dinheiro e poder, mas, pelo contrário, ele é um dos homens mais humildes e bem-humorados que conheço. Como se fosse possível reunir tantas qualidades em uma só pessoa, porém ele parece ser a exceção.

Sento-me na confortável poltrona e ele espera que eu me acomode antes de se sentar também.

— Fique à vontade, Beatrice! A viagem não será tão longa como a de um avião comercial, mas ainda assim levaremos algumas horas. Pode dormir sem se preocupar, pois lá teremos tempo suficiente para trabalhar e conversar sobre os problemas do hotel.

— Tudo bem. Eu trouxe um livro...

— Ah, é? Qual? Eu costumo ler também. É um dos *hobbies* que me fazem relaxar enquanto viajo.

Quase ousou perguntar quais são os outros *hobbies*, entretanto acho melhor me ater ao livro.

Ao perceber que James está querendo conversar sobre algo que amo, fico mais relaxada e tiro o meu gasto exemplar de *A Ira dos Anjos* da bolsa e entrego a ele. Não sei quantas vezes já li este livro, mas, não importa, ele

sempre melhora meu humor.

— Nunca poderia imaginar que você seria uma leitora de Sheldon!
— parece realmente surpreso.

— Para você ver como as aparências enganam — retruco e ele solta uma risada grave.

— Eu já li todos os livros dele há alguns anos. Particularmente, acho que todo mundo deveria ler alguma obra do Sidney um dia. O cara sabia descrever uma cena como poucos... — James parece tão entusiasmado ao falar sobre livros que, por um momento, esqueço que estou com um cliente e o imagino como um amigo. *O amigo que tive um dia...*

— Concordo! Sidney tinha uma escrita única. *A Ira dos Anjos* foi o primeiro livro de sua autoria com o qual tive contato, e fiquei apaixonada pelo modo com que descreveu o tribunal, a promotoria... Fascinante. — Omito outra parte que me deixou sem fôlego para não causar uma estranheza desnecessária.

Uma pausa na conversa para a decolagem. Ajeitamos nossos assentos e aguardamos o avião se estabilizar no ar.

— Estou lendo este aqui. — James tira um livro da sua pasta de couro e o estende para mim, como se estivesse aguardando ansioso para que retomássemos o assunto.

— *Outlander* — leio o título em voz alta. — É do mesmo seriado que tem na *Netflix*?

— Isso mesmo.

— Sempre passo por ele, mas nunca assisti. Você falando lembrei que a Scarlett já comentou comigo, mas não prestei a atenção. Fala sobre o quê?

— A série é baseada nos livros da escritora Diana Gabaldon. Eles misturam magia, lendas urbanas e romance histórico. Uma inglesa que vive

em 1946 volta 200 anos no tempo, passando a viver em 1743, na Escócia, em uma época de conflitos e guerras com a Inglaterra.

— Uau! Ela volta 200 anos? Como assim?!

— Isso que é fascinante nessa série. Eu não posso falar muito porque senão vai perder a graça. Só digo que comecei a ler e não consegui parar. Este é o Livro Três. Acho que você iria gostar. — Ele para um pouco e ri sozinho. — Estou te assustando com o meu lado nerd...

Muito pelo contrário, é o que gostaria de dizer, mas me contenho. Nunca o vi tão animado e descontraído. A pose austera permanece, mas o sorriso de menino ao falar de algo de que realmente gosta é uma novidade.

— Não mesmo! Amo ler e fiquei muito curiosa com a história, James. Quero para ontem! Será que no Brasil tem a versão na nossa língua?

— Com toda certeza. Posso te levar a uma livraria a que costumo ir.

— Ótimo! Depois a gente pode debater o assunto...

Será que fui longe demais? Preciso lembrar que estou indo ao Brasil a trabalho e não posso colocar por água abaixo o progresso que tenho feito para *mantê-lo* afastado.

Não que eu tenha algo contra ele, mas, todas as vezes em que começamos a conversar com mais intimidade, um receio de me abrir demais me envolve, e o que menos quero, e preciso, neste momento, é lidar com meus problemas.

— Fechado! Vamos debater sim. As pessoas acham que, por ser um empresário, só leio biografias e livros técnicos, mas a ficção me faz fugir da loucura que é a minha vida.

— Eu entendo, James. A leitura é a minha fuga também. Minha melhor terapia.

Sinto que falei mais do que devia e fico quieta. Sei que ele está me observando, contudo não tenho coragem de encarar seus olhos. Tenho medo de que veja mais do que quero mostrar, como sempre acontece.

— Vamos ler e relaxar, Beatrice! Qualquer coisa, é só chamar.

Agradeço silenciosamente por ele não aprofundar o assunto e me ajeito no assento antes de começar a reler meu livro preferido.



COMPREENSÃO

*Suas feridas mostram
Eu sei que você nunca se sentiu tão sozinha
Mas aguente firme, levante a cabeça, seja forte.*

Angel By The Wings, Sia.

James

— Não. Não faz isso... Por favor, para!

Demoro um tempo até perceber que não estou sonhando. Desperto, olho para o lado e vejo Beatrice se remexendo sem parar na poltrona, balbuciando frases desconexas. Ela está presa em algum pesadelo fodido. É o que o seu rosto bonito expressa ao se contrair, como se algo lhe estivesse causando dor, sofrimento.

— Ticy, acorde. Ticy... — sussurro bem perto do seu ouvido para que não se assuste.

A ruiva acorda, de repente, suada, chorando e... *Porra!* Nunca me senti tão impotente.

— Calma, está tudo bem — digo, passando a mão em seus cabelos vermelhos, oferecendo a única coisa que posso neste momento: carinho.

Peço à comissária de bordo que traga um copo d'água e sou prontamente atendido.

Beatrice parece estar fora de órbita, a respiração rápida e descompassada, e demora um tempo até ter noção de onde está.

— James... Eu... *Me desculpe!* — Sem jeito, pede, evitando olhar para o meu rosto.

Essa mulher está se desculpando pelo quê?

— Hey, não precisa se desculpar! Quer falar sobre isso?

— Não! — ela nega, irredutível, e não dá abertura para qualquer conversa sobre o que aconteceu há pouco.

Sempre desconfiei de que havia algum motivo forte por trás da insegurança da tímida mulher ao meu lado, e Scarlett confirmou minha suspeita quando comentou comigo que Beatrice teve um passado conturbado e que eu deveria ter paciência, caso quisesse investir em sua amiga. Fiquei um tanto atônito pelo papo direto, mas, por dentro, comecei a juntar as peças e tudo ficou transparente, fácil de ler. O medo que a ruiva procura esconder...

Quando está com suas amigas, ela tenta se ajustar, mas, sozinha, é outra pessoa. Frágil, vulnerável, e isso me deixa ainda mais curioso para saber o que, de fato, aconteceu para deixá-la tão acuada.

O que não se reflete em seu trabalho. Muito pelo contrário. Ela é excelente no que faz, demonstra autoridade e precisão, completamente diferente da forma com que lida com seus próprios problemas.

— Voltou a me chamar pelo apelido?

Sou surpreendido pela sua pergunta. Nem havia percebido esse detalhe. Deve ter sido porque queria que ela se sentisse confortável, mostrando que, antes de ser seu cliente, sou seu amigo.

— Não é que eu tenha parado, só resolvi dar o espaço que você queria. E isso se estende à forma de tratamento.

Beatrice ergue a cabeça e me encara pela primeira vez desde que acordou. Sua expressão é indecifrável, porém firme, como se quisesse enxergar além das minhas palavras. Como se não acreditasse que falei toda a verdade.

E não falei.

Como explicar que me senti ofendido quando beijou um cara na frente

de todos os nossos amigos, no aniversário da Liv, enquanto ela havia ignorado o *nosso* beijo, que aconteceu bem antes, e ainda tinha me pedido para não contar a ninguém? Como dizer isso sem parecer que sou emotivo ou sem demonstrar que me importei mais do que deveria? É claro que não é nada além do meu ego ferido, mas ela não precisa saber disso. Sou um homem, não um garoto, e, pela primeira vez, uma mulher me negou, *me* escondeu.

Respiro fundo, e permanecemos em silêncio, absortos em nossos próprios pensamentos. A tensão paira sólida e palpável sobre nós. Afasto a lembrança de quando nos beijamos loucamente e de como aquilo me afetou por um tempo.

Não foi nada premeditado, foi instintivo, insano, delicioso. O que me deixa mais indignado é que já se passaram dois anos e eu ainda me lembro do seu gosto, da textura da sua boca vermelha e lindamente desenhada. *Porra!* Só me faltava essa! Eu, um homem de 36 anos, ficar relembrando um simples beijo...

Quase falei demais quando conversei com ela no *mesversário* do nosso afilhado e sabia que, se ultrapasse aquele limite invisível, eu a afastaria de vez. Não consigo explicar o que acontece quando a olho, mas é como se conseguisse enxergar além do que ela mostra. Naquele dia... estava tão linda, o vento ricocheteando seus cabelos, o sol, mesmo fraco, iluminando os fios acobreados, e o vestido azul-claro esvoaçante... Um anjo. A visão era hipnotizante.

Algo dentro de mim se agitou quando percebi para onde ela estava olhando ininterruptamente, o mesmo local em que descobri o quanto a desejava, no qual senti seus lábios pela primeira e última vez. *O nosso lugar.* De alguma forma, eu soube no que ela estava pensando, lembrando, e, ainda assim, a ruiva continuava negando.

Meu corpo recorda o quanto ela gostou do nosso contato, do quanto Beatrice se desmanchou em minhas mãos, e, de repente, de como, em um clique, ela se afastou, retornando à sua bolha intransponível, deixando claro que não deveria acontecer novamente.

Por dias aquela noite ficou martelando em minha mente e, ainda hoje, não consigo compreender a aversão que a ruiva adquiriu por mim ou o motivo de ter uma amizade colorida com um roqueiro que não está nem aí para ela, mas, ao olhar a pulseira que dei de presente em seu pulso, algo primitivo dentro de mim se expande e diz que ela não é tão indiferente quanto demonstra.

O que me faz lembrar de quando me perguntou *o que eu queria com ela*, logo depois que negou que não estava recordando nosso beijo. Minha vontade é rir, mas me seguro. Apenas respondi a minha real opinião:

— *Não acho que você esteja preparada para saber, querida.*

O comandante anuncia que estamos nos aproximando do pouso, e Beatrice pede licença para ir ao banheiro. Juro que me esforço para não olhar para suas delicadas curvas destacadas em um vestido azul-marinho, justo, e que contrasta com sua pele alva, mas não consigo.

Ela é uma mulher deslumbrante, com uma beleza única, elegante, e tenho a ciência de que poderia ter o homem que quisesse aos seus pés, se não estivesse tão avessa a se comprometer.

Lembro-me da conversa que tive com Brianna outra noite. Quando contei sobre Beatrice, tempos atrás, ela logo me perguntou por que eu não corri atrás, por que não fui saber o motivo da ruiva ter “fugido”... Segundo Bri, eu me importo mais que demonstro. Mesmo se isso for verdade, na atual conjuntura, não faz diferença. Minha relação com a advogada é estritamente profissional e mantereí assim.

Beatrice volta ao seu assento, ajusta o banco e prende o cinto de segurança em volta do quadril.

— Está melhor? — pergunto, genuinamente preocupado.

— Sim, está tudo bem. Obrigada.

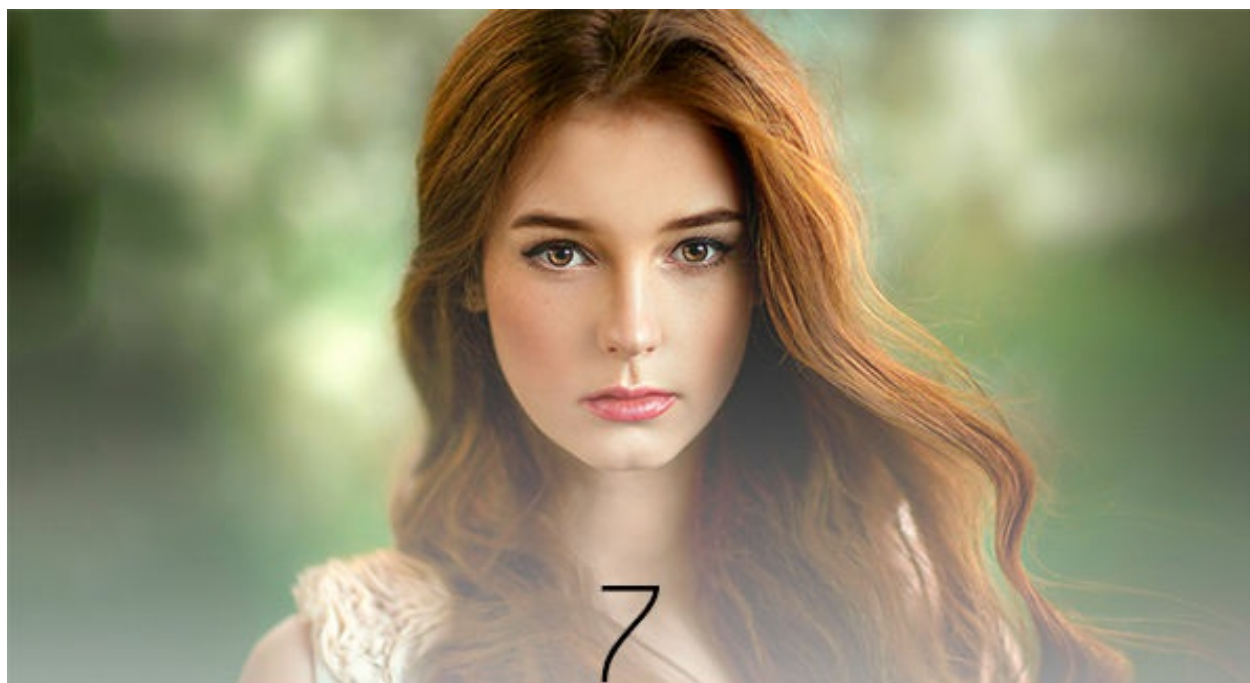
Em silêncio, aguardamos a aeronave se preparar para pousar.



Ao desembarcarmos, não falamos mais sobre o que aconteceu. Um utilitário nos aguarda e, no caminho para o hotel, vou apresentando cada ponto turístico visível, ela olha encantada a paisagem ensolarada do meio da tarde no Rio de Janeiro.

— É lindo! — diz, sem desgrudar os olhos da janela, abrindo um sorriso infantil de contentamento ao avistar a Praia do Flamengo e o Pão de Açúcar como pano de fundo.

Sua expressão encantada me dá a ideia de fazer um acordo comigo mesmo. O que estiver ao meu alcance para fazê-la se sentir bem durante essa viagem, eu farei. Se puder fazer com que sorria, já terei alcançado meu objetivo. Antes de ser minha advogada, Beatrice é uma pessoa importante para mim e para os nossos amigos em comum, e não deixarei que se sinta sozinha.



BRASIL, BRASIL

*Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar.*

***Garota de Ipanema,
Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes.***



Mesmo admirada com a cidade, não consigo parar de pensar no que James presenciou.

Por que eu tinha que ter um pesadelo horrível logo no voo? Por que sinto que estou perdendo o controle a cada dia? Como aquele monstro continua exercendo poder sobre mim? Sobre a minha mente?

— Está tudo bem? — O tom grave me traz de volta à realidade. James está ao meu lado no carro e deve ter percebido alguma coisa. *Droga! Não quero que tenha pena de mim.*

Fecho os olhos, respiro fundo e trato de afastar a sombra que tenta tirar meu foco. Viro-me para o seu lado e falo:

— Sim, tudo! Não precisa se preocupar comigo, James. Eu não vou quebrar.

Ele parece pensar alguns segundos antes de responder:

— Eu não acho que uma mulher como você quebre tão fácil, Beatrice.

Surpreendo-me com suas palavras e, então, cai a ficha de que voltou a me chamar de Beatrice. Nunca entenderei este homem. Involuntariamente reviro meus olhos e volto a encarar a janela.

— E se você acha que o que aconteceu no jatinho vai mudar alguma coisa sobre o que penso de você, está enganada! Fique tranquila quanto a isso.

Quando vou responder, uma cena do lado de fora chama minha

atenção e me deixa boquiaberta.

— Infelizmente, isso é comum por aqui... — James informa com naturalidade.

— Mas é apenas uma criança! Deve ter uns 5, 6 anos, e já está pedindo dinheiro no meio dos carros! — Sinto um aperto no peito e uma vontade de carregar a menininha que vai pedindo esmola de veículo a veículo, com uma boneca velha nos braços, enquanto o semáforo está no vermelho.

Abro a carteira rapidamente, abaixo o vidro do carro e dou uma nota de 20 dólares para a garotinha, que franze a testa analisando o dinheiro. Ela me olha e fala alguma coisa que não entendo, e James sussurra ao meu lado:

— Ela agradeceu.

Eu apenas sorrio para a pequena, e o carro começa a andar.

— Isso me corta o coração — reflito e percebo que falei alto.

— O meu também, mas, como eu disse, é muito comum por aqui. Principalmente na Zona Sul e na região central do Rio. Já perdi as contas de quantas vezes ajudei, até que comecei a perceber que, quanto mais eu dava dinheiro para essas crianças, menos as ajudava, pois isso motiva seus pais a usarem constantemente esse artifício.

Nossa, é verdade! Não vi por esse lado! O rostinho sujo e triste da menininha me chocou tanto que não consegui ignorar. Mas, pensando friamente, os pais estão abusando dos filhos para conseguirem dinheiro mais fácil!

— Faz sentido. Pelo menos fiz o que o meu coração mandou. Na próxima, estarei atenta.

Ele ri e me faz olhar para fora novamente.

— Estamos chegando a Ipanema, onde fica o hotel, e esta é a famosa Praia de Copacabana. O *réveillon* aqui é um dos mais procurados no mundo.

Observo a longa extensão da praia, as ondas batendo à distância, o sol se pondo, milhares de pessoas caminhando na orla, correndo, conversando, curtindo na areia e nos quiosques, e suspiro fundo com a sensação de leveza que estou sentindo.

— Deve ser muito gostoso ver o entardecer daqui — comento.

— E é mesmo. Quem sabe não conseguimos aproveitar qualquer dia desses? — pergunta, e me surpreendo com a sugestão.

— Seria muito bom, mas só se o trabalho estiver tranquilo. Afinal, o intuito da minha viagem é trabalhar, Sr. Foster.

Ele ri da minha brincadeira.

— Não iremos trabalhar 24h por dia, Dra. Parker. Além de ser desumano, precisamos aproveitar a beleza e o calor do Brasil, porque Nova York está começando a ficar congelante.

— Nem lembre. Aqui até que está agradável.

— Não se engane! Espere por amanhã de manhã e depois me diga. — A expressão em seu rosto diz que ainda não vi, e nem senti, nada.

Depois de alguns minutos em silêncio, o carro para e sei que chegamos ao hotel Magnific.

— Chegamos! — James anuncia.

Sem esperar que abra a porta, salto do carro e fico intimidada com a imponência da construção. Minha cabeça se ergue para avaliar o enorme prédio — que chuto ter mais de 30 andares —, todo espelhado, com bandeiras de diversos países e a do Brasil em destaque, lá no alto. O nome Magnific em letras douradas logo na entrada do hotel é extremamente

elegante. Preciso confessar que Daniel e James têm um gosto impecável. Eu não tinha dúvidas antes, mas agora... Uau!

— Gostou?

Olho para o meu cliente e me pergunto o que esse cara faz de ruim. Não é possível que tudo o que ele faça, construa ou toque, seja perfeito!

— Lindo demais, James. Estou impressionada mais uma vez.

Não que eu não tenha visto fotos na internet, afinal, quando vou para algum lugar, é a primeira coisa que faço, mas nada se compara com o “ao vivo e a cores”.

Ele apenas sorri, aquele sorriso orgulhoso e sincero.

— Que bom! Este é o meu preferido. Não sei se é porque fica no Brasil, ou por ser o estabelecimento que mais visito.

— Ah, é? Não sabia que vinha tanto.

— Sim, a cada 2 meses. Por isso decidi te trazer para nos auxiliar no que quer que esteja acontecendo. Não quero que todo nosso trabalho, meu e de Daniel, seja em vão. Não posso deixar que as coisas desandem.

— Está mais que certo, James. Se todos pensassem como vocês, as empresas não teriam tantos problemas.

— Assim espero, Beatrice. Agora vamos! Mostrarei o seu quarto, aí você pode descansar um pouco e, mais tarde, lá pelas 9h da noite, teremos um jantar aqui mesmo, com dois diretores da rede. Tudo bem?

— Ótimo!



Exatamente no horário combinado, o telefone do meu quarto toca, dizendo que o Sr. Foster está me esperando no 35º, e último, andar do hotel.

Logo que cheguei, apreciei a vista da varanda de frente para o mar, visualizei com mais calma a movimentação na Praia de Ipanema, a beleza de cada detalhe. Fiquei hipnotizada por alguns minutos até me dar conta de que precisava descansar um pouco se não quisesse ficar abrindo a boca de sono durante o jantar.

Meia hora depois, acordei renovada e tomei um banho demorado, com direito à banheira, sais minerais e espuma. O quarto é lindo, moderno, amplo, *clean*, com uma cama *king size* no centro, teto rebaixado com iluminação direta, uma pequena mesa com tampo de vidro e duas cadeiras viradas em direção ao mar. Amei e me senti, por um momento, como se estivesse viajando a lazer e não a trabalho.

Ajeito o vestido branco estampado com folhas de coqueiro, estilo *kimono*, na altura dos joelhos. Coloco um bracelete de ouro, que tem o formato de uma folha, sem tirar a pulseira que virou minha joia de estimação, solto os cabelos, que descem volumosos pelas minhas costas, e, por último, passo um batom claro para não “brigar” com a maquiagem bronzada que fiz. Se estou no Brasil, que eu pareça o menos branca possível, não é? Por mais que isso seja quase impossível de acontecer...

James não disse nada sobre esse jantar se tratar de trabalho ou apenas

uma apresentação, mas estou vestida para ambos os casos. Abro a porta, retiro o cartão que alimenta a energia do quarto e a fecho, seguindo para o elevador. Estou no 31º andar e, conforme meu cliente informou, no penúltimo andar, 34º, ficam os maiores quartos do hotel e, no último, há um *rooftop* — muito comum em Nova York — com um bar elegante e uma piscina de borda infinita, o que atrai muitos turistas. É para lá que estou indo.

Nos Estados Unidos, principalmente em NYC, na maioria dos prédios, não há 13º andar. A superstição é tão forte que o número 13 quase não é usado. Segundo as lendas e históricos, o número traz azar e, bem, preferimos não arriscar. Pelo que James me disse, ele e Daniel quiseram manter a tradição e aqui também não há o 13º andar. Os brasileiros não devem entender nada.

Saio do elevador e dou de cara com uma visão magnífica de toda a extensão da praia. São 360 graus de vista panorâmica. Aqui é muito alto, mas não sinto medo de olhar para baixo. Os postes de luz iluminam os inúmeros esportistas, ciclistas, uma parte do mar também é agraciada pela claridade, e é espetacular. Caminho até o bar, que fica localizado no centro do amplo espaço, e que mais parece um restaurante fino ao ar livre. Com contornos de LEDs, que o deixam ainda mais luxuoso, vejo que há opção de sentar junto ao balcão ou a mesas ao lado das muretas de vidro com vista para a orla. E é de uma dessas mesas que James acena.

Com ele, há mais duas pessoas, uma mulher e um homem.

— Boa noite! — cumprimento, e eles se levantam.

— Beatrice, estes são Melissa Santos e Antony Souza. Eles trabalham para a rede há um tempo e, sempre que estou por aqui, nós nos encontramos para jantar. Melissa, Antony, esta é uma das melhores advogadas que conheço, ela começou a trabalhar para a nossa rede recentemente, Beatrice

Parker — James me apresenta, e preciso me esforçar para não ficar encabulada com a confiança que está depositando em mim.

— Prazer em conhecê-los! — digo, e os dois me cumprimentam calorosamente. — Acho que já nos vimos no noivado e no casamento da Scarlett e Daniel, não?

— Pode ter sido sim, querida! Mas, com a correria, não chegamos a nos apresentar. — Quem responde é Antony, que emenda: — Convenhamos, o casamento de Daniel e Scarlett foi emocionante, não é mesmo? Aquele lugar estava radiando alegria e beleza. Melissa, como não percebemos antes? Agora que estou recordando, você foi madrinha junto com o nosso queridinho aqui, não foi?

Sinto meu rosto esquentar tanto, que nem percebo que fiquei segundos sem falar nada até que James intervém:

— Sim, Antony. Eu e Beatrice fomos padrinhos e entramos juntos na cerimônia.

O loiro mais perspicaz de todos me analisa, porém nada comenta. Pelo tempo que o conheço, posso jurar que seu olhar intenso quer dizer muito mais do que estou vendo. Ele continua me observando, enquanto Antony discorre sobre os detalhes do casamento e como Scarlett estava maravilhosa.

Finalmente, eles resolvem se sentar e eu fico no lugar vago ao lado de James. Procurando uma mudança de assunto o mais rápido possível, pois as lembranças do casamento de Scarlett vão muito além da cerimônia e da festa maravilhosas, comento:

— Aqui é lindo! Parabéns pelo excelente trabalho. Estou realmente apaixonada.

A conversa sobre minha amiga termina, e eu sinto que posso respirar, mas é claro que um par de olhos azul-claríssimos me analisa com diversão.

— Ficamos felizes, Dra. Parker. Construímos este hotel usando tudo do bom e do melhor — Melissa elucida. — Contudo, infelizmente, o que vem tirando o brilho daqui são as inúmeras ações trabalhistas que estamos enfrentando. James deve ter comentado, obviamente. Este vem sendo nosso maior desafio.

Pelo visto, o jantar também abordará o trabalho, então, eu me preparo para acionar a Ticy Profissional, que é a minha melhor versão.

— Imagino, Melissa, e é por isto que estou aqui. Para entender o que está acontecendo. As leis do Brasil são diferentes das que temos nos Estados Unidos, mas trabalhando com paciência juntamente com o jurídico daqui, ouvindo todas as partes envolvidas e elaborando estratégias, acredito que possamos chegar a um bom termo.

— Gostei da Dra. Parker, James — diz, piscando para meu cliente.

— Eu disse que ela era espetacular — James joga e sorri. *Aquele* sorriso de lado. *Aquele* sorriso arrasador.

— Obrigada, Melissa! — respondo.

Olho para James e o agradeço silenciosamente, e ele assente.

Dou atenção à mulher que está na minha frente e constato que ela é muito bonita. Cabelos negros, traços exóticos, com um vestido vermelho de alças finas que destaca seu corpo. Agora lembro com clareza de Scarlett comentando que a conheceu quando veio com Daniel e que descobriu que ela já tinha saído com seu marido uma vez, muito antes de se conhecerem.

Será que ela já saiu com James? É fato que todos aqui na mesa mantêm uma relação informal, e ficou óbvio que Antony não é acompanhante de Melissa. Bom, se tiverem alguma coisa também, não é problema meu.

— Vamos fazer os pedidos? — James interrompe a conversa, e concordo no mesmo instante. Estou morrendo de fome e não vejo a hora de

conhecer a culinária brasileira. — Quer experimentar a caipirinha, Beatrice?

“Ginger, você precisa experimentar a caipirinha. É uma bebida feita com limão, açúcar e cachaça. Você vai amar... Mas vá com calma! Pensei que fosse um suquinho de limão e acabei indo para Nárnia depois do quarto copo.”

A voz de Scarlett vem à minha mente, e resolvo não perder uma experiência sequer. Absorvendo as palavras da minha mãe e da loira, decido aproveitar tudo o que o Brasil tem a me oferecer, a começar pela tão falada caipirinha.

— Sim, eu quero!



RIO 40 GRAUS

*Rio 40 graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza
E do caos.*

Rio 40 Graus, Fernanda Abreu.



Acordo com a luz do sol invadindo o quarto. E que luz! Eu me esqueci de fechar as cortinas antes de me deitar, e a claridade é tanta, que tenho dificuldade em abrir os olhos completamente. Pelo relógio do celular, constato que são 7h da manhã. Tudo indica que o sol não está para brincadeira, o que me faz recordar o aviso de James.

Eu havia colocado o despertador para tocar às 7h30, pois tenho uma reunião às 9h com o corpo jurídico brasileiro, mas nem foi preciso, e aproveito para começar o dia. Sento-me na cama, envolvo o lençol em meu corpo para cobrir o *baby doll* curto e caminho em direção à varanda. Fico surpresa com a quantidade de pessoas caminhando e correndo. Até parece o Central Park de tão movimentado!

A noite passada foi bem agradável. Após pedir a caipirinha — que fiz questão de beber apenas uma para não passar dos limites, mesmo tendo gostado bastante —, chegou um prato de moqueca de peixe. Eu não conhecia e adorei. Em seguida, foi servida a sobremesa. E que delícia! Uma *mousse* de maracujá — fruta muito difícil de encontrar nos EUA — com ganache em cima, além de ter experimentado o tão falado brigadeiro! A princípio, achei um pouco doce para o meu paladar, mas, depois que me acostumei, ficou gostoso.

Foi tudo maravilhoso!

Uma brisa nos envolvia, amenizando o calor, o cheiro de mar misturado ao aroma das comidas fazia uma combinação incrível. Não há dúvidas de que o hotel proporciona uma experiência única para os seus hóspedes.

Depois do jantar, lá pelas onze e meia da noite, nós nos despedimos, e voltei para o meu quarto. Impossível não me lembrar do comentário sobre o casamento da Scarlett e Daniel na mesa. Os olhos de James fixos em mim.

Balanço a cabeça, jogando a lembrança para longe, e volto para dentro do quarto a fim de separar um blazer acinturado e uma saia na altura dos joelhos, ambos de cor preta, para a minha primeira reunião de trabalho por aqui. Além de me inteirar sobre o que está acontecendo, hoje terei acesso às peças processuais do caso que acompanharemos na audiência de amanhã.

Vamos ao trabalho!



— Descobrimos que há um funcionário com cargo de confiança, um gerente, ofendendo outros empregados. Ele diz que toma suas decisões com base no que os “chefes” pedem. Ou seja, está exercendo abuso de autoridade em nome dos proprietários do hotel — um dos advogados brasileiros informa, e fico grata por todos podermos falar em inglês.

— Mas isso é absurdo! Como não percebemos antes? — James pergunta, andando de um lado para o outro na enorme sala de reuniões.

Uma mesa retangular de madeira maciça, com mais de vinte lugares, ocupa o espaço e, neste momento, nove deles, contando com o meu, estão ocupados. Seis advogados do Brasil — três mulheres e três rapazes —, e duas funcionárias que integram o RH do Hotel. Meus colegas de profissão parecem ser sérios e competentes. Dá para ver que o problema é a mão de obra e não uma falha na assessoria que estão prestando.

— Ele os ameaçava, então, nunca ficávamos sabendo o que estava acontecendo. Até que uma ex-empregada resolveu ingressar com uma reclamação trabalhista, e só então tivemos ciência da situação. Acreditamos que outros ex-empregados que foram ofendidos pelo mesmo gerente ficaram sabendo do processo e resolveram brigar também — uma das advogadas comenta.

— E eles não estão errados, caso realmente tenham sofrido algum tipo de assédio — comento. — É sempre assim. Um entra, depois vem uma

enxurrada.

— Ok. E o que fazemos para conter esta *enxurrada*? — James pergunta, virando o rosto para mim. Ele quer que *eu* dê uma solução. É nítido que não está acostumado a lidar com problemas desse porte.

— O primeiro passo seria cortar o mal pela raiz. Dispensar o causador de todos esses problemas, o tal gerente. Sem dar muitas justificativas, apenas dizendo que estamos reformulando nosso quadro de funcionários. Depois, tentar um acordo com os reclamantes...

Antes que eu termine de falar, ele me interrompe:

— Mas fazer um acordo não é pior para a imagem do Hotel? Parece que estamos concordando que erramos.

— Mas erramos — corto. — Toda empresa é responsável pelos empregados que contrata. E, infelizmente, é a nossa palavra contra a deles. A Justiça do Trabalho, seja nos Estados Unidos ou aqui, sempre estará do lado dos mais vulneráveis, no caso, dos ex-funcionários.

Meu cliente fecha os olhos e coloca dois dedos na ponta do nariz.

— O que vocês acham do entendimento da Dra. Parker? — pergunta para os outros advogados.

— Na verdade, era isso que tínhamos em mente, Sr. Foster. Temos cinco processos da mesma natureza. Se fizermos acordos com eles, dispensarmos o gerente e conversarmos com cada funcionário que continua no Hotel, com intuito de sabermos se eles tiveram algum problema com o superior hierárquico, poderemos conter a situação.

Aceno a cabeça em concordância. No final das contas, as coisas no Brasil não são tão diferentes assim. A balança tende sempre a pender para o lado mais fraco de uma relação jurídica, por mais que, nos dias atuais, tal pensamento seja um tanto utópico.

— Tudo bem! Vamos agir! Vocês duas — James aponta para as meninas do RH —, comecem as entrevistas com todos os funcionários, junto com nosso psicólogo para dar o suporte necessário. Procurem saber se o gerente problemático causou mais danos, por favor. Ah! Sem alardes.

— Sim, Sr. Foster — uma delas responde.

A reunião é encerrada e cumprimento a todos antes de James me chamar.

— Com fome?

Olho no relógio e levo um susto com a hora.

— Nossa, nem percebi que já são 2h da tarde! Estou sim.

— Ótimo!

Virando-se para um rapaz parado do lado de fora da sala de reuniões, James pergunta:

— Francisco, pode chamar o carro, por favor?

— Claro, Sr. Foster. Em um instante.

— Todos sabem quem você é? — questiono, achando estranho que grande parte dos funcionários conheça o dono pessoalmente.

— Sim. Faço questão de que cada um saiba quem sou e de saber seus nomes, na medida do possível.

Quando digo que James é um empresário excepcional, não estou exagerando. Além da beleza arrasadora, é um perfeito *gentleman*. Uma pena que seja um cara cujo limite eu não posso ultrapassar.

Ele faz mistério sobre nosso destino, mas sugere que eu coloque uma roupa mais fresca.



— Chegamos! — anuncia.

Pela curta distância, estamos relativamente perto do hotel. O motorista nos deixa no local que James pede, e fico olhando ao redor, buscando me situar de alguma forma, contudo só vejo uma construção pintada de branco de um lado e do outro uma longa praia. Penso que é o nome do local que está escrito na entrada, porém não consigo entender.

— Estamos na ponta da praia de Copacabana e este é o Forte de Copacabana — finalmente esclarece. — Uma fortaleza erguida em 1914 para auxiliar na defesa da cidade e que, hoje, mantém um museu histórico, além de ter um restaurante muito bom.

— Ah, que demais! Adoro programas históricos — confesso.

— Eu também. Venha! — James deixa meu braço enganchado no seu e me conduz para dentro do Forte.

O gesto me deixa tensa, mas, aos poucos, vou relaxando. Tenho que parar de pensar tanto quando estou perto dele e curtir o momento.

— Entendeu por que eu disse para vir com uma roupa confortável? O sol está forte, mas você vai ver que vale a pena.

Tanto eu quanto ele trocamos de roupas. Coloquei um vestido longo, leve e floral, combinando com uma sapatilha, e James, uma camisa polo branca, bermuda azul-marinho e sapatênis. Como sempre, lindo.

Conforme vou andando, fico admirada, perplexa, extasiada. A vista é... Nossa... É linda demais!

— James, é sensacional. Que lugar maravilhoso.

— Eu disse que valeria a pena.

— E como valeu!

Preciso mandar uma foto para as meninas. Por falar nisso, preciso dizer que está tudo bem. Com a correria, acabei me esquecendo de ligar. Pego meu celular e miro para a praia de Copacabana. Daqui consigo ver a longa extensão de areia, a cor do mar que vai do verde mais escuro até o mais claro, perto da superfície.

— Quer que eu tire uma sua? — pergunta e, claro, aceito na hora.

Faço uma pose típica e sorrio.

Voltamos a andar, e vejo uma grande quantidade de pessoas no restaurante. Por sorte, uma mesa privilegiada está vagando. É ao ar livre e um guarda-sol forma uma proteção aconchegante. Apesar de estar quente, nada tira a beleza desta vista maravilhosa.

— James, isso aqui é um paraíso!

— Concordo. Quando consigo, venho aqui para relaxar, apreciar esta paisagem única, é renovador.

— Não posso negar — digo, olhando para o mar, apreciando a agitação das ondas.

— Beatrice, eu sei que você pode ficar desconfortável, mas preciso saber se está tudo bem. — Viro-me para ele, o cenho franzido, sem entender por qual motivo está preocupado.

Ah! Ele deve estar falando sobre o episódio no voo.

— James, está tudo bem. Foi apenas um pesadelo pontual. Pode ficar

tranquilo.

Ele assente, em silêncio, e estuda meu rosto. Fico constrangida e volto a olhar para a paisagem que me traz uma tranquilidade ímpar.

— Antes de ser seu cliente, quero que saiba que sou seu amigo, Beatrice. Apesar de estarmos mais afastados, eu me preocupo com você, torço por sua felicidade... Estou respeitando a sua vontade ao evitar fazer brincadeiras, o contato que tínhamos antes... Porém, continuo por aqui para o que precisar. Não hesite quando quiser desabafar, jogar conversa fora, ok?

Uau! Por essa eu não esperava. Pensar que ele se distanciou para me respeitar me deixa sem palavras. E eu pensando que havia sido porque beijei Andrew na festa da Liv e tenho mantido uma amizade colorida com o baixista, como Scarlett também imaginou.

Por outro lado, fico feliz que estejamos nos aproximando novamente. Antes das coisas ficarem “estranhas” entre nós, adorava a sua companhia, seu sarcasmo, e sinto falta de tudo isso.

Olho para James e assinto, respirando fundo em seguida. Não estou pronta para falar com ele sobre o que me perturba, sobre os fantasmas do meu passado que andam me rodeando sem pedir permissão.

— O que você quer comer? Eles servem um risoto com carne seca desfiada que é divino. Acho que você deveria experimentar essa carne. É uma delícia. O que me diz?

Adoro o fato de ele sempre entender quando o assunto já deu e fazer o clima mudar rapidamente.

— Hum... vou experimentar então! Preciso mandar foto daqui para as meninas.

— Tem conseguido falar com elas? Agora que Scarlett está empenhada em cuidar do nosso *baby* Bill, Liv viajando pra lá e pra cá com

Morris, imagino que você deva estar sentindo falta da convivência. Vocês eram tão grudadas...

Tão perceptivo! Sinto um aperto no peito, pois tudo ainda é muito recente, mas, em segundos, disfarço. Se ele soubesse o tamanho da falta que elas me fazem. O quanto estou perdida...

— Sinto muito falta sim, mas é o curso natural da vida, não é? Só preciso de um tempo para aprender a lidar.

— Imagino. Se eu estou sentindo isso com Daniel, imagino você, que conhece aquelas meninas desde o colégio.

— Pois é — respondo, reflexiva.

Quero encerrar esse papo, aproveitar a vista e beber alguma coisa.

— Vou ali pedir nossa comida e já volto.

Até que enfim! Entendo a preocupação de James, mas me sinto culpada por ter demonstrado ser tão fraca diante dele.

Você não tem que se sentir culpada de nada, grita uma voz dentro da minha mente, e me endireito na cadeira, apreciando a beleza deste lugar. Preciso parar de me culpar, ser mais leve e me cobrar menos. Parece que estou ouvindo minha analista falar comigo neste exato momento. Ter ciência do que preciso já é meio caminho andado, só depende de mim exercitar na prática.

Respiro fundo, a maresia me envolvendo, o mar límpido repleto de pontos brilhantes... Olho para dentro do restaurante e vejo que James está falando com um garçom. Resolvo unir o útil ao agradável e pego meu celular.

Após dois toques, Scarlett atende e a chamada continua tocando para a Liv.

— Hey, Scar!

— *Ginger! Que surpresa! De onde você está falando?*

Apesar de estar em casa, Scarlett continua trabalhando. Assim pode cuidar do filho, que é muito novinho, e fazer o que ama. Ainda não me acostumei com seus óculos de grau, mas ela fica linda de qualquer jeito.

— Acho que se chama Forte... esqueci o nome — confesso e mostro a vista pela câmera do telefone.

— *Ah, o Forte de Copacabana. Esse lugar é magnífico. Está no restaurante? Já comeu? Peça o risoto!*

Rio com o tanto de informação que minha amiga está jogando.

— Sim, é magnífico. Estou adorando. Tirei uma foto para vocês e vou enviar daqui a pouco. Quanto ao risoto, James disse que é maravilhoso. Ele foi fazer o pedido.

— *Você vai amar. Ah, me deu uma saudade desse país...*

— Estou adorando, Scar. James disse que vai me levar para alguns lugares. — É exatamente neste momento que Liv atende e pega a conversa pela metade.

— *Hey, Ginger! James vai te levar para alguns lugares, é? Uiiii, estou sentindo que alguém vai se dar bem no Brasil. Quer dizer, mais uma, porque Scarlett se deu muito bem...*

— *Olá para você também, Liv* — a loira cumprimenta, sem conseguir deixar de rir. — *Podemos saber por que demorou tanto para atender?*

— E já entrou com tudo — completo.

— *Não sei vocês, mas eu trabalho e estou no meio de um ensaio. Minha querida Ticy, eu sempre entro com tudo.*

— Lá vem Liv Scott com suas insinuações sexuais — retruco.

— *Ah, vocês me conhecem, não é mesmo? É claro que não deixaria*

passar. Mas me diga, Ginger, como estão as coisas por aí? Fez boa viagem? James está te tratando bem?

Olho novamente para o restaurante, e meu cliente está voltando.

— Está tudo ótimo. A viagem foi tranquila, mas agora preciso desligar porque James está vindo.

— *Se divirta por mim, amiga* — Scarlett diz.

— *Não sei por que essa pressa de desligar. James é nosso amigo, porra!* — Liv, como sempre, *causando*.

— No momento, ele é meu cliente, *Branca de Neve* — respondo, usando seu apelido. — E seria falta de educação continuar com vocês na linha.

James se senta e eu sorrio fracamente, pedindo a Deus para Liv não trazer nenhum assunto comprometedor.

— Até logo, meninas!

A voz grave do loiro interrompe minha despedida:

— Hey, Scar, Liv. Podem ficar tranquilas que a amiga de vocês está sendo bem tratada.

Arqueio minhas sobrancelhas e ele sorri. Como não poderia ser diferente, Liv responde:

— *Acho bom que seja verdade, James. E faça o favor de relaxar essa mulher, que ela está muito tensa.*

É claro que ela não ficaria quieta. No mesmo instante, Liv coloca as mãos sobre a boca e ri silenciosamente, sabendo que me deixou sem graça. Scarlett intervém:

— *Espero que tenham uma ótima estada e resolvam o que precisam com a maior brevidade possível. Daniel tem ficado preocupado com os*

problemas do Hotel, mas confio no trabalho de Ticy e do jurídico brasileiro para vencermos esse obstáculo.

— Obrigada pela confiança, Scarlett. Faremos o melhor — agradeço.

— *Eu sei, amiga. Agora, vá e se delicie com o risoto. Depois me conta. Um beijo. Beijo, James.*

— Beijo, Scar. Para você também, Liv — James se despede.

— *Um beijo, querido* — ela responde.

Desligo o celular, torcendo para James não falar sobre o comentário de Liv.

— Scarlett está certa em ter confiança em você. Faz muito tempo que não trabalho com uma profissional tão esforçada e que ama o que faz. Esse foi um dos pontos principais que me fizeram redirecionar meus negócios para o seu escritório. A paixão pelo Direito exala dos seus poros, assim como a paixão pela administração exala dos meus. Eu entendo isso, Beatrice.

Fico sem palavras por um momento, mas recobro a capacidade de falar.

— Obrigada, James. Realmente amo o que faço e não sei o que seria de mim se fosse diferente, ou se eu advogasse por advogar. É muito bom quando a gente encontra a nossa vocação, não é mesmo?

— Com certeza. Melhor ainda quando estamos de bem com a nossa mente e corpo. Para mim, a liberdade de viver, de ser quem você quiser, é a base de tudo. É o que completa o pacote da realização.

Como a conversa se tornou tão séria?

— Concordo — digo, pensativa.

— Nosso prato chegará em alguns minutos. Pedi para capricharem.

— Pelo visto, você tem um bom relacionamento com os funcionários

daqui.

— Como disse antes, sempre que tenho uma folga, venho para cá. Relaxo, como alguns petiscos e bebo drinques que não encontro em Nova York.

— Deve ser uma delícia conhecer tantas culturas, comidas típicas... Você parece ter uma vida muito boa, James.

Ele me encara e sorri.

— Não posso reclamar. É uma ótima recompensa por trabalhar tanto. Brianna costuma dizer que sou um *bon vivant*, mas não me considero assim. Prefiro dizer que agarro as oportunidades e encontro um motivo para curtir em meio ao caos em que vivo. Foi a maneira que encontrei para não pirar.

De tudo o que falou, o que mais me chamou a atenção foi um nome.

— Brianna? — pergunto e logo me arrependo.

O que eu tenho a ver com sua vida pessoal? Que droga!

Um garçom chega com duas bebidas, e olho para o loiro, que logo responde:

— Pedi duas caipirinhas enquanto a comida não fica pronta.

Aceno com a cabeça e ambos brindamos. Sorvo um longo gole pelo canudo e me delicio com a combinação perfeita. Uma vista estonteante e uma bebida refrescante!

— Uma delícia! — elogio.

— A bebida daqui é uma das melhores. Quanto à Brianna...

E eu que achei que ele havia esquecido. Bebo mais um pouco da caipirinha e digo:

— Não precisa falar nada, James. Foi intrusão minha.

— Pare com isso, Beatrice! Temos intimidade suficiente para

falarmos sobre nossas vidas. E Brianna é uma amiga. Nós nos conhecemos há anos, quando fiz um MBA na Europa. Ela se mudou recentemente para Nova York e, com Daniel cuidando da família, nós temos conversado mais.

Humm... será que ela é a loira que estava com ele no meu aniversário, no NYBar? Trato de parar de pensar nisso, pois não tenho direito de ser tão curiosa. É ir além de um limite que eu mesma impus tempos atrás.

Ele me encara, bebendo sua própria bebida, e seus olhos atentos indicam que está tentando desvendar o que estou pensando.

Sustento seu olhar até um rapaz chegar à nossa mesa e depositar diversas louças. Não sei o que deu em mim para *desafiá-lo*, mas me senti bem em não recuar. E ele apenas sorri, sem nada dizer.

Quando acho que a estranheza do momento passou e o risoto já está servido em nossos pratos, sua pergunta me pega de surpresa:

— E como está o Andrew?

Fui muito ingênua... Acabei abrindo uma brecha para falarmos sobre nossa vida pessoal, e nada mais justo do que responder vagamente, assim como ele fez.

— Ele está bem. A banda está com uma nova turnê, vez ou outra ele vai a Nova York... Está tudo bem.

Ele me observa, impassível, e dá atenção ao prato à sua frente.

— Acho melhor comermos antes que esfrie.

O silêncio nos envolve, quando voltamos a falar, nossa vida pessoal ficou para trás, e solto um suspiro de alívio por isso.



NOTÍCIA INESPERADA

*Você faz isso comigo tão bem
Hipnótico tomando conta de mim
Me faz sentir como outra pessoa
Você me pegou falando em meu sono
Eu não quero voltar para baixo
Eu não quero ir ao chão.*

Hipnotic, Zella Day.



Enquanto acompanhava a audiência, Melissa traduziu tudo para mim. Fiquei satisfeita pelo posicionamento do nosso advogado, e o juiz entendeu que a presença de James demonstrava boa-fé e ânimo de resolver a questão, como eles previam.

O acordo foi fechado dentro do que havíamos tratado, e agora temos um importante precedente para os outros casos da mesma natureza.

A grande verdade é que a minha vinda serviu mais para conhecer o trabalho do corpo jurídico brasileiro do que fazer algo substancial. Claro que contribuí, fiz apontamentos que foram usados na audiência e serão aplicados no dia a dia da empresa, mas compreendo que estar aqui é efeito da preocupação de Daniel e James.

O assédio moral, infelizmente, é um problema que atinge grande parte das empresas, e os sócios do hotel têm esta noção, porém o motivo de insegurança de ambos se deu por conta da velocidade com que estava se espalhando na unidade do Rio de Janeiro.

O trabalho ainda não acabou. Tão logo a audiência terminou, pedi para Melissa marcar reuniões com os outros reclamantes, a fim de fecharmos acordo com todos. Precisamos aproveitar o *timing*, antes que outra decisão, não tão favorável, surja. O que aprendi com o Direito é que nada é certo ou definitivo. Um *ulgado* que foi dado hoje, amanhã pode ser ultrapassado por outra jurisprudência. Entendimentos e mais entendimentos que se transformam diariamente. É por isto que, enquanto eu quiser advogar, nunca

poderei parar de estudar.

Após sairmos do Tribunal, localizado no centro da cidade, a morena seguiu para um lado e James e eu para outro, onde um motorista nos aguardava. Durante o trajeto, conversamos sobre o resultado da audiência e ele estava animado para falar com Daniel.

— *Vamos almoçar às 12h?* — perguntou, enquanto mexia no celular.

— *Pode ser. Será no hotel mesmo ou vamos para outro lugar?*

— *Outro lugar.* — E, olhando para mim, completou: — *Sugiro que coloque uma roupa mais leve. Está mais quente do que ontem.*

E era verdade. O calor estava tão intenso que meu conjuntinho preto de saia e blazer ficou úmido. Graças a Deus, ele era escuro, senão teria passado vergonha.

Estou terminando de tomar banho quando me recordo do almoço no dia anterior, no Forte de Copacabana. Lembrei o nome!

Depois de comermos — e o risoto era realmente divino —, bebemos mais algumas caipirinhas e assistimos ao sol se pôr, em um belo espetáculo. Em seguida, retornamos para o hotel.

Confesso que não me sentia tão à vontade em sua presença desde antes do casamento de Scarlett. Não sei se foi a mistura do ambiente com o álcool das bebidas, mas James se mostrou o amigo sarcástico que conheci e não consegui contar quantas vezes sorri, e ri, de alguma coisa que ele falou.

No tempo em que ficamos admirando a beleza daquele lugar, trocamos amenidades, James não fez perguntas constrangedoras, me confidenciou a sua vontade de ficar um tempo em Nova York, sem viajar ou trabalhar, curtindo seu apartamento, e que depois quer voltar ao Brasil para passar uma temporada, apenas *vivendo*.

Naquele momento, senti uma pontinha de audácia de fazer o mesmo

que ele. Ficar em algum lugar diferente, *apenas vivendo*. Só não sei se os meus fantasmas me deixariam em paz... Contudo estou me esforçando para que desapareçam de vez. Uma coisa boa é que, desde que cheguei, não tive pesadelos, e estou bastante aliviada.

Conversa vai, conversa vem, descobri que James, como eu, tem uma gana de querer ajudar outras pessoas, instituições, e sempre participa de eventos beneficentes, quando não está organizando alguma ação social. Eu disse que tinha a mesma vontade e, quando mencionei que estou com um projeto em mente, ficou louco para saber do que se tratava. Mesmo com muita insistência da parte dele, não tive coragem de revelar, até porque é apenas um esboço, um esqueleto, e ficaria muito óbvio o meu envolvimento na causa, o que não estou preparada para expor. Ainda não!

Ele respeitou a minha escolha e mudou de assunto. Saio do banheiro enevoadado pelo vapor quente do chuveiro e sigo para o quarto. Vejo que são 11h30 e tenho poucos minutos para ficar pronta. Seco-me rapidamente, passo um creme leve no corpo, para não ficar *colando* por conta do calor, e escolho um vestido de alças finas. Dois dedos acima dos joelhos. A peça possui fundo branco e cores diversas em estilo aquarela. O tecido de seda cria um efeito esvoaçante na saia, ficando mais justo na parte dos seios. Nos pés, coloco uma sapatilha amarela, que amarra no tornozelo.

Deixo os cabelos soltos e pronto. *Ufa!* Agora posso respirar.

Uma mensagem apita em meu celular, mas não faço questão de olhar. Depois vejo quem é o destinatário.

Desço em direção ao hall do hotel e avisto meu cliente e recém-resgatado-amigo à vontade em um dos sofás vermelhos de veludo. Paro em sua frente, esbaforida, e sorrio.

— Na hora! — exclamo, e ele sorri.

Aquele sorriso que me faz suspirar. Quer dizer, que faz *qualquer mulher* suspirar.

Por um momento, algo dentro de mim espera que ele me censure. Seja pelo tamanho do vestido ou o quanto ele expõe do meu corpo, seja pelo batom coral em meus lábios. Odeio quando a antiga Ticy entra em ação. A mulher acuada e melindrosa que viveu sob o julgo de um agressor.

— Você está linda! — James diz, olhando-me dos pés à cabeça.

Sinto o rubor em minhas bochechas e ignoro a agitação em meu estômago.

Forço-me a não perguntar se ele está falando sério, contudo preciso me lembrar de que o homem à minha frente nada tem a ver com Frederick.

Por outro lado, quando conheci meu ex-namorado, ele era igualmente encantador, educado, amável, muito diferente do que se mostrou meses depois. Esta é a minha dificuldade em confiar e me abrir novamente. As aparências enganam e só nos damos conta de que caímos em uma armadilha quando é tarde demais, quando ficamos dependentes de tal forma, que não conseguimos pensar em viver sem aquela pessoa.

Após ficar com Frederick por dois anos, passei os três anos restantes da faculdade sem me envolver com mais ninguém. Scarlett e Liv tentaram me apresentar alguns rapazes, porém não conseguia olhar para um homem sem deixar de ver meu ex-namorado em cada feição.

Ao me formar, tentei seguir em frente, saí com alguns caras — o medo de acontecer tudo de novo sempre presente —, mas nada sério. Quando pensei que estava pronta, aceitei o pedido de namoro de Jeremy, um ator e conhecido de Scarlett, e o que aconteceu? Ele começou a querer dominar minhas vontades e cortar minhas asas. Aos poucos, estava me afastando das minhas amigas, porém não esperei que a história se repetisse.

Foi quando decidi dar um basta e não me aprofundar em relacionamentos, fazendo-me a seguinte promessa: nunca mais deixarei um homem me manter aprisionada!

Não consigo ignorar a infeliz coincidência dos casos, o que me faz pensar constantemente que sou um chamariz para caras problemáticos. Será que sou tão fraca e vulnerável para atrair esse tipo de gente?

O sonho que eu tinha de construir uma família está cada vez mais distante, esvaindo-se pouco a pouco do meu coração.

É mais seguro assim.

É a garantia que tenho de que não me tornarei vítima outra vez.

Pisco os olhos e volto à realidade. Duas íris azuis me analisam atentamente, perscrutando meu rosto, e percebo que ainda não respondi ao elogio de James.

Minha nossa! Quanto tempo fiquei sem falar nada?

— Obrigada! Escolhi algo leve para não passar perrengue — é o que me digno a responder na tentativa de disfarçar o lapso reflexivo.

Esboçando um sorriso que não chega aos olhos, com certeza concluindo que minha mente estava longe, o loiro pergunta:

— Você está com muita ou pouca fome?

— Razoável. Consigo aguentar um tempinho caso seja necessário.

James se levanta do assento, e preciso dar um passo para trás, tamanha a sua imponentia. Ele está com uma camisa polo preta e tanto os pelos do seu braço quanto seus cabelos ficam com a cor loira ainda mais realçada.

Em vez de bermuda, como ontem à tarde, hoje ele veste uma calça jeans de lavagem escura, quase preta, um pouco justa — ou seria por causa

dos músculos das suas pernas? — com um mocassim nos pés. Elegância e moda reunidas em uma só pessoa.

— Você também não está nada mal — ousou dizer.

E é claro que ele abre outro sorriso daqueles.

— Obrigado, querida. Vamos?

Querida.

Toda vez que ele me chama dessa forma sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem e uma tensão eletrizante passar pela minha espinha. É inexplicável!

— Vamos!

Ao sair do hotel, sinto um bafo quente que não esperava.

— Uau! Scarlett estava certa. O tempo aqui é como o Inferno na terra!

Ele gargalha e sinto um alívio instantâneo quando entramos no carro que nos espera com o ar condicionado no máximo. Nós nos sentamos lado a lado, e James fecha a porta.

— Está vendo aquele relógio ali? — aponta para um daqueles relógios de rua que marcam a temperatura e a qualidade do ar.

— Sim.

— Agora está 36°, mas eu já vi chegar a 49°. Geralmente isso acontece por conta da sensação térmica. Dá para fritar um ovo no chão da rua, literalmente.

Estreito os olhos para ele, imaginando que esteja brincando, porém o que vejo em sua expressão é sinceridade.

— Não posso acreditar nisso, James!

— Pois acredite! Espero que você não presencie esse *calorão*, porque seria insuportável sair para turistar.

— Meu Deus! Não tenho dúvidas. E para onde vamos agora? — pergunto, animada, virando o corpo em sua direção.

Nossos braços se encostam e posso jurar que senti um choque com o contato.

O que está acontecendo comigo?

James pigarreja antes de responder, e estranho sua rouquidão repentina. Será que ele também sentiu? Estou vendo coisas, não é possível!

— Vou te levar a um lugar que sempre visito quando estou por aqui.



— Ah, você lembrou! — digo assim que estacionamos em frente a uma grande livraria.

Mesmo não entendendo o que está escrito na fachada, a quantidade de livros exposta na vitrine não deixa dúvidas de que é uma livraria.

— Claro que lembrei. Espere um segundo. — Ele sai correndo e chega ao meu lado, do lado de fora, abrindo a porta do passageiro para mim.

— Obrigada!

O forte calor contrasta com a temperatura agradável que estava dentro do carro, porém, ao entrarmos na loja, sou agraciada pelo ar fresco e bem-vindo.

— Ufa! Que bom que tem ar condicionado!

James ri e prende o lábio inferior com os dentes, antes de responder:

— Eu pensei em tudo, querida. Não te traria para uma furada.

Passo mais tempo do que o normal analisando o brilho de sua boca, ocasionado pela língua e...

Mas o que eu estou fazendo, pelo amor de Deus?

Sem aviso ou preparo, sinto os nós dos seus dedos resvalarem em meu rosto e paro de respirar.

— Gosto de ver o seu rosto — sussurra, a rouquidão retornando, e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Abro um sorriso, sem jeito, indicando a minha surpresa, e consigo apenas assentir com um gesto de cabeça.

— Bom — diz, virando-se para a livraria —, do lado esquerdo ficam os romances em língua estrangeira. Acredito que *Outlander* esteja entre eles.

— Ótimo. Estou louca para começar a ler.

E não estou mentindo. Desde que ele me contou do que se tratam os livros, fiquei com a curiosidade lá em cima. Será uma bela distração para mais tarde.

— Então, vamos às compras! — James anuncia, tão animado quanto eu.

Ainda custo a acreditar que ele gosta de ler.

Um cara lindo, maravilhoso, engraçado e ainda por cima leitor? É claro que deve ter algo de errado que não estou conseguindo enxergar. Só de imaginar que ele esconde um lado escuro, minhas mãos começam a suar. Ninguém é tão perfeito assim. A não ser personagens fictícios, que são os únicos que permito entrarem em meu coração.

Meia hora depois, após uma tentativa falha de pagar pelas minhas compras, saio da loja com uma sacola recheada de “presentes” — ou compensação pela viagem, segundo as palavras de James. Os dois primeiros livros da série *Outlander* e mais três romances brasileiros, entre eles *Em Você Me Encontrei*, *Meu Melhor Amigo* e *Meu CEO Irresistível*, de uma autora chamada T. M. Kechichian, por indicação de uma das atendentes da loja. Amo romances, clichês ou não, então, resolvi comprar para, quem sabe, um dia aprender português!

Do meu lado, James não está tão diferente, entretanto foi mais exagerado. Comprou dez livros.

— Nós parecemos duas crianças com brinquedos na mão — diz

quando voltamos para o carro.

— Com certeza! A satisfação que me dá ao comprar um livro é a mesma de comprar roupas ou sapatos.

— Isso é uma grande coisa para uma mulher como você.

Bato ombro com ombro com ele, as mãos ocupadas, e digo:

— Uma mulher como eu? Não sei o que você quer dizer com isso, James. E não é a primeira vez.

— Quero dizer que você é uma mulher que cuida da sua beleza, que sabe se vestir, se maquiar, sem precisar exagerar ou forçar algo que não é. Por onde passa, as pessoas te olham, admiram, Beatrice. Não sei como você não percebe o efeito que causa.

Antes que consiga formular uma resposta, chegamos ao carro e o celular de James toca. Guardamos os livros no porta-malas, e ele abre a porta para mim.

Entro primeiro e, em seguida, ele se senta, abrindo um sorriso sincero e feliz ao atender a chamada:

— Bri, a que devo a honra da sua ligação?

Bri.

Não sei por que pensei que James poderia estar dando ideia para mim. Uma mulher cheia de traumas, envolta em inseguranças, mergulhada no medo... Apesar de não saber se ele tem um lado sombrio e de ver um aviso de alerta sempre piscando na minha mente, suas atitudes me mostram que é um homem atencioso, que mesmo pagando pelos meus livros, não me deixou pensar que eu não era capaz, muito pelo contrário, ele me eleva, impulsiona, acredita em mim. Mais uma vez tenho a mesma sensação: ele parece enxergar quem eu realmente sou, e é isso que me assusta.

Desisto de pensar em uma resposta à sua fala.

O loiro está em uma conversa animada com sua amiga, não estou disposta a alimentar algo que não me encontro preparada para desfrutar, e um motivo muito importante me impede de continuar com o pensamento: estou aqui a trabalho.

Pego meu celular e vejo, enfim, a mensagem que chegou mais cedo. Eu me envolvi de tal forma que nem me lembrei do telefone. Fico surpresa com o nome do destinatário.

Drew.

Desbloqueio a tela e clico para ver o texto que ele enviou.

Acho que minha boca está levemente boquiaberta. Não posso acreditar. Só para me certificar, resolvo reler:

Drew: Hey, ruivinha! Como você está? Soube que viajou para o Brasil, e a gatinha nem para me contar. Assim meu pobre coração vai achar que está me evitando (risos). Brincadeiras à parte, Liv me disse que você pretende retornar aos Estados Unidos em dois, três dias, mas que não tem nada certo... Eu queria te fazer uma surpresa, mas como não sou bom com essas coisas, prefiro falar logo: tenho dez dias de folga. Nessa nova turnê as pausas são mais espaçadas (porra, eu adorei isso), daí resolvi fazer uma loucura. Mas uma loucura boa, espero. Estou pegando um avião agora em direção ao Brasil. O jatinho da banda estava ocupado (uma merda). Fique à vontade para me dar um toco mesmo assim. Sei que fui precipitado e tal, mas, porra, baby, você sabe que sou do time dos que pensam que a gente só vive uma vez... E claro, não vou atrapalhar o seu trabalho. Estarei no hotel Copacabana Palace. Não quis ficar no seu hotel para não misturar as coisas ou causar estranheza para você ;) É isso! Espero que a gente consiga se curtir

em terras brasileiras, ruivinha. Beijos.

Meu. Deus. Do. Céu!

Andrew está vindo para o Brasil!



EFEITO BONDINHO

*A vida tem um jeito engraçado
de aprontar com você
Quando você pensa que tudo está bem
e tudo está indo bem
E a vida tem um jeito engraçado
de te ajudar
Quando você pensa que tudo deu errado
e tudo explode na sua cara.*

Ironie, Alanis Morissette.



Ainda estou em choque com a mensagem.

Como assim, Drew está vindo para o Brasil?

Nunca poderia imaginar que ele faria algo assim, de maneira tão precipitada, mas estamos falando de Andrew Stan, e mesmo que, por vezes ele seja um tanto maduro, a sua veia aventureira fala mais alto.

Sou pega no flagra.

— Parece que você viu um fantasma — James brinca, colocando o tornozelo em cima da outra perna. Uma posição despojada e que eu acho um tanto atraente e máscula.

— Não é nada — omito.

Como dizer que meu amigo colorido está vindo ao Brasil para tirar alguns dias de folga e ficar comigo? Sinceramente, não sei nem como explicar isso. Não sem passar vergonha.

Decido responder à mensagem, perguntando que horas ele chegará em seu hotel, e guardo o celular.

Copacabana Palace. Lembro-me vagamente da Scarlett contando que foi nele que ela e Daniel ficaram hospedados quando o Magnific Brasil estava em construção. Um hotel cinco estrelas reconhecido mundialmente. É claro que Drew ficaria em um lugar desse. O cara é um rockstar!

Sinto uma queimação na pele e sei que estou sendo observada. Olho para James e... bingo!

— Agora a fome veio com força! — comento, abrindo um sorriso, com a clara intenção de mudar o clima no carro.

Ele parece desistir de tentar descobrir o que me deixou momentaneamente aérea e diz que estamos chegando ao restaurante.

— Antes que eu esqueça, Brianna te mandou um “oi”.

Humm... entendo isso como marcação de território. *Amiga...* Sei!

— Ah, que simpática. Quando falar com ela de novo, diga “olá” por mim.

— Às vezes eu brinco que ela parece a minha mãe. Superprotetora e fiel escudeira.

— Isso é... maravilhoso. É muito bom ter ao nosso lado pessoas que cuidam da gente, que se importam. Scarlett e Liv são assim comigo, e eu com elas. Ai se alguém machucar aquelas meninas... Viro uma fera! É engraçado porque, quando é o problema das minhas amigas, compro a briga, quero tirar satisfação, e quando se trata dos meus...

Falei demais. Entrei em um assunto que não tinha nada a ver e ainda me expus à toa. *Muito bom, Beatrice!*

— Acho que eu me empolguei... — começo a dizer.

— De maneira alguma. Você se posicionou perfeitamente. Voltaremos a falar daqui a pouco, pois chegamos. Fique aqui!

Ele sai, conversa com o motorista e abre minha porta. Olho em volta para me localizar. De um lado vejo alguns prédios e, do outro, uma praia, com um morro próximo, um tanto interessante.

— Onde estamos? — pergunto, ligeiramente perdida.

— Esta praia se chama Praia da Urca, e aqueles morros são o Morro da Urca e o Morro do Pão de Açúcar, que fazem parte do monumento conhecido como Pão de Açúcar.

— Ali é o Pão de Açúcar? Nossa! Muito diferente desse ângulo.

— É porque estamos perto, por isso você está estranhando. Não perguntei antes e acabei arriscando. Você tem medo de altura?

— Não — declaro.

— Então, vai tirar de letra. Confesso que não sou fã de altura, mas a vista vale a pena. O restaurante fica lá em cima.

— Uau! Medo de altura... Agora acredito que você é real.

Por que não consigo pensar direito quando esse cara está perto de mim? Como posso ter soltado uma pérola dessa? Que droga!

O resultado da minha proeza é uma gargalhada de James.

— Sim, Beatrice, eu sou bem real. Depois deixo você me tocar para ver que sou de carne e osso.

Jesus Cristo! Ele adora me constranger. Isso é fato.

— Obrigada pela gentileza, mas foi maneira de falar. Eu sei o quanto você é real.

Ô se sei. A sua boca então...

— Imagino que saiba — murmura rapidamente e emenda, sem me dar chance para retrucar: — Precisamos ir. O bondinho tem horário certo e já comprei nossos tickets pela internet.

— Tudo bem.

Ele nos conduz para a entrada da estação. Diversas pessoas aguardam em uma fila gigantesca, e agradeço por passarmos direto para um guichê mais vazio. Logo somos levados para uma fila diferenciada, menor do que a que vi

antes, e me pergunto o motivo de James ser tratado com tanta consideração. Será dinheiro? Influência?

— Adquiri os bilhetes de acesso rápido — joga, piscando um dos olhos obscenamente azuis, como se lesse meus pensamentos.

— Ah! Mas é claro... — respondo, exalando sarcasmo, e ele ri.

Chega a nossa vez de entrar no bondinho, e um frio inesperado se instala em minha barriga. A excitação de conhecer um dos lugares mais incríveis do mundo me deixa inquieta.

Estranho quando a porta se fecha, deixando James e eu sozinhos, diferente dos outros bondinhos que passam à distância, lotados.

— Vai me dizer que você adquiriu exclusividade? — pergunto, sem acreditar que o teleférico é só nosso.

— Bem, conheço o proprietário do restaurante e os responsáveis pelo ponto turístico.

— Não sei por que eu ainda me surpreendo com você.

— O que posso fazer? Tenho um estabelecimento na cidade, então, isso acaba abrindo portas.

— Sei!

Ele ri, fazendo-me rir também.

Devagar, o teleférico se movimenta, e começamos a subir. Apalpo minhas mãos no vidro grosso que reveste a cabine, os olhos vidrados em cada detalhe que se apresenta à medida que subimos. O mar, o verde, os carros, os prédios... É indescritível. Só vivendo a experiência para compreender o que estou sentindo.

Olho para o lado e James está com uma expressão tensa, os maxilares pulsando, os braços cruzados, como se estivesse se protegendo. Entendo bem

o seu modo defensivo.

Tomada de coragem, estendo a mão e pego a dele, desfazendo o seu cruzar de braços. Meu cliente e amigo parece não acreditar em minha ousadia, analisando-me intensamente, mas tenho certeza de que ele faria o mesmo por mim. Ou até mais.

Ele recebe meu gesto de bom grado e entrelaça seus dedos nos meus. Viro meu rosto para a paisagem que se desprende diante de nós e absorvo toda a beleza e magnitude do momento.

— Como pode ter medo de andar de teleférico e ficar em uma mesa com vista panorâmica no *rooftop* do seu hotel?

Ele solta uma risada baixinha, e meus cabelos se movem. Eu nem havia percebido quão perto estávamos.

— É diferente. O *rooftop* não fica em movimento, muito menos pendurado por um cabo de aço.

Rindo, aceno a cabeça, compreendendo seu ponto. E mesmo se sentindo desconfortável, ele está aqui. É nítido que o loiro está com o objetivo de me proporcionar uma viagem muito além do trabalho, ignorando seus medos e desconfortos. No final das contas, estou aproveitando na mesma proporção, ou até mais, do que estou trabalhando.

Seu polegar acaricia o dorso da minha mão, e repito o gesto em sua pele. A mão grande cobrindo a minha por inteiro, máscula, forte, com veias saltadas...

Ao nos aproximarmos do morro, que se agiganta mais e mais, o bondinho sofre um tranco, deixando-me em alerta. Toda a tranquilidade que estava sentindo se evaporou.

— O que aconteceu? — pergunto, o coração batendo disparado, e James apenas ri. Tento tirar minha mão da sua, mas ele a aperta, deixando-me

sem saída.

— Calma, querida. Nós precisamos mudar de estação para pegarmos outro bondinho que nos conduzirá ao segundo morro, que vem a ser o Morro do Pão de Açúcar, onde fica o restaurante.

Nossa! Que alívio!

— Você adora me ver passando vergonha, já reparou?

Ele ri, chacoalhando seu corpo musculoso e eu reviro os olhos.

As portas se abrem e descemos, partindo para a outra estação. O pouco que consigo ver enquanto andamos é que, daqui, a vista já é maravilhosa, imagino mais acima. Estou ansiosa!

O mais interessante... ou bizarro, não sei, é que James não soltou a minha mão. Parecemos um casal turistando, e não consigo dizer como me sinto em relação a isso. A única palavra que não para de piscar na minha mente é: cuidado!

Entramos em uma outra cabine, novamente vazia, e as portas se fecham.

— Continuando o que estávamos falando no carro — James comenta no exato momento em que começamos a subir —, sobre amizade, o quanto protegemos quem amamos... O que tenho para te dizer é que tende a ser muito mais fácil enxergarmos e resolvermos os problemas dos outros do que os nossos. Não se sinta menor por pensar assim. É sinal de que você é uma ótima amiga e uma mulher corajosa.

— Ah, corta essa! — contesto e percebo que estou cada vez mais à vontade para falar com James como um amigo, e não apenas cliente. — Se eu fosse corajosa, faria tantas coisas, deixaria para trás tantos pensamentos, enfrentaria meus fantasmas ao invés de fugir...

No lugar mais inusitado, sem me dar conta, estou desabafando. Como

se estivesse em uma redoma — o que não deixa de ser — e soubesse que, saindo daqui, tudo voltará ao normal, e nos esqueceremos do que conversamos. Enquanto isso, aproveito minha pseudocoragem, e ele nada fala, somente escuta, apertando minha mão em apoio.

— Sem minhas amigas, não me reconheço, ou será que nunca me conheci de verdade? Descobri que sou frágil. Descobri que não possuo a ousadia que tenho com elas, que não sou livre como elas são, que não conheço meus próprios gostos. Pelo contrário, quanto mais me afasto delas, mais aprisionada fico, mais tempo passo olhando para trás, revivendo situações que já passaram, mais fantasmas me visitam, mais sucumbo...

De volta a mim e com a respiração ofegante, tenho a percepção de que estou chorando. Pela primeira vez, em muito tempo, não me culpo por expor minha fragilidade.

James leva a mão livre até meu rosto, e seu polegar seca minhas lágrimas com ternura. Em meio à vista mais impressionante da minha vida, eu me desmanchei, e em meio a ela, também sinto que uma partezinha pequena dentro de mim se ajustou, encontrou seu lugar. Uma ponta de esperança talvez.

— Ticy...

Ao ouvi-lo me chamar de Ticy, choro um pouco mais. A familiaridade, o conforto de não estar totalmente sozinha me atinge com força.

Sua mão continua em meu rosto, os olhos azuis — claríssimos — me queimando, refletindo uma emoção que nunca vi antes, uma distância tão curta que, se eu ficasse na ponta dos pés, conseguiria roçar seus lábios com os meus. Minha mente para de divagar quando ele recomeça a falar:

— Não sei o que você passou, não tenho conhecimento do quanto isso

te afetou, a não ser pela nítida insegurança que carrega — estremeço por inteiro com a sua análise certa —, mas sempre irei dizer que você é uma das mulheres mais lindas, corajosas, inteligentes e amorosas que conheço. Talvez tenha perdido uma parte da sua essência lá atrás, uma parte que você ache que sem ela não pode viver, e a grande verdade é: todos nós perdemos alguma coisa nessa vida, e sabe qual é a *beleza* disso tudo? É a capacidade que temos de nos refazermos, de nos resignificarmos.

Ressignificar.

Ultimamente tenho ouvido tanto esta palavra e nunca parei para assimilar seu real sentido. É perfeito. O ato de alterar o modo que vemos a nossa realidade, de ter uma nova perspectiva, de encontrar um novo sentido.

Respiro fundo e giro meu corpo, afastando-me do seu toque, para observar os detalhes da imensidão abaixo de nós. Estamos quase chegando ao topo.

Que dia! Apesar dos pesares, a ocasião me faz enxergar como a vida é bela. Além da apreensão de estarmos aqui, pendurados por um cabo de aço, o frio constante na barriga, tudo isso será esquecido quando chegarmos ao nosso destino final, pois focaremos não na dificuldade que tivemos ao subir, e sim em como somos agraciados com tamanha perfeição.

Impossível não dar o devido crédito ao homem que está ao meu lado, que em poucos dias tem me ajudado tanto, sem nem se dar conta.

— Obrigada, James. Não queria transformar este momento em uma sessão de terapia, só que não tive controle das minhas ações. Foi fluindo sem que eu pudesse conter.

— Não me agradeça. Como eu disse antes, sou seu amigo antes de ser seu cliente. Fico feliz que tenha se aberto comigo. Eu admiro a mulher que você é, Ticy.

Sorrio ao ouvir meu apelido novamente.

— Já se decidiu se vai usar meu nome ou meu apelido?

Ele solta uma risada gostosa e coloca uma mecha solta atrás da minha orelha.

— Depende do momento, Dra. Parker.

Agora é a minha vez de rir.

— Tudo bem, Sr. Foster.



Como eu esperava, a vista deste lugar é... surreal! James reservou uma mesa colada à grade de contenção. Aos nossos pés se estende uma parte do Morro do Pão de Açúcar e, à frente, o Morro da Urca, nossa primeira parada, divide duas praias, a da Urca e a Vermelha. Não é à toa que é uma das principais atrações do país e um importante cartão postal.

A poltrona espaçosa e acolchoada é tão confortável, que poderia ficar horas aqui, relaxando e curtindo sem me preocupar.

Desde que saímos do teleférico, não falamos sobre o que conversamos lá dentro. Pelo visto, James compreendeu que eu precisava desabafar e foi sensível o bastante para perceber que não estou pronta para voltar ao tema aqui fora.

Minutos atrás, decidimos pedir dois *drinks* diferentes para experimentarmos. Estranhei que James não tenha provado antes, porque tenho a impressão de que ele conhece tudo por aqui, porém encontrei o motivo: as bebidas são novas no cardápio.

Um dos *drinks* é feito com rum, folhas de hortelã, limão e licor de açaí — uma fruta que nunca experimentei — e o outro é um mix de vodka, morango, uva, abacaxi e limão siciliano. Para acompanhar, pedimos um ceviche de linguado temperado com limão e especiarias — só de falar minha boca encheu d'água, de tanta fome que estou — e uns “dadinhos de tapioca” recheados de queijo coalho, o que não tenho ideia do que são.

— Quer que eu tire uma foto sua? — o loiro pergunta ao me ver fotografando a paisagem sem parar.

— Ah, vou aceitar sim!

Ele se levanta, seus 1,90m me intimidando como de costume, e pega o celular da minha mão. Com toda paciência do mundo, tira fotos minhas sem parar. Acredito que tenha sido mais de cinquenta. Posso estar exagerando, claro, mas foi a impressão.

— Muito obrigada, James. Quer que eu tire sua também?

— Pode ser. O dia está lindo, vamos aproveitar.

Ele se posiciona em frente à grade, cruzando os braços, e os óculos escuros que colocou há pouco parecem ter dado um charme a mais à sua beleza já chamativa.

O sorriso largo, a barba por fazer, os músculos aparentes de seus braços... na certa as mulheres que estão passando e babando pensam que é um modelo famoso ou algo do tipo. O cara poderia muito bem fazer o papel de um deus nórdico na televisão, tipo Thor. De repente, lembro-me de sua fantasia na festa Carpe Diem — justamente do personagem dos quadrinhos — e rio comigo mesma. O senso de humor desse homem é único.

— Do que você está rindo? — pergunta, vindo em minha direção.

— Nada de mais. — Nem ferrando que vou falar a verdade.

— Sei.

— Vamos tirar uma selfie?

Ele arqueia as sobrancelhas e prontamente responde:

— Claro!

Não sei o que deu em mim. Saiu no automático. Pensando bem, nada mais justo tirarmos uma foto juntos. Ele me trouxe para este lugar, tem sido

um bom amigo e, depois de ter tirado tantas fotos minhas, a justificativa é plausível.

Ao seu lado fico tão baixinha, que ele precisa dobrar os joelhos para cabermos na foto. Estendo o braço com o celular na mão, coloco no modo “Retrato” e, sem que eu espere, James cola o rosto no meu. Por um instante, fico sem reação e acho que ele percebe, pois tira o celular da minha mão sem qualquer cerimônia e se posiciona para tirar a foto. Como seu braço é maior, a imagem fica mais centrada.

Meu corpo se arrepia com a proximidade, e me forço a sorrir.

Na foto seguinte, ele faz um barulho na garganta, próximo ao meu ouvido, que me faz dar uma risada alta. Ele registra o exato momento.

Aos poucos, vou me soltando.

Na próxima, faço uma careta e ele me acompanha, mais uma vez não conseguimos parar de rir.

No momento em que estamos tirando o que acredito ser a última foto, uma mensagem chega e aparece na parte superior do visor. Tanto eu quanto James ficamos imediatamente cientes do seu teor e meu corpo tensiona.

Sabe aquela história de *timing* perfeito? Agora imagine no sentido contrário.

Pois é. Foi o que acabou de acontecer.



ÁGUA DE BEBER

*A chuva pode cair
Em desertos distantes
A chuva pode cair em cima do mar
A chuva pode cair sobre a flor
Desde que a chuva caia, deixe-a cair em mim.*

***Drinking Water (Aqua de Beber),
Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes.
Versão: Frank Sinatra.***

James

Drew: Hey, ruivinha. Chegarei ao Rio às 2 da manhã. Se quiser me aguardar no meu quarto, deixo seu nome na recepção :) Só para constar: eu havia esquecido como é cansativo viajar em avião comercial (risos). Até logo ;)

Não sei se rio, ironizo ou apenas ignoro a mensagem.

Um balde de água fria foi jogado tanto na minha cabeça quanto na de Beatrice, a julgar sua expressão atônita.

Constrangida? Envergonhada? Pega no flagra? Não sei identificar.

Quer dizer que o roqueiro está vindo para o Rio de Janeiro? Interessante! Eu me enganei tanto assim a respeito da ruiva? Não pode ser. Há quanto tempo ela está sabendo dessa informação?

O momento que compartilhamos no bondinho... Seu desabafo... Aquilo foi muito sério e corrobora com o fato de que ela ainda tem um caminho a percorrer e a superar. Por pouco não a peguei em meus braços e a abracei para que, pelo menos naquele minuto, ela pudesse se esquecer do seu passado, esquecer tudo que a afligia.

Ali, tivemos uma conexão que só senti na noite em que nos beijamos e, ao entrelaçar seus dedos nos meus, no instante em que soube do meu desconforto em relação à altura, algo dentro de mim se agitou. Não foi um

simples gesto.

Claro que não!

Como o nosso beijo não foi um simples beijo.

Quem eu quero enganar? Não me preocuparia tanto com seu bem-estar, em querer vê-la feliz ou proporcionar uma estada inesquecível se não me importasse. *Se ela não fosse importante.*

Entretanto tudo indica que a advogada tem outros planos.

Porra! O cara está vindo ao Brasil para se encontrarem! Se isso não é sério, não sei dizer o que é.

Não que eu tenha moral para julgar, afinal, fiz uma loucura das grandes para comparecer ao aniversário dela, meses atrás. Saí da Espanha, em plena negociação, para marcar presença em sua festa. Dois dias depois, voltei para Madrid e fechei o contrato que ficou pendente.

Daniel ficou puto, com razão. Nunca fui de me precipitar ou agir sem medir as consequências dos meus atos, porém quando o assunto se trata de uma mulher de cabelos avermelhados e olhos dourados... Não tenho uma explicação racional.

Não me pergunte o que isso significa. Nem o motivo da ruiva fugir de mim como o Diabo foge da cruz.

Depois do que ouvi dentro do teleférico, como ela ficou transtornada relembrando o seu passado, que ainda é desconhecido para mim, pude desvendar um fragmento do enigma chamado Beatrice Parker. Uma compreensão real do que a torna a mais fechada das amigas, a mais comedida, a mais insegura...

Porém, o que tento, sem conseguir entender, é o porquê dela insistir em me afastar.

Será que estou lendo as entrelinhas de uma maneira equivocada?

Por que com Andrew é diferente?

Por que ela deixa que ele se aproxime?

Talvez Beatrice só não queira estar com você, James.

Este último pensamento, em meio a todos que perpassam minha mente, parece ser o que mais reflete a realidade.

Após os beijos que trocamos, ela mudou. Tínhamos uma amizade que eu considerava bastante e, de uma hora para outra, Ticy decidiu se afastar. Para entrar em seu jogo, também precisei mudar, começando a chamá-la pelo nome e não pelo apelido, o que vem tomando outros rumos nos últimos dias.

Fora do escritório e reuniões, decidi que usarei seu apelido. Antes de qualquer coisa, Beatrice é uma boa amiga, e tenho me sentido mais à vontade para chamá-la como antes.

Estou tão envolto em pensamentos e certos porquês, que não a ouço falar comigo.

— Oi, Ticy! Desculpe. Pode repetir, por favor?

Logo após o episódio da mensagem, ambos voltamos para os nossos lugares, sem comentarmos absolutamente nada sobre o que aconteceu.

Neste momento, estou provando um dos drinks.

— Eu perguntei se você gostou da bebida — repete, bebericando a sua.

— Ah, sim! É diferente. Não é o melhor dos drinks, mas vale a pena experimentar. A combinação com açaí é peculiar. Quer provar?

Ela assente. Entrego meu copo, e ela entrega o seu. Ao experimentar, Ticy faz uma careta, e eu solto uma risada.

— Tão ruim assim? — pergunto.

— Não é ruim, porém não sei explicar... Preferi o outro.

Sorvo um gole do conteúdo do seu copo e constato que realmente é melhor.

— Também gostei mais deste, mas valeu a pena a experiência, não é?

— Com certeza.

— Costumo dizer que o ato de experimentar é enriquecedor. Só dá para saber se algo é bom ou não quando damos uma chance para prová-lo e enriquece a nossa bagagem de conhecimento.

— É verdade, James. Tenho dado mais valor a isso. Nos últimos anos, eu me privei de viver coisas novas, foquei muito nos estudos, no trabalho, contudo estou disposta a fazer diferente daqui pra frente.

Giro meu corpo da larga e confortável poltrona e fico de frente para a ruiva. Por alguns segundos, imagino que estou visualizando uma miragem. O sol cobre seu rosto delicado, destacando os fios vermelhos que balançam com a brisa agradável que nos envolve.

Disfarço o efeito avassalador que sua beleza me causa — aposto que ela nem se dá conta disso — e trato de me lembrar da mensagem de Andrew, dizendo a mim mesmo, de uma vez por todas, que esta mulher é inacessível.

Então, ofereço minha opinião com sinceridade, de um amigo para uma amiga:

— Você é nova e merece se dar esta chance. Seja o que tiver acontecido lá atrás, aquilo não pode te impedir de viver, sonhar, explorar novas oportunidades ou de descobrir quem você é!

Ela balança a cabeça em concordância, silenciosa, digerindo minhas palavras.

A comida chega, e passamos o resto da tarde apreciando a vista,

experimentando *drinks*, conversando trivialidades e, por último, comprando *souvenirs* para nosso sobrinho-afilhado e amigos.

Em nenhum momento falamos sobre a mensagem recebida, e entendi que deveria ignorar também. Se ela prefere assim, quem sou eu para dizer o contrário.



Chegamos ao Magnific por volta das 6h da tarde. Deixei Beatrice na porta do seu quarto e subi para o meu. Estava cansado e precisava relaxar depois de um dia cheio.

A audiência sugou minhas energias, mesmo sabendo que foi um sucesso. A expectativa e preocupação de semanas cobrou seu preço. A ida para o Pão de Açúcar foi muito bem-vinda e me renovou de uma maneira que há tempos eu ansiava.

De banho tomado e vestido com uma calça preta e camisa de botões da mesma cor, desço para o restaurante do hotel. Pensei em ligar para Ticy, mas resolvi deixá-la à vontade para fazer o que quisesse. Imagino que já tenha planos em mente. Além de que amanhã será um dia cheio, reuniões com reclamantes que ingressaram contra o Magnific Brasil, acordos para serem fechados... Preciso de um tempo para espairecer.

Enquanto caminho em direção ao restaurante, meu celular toca e sorrio.

— Meu amigo Daniel Hant, a que devo a honra de mais uma ligação sua? Duas no mesmo dia? Assim você me deixa emocionado.

— *Porra, sabia que viria gracinha. Não posso querer falar com meu parceiro?*

— Claro que sim. Só estranhei porque nos falamos após a audiência e achei que a próxima ligação seria daqui a alguns dias.

— *Eu sei que estou em falta com você e peço desculpas. Cuidar das empresas, família e um bebê pequeno tem tomado completamente o meu tempo.*

— E eu nunca seria idiota para duvidar disso. Não posso sequer imaginar como você consegue lidar com tudo isso.

Escuto um grunhido no telefone seguido de um grito escandaloso e abro um sorriso bobo, sabendo que é meu afilhado.

— *Baby Bill está com você?*

— *Sim. Scarlett voltou a malhar e combinamos que baby Bill ficaria comigo nesse tempo.* — Ouço o gritinho novamente e meu amigo diz, rindo: — *Ele parece saber que estou falando com você. Essas crianças de hoje em dia estão incríveis, James. Fico assustado com o quanto esse menino está crescendo. Tem sido maravilhoso poder acompanhar cada passo dele. Não tenho nem palavras para te agradecer por estar segurando a barra com as viagens.*

— Já disse que não precisa agradecer. Quem diria que você seria um paizão, hein? — brinco, recordando-me de Daniel antes de conhecer Scarlett. Como o trabalho era sua prioridade. Agora está completamente rendido e apaixonado pela família.

— *Quando você tiver o seu, vai entender.*

— Quando? Do jeito que as coisas vão indo, o que se encaixa melhor é: se eu tiver o meu...

— *Como assim? Não tem nenhuma mulher à vista?*

— Não no sentido de formar uma família e nem tenho como pensar nisso agora, com tantos afazeres por aí...

— *Mais do que nunca aquela ideia de treinar pessoas da nossa confiança precisa ser exercida, James. Você não pode deixar a sua vida para*

trás. Assim que chegar do Brasil, vamos conversar melhor.

— Fique tranquilo, Daniel. Sei até onde meu braço alcança. Mas vamos conversar sim. Acho que está na hora de delegarmos mais e aproveitarmos o que construímos.

— *Exatamente. Não dá para só trabalhar e usufruir o que, quando estivermos velhos? Porra, não mesmo. Mas, me conte, e a Ticy? Conseguiu se aproximar mais?*

— Meu amigo, acredito que as conversas de Scarlett estejam te afetando.

— *Não é nada disso. Quer me fazer de idiota? Eu sei que vocês andaram se estranhando, a ruiva estava te afastando... Descobriu o motivo?*

— Bom, para falar a verdade, estes dias têm sido importantes para conversarmos e nos reconectarmos de alguma forma. Não da maneira que você deve estar imaginando.

— *Eu não estou imaginando nada.*

— Sei. Você e Bri têm a mesma mente suja.

— Bri? Brianna, você diz? Não sabia que vocês haviam se reaproximado.

— Quando estou em Nova York, temos nos encontrado... Nada de mais.

— Humm... Ela sabe disso?

— Sim, Daniel — afirmo, revirando os olhos. Apesar de termos a mesma idade, às vezes tenho a impressão de que Daniel poderia ser meu pai.

— Se você diz...

Ignorando a voz tipicamente cínica, continuo:

— Hoje levei Ticy ao Pão de Açúcar. Você precisava ver como a

mulher ficou. Acho que, desde que a conheço, nunca a vi sorrir tanto. Estou indo com calma, pois descobri que ela teve um passado de merda. Não tenho ideia do que houve, porém tudo indica que foi feio, meu amigo. Agora consigo compreender melhor o que há por trás daquele rosto indecifrável.

— *O Pão de Açúcar é sempre uma ótima pedida. Em breve quero levar Scarlett e Bill. E sobre o passado de Ticy, o que sei é o mesmo que você. Minha esposa se nega a me contar o que aconteceu de fato, porque diz que não é a história dela e que se fosse o contrário, não gostaria que espalhassem etc e tal.*

— Pois é... as três são como irmãs. Óbvio que uma protege a outra. Hoje foi a primeira vez que Ticy se abriu um pouco, e fiquei um tanto atônito com seu desabafo.

Ouçõ outro grito esganiçado que me faz afastar o celular.

— *Me liga por vídeo para eu ver meu afilhado.*

— *Só um minuto.*

Ele desliga e em segundos retorna, agora por chamada de vídeo. Sigo em direção ao bar do restaurante e cumprimento os rapazes que estão atrás do balcão, sentando-me em um dos bancos. Já acomodado, atendo.

Meus lábios se erguem quando vejo o sorriso do meu querido e amado afilhado. Porra! Esse garoto está cada vez maior, como Daniel disse.

— Oi, *baby* lindo! Olha o tio Jamie aqui — digo com a voz infantil, usando meu apelido de infância, e, a fim de evitar eventuais constrangimentos, observo ao redor para ver se tem mais alguém ouvindo.

Baby Bill solta uns sons estranhos, como se estivesse conversando comigo. Meu maxilar chega a doer diante do sorriso que permanece em todo momento que estou falando com meu afilhado. Daniel atíça:

— *Fala para o tio Jamie que ele tem que sair de cima do muro...*

— Por...

Quase solto um palavrão, mas a carinha do bebê à minha frente me impede.

— *Shhhh... cuidado com a boca, Jamie.* — Com um amigo desse, para que inimigo?

— Você me paga, amigo da onça.

Ele solta uma gargalhada e beija o pescocinho do filho, que imediatamente ri sem reservas, mostrando as gengivinhas desprovidas de dentes. Que menininho fofo!

Ainda hoje sou grato por ter sido escolhido para ser seu padrinho. Foi algo que me deixou, e ainda deixa, sem palavras.

— *James, sinto terminar a sessão mata-saudade, mas a mamãe Scar chegou* — Daniel avisa, e é inacreditável como *baby* Bill se agita, como se soubesse exatamente que estamos falando de sua mãe. — *Nos falamos depois, meu camarada.*

— Obrigado pela chamada, Daniel. Foi muito bom rever vocês dois. Até logo!

— *Até!*

Desligo o celular e chamo um barman.

— Por favor, uma dose de *Macallan* 25 anos.

— Ok, Sr. Foster.

Logo que a bebida chega, agradeço e me encaminho para a área onde fica o belíssimo piano de cauda *Fritz Dobbert*, que fiz questão de comprar para o hotel, a fim de promovermos apresentações musicais semanais. Vez ou outra eu o toco, quando não há programação.

O espaço está cheio, condizente com a lotação do estabelecimento, e

um trio faz as honras, tocando a famosa *Garota de Ipanema*. Um rapaz está no piano, outro o acompanha no violão e uma mulher na flauta. Posso dizer que executam muito bem todas as notas e cadências.

Sentindo a leveza da música, gingo meu corpo no ritmo da melodia. Bebo um pouco de uísque e, ao olhar para o lado, tenho noção de que não estou sozinho.

— Sabia que te encontraria por aqui — diz, abrindo o sorriso que deve fazer muitos homens caírem aos seus pés.

— Gostei desse trio — comento, sabendo que foi uma de suas obras.

— Imaginei que sim. Eles estão fazendo sucesso pelo Rio, levando a Bossa Nova raiz para todos os cantos.

Melissa sai de perto de mim, e franzo o cenho quando caminha até o pianista. O rapaz se vira em minha direção, abrindo um sorriso e, sem entender nada, eu o cumprimento com um aceno de cabeça.

O que está acontecendo?

Minha funcionária retorna e diz, como se não fosse nada:

— Eles estão te esperando. Querem que você dê uma palhinha.

— É sério isso? Melissa, eu estava aproveitando à distância.

— Eu sei. Mas também sei que ama quando há companhia para tocar um bom som. Aproveite e relaxe, James. Você merece! — exclama, piscando um dos olhos castanhos em seguida.

— Como não sou de correr, eu vou.

— Eu sei que vai. — Ela ri, e lhe entrego meu copo já vazio.

Apresento-me para os músicos, que não falam inglês, porém consigo arranhar no português.

Sento-me no banco de frente para o piano, dedilho algumas notas para

me aquecer e, no microfone disposto acima de mim, falo com o público, arriscando-me no idioma do país e, em seguida, repito na minha língua.

— Boa noite. Sou James Foster, um dos proprietários do hotel. Espero que estejam gostando deste belíssimo som. Fui pego de surpresa, mas não posso negar um convite como este, não é mesmo? Apesar de ser norte-americano, sou um amante da Bossa Nova, então, espero que curtam o som e desculpem o sotaque.

Todos os presentes dão risadas e batem palmas na sequência.

Os músicos me perguntam, pausadamente para que eu compreenda, se eu sei tocar a música *Água de Beber*. Levo alguns instantes para perceber que estão falando de *Drinking Water*, que conheci na voz de *Frank Sinatra* e *Antonio Carlos Jobim*.

Respondo que sei tocar e, minutos depois, o violão e a flauta fazem a introdução. Chega minha vez de entrar, e a junção dos três instrumentos chega a me arrepiar.

Inevitável abrir um sorriso e meus parceiros me acompanham, igualmente imersos na canção. O rapaz que estava no piano anteriormente, permanece ao meu lado, dedilhando notas mais agudas em uma perfeita sincronia.

É como se eu fizesse isso a minha vida toda. Não poderia estar mais leve e no lugar exato onde deveria estar.



DECISÃO TOMADA

*Eu não me importo, se você estiver aqui
Ou se você não estiver sozinho
Eu não me importo, já faz muito tempo
É como se nós não tivéssemos acontecido
O jeito como seus lábios se movem
O jeito com que você sussurra
Eu não me importo, foi bom, acabou (Uh).*

Liar, Camila Cabello.



Após um dia intenso, nada melhor do que relaxar, e a banheira está fazendo um ótimo trabalho.

Impossível não recordar o meu momento de quase-desabafo. Custou a acreditar que, por pouco, não contei tudo a James, o que seria totalmente inapropriado.

Não estou viajando de férias. Aqui, ele é meu cliente, por mais que estejamos nos reaproximando como amigos. Para piorar, Andrew enviou uma mensagem em uma hora completamente errada.

O que James deve ter pensado? *Veio para o Brasil achando que está de folga para marcar encontros?*

A sorte foi que nem eu nem o loiro comentamos sobre o ocorrido. A princípio, achei que ele falaria alguma gracinha, porém, contrariando minhas expectativas, nem uma ironia saiu de seus lábios.

Na certa, ele tinha muito mais a fazer do que se importar com uma mensagem. Ainda assim, o clima descontraído foi substituído por uma estranheza repentina. Tanto eu quanto ele ficamos mais introspectivos, apesar de passarmos a tarde toda conversando.

Solto um longo suspiro, e meu coração se aquece por lembrar a sensação de visitar um lugar tão único. Foi libertador. Olhar para aquela imensidão e ver o quanto somos pequenos e frágeis... Como a vida passa num piscar de olhos e muitas vezes não temos a oportunidade de desbravar o desconhecido... E é uma dádiva quando isso acontece, já dizia minha mãe.

O que mais me assusta é que, ao lado de James, eu consigo ser uma mulher mais audaciosa, corajosa... Mas será que é apenas porque estou *com* ele? Não posso depender de mais uma pessoa. Já basta ter que aprender a me desvencilhar das minhas amigas, não posso me agarrar a outra pessoa agora como se fosse minha tábua da salvação.

Por falar em Scarlett e Liv, preciso responder às mensagens que as duas enviaram no nosso grupo. Elas estão loucas para saber o que está acontecendo, imagine se eu menciono o episódio do celular? Aposto que vão rir como nunca. Principalmente a Liv. Isso se já não estiverem sabendo da vinda de Andrew.

Satisfeita com o banho, pego impulso e me levanto da banheira. Minhas mãos e pés estão enrugados pelo tempo que fiquei imersa. Alcanço a toalha e me seco, olhando-me no espelho por alguns segundos.

Analiso meus cabelos molhados, um tom de vermelho mais escuro, e um flash vem à minha mente.

— *Trice, eu te acho linda, mas tenho certeza de que poderia ficar ainda melhor.*

— *Como assim?*

— *A cor dos seus cabelos é chamativa demais. Acho que um castanho, talvez, ficasse mais neutro, demonstraria a seriedade da faculdade que você está cursando. Não confio em advogadas extravagantes.*

— *Extravagantes? Mas é o meu cabelo, Fred!*

— *Sim, querida. As mulheres não ficam loiras? Ruivas também podem ficar morenas.*

Foi uma das últimas coisas que Frederick me fez fazer. Pinteí meus cabelos, contrariando meus pais e minhas amigas, mas ele estar feliz era o que me importava. Afinal, era meu namorado, um homem experiente e que só queria o meu bem...

Mesmo depois, quando não estava mais namorando, demorei até conseguir voltar às minhas origens. Enquanto a transição da cor ocorria, do castanho para o ruivo natural, eu vivia com os cabelos presos, com receio de chamar atenção. A voz acusadora dentro da minha cabeça não parava de me julgar, como se não bastassem os olhares dos alunos da universidade, que, com certeza, tinham conhecimento do que eu havia passado.

Por outro lado, James parece ter um certo fascínio pelos meus cabelos. Vez ou outra o pego examinando os fios avermelhados, elogiando... Inclusive, segundo suas próprias palavras, a pulseira que ganhei de presente de aniversário e não tiro do braço, foi inspirada nos meus cabelos e olhos.

Tão diferente do que vivi no passado!

Volto para o presente e sigo para o quarto. Toda vez que esses flashes vêm, fico com raiva, de mim e do homem a quem entreguei minha vida, que me transformou em uma mulher insegura e cheia de traumas.

Após James me deixar no quarto, a primeira coisa que fiz foi me deitar e, sem que esperasse, apaguei de imediato. A adrenalina do dia baixou de tal forma, que não consegui me manter desperta.

Durante o banho, decidi o que faria com o resto da minha noite. Para isto, seco os cabelos, faço uma escova e escolho um vestido verde, frente única, que se ajusta ao meu corpo, mantendo-se quatro dedos acima dos joelhos. Ele é lindo e faz com que minhas singelas curvas fiquem evidenciadas.

Calço sandálias de salto alto, pretas, e as finas tiras adornam meus

pés, contrastando com a pele clara.

Gosto do que vejo no espelho. Não é todo dia que me sinto segura comigo mesma. O trabalho de resgate da minha autoestima vem sendo feito pouco a pouco, e não vou negar que, quando estou com as minhas amigas, é como se eu pudesse realmente voar, ser quem eu quiser. É o que preciso exercer estando sozinha. Gradativamente, as vozes vão diminuindo, a autossabotagem e autocritica, igualmente.

Para finalizar, faço uma maquiagem leve para mediana. Aplico uma sombra marrom nas pálpebras, esfumaço e alongo os cílios com rímel. Na boca, uso um batom nude que deixa a *make* dos meus olhos destacada.

Pronto!

Ao sair do quarto, pergunto-me o que será que James está fazendo. Por que ele não me ligou, como tem feito desde que chegamos? Será que entendeu a mensagem de Andrew de uma forma equivocada?

Chegando ao hall do hotel, estranho a movimentação acima do normal. Não sei se é porque estamos nos aproximando do final da semana, porém, assim que ouço um som vindo do restaurante, noto que deve ser o motivo da agitação.

Como estou adiantada, resolvo ir até lá. James não me disse que haveria música ao vivo ou alguma programação diferenciada no hotel, e não sei se devo ficar chateada com a omissão ou se penso que ele apenas não se atentou para isso.

Surpresa me toma quando vejo o salão lotado. Desde que cheguei ao hotel, não vi o espaço desse jeito. Um trio de músicos anima o público — alguns casais dançam entre as mesas — não me recorro de já ter ouvido este gênero musical anteriormente, porém não posso negar o quanto é agradável. Dá vontade de balançar o corpo.

A junção dos instrumentos poderia muito bem se assemelhar ao Jazz, contudo não tenho habilidade nesse quesito, então, não posso dizer com certeza. O gingado das pessoas é contagiante.

Observo a mulher tocando flauta, o rapaz no violão e...

O quê?!

Não pode ser.

Mas é ele. Claro que é ele.

O porte, o cabelo claríssimo jogado para trás, um pouco maior do que o usual, os fios roçando em seu pescoço e o sorriso... *Aquele* sorriso.

Como os músicos estão vestidos de preto — como ele —, imaginei que fosse mais um integrante do trio. Sequer poderia cogitar que James, meu cliente, amigo e um dos homens mais lindos que conheço, estaria à frente de um piano. Não é à toa que as mulheres estão babando em sua direção.

Olhando mais atentamente, há um rapaz sentado ao seu lado, em outra extremidade, dedilhando algumas notas no mesmo instrumento.

Estou boquiaberta com a desenvoltura do loiro, impactada com a sua competência e multiplicidade, até tocando piano o cara é bom. Aérea, que nem percebo que tenho companhia.

— Um homem incrível, não é mesmo?

Melissa está olhando para frente, na direção de seu chefe, porém não vejo malícia ou desejo em sua expressão, apenas uma admiração sincera. Volto meus olhos para James e respondo, igualmente honesta:

— Verdade. Uma surpresa vê-lo tocar assim. Parece outra pessoa.

— Ele se transforma. Este é o James de verdade, despido de suas responsabilidades. Um *gringo* que ama o Brasil como se fosse seu próprio país. Ele é fascinado por Bossa Nova.

— Este é o estilo musical? Bossa Nova?

— Isso. A Bossa Nova é uma vertente do nosso samba raiz. Frank Sinatra se apaixonou pelo estilo e chegou a gravar algumas músicas com o famoso compositor e cantor brasileiro Antonio Carlos Jobim. A que estão tocando é uma delas. Em inglês se chama *Drinking Water*.

— Nossa, é a primeira vez que escuto e já quero adicionar mais músicas à minha playlist.

— Eu sou suspeita. Já ouviu *The Girl from Ipanema*? É uma das mais conhecidas no mundo e Sinatra também gravou.

— Nunca ouvi, mas já quero conhecer. Como se pronuncia o nome da música em português?

— Garota de Ipanema.

— *GaRRRRota...* Assim?

Melissa ri.

— Isso, mas pode diminuir a entonação do R.

Tento novamente.

— *GaRRota di Ipanima...* Estou perto?

— Para a primeira vez está ótimo. Falar português não é fácil, James até hoje tropeça, porém é teimoso demais para desistir. Ele faz questão de que eu converse com ele em português para praticar.

Sorrio, pois é típico do empresário querer aprender de tudo.

— Você está linda. Tem planos? — a morena pergunta, mudando bruscamente de assunto, olhando-me dos pés à cabeça.

— Sim. Um amigo que mora em Los Angeles chega ao Rio daqui a pouco e vamos nos encontrar. Ele vai ficar hospedado no Copacabana Palace. É perto, pelo que pesquisei.

— Uau! Um *amigo*? E vai ficar no Copacabana? — questiona. Percebendo meu desconforto, emenda: — Desculpe, não quis ser intrometida. Na verdade, pensei que você e James... Bem, deixa pra lá.

Só então compreendo o significado por trás de suas palavras.

— Ah, não. James e eu não temos nada além de amizade e relação profissional.

— No dia em que um amigo me olhar do jeito que James te olha, a amizade será a última coisa que levarei em conta.

Surpresa com seu comentário, fico sem saber o que falar por alguns segundos.

— Desculpe novamente, Beatrice. Eu e minha boca grande.

— É impressão sua, Melissa. Não há nada entre mim e James.

— O que tem eu?

De repente, o salão enorme se torna pequeno. A conversa com a morena me deixou desorientada a ponto de eu não perceber que a música foi substituída pelo barulho das palmas e que James está às nossas costas.

Viro-me para trás e sou impactada com a sua beleza imponente e austera. Mesmo eu estando de salto, ele consegue ser uns bons centímetros mais alto. Vestido todo de preto, seus lábios se erguem em um sorrisinho de quem sabe que pegou alguém no flagra.

Tento formar alguma frase e, graças a Deus, Melissa me salva.

— Estávamos comentando sobre suas variadas habilidades.

Não sei o que é pior. O meu silêncio ou o comentário da morena. James arqueia as sobrancelhas, a expressão sarcástica entrando em ação.

— É mesmo? Realmente sou um homem de muitas habilidades. Contudo não sou de mostrar todas de uma vez, além de reservar algumas

para...

— Ok, já entendemos — Melissa intervém, e o sorriso do loiro se expande.

O olhar de James recai em meu vestido, analisando cada detalhe, desde os pés até meus cabelos ondulados, jogados por cima dos ombros, demorando-se no decote em V da peça frente única.

Muito diferente do desprezo que meu ex-namorado fazia questão de demonstrar quando eu usava roupas mais curtas ou que destacavam meu corpo, o olhar de James transmite tudo menos desprezo. Até para mim, que me considero lenta para reconhecer determinadas reações, é perceptível. Luxúria, admiração e algo mais que não consigo identificar.

Logo sinto minha pele queimar e, na sequência, meus pelos se arrepiam. É absurdo o efeito que James me causa com um simples olhar ou por estar perto de mim. Por isso, a minha mente sempre me alerta de que preciso tomar cuidado. Ele é intenso demais.

De esguelha, vejo que Melissa faz uma expressão de: eu te disse! Pigarreio, querendo me livrar do escrutínio deliberado, e digo:

— Parabéns pela música, você toca lindamente. Foi uma surpresa.

Ele parece voltar a si e pisca os olhos duas vezes.

— Lindamente... — repete o que falei. — Vai se encontrar com Andrew? Duvido que essa produção toda seja para passear pelo hotel.

Por essa eu não esperava, mas estamos falando de James. Um dos homens mais inteligentes que conheço. E vamos combinar que, depois da mensagem que recebi, e da qual ele tomou ciência, não é muito difícil de ligar uma coisa à outra. Não sei se foi impressão minha, mas sua frase me atingiu como uma alfinetada.

— Sim, estava saindo do hotel quando fui atraída pelo som.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo, sem nada dizer, e, antes que eu fale novamente, Melissa se interpõe:

— Preciso ir. As reuniões de amanhã começarão às 9h em ponto, tudo bem? Boa noite para vocês!

Como em um passe de mágica, ela some das nossas vistas, e minhas mãos começam a suar. É sempre assim quando fico a sós com James. Pode haver uma multidão ao nosso redor, porém se estou perto dele sinto como se estivéssemos sozinhos e o ar fica mais rarefeito. Não sei explicar.

— Não vou atrapalhar sua noite — diz, aproximando-se um passo de mim. — Só gostaria de fazer mais uma pergunta. Posso?

Como responder que não? Se eu fizer isso, vou passar a noite toda imaginando sua pergunta. Eu me conheço.

— Pode — decido.

Mais um passo e ele está há poucos centímetros de distância. O espaço de uma mão. Minha cabeça inclina mais para cima, diante de sua altura e proximidade, e minha respiração fica entrecortada.

Por um momento, imagino um dos seus braços musculosos enlaçando minha cintura, enquanto a outra mão agarra meu couro cabeludo, bem perto da nuca. Uma pegada que eu não esqueço desde que nos beijamos e que ainda hoje revivo na memória.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, o loiro abre um sorriso de lado, safado, lindo, maravilhoso, e sussurra ao meu ouvido:

— Até quando vai deixar o medo te afastar do que você mais quer?

De repente, viro uma estátua. Não consigo me mexer, piscar os olhos, fechar a boca. Permaneço parada quando ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e dá o golpe final:

— Tenha uma boa noite, querida. Nós nos vemos amanhã. — Ele se vira para ir embora, mas dá meia-volta, apenas para completar: — Mande um “olá” para o roqueiro.

As pessoas que passam ao meu lado são como vultos. Minha capacidade de discernimento está fora do ar. Meu corpo parece sentir o baque de suas palavras e estremece ligeiramente.

Até quando vai deixar o medo te afastar do que você mais quer?

O que ele quis dizer com isso? O que ele acha que eu mais quero?

Sinceramente, quando penso que James não pode me surpreender, ele se supera. Um tanto presunçoso da parte dele, depois de jogar uma pergunta tão enigmática, mandar um “alô” para Andrew.

Já com a cabeça no lugar, dou-me conta de onde estou e para onde estava indo. Jogo os últimos minutos para longe e caminho até a saída do hotel. Lembro-me de ter visto táxis disponíveis na entrada.

Por um instante, reflito se estou sendo coerente comigo mesma, ou precipitada, porém o pensamento é substituído pelo fato de que Drew veio ao Brasil por minha causa, para curtirmos, e o *timing* não poderia ser melhor. Só assim para eu lembrar que não estou preparada para o que quer que James tenha sugerido.

Com isto em mente, pego o primeiro táxi da fila



RASO

*Estou caindo
Em todos bons momentos,
me vejo ansiando por mudança
E nos maus momentos,
sinto medo de mim mesma.*

Shallow, Lady Gaga e Bradley Cooper.



Uau!

Eu sabia que este hotel era reconhecido mundialmente, mas imaginei que pudesse ser parecido com o Magnific. Entretanto encontro maior semelhança com o The Plaza Hotel de Nova York. O requinte e imponência se misturam com elementos tradicionais.

Logo na entrada, enquanto aprecio a beleza do lugar, sou recebida por um rapaz, impecavelmente uniformizado. Ele fala em português — pelo menos acho que é — e digo, na minha língua, que não entendo. Rapidamente sua postura muda e pergunta em inglês:

— Boa noite, a senhorita precisa de ajuda? Tem reserva?

— Boa noite. Um amigo está para chegar e deixou meu nome na recepção. O nome dele é Andrew Stan, o meu é Beatrice Parker.

— Só um minuto que iremos acessar o sistema.

— Obrigada, vou aguardar.

Durante a espera, admiro a entrada do hotel. O piso de mármore com desenhos geométricos, a escada coberta com um tapete vermelho no centro, o corrimão dourado, o enorme lustre de cristais que pende acima da minha cabeça... Minha análise é interrompida pela voz do atendente:

— Srta. Parker, posso levá-la para a suíte, ou quer conhecer as

dependências do hotel primeiro?

— Prefiro aguardar no quarto.

— Vou acompanhá-la.

Sigo ao seu lado, absorvendo cada detalhe, até chegarmos à área do elevador. Assim que as portas se abrem, entramos no ascensor espelhado e, em meio aos espelhos, uma madeira escura e envernizada adorna o ambiente, o que me remete a algo antigo, clássico. Aliás, tudo aqui exala classe.

Chegamos ao 6º e último andar e paramos em frente a uma porta. O rapaz retira um cartão do bolso e avisa:

— Aqui está, senhorita. Este é o cartão magnético que abre esta porta e dá direito ao acesso neste andar.

— Obrigada! — agradeço.

Pego o cartão e, com um clique, a porta se abre.

— Tenha uma ótima estada, Srta. Parker!

Aceno com a cabeça e entro na suíte. Nada poderia me preparar para este lugar.

— Meu. Deus. Do. Céu!

Deixo minha *clutch* em uma poltrona perto da porta e, sem reservas, exploro cada canto.

Será que é o mesmo quarto que Scarlett e Daniel ficaram?

Vejo o horário e constato que tenho alguns minutos antes de Drew chegar. Envio uma mensagem para ele dizendo onde estou, em seguida, procuro o nome da Scar e envio uma mensagem perguntando se está deitada. Apesar da diferença entre Nova York e Rio de Janeiro ser de apenas uma hora — aqui acrescenta uma hora —, com um filho pequeno, acredito que o horário fique um tanto louco.

Mais rápido do que pensei, ela responde que está acordada e questiona, preocupada, se está tudo bem.

Resolvo fazer uma videochamada. Melhor do que apenas digitar, é mostrar. Alguns segundos se passam e ela atende.

— *Hey, Ginger. Pensei que já estivesse dormindo. Vai dar 2h da manhã aí no Brasil.*

— Eu sei, eu sei. Só precisava te mostrar onde estou.

Viro a câmera e ela arfa.

— *Nossa, parece um déjà vu. Eu fiquei nesse quarto, amiga.*

Viro a câmera de volta e sorrio.

— Eu pensei nisso, mas queria confirmar. Você não vai acreditar no que está acontecendo, e peço desculpas por não ter muito tempo para falar.

— Se você soubesse o que fiz na piscina privativa desse andar... — murmura com um ar de felicidade e malícia no rosto. Então se dá conta da minha situação. — Mas o que você está fazendo aí? Você não estava hospedada no Magnific?

Eu rio e explico:

— Recebi uma mensagem de Andrew por volta de 11h30 da manhã, dizendo que estava de folga e embarcando para o Rio.

— O quê?

— Pois é. Ele comentou que as pausas da turnê estão mais espaçadas e soube pela Liv que eu estava aqui, daí sugeriu da gente curtir um pouco. A princípio fiquei em choque, mas depois fui me acalmando, afinal, Andrew faz o que bem quer.

— *E ele escolheu logo um quarto na cobertura de um dos hotéis mais caros do mundo para curtir?*

— O cara é milionário, Scar. Podemos dizer que possui uma condição financeira equiparada a James e Daniel. Na verdade, ele não quis ficar no Magnific para não atrapalhar meu trabalho.

— *Atencioso demais esse roqueiro, não é? Você já cogitou que ele pode estar querendo mais do que algumas noites de sexo quente?*

Quando minhas amigas colocam desse jeito, sinto-me suja. Sei que sou maior, independente, não preciso dar satisfação a ninguém, contudo é como se não fosse eu de verdade. Como se o fato de sair com um homem, sem compromisso, apenas para um “sexo quente”, como elas dizem, não combinasse com a minha essência.

Porém, toda vez que penso dessa forma, trato de lembrar que não sou a mesma de antes e esta nova pessoa está descobrindo novos hábitos e gostos, não importando o que a sociedade pense ou imponha. Só eu sei da minha verdade e o que passei para chegar até aqui.

— Scarlett, eu até pensei que ele pudesse estar confundindo as coisas, mas depois ponderei e concluí que é o jeito de Andrew. Ele vive a vida, curte, sem rótulos, apenas se joga sem arrependimentos. É disso que preciso no momento, leveza e a liberdade de fazer o que quiser.

— *Eu entendo a sua necessidade de leveza, Ginger, e realmente apoio sua decisão. Você merece aproveitar o que a vida tem de melhor, só que não faz mal observar se o rapaz está com outras intenções. Não só por você, mas por ele também. Mantenha sempre a situação transparente se não quiser ser surpreendida.*

— Você tem razão. Assim que ele...

Ouçó um barulho no corredor e rapidamente me despeço da loira. Ela ri e desliga.

Ajeito meu vestido diante de um enorme espelho de corpo inteiro e

caminho até a porta, passando pela ampla sala — porque até sala a suíte tem — e dou de cara com Drew.

— Hey, ruivinha. — Ele sorri, mas o cansaço é nítido em seu rosto.

— Hey, *bad boy*, como foi de viagem? — pergunto, recebendo seu abraço e um beijo no pescoço.

Ele veste uma calça jeans preta com alguns rasgos nas coxas e uma blusa branca gola “V”, além de segurar uma mala de couro, de uma marca famosa. Andrew se senta com tudo em uma das poltronas e joga a bolsa no chão.

— Preciso de um banho e ficarei novo em folha. Porra, depois que a gente acostuma com o jatinho, é uma merda viajar de voo comercial.

— Imagino. Essa é sua bagagem? — pergunto o óbvio, em tom de brincadeira.

— Sim — ele sorri —, decidi vir de repente. Se eu precisar de mais alguma coisa, compro por aqui.

— Tão prático. Admiro isso. Eu fico dias, horas, pensando no que vou levar. Mas me diga, o que deu em você para vir assim, tão repentinamente? — indago, ansiosa por sua resposta.

O roqueiro passa as mãos nos cabelos, as pontas dos fios levemente mais claras, e fico fascinada com a pele exposta e tatuada do dorso de suas mãos e braços. Nunca fui de curtir homens tatuados, porém Drew é um caso à parte. Não é nada parecido com o marido da Liv, que tem desenhos espalhados por todo o corpo, porém chama tanta atenção quanto ele. Combina com a sua personalidade, seu jeito... estranho seria se não tivesse. Diferente de James, que não aparenta ter tatuagens.

Pensando bem, nunca vi James sem camisa.

— Você me ouviu, Ticy?

Nossa! Como posso sequer pensar em James quando estou com outro homem? Aí já é demais.

— Desculpe, Drew, já é tarde e o dia foi longo — invento, o que não é de todo mentira.

— Sem problemas, gatinha. Eu disse que preciso tomar um banho e que depois conversamos melhor, inclusive, sobre como surgiu a ideia de vir.

— Ah, ótimo. Está com fome? Posso pedir algo para você.

— Fique tranquila — diz, levantando-se da poltrona para ficar na minha frente.

Ainda sentada, ele estende as mãos para mim e eu as pego, ficando de pé em um segundo.

— Estou feliz por estar aqui, ruivinha. — Andrew coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e meus pensamentos correm em outra direção.

Em um loiro que adora fazer o mesmo gesto porque, segundo ele, gosta de ver meu rosto.

Eu não estou nada bem. Por que minha mente está pregando essas peças? Chega de pensar em James!

— Também estou feliz por você estar aqui, Ja...

Empalideço.

O que eu acabei de fazer?

— Hey, não precisa ficar sem graça. Vocês estão trabalhando juntos, é normal isso acontecer.

— Mil desculpas, Drew.

— Você sabe muito bem que entre nós não há problema, apenas solução. — Ao terminar de falar, ele pisca para mim e beija minha testa,

antes de seguir em direção ao banheiro.

Assim que fecha a porta, coloco a mão na boca.

Que furo! Já consigo imaginar Liv dando gargalhadas. Eu que não serei doida de contar para ela.

Respiro fundo e balanço a cabeça, custando a acreditar em meu deslize.

Aproveito que estou sozinha para conhecer o restante da suíte. A sala chama atenção por ser quase do tamanho da sala do meu apartamento. Os móveis, seguindo o padrão do hotel, são clássicos, de madeira escura. Pesadas cortinas cobrem as janelas e resolvo afastá-las para os lados, a fim de que a visão do mar não seja maculada.

Vou para a varanda, que possui uma mesa e duas cadeiras em cima de um deque de madeira, e sou recebida por uma brisa gostosa com cheiro de mar. Meus cabelos saem do lugar, mas não me importo, deixo que o vento me beije, afastando o calor de mais cedo.

Apesar de ser tarde, a avenida e a orla continuam movimentadas. Os holofotes iluminam a areia, as ondas batem forte.

Uma noite linda com toda certeza.

Sento-me em uma das cadeiras e aprecio a beleza deste lugar. Colocando meus pensamentos em ordem, afastando dúvidas, preocupações... Não hoje! Hoje quero apenas me divertir, sem me preocupar com o amanhã — no sentido figurado, pois sei que tenho reuniões a partir das 9h.

Até que ponto não estou sendo irresponsável?

Inquieta, levanto-me e me aproximo do parapeito.

Eu deveria estar dormindo, descansando para um dia de trabalho logo mais, mas estou aqui, prestes a dormir com meu amigo colorido, sem nem ter

pensado em trazer uma roupa. Terei que acordar cedo...

Mal termino o pensamento quando sinto braços envolverem minha cintura. Com as costas nuas, consigo sentir que Andrew está sem camisa, e sua pele está fria.

— Você tomou banho gelado? — pergunto, franzindo a testa ao me virar para seu rosto.

— Só assim para afastar esse calor doido.

Eu rio e volto a encarar a avenida e o mar à minha frente. Andrew beija a lateral do meu pescoço uma, duas vezes, coloca meus cabelos para o lado e continua a me beijar, causando-me arrepios com o contato.

— Já disse que você está linda?

— Obrigada! — respondo, os olhos fechados, entregando-me ao seu toque.

— Esse seu cheiro — murmura. — Você perguntou por que eu decidi vir ao Brasil... Vai me matar se eu disser que estava com saudade?

Abro meus olhos e meu corpo fica tenso.

O alerta é ligado, piscando em letras garrafais: perigo!

— Hey! — Ele me vira, e seus olhos azuis acinzentados me encaram.
— Não há motivo para se preocupar. Eu não estou me declarando, nem nada do tipo. A saudade que eu tenho é do seu corpo, da sua boca... do quanto você grita quando te faço gozar, de como você mexe gostoso... é disso que eu senti saudade, ruivinha. Nós dois estamos na mesma página, *baby*.

O alívio me toma ao mesmo tempo que o fogo já costumeiro se acende.

Quando estou com ele, não existe a Beatrice com medo de algo mais, e isso me liberta de maneiras inexplicáveis. É por isso que é tão importante

que eu saiba que estamos na mesma *vibe*, no raso, sem aprofundar. Porque se, por acaso, ele quiser ir além, terei que me afastar, afinal, ainda não consegui expulsar a Beatrice do passado da minha mente e coração.



PERCEPÇÃO

*Ela curte Rock N Roll,
Ela gosta de Rock N Roll,
Você quer Rock N Roll,
Eu preciso de Rock N Roll,
Todo dia e a noite toda.*

She Likes Rock N Roll, AC/DC.

A handwritten signature in black ink that reads "Andrew". The script is fluid and cursive, with the first letter 'A' being particularly large and stylized.

Passar a noite com a Ticy é sempre muito bom, contudo percebi que ela estava um tanto dispersa. Não sei se isso se deve ao fato de ter pensado que a minha vinda ao Brasil representa mais do que realmente significa ou se está com muito trabalho na cabeça.

Para falar a verdade, eu sequer considereei as consequências da minha ideia. Conversando com Morris, Liv se intrometeu e perguntou se eu sabia que a *minha gatinha* — ela adora pegar no meu pé — estava no Rio de Janeiro. A *Branca de Neve* não perde uma oportunidade de zoar e de me alertar para não machucar sua amiga. Como se eu fosse perigoso o bastante a este ponto.

O meu lance com a ruivinha só dá certo porque ambos estamos avessos a se apegar e, depois que senti seu corpo se reter sob minhas mãos só por ter dito que estava com saudade, pude comprovar que as coisas não mudaram. Internamente também fiquei aliviado.

Toda vez que tento sair com *uma mulher* de maneira descompromissada, no segundo ou quarto encontro elas já querem namorar, enchem-se de expectativas, mas eu não estou à procura de um relacionamento sério. E, porra, com a Ticy eu me entendo. A gente se entende.

Como comentei com ela anteriormente, as pausas dos shows estão mais espaçadas, o que dá mais tempo para eu e os rapazes curtirmos como

bem quisermos. Alex até pensou em vir comigo para rever uma parte de sua família que mora em São Paulo, mas preferiu viajar com Brad para Ibiza. Uma oferta tentadora, mas não menti quando disse que estava com saudade da ruiva.

Não no sentido amoroso, nada disso. Eu gosto da companhia dela, de conversar sobre assuntos diferentes de banda, show, turnê. Com Ticy sou um cara comum, sem holofotes em cima, com quem gosto de papear bebendo um bom vinho ou comendo uma boa comida.

Depois que ela decidiu voltar para o seu hotel, por volta das 7h da manhã — pois tinha uma série de reuniões pelo dia —, voltei a dormir e só acordei às 2h da tarde. Não tinha como ser diferente. O cansaço do voo e do último show me cobrou seu preço, e me rendi a um merecido descanso. Eu me surpreendi por ainda aguentar uma madrugada de atividades.

Assim que acordei, para não ficar o tempo todo na cama, decidi comer em um dos restaurantes, dei uma nadada na piscina para relaxar e aplacar o calor forte que estava fazendo, voltei para o quarto e *apaguei* outra vez.

O toque do celular chama minha atenção e, por alguns segundos, penso em não atender. Estou esparramado na cama, sem roupas, a metade do corpo coberta pelo lençol, aproveitando o conforto do hotel que está me custando uma boa grana, mas logo imagino que possa ser alguma emergência.

Alcanço a mesinha ao lado da cama e pego o aparelho. Só então percebo que já são 7h da noite. *Putá que pariu!*

— Hey, ruivinha.

— *Hey! Estava dormindo?*

— Deitado. Tirei o dia para dormir, comer e dormir.

Ela ri.

— *Nossa, eu bem que precisava disso também* — diz.

— Imagino que sim, *gatinha*. Você precisa de uma folga. Mas me conte como foi seu dia.

— *Foi tudo bem. Consegui resolver o que precisava e meu retorno para Nova York está previsto para amanhã à noite.*

— Mas já? Caralho, então me dei mal! — exclamo em um tom humorado.

Ticy ri novamente, derrubando a máscara de seriedade que insiste em manter. A cada encontro ela fica menos tensa, *me* permitindo conhecer, mesmo que superficialmente, quem é de verdade.

Em mais de uma oportunidade, presenciei seu sono agitado, palavras balbuciadas, porém, para não *deixá-la* sem jeito, fingia que não estava escutando. Por mais que a minha vontade sempre fosse abraçá-la e acalmá-la, não tinha este direito, e talvez só piorasse a situação.

Ela então volta a falar:

— *Eu não sabia exatamente o dia em que iria embora e nem contava que você faria uma surpresa.*

— Fique tranquila que estou brincando, Ticy. Você está certa.

— *Por que não fica por aqui e aproveita sua folga? Infelizmente, não posso, porque já estão me esperando no escritório com um monte de trabalho.*

— Vou pensar...

— *Pense. Olha, eu não te liguei para ficarmos conversando por telefone* — nós dois rimos —, *mas sim te convidar para vir ao Magnific. Vai ter uma festa na boate do hotel mais tarde e o pessoal do jurídico disse que*

costuma ficar bem legal. Além de um dos melhores DJs do país se apresentar. Uma despedida em grande estilo de um lugar que adorei visitar. O que acha?

— Tem certeza de que seria uma boa? Não é porque estou aqui que você tem alguma obrigação comigo, Ticy. Pode aproveitar sem...

— *Se eu não quisesse não te chamaria, Drew.*

— Ok, senhorita. Então, estou dentro.

— *Sério? Que bom! Fiquei com receio de você não querer ir porque podem te reconhecer, mas podemos pedir para...*

— Hey, *gatinha*, não precisa se preocupar. Estou acostumado a frequentar lugares onde me reconhecem, não tenho nada a esconder. Odeio limitar a minha liberdade por conta da minha fama. A única coisa ruim é você se sentir incomodada, porém se tiver algum lugar mais reservado, melhor.

— *Perfeito. Vou falar com James.*

— Fechado! Que horas você quer que eu vá?

— *Pode vir às 10h, direto para o quarto 3110.*

— Estarei aí.

Logo que nos despedimos, *me alongo*, expulsando a preguiça que tenta dominar meu corpo. Levanto-me da cama a caminho de um bom e demorado banho. Se o que me resta são poucas horas com Ticy, vou aproveitar da melhor maneira possível.



Anos assumindo compromissos com a banda me fizeram criar um senso de responsabilidade quanto a horários. Hora para entrar em shows, hora para encerrar, hora para viajar. É por isso que às 10h em ponto estou em frente ao quarto de Ticy, aguardando a ruiva abrir a porta.

Algumas pessoas tentaram falar comigo enquanto entrava no elevador, mas os óculos escuros devem tê-las confundido. Como disse para Beatrice, não tenho problemas com fãs, o que me incomoda é deixarem minha companhia desconfortável.

A porta se abre e a mulher que me recebe me deixa boquiaberto. Deslizo a armação dos óculos até a metade do meu nariz e a examino dos pés à cabeça.

O vestidinho curto e justo, os saltos, os cabelos longos soltos...

— Porra, ruivinha, você está deliciosa! — confesso e ela sorri.

Ticy escancara a porta e pede que eu entre. Beijo seu rosto e sigo direto para a varanda, que, como a suíte em que estou hospedado, tem vista para o mar. Só que lá vejo a Praia de Copacabana e aqui a de Ipanema.

— Obrigada, Drew. Sobre você, não tem como parecer mais como um rockstar.

Viro-me para ela e olho para minhas roupas, arqueando as sobrancelhas.

— Não entendi — respondo, fazendo-me de desentendido.

— Look preto total, jaqueta de couro, óculos escuros, coturno... Não sei como você não está sentindo calor.

— *Gatinha*, depois de fazer tantos shows assim, me acostumei. E, depois que eu me aquecer, tiro a jaqueta — digo, piscando para ela.

— É claro — assente com humor. — Vamos? — pergunta, enquanto pega uma bolsinha pequena e coloca seu celular dentro.

— Alguém está com pressa. — Diminuo a distância entre nós e percebo que algo a perturba. Levantando seu queixo com meu indicador, questiono: — Está tudo bem?

Após alguns segundos, ela sorri para mim, um sorriso fraco, e responde:

— Sim. Só um pouco cansada. Não dormi direito, talvez por isso esteja aérea.

— Puta que pariu, eu ferrei com seu dia, não foi? Mil desculpas, Ticy. Mandeí muito mal mesmo de vir...

— O dia foi pesado, Andrew. Com ou sem você seria assim. E onde está o cara desprendido que conheço?

— Há uma diferença entre ser desprendido e inconveniente.

— Você não está sendo inconveniente. Agora, vamos que o pessoal já chegou e está nos esperando no restaurante.

Aceno com a cabeça e a deixo passar na minha frente. Nada me tira da cabeça que Beatrice não está à vontade. O sorriso forçado, o olhar que não encontrou o meu uma vez sequer desde que entrei em seu quarto, a maneira sutil com que se afastou de mim.

Ora, tenho uma certa experiência com mulheres e sei dizer quando

uma está querendo espaço. Contudo o que mais me deixa reflexivo é que a ruiva não está sendo transparente. Lá atrás, nós combinamos que, a qualquer momento, quando não quiséssemos mais continuar com a nossa *amizade colorida*, deveríamos ser sinceros um com o outro, porque o que temos não é um relacionamento amoroso, muito menos precisamos insistir no que não está bom.

Essa noite acredito que terei minha resposta e, com este pensamento, eu a sigo corredor afora.



Fico surpreso quando chegamos ao restaurante. O lugar é bacana, espaçoso e a baixa iluminação me deixa ainda mais à vontade. O que menos quero agora é chamar a atenção para mim. Não com Ticy ao meu lado, estranha e pensativa.

Se Josh estivesse comigo, com certeza estaria rindo como o filho da puta que é. Até consigo imaginar o que elealaria: “você está igual a um cachorrinho atrás da *ruivinha*, seu puto” ou “sai dessa, cara, nós dois sabemos quem ela realmente quer”.

Sobre esta última frase, eu e meu amigo conversamos uma vez, e resolvi não levar para frente. Ela surgiu quando Morris me contou como James ficou ao se deparar com a cena do beijo entre mim e Beatrice na festa de aniversário da Liv. Depois, *Branca de Neve* soltou que a amiga ficava agitada demais perto do empresário. Seja lá o que Beatrice e James tiveram um dia, não acredito que tenha vingado. Não quando Ticy tem tanta aversão a se entregar ao mínimo sinal de carinho... Já em relação ao loiro, não tenho uma teoria formada.

— O pessoal está ali — Ticy aponta para uma mesa comprida no fundo do salão, tirando-me dos meus devaneios. — Eles vão comer primeiro. O que acha?

— Ótimo. É melhor comermos antes mesmo. Curtir uma noitada de barriga vazia não é nada legal.

Ela passa costurando mesa a mesa e eu a sigo, tomando cuidado para não esbarrar em alguém. A diferença entre mim e Beatrice, além da altura, é que a ruiva é toda pequena, enquanto eu sou relativamente grande, resultado das horas que dedico cuidando do corpo.

A música é agradável, e meus dedos dedilham um baixo imaginário. É automático.

— Boa noite! — a ruiva cumprimenta assim que chegamos ao nosso destino.

— Boa noite, Dra. Parker — um rapaz responde e o restante do grupo repete a saudação.

Pelo menos todos falam inglês.

— Por favor, nada de Dra. Parker fora do horário de trabalho. Podem me chamar de Ticy — pede, deixando a pequena bolsa na mesa.

— Este é o seu amigo? — uma morena de cabelos lisos e traços exóticos pergunta e, mesmo com a iluminação reduzida, reconheço sua expressão.

Sorrio de lado e resolvo me apresentar antes que Ticy tenha chance de falar.

— Boa noite para todos. Me chamo...

— Drew Stan!? — uma mulher brada, surgindo de repente ao meu lado. — Você é o Drew? O Drew da banda *Sultans of Swing*, não é?

Deveria imaginar que no Brasil, um dos países com maior número de fãs calorosos, eu seria um alvo fácil, mesmo com a luz baixa e óculos escuros. Fico impressionado com a habilidade dessas pessoas.

— Hey, *baby*. Sim, sou eu.

A mulher me abraça forte e solto uma risada.

— Você quer uma foto? — pergunto a fim de acelerar o encontro, antes que mais gente me reconheça.

— Sim! Eu ainda não estou acreditando que é você... Minhas amigas vão ficar loucas.

Apenas sorrio e a abraço para tirar uma selfie.

— Tenha uma ótima noite, *baby*.

— Só queria dizer que você é o mais gostoso da banda. Se estiver de bobeira depois daqui e quiser experimentar o gingado de uma brasileira, esse é o meu telefone — finaliza, e, sorrindo maliciosamente, estende um cartão de visitas para mim.

Olho para ela, de verdade, pela primeira vez e constato que é muito bonita. Cabelos enrolados e cheios, lábios carnudos pintados de vermelho-escuro, olhos expressivos...

Pego o cartão por educação e sorrio para a fã, agradecendo pelo elogio. Ao me voltar para a mesa, todos estão me encarando, inclusive Ticy, que permanece de pé, sem reação.

— *Me* perdoem pela confusão. Continuando de onde parei, sou Andrew, mas podem me chamar de Drew.

— Boa noite, Drew! — um coro responde, porém percebo que estão em choque.

Cada um se apresenta. Três rapazes e quatro mulheres. Todos advogados, exceto a morena de belos traços exóticos, que é uma das diretoras do hotel.

Olho para Ticy, sem saber como está se sentindo após o episódio, e percebo que segura uma risada. Porém não por muito tempo. Quando desata a rir, todos da mesa a acompanham, inclusive eu.

— Vocês viram aquilo? — uma das mulheres indaga, sem parar de rir. — Ela só faltou pedir para autografar o corpo dela.

— Uma coisa dessa não acontece comigo! — um cara exclama, aumentando as risadas.

— Andrew, *me* leve para sua banda também? — outro brinca. — Eu gosto da batida da SoS e confesso que não te reconheci. A mulher viu que era você de longe, cara.

— E o cartão de visitas foi demais — um outro acrescenta. — Como foi que ela disse? “Se quiser experimentar o gingado de uma brasileira...” Porra, fácil assim!

— Ah, ela foi uma fã comportada em relação a tantas outras que já atendi — declaro, e Ticy abre a boca, incrédula. — Vamos mudar de assunto, não é?

Todos anuem, e finalmente me sento em uma cadeira livre ao lado de Beatrice, que também resolve se sentar.

— Já sabem o que vão comer? — questiono, sem deixar de notar o olhar que a morena vem me lançando desde que cheguei. Melissa seu nome, não é?

Eu que não queria ser o centro das atenções...

De repente, o clima na mesa muda e só percebo o motivo quando elevo meus olhos do cardápio, tomando conhecimento de quem acabou de chegar.

— Boa noite! Desculpem o atraso — James saúda e se senta na única cadeira vazia, de frente para mim e a ruiva.

Olhando para ela, diz:

— Boa noite, Ticy!

— Boa noite, James! — responde.

Beatrice se remexe ao meu lado, subitamente agitada. A voz de Liv me faz recordar do seu comentário.

Mais tempo do que o normal, ele a observa, até virar o rosto para mim e sorrir:

— Boa noite, Andrew! Seja bem-vindo!



O MONSTRO

*Sou amiga de um monstro
que está debaixo da minha cama
Convivo com as vozes dentro da minha cabeça
Você está tentando me salvar
Pare de prender a sua respiração
E você acha que sou louca
Sim, você acha que sou louca.*

The Monster, Eminem (Feat. Rihanna)



— Boa noite, James — Drew responde, cumprimentando-o com um aperto de mão.

A mesa fica em silêncio. Não sei dizer se pelo fato do empresário ser chefe de todos ou porque está um tanto sério, até sorrir para Andrew.

— Já fizeram seus pedidos? — o loiro questiona.

— Íamos pedir na hora em que você chegou — Melissa replica.

— Ótimo.

Minha atenção se volta para ele, na camisa polo azul royal — que já percebi ser sua cor favorita —, justa ao dorso torneado, nos dedos longos passando página por página do cardápio, concentrado, e perco a noção do tempo. Sou pega no flagra quando James ergue os olhos e encontra os meus, focados em sua direção, o leve franzir de sua testa indicando confusão, e rapidamente me viro para o outro lado.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas tenho quase certeza de que tem a ver com a minha noite agitada. E não digo em relação a Andrew e sim em referência ao sonho que tive. Real a ponto de eu acordar e ficar frustrada por não ser verdade.

O resultado foi que passei o dia sem conseguir encarar meu cliente. Sorte que o encontrei poucas vezes. Com tantas reuniões marcadas, ainda que tenha ficado nos bastidores por não falar português, só tive tempo de almoçar

e me arrumar para a noite.

Ao meu lado, Andrew está quieto, as mãos entrelaçadas uma na outra em cima da mesa, e estranho seu silêncio.

— Já sabe o que vai querer? — pergunto.

Ele me olha, e sua postura fica mais relaxada, abrindo um sorriso em seguida.

— Vou pedir um hambúrguer e você?

— Nós vamos de pizza — Melissa avisa da outra ponta da mesa.

— Ah, então vou com vocês — respondo e, virando-me para Drew, questiono: — Vai ficar no burger mesmo?

— Sim, prefiro um sanduíche reforçado.

— Eu vou de pizza também — James anuncia. — Vou chamar o garçom.

Em segundos, um funcionário anota os pedidos e, em um passe de mágica, todos recebemos uma caneca de chopp tão gelada que parece congelada.

Erguendo a sua, James diz:

— Não sei se todos curtem beber cerveja, mas esta é especial. Em primeira mão, apresento a vocês a cerveja puro malte Magnific. Em breve distribuiremos em todos os hotéis da rede.

— Aí sim, Sr. Foster.

— Nada de senhor, Erick. E isto serve para todos. Podem me chamar de James, por favor. Não estamos trabalhando, pelo contrário, a noite é de confraternização. Afinal, conseguimos solucionar o problema que tanto nos atormentava. Parabéns a todos os envolvidos!

— É isso, James! — a diretora bate palmas e, pela terceira vez,

observo como ela olha para Andrew, sem esconder o quanto o roqueiro lhe agrada. Estranho seria se não agradasse, porque o homem é lindo.

— Um brinde — James pede, e todos erguemos nossas canecas hipergeladas. — Ao Magnific! Ao sucesso! E à noite!

Todos bebemos um gole da cerveja, e sinto um frescor instantâneo. A temperatura está perfeita, e eu, que não sou acostumada, amei a bebida.

— Porra, uma delícia! — Drew elogia, bebendo quase todo o líquido de uma vez. — Se os meus camaradas experimentarem, vão curtir pra caralho!

— Que bom que gostou, Andrew. Quem sabe, lá na frente, a gente não pense em tornar a cerveja oficial da Sultans of Swing?

— Porra, pode contar comigo!

Não consigo deixar de sorrir.

— O que foi? — James pergunta, as sobrancelhas arqueadas.

— Até se divertindo você fala de negócios. É incrível.

Meu cliente meneia a cabeça e sorri.

— Grandes negócios foram fechados dessa maneira, sabia?

— Não duvido. Na verdade, acho perfeito. As partes já estão bebendo, se divertindo, aquela excitação do momento... Ideal para fechar um contrato.

— Dependendo do produto, é exatamente isso — o loiro declara, piscando para mim na sequência.

Conversa vai, comida vem, cervejas e *drinks* também vêm, e, quando o relógio marca 1h da manhã, decidimos ir para a boate. Segundo James, é a hora em que o DJ vai começar a tocar.

Posso dizer que estou bem, porém entrando na fase “alegrinha”. Não sei quantas cervejas e *drinks* bebi, o que sei é que era exatamente disso que

eu precisava.

Sinto o celular vibrar e balanço a cabeça quando vejo que são as meninas querendo falar comigo. Liv ficou sabendo da vinda de Andrew e está louca para conversar comigo.

Depois ligo para as duas. Agora vou curtir um pouco a leveza bem-vinda que estou sentindo.

— Está tudo bem? — Drew me pergunta durante a caminhada até a boate.

— Ótimo e com você?

— Também. Estou te achando meio dispersa, pensei que tivesse acontecido alguma coisa.

Antes que eu possa responder, um grupo de mulheres, todas com a minha idade ou menos, impede a nossa passagem.

— Andrew, por favor, tira uma foto com a gente! — uma delas quase que implora, fazendo biquinho e tudo.

Patético!

Reviro os olhos e, ficando na ponta dos pés, sussurro ao ouvido do roqueiro:

— A gente se encontra na boate. Fique à vontade.

Ele assente, um tanto perdido, e, sem opção, deixa-me ir.

Caminho lado a lado com Melissa, enquanto os outros, juntamente com James, estão mais à frente.

— Preciso dizer que as suas amigadas são invejáveis, Beatrice. — O tom divertido faz com que eu solte uma risada.

— Estava esperando que você dissesse alguma coisa, Melissa. Percebi o quanto gostou do meu *amigo* rockstar.

— Você está de brincadeira? O cara é lindo! E aquelas tatuagens nas mãos, braços? Eu tenho uma tara por tatuagem que você não tem ideia. Isto, multiplicado ao fato de Andrew ser altamente gostoso e roqueiro, *me* deixou hipnotizada. Puta merda! — Ela parece se dar conta de que falou demais e coloca uma mão na testa. — Eu falando um monte de besteiras e nem me liguei de que você pode estar saindo com ele. Descul...

Interrompo a morena e falo a real, o álcool me ajudando a ser mais direta do que eu esperava:

— Eu e Andrew temos uma amizade colorida. E só. Não namoramos, nem temos nada sério. Ele veio ao Brasil porque está de folga, é um cara desprendido, educado, carinhoso, porém tenho muita merda na bagagem para entregar meu coração para alguém. Concluindo, não tenho pretensão alguma de ficar presa em um relacionamento.

Por um instante, ficamos em silêncio, o som dos nossos saltos tilintando no piso de porcelanato, ambas perdidas em pensamentos.

— Uau! Agora compreendo — diz, um tanto misteriosa. O vestido verde de um ombro só chamando atenção para o seu corpo repleto de curvas.

— O quê? — indago, alarmada com o rumo que a nossa conversa está tomando.

— O motivo de você não enxergar o que está bem na sua frente. Na verdade, você *não quer* enxergar. *Me* perdoe a intrusão, Ticy, mas eu entendo. Sério! Por um tempo eu me esquivei de relacionamentos, fugi como pude, com medo de que voltasse a sofrer como sofri um dia. Até compreender que a gente não tem controle sobre o nosso coração, nem pode moldar a nossa existência em cima do que aconteceu no passado, e, quando despertei para isso, era tarde demais. Perdi o grande amor da minha vida.

Ela me olha nos olhos com uma tristeza palpável, querendo falar

muito mais do que está revelando, mas suas palavras ficam presas, assim como as minhas. Engulo em seco, desesperada para chegar à boate a fim de entornar mais algumas bebidas garganta abaixo, contudo minha mente tem outros planos e me vejo sussurrando:

— Perdeu? O que aconteceu?

Ela parece ponderar antes de responder:

— Acidente de carro — responde fracamente e, limpando uma lágrima solitária, diz, com o fantasma de um sorriso nos lábios: — Vamos mudar de assunto, não é? Odeio perder tempo com o que já aconteceu. Com tudo isso, aprendi que é muito mais proveitoso olhar para frente e viver um dia de cada vez. É por isso que sempre digo que não podemos moldar a nossa vida pelo que aconteceu no passado. Nós, mulheres, merecemos ser felizes.

Nós, mulheres, merecemos ser felizes.

Será que Melissa está enxergando o que eu passei? O motivo dos meus medos? Será que a morena passou pelo mesmo trauma? Sei que estas são perguntas que nunca saberei se não as fizer para ela, o que não tenho a menor intenção.

Sorrio de volta, absorvendo suas palavras.

— Vamos mudar de assunto sim. Obrigada por compartilhar comigo uma parte da sua história, Melissa. E pela mensagem. Agora vamos, que nós duas precisamos dançar, e muito!



Quando entramos na boate, fico surpresa com a quantidade de pessoas dançando. A fumaça nubla o ambiente, as luzes variam de cores, estou realmente impressionada. Não perde nada para as grandes baladas a que já fui com Scarlett e Liv em Nova York. Daniel e James são os donos, então, é óbvio que não seria nada menos do que *muito bom*.

Olho para os lados e não encontro os outros advogados ou meu cliente.

— Quer pegar uma bebida antes de “cairmos” na pista? — Melissa pergunta, alguns tons mais alto para que eu consiga ouvir acima da música alta.

— Sim!

— Me dê sua bolsa que vou deixar com a minha em um lugar seguro.

Entrego minha *clutch*, e ela me conduz diante do aglomerado de pessoas até chegarmos a um grande balcão. A morena acena, e um barman a reconhece. Não compreendo o que ela está dizendo em sua língua, mas entrega nossas bolsas para ele e pede algo mais.

Em poucos minutos, coloca duas doses de alguma bebida que se assemelha a tequila à nossa frente.

— É tequila?

— Não. Cachaça! — ela diz, abrindo um sorriso travesso.

— Você quer me embebedar, não é?

— Estamos trabalhando? Estamos cometendo algum crime?

Digo não para as duas perguntas.

— Então, pare de pensar tanto e aproveite!

Brindamos — é inevitável não me lembrar do ritual com minhas amigas — e em um só gole bebo a dose.

— Porra! — xingo ao sentir a queimação atingir toda minha garganta e esôfago.

— Na próxima te ensino a beber.

— Sério que tem uma maneira de beber sem arder tudo por dentro, e você não me disse?

— Eu pensei que você bebesse uísque, que tem a mesma técnica.

— Não, acho forte demais, mas depois de beber isso aqui, bebo qualquer coisa agora.

Melissa joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

— Você é hilária, Ticy.

A música que começa a tocar é muito boa. *The Monster*, do Eminem com Rihanna. Pelo olhar de Melissa, ela pensa o mesmo, pois me puxa direto para a pista.

E então me entrego.

A dose de cachaça parece elevar tudo o que já estava sentindo, deixando-me desinibida, sem me importar com os olhares, libertando-me, mesmo que temporariamente, dos meus monstros. E a morena parece sentir o mesmo.

Acompanho sua dança e, simultaneamente, um cara se posiciona às suas costas. Ela nada diz, apenas se permite dançar e aproveitar o momento.

Lembro-me de Scarlett, que “conheceu” o seu Mr. M assim, em uma dança, e não consigo impedir que um sorriso se abra em meus lábios.

As luzes diminuem, ficando apenas alguns holofotes ligados, perto do DJ. A fumaça preenche a pista, formando uma camada densa e me recordo de outro episódio, só que desta vez com Liv, no show do *Foo Fighters* promovido por Daniel e Scarlett para a *Sultans of Swing*, no NYBar. Minha amiga foi acompanhada daquele lutador ridículo, mas não perdeu a chance de se divertir com Josh dentro da camada de fumaça que os envolveu.

Tenho as amigas-irmãs mais loucas desse mundo, e Melissa tem se mostrado tão louca quanto as duas, e igualmente adorável.

Sinto um arrepio por todo meu corpo e fico em alerta.

Olho para frente, mas já não consigo enxergar muita coisa. Viro-me para trás e tomo um susto. Tenho perfeita noção de que só consigo *enxergá-lo* porque está perto demais.

Ele apenas sorri, aquele sorriso de lado que se já me desconcerta de maneiras inexplicáveis quando estou sóbria, imagine no estado em que me encontro?

A voz de Rihanna sobressai cantando o refrão e, sem conseguir ficar parada — na certa pela quantidade de álcool que circula em meu sangue —, volto a dançar. De primeira, ele apenas me observa, os olhos me queimando, acompanhando cada passo, seu corpo remexendo de maneira tímida.

Sei que esta não é sua *vibe*. Ele ama Jazz, Bossa Nova, música clássica, Rock, mas ainda assim está aqui, ensaiando alguns passos dentro do ritmo, acompanhando meus passos.

Tomo coragem e pergunto:

— Sei que não curte esse estilo de música. Por que está aqui?

É óbvio que ele sorri. Um sorriso arrasador que deixa minhas pernas

bambas.

— Eu não curto, mas você curte... É só fazer as contas.

— Não estou em condições de fazer as contas agora, James.

Ele inclina a cabeça e ri.

De repente, fica sério e chega mais perto, tirando meus cabelos molhados do pescoço e os colocando para trás. O toque de seus dedos em minha pele me faz fechar os olhos e, num estalo, não estou mais em uma pista de dança, mas em uma cama.

As imagens que agitaram meu sono durante as poucas horas da madrugada voltam com tudo. O motivo de não ter conseguido olhar em seus olhos azuis o dia todo. Os mesmos olhos que, no sonho, *me* queimavam enquanto sua boca me devorava com vontade, sugando, lambendo, *me* fazendo gritar de prazer quando alcancei minha libertação.

Ao mesmo tempo em que me senti a maior piranha do mundo por estar dormindo com um cara e sonhando com outro, um calor absurdo se estabeleceu em todo meu corpo e não consegui lidar com Andrew, muito menos com James, até agora.

Abro os olhos e posso sentir minha pele queimando, arrepiando, tremendo, com a proximidade do homem que vem me fazendo perder a cabeça por tanto tempo. Que me irrita e me acalma na mesma proporção.

Em um impulso, James apoia as mãos em minha cintura, remexendo o corpo no ritmo da música, fazendo-me acompanhar seus movimentos. Mal posso acreditar no que estamos fazendo. Eu o afastei por tanto tempo... Fugi, corri, neguei e, como se uma força nos atraísse constantemente, estamos aqui, juntos, *nos* rendendo a algo que não tenho como explicar.

Nossos rostos se aproximam cada vez mais, o meu nariz toca no dele, sua testa cola na minha... Meu Deus! Estou completamente perdida!

Então acontece.

Seus lábios encontram os meus em um beijo que começa tímido e, aos poucos, vai se aprofundando. Uma mão forte contorna meu rosto, os dedos agarrando meus cabelos perto da nuca, intensificando, deixando-me ciente do seu gosto amadeirado. Uísque e James, uma combinação perfeita. É impossível não me lembrar de quando nos beijamos pela primeira vez.

Seu braço enlaça minha cintura, colando-me a ele e aposto que o loiro consegue ouvir meu suspiro de satisfação. Sugo sua língua num vai e vem, sentindo-o estremecer. Abraço sua estrutura forte, como imaginei tantas vezes, passando minhas mãos pelas suas costas musculosas e, ousando mais, deslizo as unhas por dentro da camisa. Arranho sua pele de leve até chegar ao seu abdômen definido. Ele geme em minha boca.

Nossa! Que corpo é esse?! Esculpido por um deus, só pode.

Estou inebriada. Outra música começa e continuamos nos beijando, suas mãos agarram meus cabelos com ímpeto, e nossos corpos estabelecem um ritmo de vai e vem, procurando a melhor posição, se esfregando, sua perna entre as minhas, deixando-me tão molhada, que é impossível sequer cogitar quando foi a última vez que fiquei assim.

É completamente diferente do que sinto quando estou com Andrew.

Com James, vai além da parte física que é intensa, latente, quase sobrenatural, tem algo...

Antes que eu termine meu pensamento, o loiro se afasta.

Ele parece um tanto perdido, passando as mãos nos cabelos, olhando ao redor e não posso deixar de constatar que a fumaça continua nos envolvendo como uma bolha.

— *Me desculpe. Eu... Eu me precipitei. Me desculpe.*

E, sem mais nada dizer, James sai de perto de mim, deixando-me

completamente confusa, excitada e ciente de que, definitivamente, não sou indiferente a ele.

O que foi que eu fiz?



SEM CONTROLE

*Eu tenho esses sentimentos por você
E eu não posso mais me conter
Não posso lutar contra esses sentimentos por você
Não, eu não posso mais me conter.*

Feelings, Maroon 5.

James

O que foi que eu fiz?

Eu nunca fui um cara impulsivo, mas quando estou com Beatrice, meu autocontrole vai para o ralo.

Beber além da conta não me ajudou em nada, só me deu o impulso de procurá-la e fazer o que fiz...

A mulher está acompanhada, ainda que diga que é um amigo. Porra, eles dormiram juntos na noite passada!

Subo as escadas da boate em direção a uma área privativa onde meus advogados estão conversando e bebendo. Reservei este lugar justamente porque Ticy disse que Andrew viria, então, o mais indicado seria um espaço discreto. Além da vista panorâmica de todo o ambiente.

Estava aqui quando Ticy chegou à pista de dança com Melissa e fiquei hipnotizado. Poucas foram as vezes em que a vi tão despreocupada, dançando, deixando de lado a tensão que parece sempre fazer parte da sua vida... Antes que eu tivesse consciência do que estava fazendo, desci para encontrá-la.

Não sei se fico puto pela fumaça estar tão densa, que não consigo enxergar quem está dentro da nuvem formada acima da pista, ou se aliviado por perceber que ninguém daqui de cima consegue ver o que está acontecendo com precisão.

Passo minhas mãos pelos cabelos e ando de um lado para o outro, tentando clarear minha mente. Preciso ter meu controle de volta. Um garçom chega para colher mais pedidos e, surpreendendo tanto a mim quanto meus visitantes, peço uma água.

— Está tudo bem? — um dos advogados pergunta, e só agora percebo que não falei nada a pelo menos vinte minutos.

— Tudo bem sim. Por que?

— Você pediu água, imaginei que estivesse passando mal ou algo do tipo, afinal, sabemos da fama do nosso chefe.

— Ah — rio —, é para hidratar. Fique tranquilo.

Meu receio é continuar bebendo e fazer alguma outra besteira.

Ainda mais depois de sentir aquela boca novamente.

Mais uma vez seu beijo me deixou louco e, por pouco, não cometi uma loucura e a levei para fora da pista. Pela primeira vez, acredito que ela não negaria o que nossos corpos estavam pedindo. E o que foi suas unhas arranhando minha pele?

Put a que pariu!

Precisei de toda a minha força de vontade e sobriedade para não seguir em frente. Ela não estava em seu juízo perfeito. Quanto daquilo tudo foi real e quanto foi obra do álcool?

Finalmente a nuvem espessa de fumaça vai se esvaindo e consigo ter conhecimento do que está acontecendo lá embaixo.

Lá está ela. Dançando como se não houvesse amanhã.

Relembro seus olhos dourados, sem compreender o motivo de eu me afastar após o nosso beijo, letárgicos, prazer exalando de cada poro de sua pele...

Porra!

E onde está o filho da puta do Andrew?

Assim que me faço esta pergunta, as portas da boate se abrem e o roqueiro aparece. Olhando daqui de cima, ele aparenta ser um rockstar mesmo sem querer chamar a atenção. A roupa, a postura... Tudo nele grita: *hey, sou um roqueiro famoso!* Se continuar ali, uma multidão de mulheres vai correr atrás dele, então, peço para que um funcionário o direcione até aqui.

— Hey, James — ele cumprimenta quando chega ao ambiente privado.

— Tudo bem? — pergunto, só agora percebendo sua expressão exausta.

— Porra, pensei que não fosse conseguir me livrar daquelas fãs. Amo meu trabalho, sabe? Mas tem vezes que gostaria de poder ligar um botão para ficar anônimo.

Não deve ser nada fácil abrir mão de sua privacidade. Eu não conseguiria.

— Imagino. Quer beber alguma coisa?

— Vamos de uísque? — pergunta.

Penso bem e, com ele por perto, é menos provável que eu cometa alguma insanidade.

— Claro!

Chamo o garçom que está atendendo exclusivamente a nossa área e peço duas doses de *Macallan*, além da minha água, que ainda não chegou. O rapaz rapidamente entende que estou fazendo uma reclamação pela demora no atendimento e sai quase correndo.

— Você viu a Ticy por aí? — o roqueiro questiona, procurando pela

ruiva em meio à multidão.

— Está logo ali — aponto, sem deixar que ele perceba que estou bem ciente de sua localização.

— Caralho... — murmura.

Tenho vontade de concordar com sua observação, mas fico quieto. Ambos a observamos dançar com Melissa.

Um rapaz chega ao lado das duas e entrega dois *shots* do que imagino ser cachaça. Melissa adora a bebida, mas, desse jeito, Ticy vai desabar a qualquer momento.

— Porra, ela fica ainda mais linda quando se solta... — Andrew observa, mais para si do que para mim.

— Pois é... Isso não deveria ser obra do álcool. Se ela soubesse como a liberdade a deixa incrível, não permaneceria presa ao seu passado — divago, sem desviar meus olhos da ruiva, que sorri, gargalha, livre, leve e solta.

— Você... sabe o que ela passou? — Drew pergunta cuidadosamente, um tanto preocupado.

— Ainda não. Um dia, talvez, ela tenha coragem de se abrir, porém não agora.

Nossas bebidas chegam e batemos um copo no outro em um brinde de camaradas.

— Posso te perguntar uma coisa?

Olho para Andrew, e seus olhos me encaram, duros, sem a leveza a que estou acostumado e ajeito minha postura. Seja lá o que ele tiver para perguntar, estou preparado.

— Pode — respondo, sorvendo mais um gole de uísque.

Ele entorna a dose toda de uma vez e apoia o copo em uma mesa ao nosso lado.

— Você e a Ticy já tiveram algum lance?

Direto ao ponto. No final das contas, Andrew não é tão desligado como pensei.

Antes de responder, bebo o restante do uísque em um gole e olho para a pista de dança, recordando-me da fala de Beatrice quando nos beijamos pela primeira vez.

“— *Não deveríamos ter feito isso, James. Eu não deveria ter feito isso.*”

Ela pediu segredo, e não serei eu a explicar, muito menos o que rolou há pouco.

— Não posso te responder a esta pergunta, Andrew. Sugiro que a faça para Beatrice.

Ele me olha por alguns segundos e balança a cabeça, parecendo tirar suas próprias conclusões.

— Entendo. Vou descer, você vai ficar por aqui? — indaga, seguindo em direção às escadas.

— Vou ficar. Já dancei um pouco mais cedo.

O roqueiro assente e desce sem olhar para trás.

A pista está completamente visível agora e consigo ver o momento em que Andrew chega ao lado de Ticy, surpreendendo-a, ao mesmo tempo em que Melissa se aproxima e dança junto com os dois.

A diretora pouco se importa se não foi convidada ou se está atrapalhando, e sorrio comigo mesmo com sua falta de noção. É claro que isso tem a ver com a bebida e com o fato de que o rapaz é boa pinta, contudo

não deixa de ser engraçado.

— James, nós vamos descer — um dos advogados avisa e me sinto um tanto culpado por não dar atenção a eles.

— Já que vão todos, então vou também.

Contrariando o que respondi há pouco para Andrew, resolvo que não vou ficar apenas olhando. A noite é de diversão, e meu mundo nunca girou em torno de mulher alguma, não será agora que isto irá mudar. Se Beatrice quer insistir que é indiferente a mim, continuarei vivendo e aproveitando o que a vida tem a me oferecer. Só preciso pegar meu controle de volta e sei que, como tudo o que consegui na vida, terei êxito.



CAINDO NA REAL

*Inúmeras vezes eu almejei aventura
Algo para fazer meu coração bater mais rápido
O que almejei eu? Eu nunca realmente soube
Procurando o seu amor eu achei minha aventura
Tocando sua mão, meu coração bate mais rápido
Tudo aquilo que eu quero deste mundo é você.*

All The Things You Are, Ella Fitzgerald.



Não sei dizer há quanto tempo não me sinto assim. Como uma pluma, dançando sem me preocupar com o dia de amanhã, compromissos ou meus temores do passado. Muito menos consigo lembrar se algum dia fiquei desse jeito sem minhas amigas por perto.

Estou em outro país, é minha última noite no Rio de Janeiro, com pessoas que não verei tão cedo... Como meu cliente disse: a noite é para celebrar!

Flashes de um beijo entre mim e James vez ou outra piscam em minha mente, mas tenho quase certeza de que são fragmentos do sonho que tive na noite passada. Contudo é impossível negar que são reais demais.

O gosto de sua boca, aquelas mãos fortes segurando meus cabelos com precisão, minhas unhas deslizando aquele corpo divino... Não, não pode ter sido real. E prefiro continuar pensando assim.

Sou pega de surpresa quando Andrew finalmente chega ao meu lado.

— Drew, você demorou! — exclamo, sem deixar de dançar, esforçando-me para não tropeçar nas palavras, culpa de Melissa, que não para de pedir para os garçons entregarem doses de cachaça para nós duas.

— Depois daquele grupo de mulheres, mais pessoas se juntaram. Fiquei preso até agora.

Ele faz um gesto com o ombro, como se dissesse: ossos do ofício, e só

então percebe que não estou 100% sóbria.

— Uau! — ri e começa a dançar junto comigo. — Acho que a *gatinha* está um tanto alegrinha.

— Estou ótima! E homem nenhum vai me refrear!

Andrew se surpreende com minha fala e fica sério, levantando meu queixo com o polegar.

— Eu nunca te refrearia, Ticy. Você é livre para fazer o que quiser, lembre-se sempre disso.

Engulo em seco e afasto a emoção idiota e bêbada que tenta me alcançar. Eu não vou chorar quando estou me sentindo tão bem. Não! Hoje não sou a mulher fraca e insegura que vem me dominando ano após ano. Pelo menos *hoje* quero fingir que sou completamente livre!

Andrew continua dançando à minha frente e logo Melissa se junta a nós. Ela tem se mostrado uma companhia animada e não me olha como se tivesse pena ou cautela, pelo contrário, como minhas amigas, *me* impulsiona.

Quando começa a tocar uma música com um ritmo latino, é aí que me solto um pouco mais. Eu a ouvi algumas vezes, só que nunca parei para compreender o que a letra queria dizer. Tenho até uma certa noção da língua, mas não dei importância às aulas na época da escola. Melissa canta o refrão e tenta me fazer repetir, o que nos garante boas risadas, porém resolvo me arriscar:

*Vamos pa' la playa, pa' curarte el alma
Cierra la pantalla, abre la Medalla
Todo el mar Caribe viendo tu cintura
Tú le coqueteas, tú eres buscabullas y me gusta*

— O que significa? — pergunto para Melissa, quase gritando em meio ao barulho.

Ela solta uma gargalhada, tão afetada quanto eu pelo álcool, mas traduz para mim, não sem antes dizer que o nome da canção se chama *Calma*:

— Vamos para a praia, para curar sua alma. Desliga o celular, abra a cerveja. Todo o mar do Caribe vendo sua cintura. Você o provoca, você é encrenqueira e eu gosto.

— Adorei! — exclamo e recomeço a cantar o refrão, uma tentativa muito ruim de cantar em espanhol.

Andrew ri ao meu lado, tentando cantar também, e, de repente, vejo um grupo se aglomerar ao nosso lado. Só então tenho consciência de que são os advogados do hotel e, quando vou cumprimentá-los, uma cena, a poucos metros de distância, *me* deixa paralisada.

Um balde de água fria e sobriedade me encharca, fazendo-me recordar com clareza que, na verdade, os flashes que flutuam em minha mente sem parar não são fruto da minha imaginação nem do sonho da noite passada.

Foi real. James e eu nos beijamos. Ou melhor, *nos atacamos*. Foi intenso, forte, como tudo que envolve esse homem, e, olhar para ele agora, dançando com outra mulher, o mesmo toque que antes pertenceu a mim na cintura esbelta da ruiva...

Ruiva! Só pode ser brincadeira.

Hipnotizada, não consigo parar de acompanhar os dois. Os sorrisos deliberados, o toque da mulher em seu braço forte enquanto conversa próximo ao ouvido do loiro... Algo dentro de mim se agita, e minhas pernas quase fraquejam, mas alguém me segura.

— Calma, gatinha. Está tudo bem?

Andrew.

Eu me esqueci de Andrew. Não, eu não estou nada bem. Preciso sair daqui urgentemente, ou vou acabar passando mais vergonha.

— Está sim. Só preciso ir ao banheiro.

— Eu te levo — o roqueiro se disponibiliza.

— Não precisa, porque vou no da minha suíte.

— Eu posso te levar, Ticy.

— De verdade, não precisa, Drew. — E, antes de sair, tomo coragem e anuncio: — Hoje não vou conseguir passar a noite com você. *Me desculpe!*

Ele me olha por alguns instantes antes de responder:

— O fato de te levar até o seu quarto não quer dizer que precisamos passar a noite juntos, mas vou respeitar seu pedido. Espero que fique bem e, qualquer coisa, estarei por aqui.

Sei que posso estar sendo injusta, afinal, Andrew só veio ao Brasil para curtir comigo, contudo venho aprendendo a me valorizar em primeiro lugar e não posso ficar com uma pessoa se não estou a fim, muito menos se não consigo parar de pensar em outro homem.

— Obrigada por entender.

Aviso Melissa para onde estou indo, e ela me abraça sem que eu espere, falando próximo ao meu ouvido:

— Você precisa se decidir, Beatrice. Mesmo com aquela fumaça toda nos rodeando mais cedo, posso ter visto mais do que deveria...

Fico sem reação diante de seu comentário.

Ela viu.

Desvencilho-me do abraço e a encaro sem saber o que dizer.

— Eu não estou te julgando, apenas dizendo que *aquilo* não foi um beijo qualquer. Conheço James há alguns anos e sei quando ele realmente quer algo, mas também como tira o time de campo se não é correspondido, afinal, ele é um homem, não um garoto. Lembre-se do que conversamos antes de chegarmos aqui. Só espero que não seja tarde demais quando você se der conta do que quer.

Como ela pode parecer tão sóbria de repente?

— E-eu... Eu vou ao banheiro. Já volto — é o que me digno a falar.

— Tudo bem. Só não se esqueça de pegar a sua bolsinha.

— Pode deixar. Obrigada!

Apesar de estar um pouco tonta, consigo me dirigir até o balcão e peço ao *barman* que me entregue minha *clutch*. Em seguida, rumo até a saída da boate sem dificuldades. No meio do caminho, entretanto, paro para dar uma última olhada no loiro. O ar é sugado dos meus pulmões quando o vejo com os olhos fixos nos meus.

Pega no flagra.

A mulher parece falar com ele, porém sua atenção não se desvia de mim. Por fim, ele abre um sorriso *ridículo* — para não dizer o contrário — e acena com a cabeça, cumprimentando-me em silêncio, como se soubesse exatamente o que está passando em minha mente, e isso é o combustível que preciso para sair o mais rápido possível desse lugar.

Raiva, álcool, instabilidade, frustração, desejo... uma mistura de sentimentos e sensações que me faz caminhar até o elevador de maneira decidida e, ao mesmo, tempo confusa.

O que está acontecendo comigo? O que foi que eu fiz? Por que James se afastou, sumiu e depois retornou dançando com outra mulher? Por que deixei que ele me beijasse sabendo que era um campo minado? Um caminho

sem volta!

Sim, porque não há como ignorar *aquele* beijo, como fiz da primeira vez.

Incrível como fiquei desperta repentinamente. A consciência de como meu corpo se sentiu ao ter o dele tão perto novamente, cobrindo minha boca com a sua, o tremor, a pele queimando... Minha vontade é sair correndo para bem longe. Correr tanto até que eu fique anestesiada, sem conseguir formar um pensamento sequer, porém entro no elevador, chego ao meu quarto e resolvo ligar para minhas amigas.

Pego uma água no frigobar e entorno quase de uma vez o líquido refrescante que elimina a sede momentânea.

Sei que é muito tarde, mas eu preciso delas.

Preciso que elas me digam que isso vai passar. Que esse desejo, essa força que me atrai para James, é algo leviano, sem fundamento. É apenas tesão, pele. Preciso que me digam que ele é mais um idiota, que estou certa em fugir... Preciso que elas me apoiem!

Envio uma mensagem antes, perguntando se estão acordadas e, enquanto aguardo o retorno, tiro meus saltos, lavo meu rosto e prendo meu cabelo.

O celular vibra e corro para ver quem é.

Scarlett diz que está acordada, pois acabou de amamentar meu afilhado. Preocupada, pergunta se está tudo bem. Segundos depois, Liv responde que também está acordada, graças a Josh.

Reviro meus olhos porque imagino o motivo desse “graças a Josh”.

Sem esperar, faço uma videochamada e as duas atendem prontamente.

— *Ginger, você está bem?* — Scar é a primeira a perguntar.

— Sim, estou. Eu só precisava conversar com vocês.

— *Você está bêbada?* — Liv questiona, estreitando os olhos, talvez percebendo os meus olhos vermelhos e as bochechas coradas.

Ela me conhece bem demais.

— Um pouco, mas já estou ficando bem. Essa tal cachaça é perigosa demais.

— *Cachaça?* — Scarlett indaga, erguendo as sobrancelhas. — *Porra, com certeza está bêbada! Mas nos conte o que está havendo.*

Cara a cara com elas é diferente. Uso da coragem que a bebida exerce em mim, e confesso:

— James e eu nos beijamos.

Por alguns segundos a linha fica muda, as expressões das duas estão ilegíveis. Scarlett se movimenta com o aparelho na mão e vai para algum canto, só então pergunta, num sussurro exaltado:

— *O quê?! Como isso aconteceu? Você não ficava afastando o homem a torto e direita? E Andrew? Não está aí?*

— *Putá merda! A nossa Ginger está de parabéns. Por que sair com apenas um se pode sair com dois, não é?* — Essa tinha que vir de Liv.

— Calma! — exclamo. — Preciso que vocês me ajudem, que sejam minhas amigas, e não que me julguem! Já está sendo difícil demais vir aqui e me abrir com vocês. Se não fosse a bendita cachaça, não sei se um dia falaria o que tenho para dizer.

— *Isso está me cheirando a segredo sujo.*

— *Cala a boca e deixa a Ticy falar, Liv* — Scarlett esbraveja, deixando a morena boquiaberta, mas em silêncio. — *Pode falar, Ginger.*

— Obrigada, Scar. E não é segredo sujo, Liv, mas algo que eu não

considerava grande coisa e não queria que criassem expectativas.

Então, conto sobre o primeiro beijo que eu e James trocamos. Falo tudo, sem guardar nada, despejo o que a bebida está me permitindo soltar. O que senti quando nos beijamos, meus medos e receios, o motivo de ter me afastado do loiro, da minha irritação, os pesadelos que voltaram, até o momento que tivemos horas atrás.

Tanto Scar quanto Liv nada falam, apenas absorvem o que eu tenho para dizer, o quanto eu preciso me abrir e expor o que vem acontecendo dentro de mim.

— Desculpem não contar antes — *me apresso em dizer, e as lágrimas rolam livremente pelo meu rosto* —, mas não estava preparada. Tenho tentado aprender a viver sem a presença constante de vocês, pois sei que têm suas vidas e maridos, mas não é fácil. Estou sozinha pela primeira vez e é como se só agora eu estivesse me conhecendo de verdade, como se tivesse regredido todos esses anos em que pensei que havia me curado...

— *Minha querida e amada Ticy, como você pôde achar que estaria nos atrapalhando ao contar o que vem acontecendo na sua vida? Você é minha irmã de alma, assim como a Liv, e o que vocês duas tiverem para desabafar, estarei sempre aqui, pronta para ouvir. Não importa a hora, o lugar... Não importa se tenho um marido ou um filho, vocês são minha família também! Fazem parte de mim!*

As palavras de Scarlett me afetam sobremaneira, e quando me dou conta estou soluçando. Eu já tenho andado sensível e no meu estado atual parece ter triplicado.

— *Ah, minha amiga...* — Liv me consola, aflita, como se quisesse me pegar no colo e a impotência da distância a frustrasse. — *Como gostaria de estar aí! O que a Scar disse só reforça o que penso. Nunca deixe de nos*

ligar, por favor! Não posso acreditar que você tem passado por tudo isso sozinha, carregando um peso que poderia muito bem ser dividido entre nós três...

— Mas são problemas meus, vocês já têm...

— *Pare com isso!* — Liv me repreende. — *Os seus problemas são nossos. Você ainda não entendeu? Você é nossa irmã! Pare de achar que só porque casamos nos esquecemos de você, ou que não devemos carregar suas dores. Essa nossa ligação vai até a morte. Ouso dizer que vai além da morte. Eu te amo pra caralho, Ginger, e nunca vou admitir que você se rebaixe ou pense que não é capaz, ou que é fraca... nada disso! Você é uma sobrevivente, uma guerreira, um mulherão da porra!*

— Obrigada, meninas! Eu amo tanto vocês duas... — digo com todo meu coração. — Sinto tanta, mas tanta falta dos nossos momentos, da força que me davam, de como me impulsionavam... Só por alguns instantes fingi que Melissa era uma de vocês, sabia? Quão idiota isso é?

— *Não há nada de idiota, querida* — Scar retruca. — *É completamente normal! Estamos juntas desde a adolescência, são anos de amizade e milhares de momentos compartilhados. Agora quero que você escute o que vou dizer com muita atenção, tudo bem?*

Aceno a cabeça em concordância.

— *Quando eu e Liv falamos que você pode, que é capaz, ou que é linda, incrível, inteligente... nada disso é da boca para fora. Não são palavras para te ludibriar e sim o que enxergamos em você. A força está aí dentro, minha amiga* — ela diz, apontando na direção do meu coração, fazendo-me soluçar com mais força. — *Sempre esteve! Nunca se baseie no que os outros dizem ao seu respeito, porque é você quem precisa saber quem é e do que é capaz.*

As duas também estão emocionadas e, antes que eu diga qualquer coisa, a voz de Liv chama a minha atenção:

— *Sobre James...*

Seguro a respiração, porque apenas a menção desse nome mexe com todo meu corpo. Mais do que isso, faz meu coração bater descompassadamente.

— *Mesmo sem saber que havia rolado algo entre vocês lá atrás, algo me dizia que tinham alguma pendência. A faísca é incrível, Ticy. Não estou falando aqui como sua amiga, mas como uma mulher que reconhece a intensidade de um olhar, além do desejo, ainda que eu tenha ficado um tanto cega quando isso aconteceu comigo.*

Nós três rimos.

— *Falando sério* — a morena volta a falar —, *sinto dizer, porque sei que não é isso que quer ouvir, mas James não é um babaca, muito menos deve ser comparado ao filho da puta do seu passado. Pelo contrário, desde que o conheço, só o admiro, como homem, amigo, empresário... Se eu fosse você, não deixaria a oportunidade passar. Eu amo Andrew como se fosse um irmão, ele é o melhor amigo de Josh, só que todas sabemos que o rapaz é apenas um passatempo. Ele foi importante para te trazer leveza, mas agora... com o que você vem sentindo por James aumentando cada vez mais, vai chegar uma hora em que você não conseguirá mais esconder, e digo isso por experiência própria.*

Mais uma vez, Scarlett e eu soltamos uma risada baixa, lembrando como as coisas aconteceram entre Liv e o roqueiro tatuado que se tornou seu marido. Quem vê a *Branca de Neve* hoje, não imagina como ela era avessa ao amor. Seu lema era: curtir a vida sem pensar no dia de amanhã. Para ela, não tinha tempo ruim, nem dificuldade. Se queria um homem, ela conseguia.

Uma mulher que não seguia padrões e no fim, não conseguiu fugir do seu Caçador.

Ela continua:

— *Até que ponto é válido continuar saindo com um cara, mesmo que descompromissadamente, pensando em outro? Você não é assim, amiga. Diferente de mim antes de conhecer Morris. Só peço que mantenha a mente aberta, livre dos seus medos, faça o que precisar fazer para preparar o seu coração para essa possibilidade, mas não feche suas portas. O dilema que você precisa resolver é: quer continuar vivendo por viver, sem profundidade, sem se arriscar, ou quer passar por cima do seu medo e encontrar seu verdadeiro propósito?*

— *Preciso concordar com cada palavra de Liv* — Scarlett intervém — *e acrescentar que, se James não fosse um homem digno e de respeito, nunca o nomearia para ser o padrinho do meu filho.*

Depois dessa não tenho nem mais o que pensar, e Scarlett sorri com ternura, sabendo que me atingiu. Ela não confiaria a James tamanha responsabilidade se ele não fosse um homem exemplar.

A quem eu quero enganar? É claro que sei o quão incrível ele é. Educado, dedicado, respeitador... Meu Deus! Estou completamente perdida! Seria tão mais fácil continuar fugindo se ele fosse um filho da puta, um idiota... mas não é o caso.

— *Também preciso deixar claro que estou lisonjeada pelo primeiro beijo ter acontecido na minha festa de casamento. Não sei como você aguentou guardar esse segredo por tanto tempo, Ginger.*

Meu rosto fica vermelho, e esboço um sorriso.

— Na verdade, o segredo era mais para me fazer pensar que o beijo nunca havia acontecido. Sei que fui imatura e imagino que James tenha

pensado o mesmo, mas não sabia o que fazer. O medo do que senti com apenas um beijo me dominou... Não estava preparada para a intensidade dele, nem para o que vocês poderiam cogitar...

— *Mas o beijo aconteceu, e não acho justo continuar fingindo que é indiferente a James. Você precisa ser honesta consigo mesma, ainda que no seu tempo.*

— *Agora as coisas começam a se encaixar* — Liv devaneia. — *Scar, você se lembra de como James ficou quando viu a Ticy e Andrew se beijando na minha festa de aniversário?*

— *Claro que lembro! Ele ficou olhando por alguns segundos, parecendo não acreditar... Nossa, Liv! Tudo realmente faz sentido agora.*

— *E quando ele apareceu no show da Sultans of Swing? Será que foi por causa da Ginger?* — Liv pergunta, boquiaberta, parecendo desvendar um enigma.

Scarlett reflete a mesma feição.

— *Se isso for verdade, James é louco pela Ticy!* — Scar sugere em um sussurro. — *Assim como ele voltou da Espanha só para ir ao aniversário da Ginger... Gente! E eu pensando, inocente demais, que o cara estava fazendo isso tudo por amizade, mas rolou beijo lá atrás, e isso porque nossa amiga não quis seguir em frente, senão aposto que passariam para outra fase.*

As duas começam a trazer memórias de gestos e olhares que eu nunca havia percebido antes, e não sei se fico espantada ou envergonhada por ter ignorado tantos sinais.

Sinto-me como uma espectadora, olhando de uma para a outra, bebendo de cada informação, lembrança... Será possível que a teoria das meninas esteja correta?

Minha cabeça gira, deixando-me um pouco tonta, e decido que o melhor a fazer agora é finalizar a chamada de vídeo. Não sei há quanto tempo estou aqui e ainda tenho que descer para me despedir do pessoal.

— Meninas, obrigada por me atenderem — corto o assunto. — Não tenho nem palavras para expressar como vocês me ajudaram. E-eu... preciso assimilar tudo isso quando chegar a Nova York. Amanhã já retorno e, então, poderei refletir e organizar meus pensamentos, ponderar...

— *Lá vai ela. Fugir é sua especialidade, querida* — Liv brinca, porém pesco a alfinetada.

Ela é adepta de não me tratar como se eu fosse de vidro e, mesmo que suas palavras, às vezes, sejam cortantes, eu a agradeço internamente por isso. Com Liv, não me sinto tão fraca, pelo contrário, ela me trata como uma igual, como uma mulher que passou por problemas, sim, mas que superou todos eles. Sua vivacidade e determinação são inspiradoras. Tanto ela quanto Scarlett me inspiram de maneiras diferentes.

— *Aproveite o resto da noite* — ela completa. — *Pare de se culpar, dance, extravase, e, quando voltar para casa você coloca tudo em ordem, sem pressa. Estarei à disposição para o que precisar. Pode me ligar a hora que for.*

— Obrigada, Liv!

— *Eu nem preciso repetir o que disse antes, não é? Se você continuar com o pensamento de não me ligar ou evitar vir à minha casa por causa de achismos, vou ficar chateada* — Scarlett ameaça.

— Pode deixar, Scar! Obrigada, meninas. Do fundo do meu coração.

Após me fazerem prometer que não deixaria de ligar caso precisasse delas, nós nos despedimos e desligo a chamada.

Esparramada na cama, analiso tudo o que falamos, o que expus, o que

deixei para contar pessoalmente — sobre o grupo de apoio e minhas ideias acerca do tema —, caindo finalmente na real de que agora, além de mim, elas sabem como me sinto em relação a James, o que ele me causa e me faz sentir, e, diferente do que esperei, compreenderam bem a minha hesitação e cautela. Além disso, *me* fizeram compreender que não posso continuar ignorando esse sentimento.

Será que ele ainda está dançando com a ruiva?

Não vou me preocupar com isso. Como falei com as meninas, quando chegar a NYC, vou resolver minhas pendências, assim como agilizar o projeto que idealizei antes de viajar. Além do mais, Andrew está aqui e não farei nada de cabeça quente. Um passo de cada vez e, aos poucos, reerguerei meu castelo.

Para abrir as portas do meu coração novamente é necessário que eu faça uma limpeza profunda, esvaziando-me por completo, sem deixar quaisquer resquícios de sujeiras que me lembrem do passado ou da menina ingênua que fui um dia.

Cada decisão, daqui para frente, precisará ser tomada com cuidado e paciência. Não quero me precipitar ou ser desonesta comigo, para isso preciso respeitar as etapas da minha recuperação, sem pular degraus.

Levanto-me devagar e percebo que a adrenalina de mais cedo passou, pois tenho noção de que não estou completamente sóbria.

Ajeito minha maquiagem, coloco meus saltos novamente e solto os cabelos do rabo de cavalo que fiz logo que cheguei. Olhando-me no espelho, pareço normal, ocultando o furacão que se agita dentro de mim, em meu peito.

Respiro fundo e, com uma confiança renovada, saio do quarto, sem criar expectativas. As palavras de Liv ecoando: dance, extravase... E é isso

que irei fazer.



UMA NOVA JORNADA

*E eu me erguerei
Eu me erguerei como o dia
Eu me erguerei
Eu me erguerei sem medo
Eu me erguerei
E eu vou fazer isso mil vezes novamente
E eu me erguerei
Alta como as ondas
Eu me erguerei
Apesar da dor
Eu me erguerei
E eu irei fazer isso milhares de vezes novamente.*

Rise Up, Andra Day



Ao chegar à pista, o espaço continua amontoadado de pessoas dançando. Pensei que, por ser quase 3h da manhã, estaria mais vazio, porém me enganei. O povo está animado.

Esforço-me para passar entre uma pessoa e outra, procurando por rostos conhecidos, quando encontro um dos advogados.

— Hey, Erick. Sabe se Melissa ainda está por aqui?

— Hey, Beatrice. Serve aquela ali? — O rapaz aponta com o queixo para uma mulher remexendo os quadris sem parar, em um ritmo que não me recordo de já ter ouvido.

— Ah, obrigada!

Logo atrás dela há um homem que não reconheço, e me aproximo para falar com a morena.

Minha boca se abre levemente quando tomo conhecimento de quem está dançando junto com ela.

Assim que me vê, Melissa sorri debilmente e me abraça de maneira desajeitada.

— Como você demorou... Vem que eu quero que você dance Funk comigo.

— Isso não é funk!

A morena ri e responde:

— *Te garanto que é! Vir ao Rio de Janeiro e não dançar o Funk carioca é como ir a Nova York e não assistir a um espetáculo da Broadway.*

Mais uma vez ergo minhas sobrancelhas.

— Sêrio?

— Seríssimo!

Não sei por que, mas acho sua afirmação exagerada. Diferente da Bossa Nova, da qual gostei instantaneamente, a música não me atrai tanto.

— Ruivinha, você voltou!

Andrew exclama, sem parar de mexer o corpo junto às batidas constantes.

Eu não o reconheci, pois além de estar sem sua jaqueta de couro, o roqueiro tirou os óculos escuros. Suor ilumina sua testa, os olhos claros levemente vidrados, os cabelos úmidos... *Há quanto tempo ele está dançando?*

— Hey, Drew. Está curtindo? — pergunto, acima das batidas altas do som.

— Com certeza! Melissa está me ensinando a dançar Funk, nunca vi uma dança tão louca e quente em toda minha vida. Os caras iriam se acabar aqui — diz, referindo aos outros integrantes da banda.

Sorrio diante de sua sinceridade e olho para a morena.

— Como é essa dança, afinal? — questiono. — Estou vendo que estão se dando bem — insinuo sobre ela e Drew.

Não estou chateada, nem nada do tipo. Realmente parece que os dois estão se divertindo bastante, e me sinto feliz por isso. Fiquei preocupada por ter dado um “chega pra lá” em Andrew mais cedo, contudo é óbvio que ele

não se abateria. O cara tira qualquer situação de letra.

Melissa sorri e sussurra em meu ouvido:

— Ticy, esse homem é gostoso demais... Desculpa se roubei sua companhia, mas estamos apenas nos divertindo.

Abro um sorriso e balanço a cabeça.

— Que nada! Eu até fico aliviada. Você está sendo uma companhia muito melhor do que eu nesta noite — declaro, examinando Andrew dançar, enquanto algumas meninas rebolam à sua frente.

— Você precisa relaxar, Beatrice! Por falar nisso, James saiu há pouco daqui...

Meu coração acelera e uma série de perguntas irrompem em minha mente, dentre elas, a mais urgente: *será que foi embora sozinho?*

Percebendo minha expressão, seu sorriso aumenta ainda mais.

— Ele foi para o quarto — e, aproximando-se mais de mim, completa: — sozinho.

Um alívio indescritível me toma, e dou meu máximo para não deixar transparecer.

— Entendi — digo.

— Todo final de noite é de lei os DJs tocarem esse estilo musical, pois tem um público que gosta, aí o chefe prefere se retirar porque não é “chegado”.

— Compreensível — murmuro, observando um grupo de mulheres rebolando até o chão, subindo e descendo com facilidade. — Melissa, para onde vai o joelho dessas meninas?

Ela gargalha, acompanhando meu olhar.

— Você não viu nada.

Uma outra música, com a mesma batida forte, começa a tocar, e a morena grita:

— Vem comigo! *Bola Rebola* é top! A *Anitta* canta também.

— *Anitta*? — franzo o cenho, sem saber de quem ela está falando.

— Ah, não acredito que você não a conhece. Depois eu te mando mais músicas dela.

Ela me puxa para o centro e começa a rebolar, assim como boa parte do público faz. Em seguida, Andrew chega às suas costas e a acompanha. Quem diria, um roqueiro cheio de molejo! O pensamento me faz sorrir.

Não consigo entender a letra, a não ser algumas partes esporádicas que são cantadas em inglês, porém compreendo o motivo de James ter ido embora. Não é um ritmo que eu me atreveria a dançar, muito menos passaria meu tempo escutando.

Sem querer atrapalhar, saio de mansinho e sigo em direção ao bar. Acomodo-me em um dos bancos altos e respiro fundo, fazendo uma retrospectiva dos últimos dias. Nunca poderia imaginar que uma viagem seria tão reveladora como esta se mostrou.

Saí de Nova York com a cabeça a mil, entre pesadelos e a opressão do passado tentando me dominar, amedrontada por estar longe das minhas amigas, com uma amizade colorida, falando o essencial com James, e estou voltando com novas decisões e perspectivas. *Como tudo pode mudar de uma hora para outra?*

Estava satisfeita por ter voltado a conversar com meu cliente, como os bons amigos que nos tornamos um dia, e, então, as coisas foram além. O que eu achava que era uma simples atração foi se expandindo a cada conversa, tornando-se algo muito maior.

Aos poucos, o cansaço toma meu corpo. Meus olhos ficam pesados e

sei que está na hora de me retirar. Amanhã — quer dizer, em algumas horas, pois já é um novo dia — quero aproveitar ao máximo antes de ir embora, mesmo que a ressaca seja certa.

James disse que o voo será às 7h da noite, então, preciso me organizar para realizar a primeira etapa da minha nova jornada. Resoluções necessárias, cuja importância minhas amigas me ajudaram a enxergar. Depois daquele beijo... Eu não posso mais fugir. O que ele me fez sentir... Muito além do desejo, senti como se nele eu tivesse encontrado o meu lugar, a minha paz. *Quão sério isso parece?!*

Minha natureza quer continuar erguendo minhas defesas, deixando-me em um casulo de superproteção, e nesse processo acabo sempre me sabotando, querendo fugir e ignorar o que venho sentindo nos últimos dois anos, desde o nosso primeiro beijo. Os arrepios, o coração acelerado só de vê-lo, o nervosismo... Chega de medo! Chega de nadar contra a correnteza!

Não sei como as coisas vão se ajeitar, mas depois de tantos sinais perdidos por culpa minha, pois não quis dar o braço a torcer, pela primeira vez, em muito tempo, estou contando que o Universo me ajude. E que Deus me dê forças para não desistir no meio do caminho!



Meu Deus!

Eu sabia que iria acordar desse jeito, contudo a realidade é mil vezes pior do que eu esperava. Sinto a boca seca, a língua parecendo pesar dois quilos em minha boca, a cabeça latejando, meus membros anestesiados... Só não digo que é a pior ressaca da minha vida, pois no dia seguinte ao casamento de Scarlett eu pensei que iria morrer agarrada à privada.

Não tenho ideia de que horas são, porém aposto que meu alarme tocou e eu não acordei. Fazendo um esforço sobrenatural, viro-me para o lado e alcanço o celular, que está na cama.

Abro um dos olhos, apenas uma frestinha, e me assusto:

Nossa! Uma hora da tarde!

Aproveito para verificar se alguém entrou em contato comigo e encontro uma mensagem de Andrew.

Drew: Hey, ruivinha. Bom dia! Vamos para a praia?

Analiso o horário em que ele enviou o texto e respiro aliviada quando vejo que não faz nem vinte minutos. Pode ser uma ótima oportunidade para conversar o que preciso e, de quebra, sair do Brasil conhecendo alguma praia de fato.

Pensei que não me lembraria de nada, mas fico grata por me recordar de cada momento. Desde o beijo de James até a conversa com minhas amigas e, por fim, de Melissa e Andrew dançando Funk. Rio com a memória, e o gesto envia uma pontada diretamente para a lateral da minha cabeça.

Preciso me levantar, beber água, comer e tomar um *Advil*. Graças a Deus não estou me sentindo mal a ponto de ficar enjoada, e isso já é uma grande coisa.

Não nego que estou nervosa com o retorno a Nova York. Não sei se o que planejo vai dar certo, *se estou no caminho certo*, mas, se não tentar, nunca saberei. Mudar uma rotina não é fácil, imagine ir contra o que o corpo e a mente querem, sair da zona de conforto! Não, não será nada fácil, porém uma paz bem-vinda me invade e me enche de um sentimento que há muito não vislumbro: esperança.



Não preciso caminhar mais do que dez metros, pois logo encontro Andrew no lugar em que combinamos. Ele está vestindo uma bermuda que se assemelha a um moletom e uma camiseta que deixa seus braços torneados e tatuados à mostra.

Depois de almoçar e reforçar meu estômago no restaurante do hotel, estou quase 100% recuperada da ressaca. Por um bom tempo não quero pensar na tal cachaça.

— Boa tarde, *ruivinha*! — o roqueiro cumprimenta quando me aproximo, depositando um beijo em meu rosto. — Você está muito bonita!

Estou usando uma saída de praia de seda estampada nas cores verde e azul, que chega até a metade das minhas coxas, um mimo que me dei quando estive em uma das lojinhas do Pão de Açúcar.

Inevitável me lembrar do que vivi naquele lugar com James. Pensando bem, ele sempre esteve ao meu lado.

Solto um longo suspiro e afasto meu pensamento do loiro, pelo menos por enquanto. Preciso focar!

— Obrigada, Drew. Você parece animado.

— Ah, *gatinha*, o dia está lindo. Olha essa praia! — exclama. Tenho que concordar com ele. O dia está lindo. — Apesar de ter acordado com uma leve ressaca, logo a mandei embora com um coquetel “tiro e queda” que

sempre tomo no dia seguinte em que bebo muito.

— É claro! Um rockstar sabe lidar com esse tipo de situação.

Ele gargalha.

— Vocês têm uma ideia muito equivocada de um rockstar — diz, fazendo-se de desentendido.

— Sei! — brinco. — Eu tive que recorrer ao único método que conheço: suco de laranja, *Advil* e muita água.

— Boa! O que importa é funcionar e aliviar o mal-estar.

— Com toda certeza — respondo com um sorriso.

— Vamos?

— Claro!

Caminhamos pela orla de Ipanema em direção à praia. Assim que acordei de verdade — pois precisei cuidar da ressaca —, liguei para ele a fim de combinarmos o ponto de encontro e a qual praia iríamos. Drew disse que a de Copacabana estava lotada, então, sugeriu de virmos à de Ipanema, que fica em frente ao Magnific.

— Você sumiu da boate... — Andrew puxa.

— Eu fui dormir. Não estava aguentando ficar em pé. Melissa me encheu de bebida e nem sei como consegui ter sobriedade em alguns momentos.

Ele ri, os ombros chacoalhando. Às vezes, tenho a impressão de que Andrew é mais novo do que aparenta. Acredito que sua leveza seja a responsável por isso.

— Melissa é uma figura! — exclama.

— Nem me fale. Gostei muito dela. E vocês se deram bem também, não é?

— Sim, dançamos bastante. Cara, aquele Funk é muito louco.

— Confesso que não curti — digo e caio na risada, acompanhada por Drew.

— É um tanto peculiar, não é? Porém não deixa de ser divertido.

— Ah, sim. Tudo depende do ponto de vista.

Decidimos seguir pela areia e encontramos um lugar para ficar. Estendo minha canga na areia e, antes de me sentar de frente para o mar, tiro minha saída de praia, revelando o biquíni no mesmo tom de azul do vestido, quase um royal. Comprei junto com a saída só porque não era tão ousado como os outros que encontrei. Apesar de Scarlett ter dado a dica, não consegui me enxergar usando um fio dental, por isso escolhi um meio termo, que, segundo a vendedora, valoriza o bumbum. Se ela disse...

— Essa cor combina com você — Drew comenta, tirando a camiseta e a bermuda para ficar apenas de sunga boxer.

— Obrigada! Eu só não posso ficar muito tempo sem uma sombra, porque senão terei sérios problemas.

— Já passou protetor? Posso...

— Fique tranquilo. É a primeira coisa que faço antes de sair, seja para a praia ou qualquer outro lugar. Sofro por ser tão branca. Tenho uma *invejinha* desses corpos morenos, bronzeados naturalmente...

— Eu passei a minha vida toda nas praias da Califórnia, então, acho que adquiri um tom a mais por isso.

— Verdade! Mas o sol daqui parece ser mais intenso, não sei...

— Acredito que seja impressão — Andrew responde com humor na voz. — Que horas você precisa voltar?

À nossa direita, dois morros se destacam, equiparando-se ao Pão de

Açúcar, porém com suas próprias particularidades. Eles se agigantam, cercado por rochas e verde, pássaros dão voos rasantes na água, as ondas não param de quebrar, e vou agradecendo internamente pela oportunidade de conhecer este lugar. Agradeço por tudo o que aprendi e venci nos últimos dias. Muito mais que uma viagem de trabalho, tornou-se uma jornada de autoconhecimento, do resgate de uma Beatrice que estava se perdendo dia após dia, da revelação de que preciso abraçar uma nova perspectiva e me permitir ter a chance de ser feliz.

Após as experiências que vivi aqui, pude descortinar a nuvem que embaçava minha visão e que me impedia de ver quão contraditória eu andava, como estava me sabotando sem pena ou piedade, *me* torturava, deixava que as vozes do passado me paralisassem... Não sei por quanto tempo estou presa em meus devaneios até sentir um toque em meu ombro.

—Ticy! Você está me ouvindo? — Andrew ri ao meu lado.

— Desculpe, Drew! Aqui é lindo, e estava absorvendo cada detalhe para guardar na memória.

— Perguntei que horas você precisa voltar.

Busco meu celular e olho para a tela.

— Dentro de uma hora e meia.

Ele me analisa e sua expressão se torna séria.

— Você tem algo para me dizer, não tem? — pergunta, direto, inclinando a cabeça.

Fico surpresa com sua abordagem, contudo foi no momento certo.

— Sim, tenho.

Levo alguns segundos para organizar meus pensamentos e juntar tudo o que preciso dizer.

— Eu gostaria de te agradecer.

— Agradecer? — estranha, franzindo o cenho.

— Agradecer por ter me mostrado sua leveza, compartilhado seu desprendimento e sua vontade de viver. Sempre admirei pessoas assim. Você, Liv... Em um momento em que precisava me desconectar, *me* livrar dos meus fantasmas, ou pelo menos tentar, você me ajudou sem nem saber. Só que agora preciso seguir em frente e parar de fugir.

Ele parece compreender o que estou querendo dizer e balança a cabeça lentamente para cima e para baixo.

— Você é um cara incrível. Um homem com infinitas qualidades. Bondoso, carinhoso, inteligente, talentoso, lindo... Merece alguém que te faça feliz. — Ele tenta me interromper, mas sou mais rápida e continuo: — Mesmo que não esteja à procura, uma hora ou outra isso vai acontecer, é a ordem natural das coisas. Eu pensei que tivesse o controle total da minha vida, que pudesse mandar e desmandar... — Solto uma risada baixa e amarga. — Só serviu para me mostrar que fui uma tola por pensar assim.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, apenas o barulho do mar nos envolvendo, e sua voz chega aos meus ouvidos:

— Estou orgulhoso de você, *ruivinha*.

Não era o que eu esperava. Olho para ele e o encontro me encarando, um sorriso despontando em seus lábios.

— Apesar de não saber o que você passou, a atitude que está tomando agora, de seguir em frente e parar de fugir, é digna de uma mulher determinada, que sabe aonde quer chegar... Você não foi uma tola por achar que poderia controlar sua vida, apenas humana. Isso tudo me lembra do meu melhor amigo, Morris. Você deve saber o que ele passou.

— Sim. Na época, Liv nos contou. Muito triste.

— Demais. Eu vi meu amigo definhar, a culpa e a tristeza o aprisionavam, foram noites e noites o acompanhando para que não fizesse uma besteira, até que ele decidiu “controlar” sua vida — fala, gesticulando os dedos em aspas. — Disse que não queria mais saber de nada, que no seu peito já não batia um coração. Ele mergulhou no trabalho, na farra, se tornou outra pessoa... Anos depois, Liv chegou.

Ambos sorrimos, conscientes de como tudo mudou após minha amiga aparecer na vida do vocalista da SoS.

— A *Branca de Neve* fez com que Morris abrisse os olhos, e ele se permitiu abrir seu coração. Eles se completam de uma maneira que nunca imaginei ser possível. Então, entendo quando diz que quer parar de fugir e enfrentar o que vem te afligindo e limitando por tanto tempo. Admiro sua postura, sua honestidade e quero que também seja feliz, Ticy. Você é uma mulher incrível e a liberdade combina contigo.

Sorrio com a frase.

— Obrigada, Andrew. Isso não significa que vamos parar de nos falar, por favor!

— Claro que eu não vou parar de falar com você, *ruivinha*! Quantos anos acha que tenho?

Nossas risadas se misturam ao som de uma onda quebrando.

— Você decidiu se vai pegar uma carona comigo e James, ou vai ficar por aqui mais alguns dias?

Ele olha para a imensidão azul do mar e diz:

— Vou ficar. Talvez mais dois ou três dias. Estou curtindo o clima nesse país. Não descanso assim faz um bom tempo.

— Aqui realmente é maravilhoso. Mesmo a trabalho, consegui relaxar de uma forma sem igual. A beleza desse lugar é única.

Graças a James, que teve o cuidado de me levar para turistar, meu inconsciente adverte.

— Digo o mesmo. Posso ter viajado quase o mundo todo, mas o Brasil... não sei explicar. É diferente. As pessoas, a vibração... A gente se sente acolhido de verdade.

— E Melissa? — Não escondo minha insinuação e ele me olha, arqueando as sobrancelhas.

— O que tem?

— Você dois... Não há chance de rolar algo mais? Se é que já não rolou...

Repuxo meus lábios para cima em um sorriso malicioso.

— É sério que a gente mal enterrou o nosso lance e você já quer colocar outra mulher na minha fita?

— O nosso lance? — Impossível não rir.

— É, porra! Sabia que não é fácil encontrar uma mulher que queira sair por sair sem segundas ou terceiras intenções? Era por isso que com você funcionava. Você não tinha qualquer expectativa, não me cobrava...

— Entendo. Mas pelo que pude conhecer de Melissa, ela é tão desinteressada quanto você, além de ser uma mulher muito bonita e inteligente.

— Disso não tenho dúvidas, mas não sei... Deixa rolar. Não estou com pressa, muito menos desesperado. Fique tranquila que eu me arranjo.

— Rá! Tenho certeza disso.

— E você, senhorita Parker?

— Eu o quê?

— Vai parar de fugir mesmo? Tenho certeza de que alguém está só

esperando por este momento.

Suas palavras me causam um súbito arrepio.

— Do que você está falando, Andrew?

— Acho que você sabe do que e de quem estou falando.

Era só o que me faltava.

Será que Drew também tem conhecimento do que está acontecendo entre mim e James?

Bem, parando para analisar a situação, se até Melissa percebeu, antes mesmo de ver o nosso beijo, é porque realmente estava na cara e eu, cega em meus conceitos e limitações, *me* fiz de ignorante.

Fico em silêncio por alguns segundos, que mais parecem minutos, horas.

— Como eu disse, vou parar de fugir sim, só que antes preciso arrumar aqui dentro — falo, colocando a mão sobre meu peito. — Não tenho condições de abrir as portas do meu coração enquanto não estiver bem. É por isso que, chegando a Nova York, isto será minha prioridade.

— Você está fazendo a coisa certa, Ticy. Um passo de cada vez e logo você chega lá.

— Estou contando com isso.

— Que tal a gente aproveitar o restinho de tempo que temos para mergulhar? Sair do Brasil sem pisar nesse mar é sacanagem! — Em um pulo Andrew está em pé, batendo uma palma e dando pequenos saltos para se aquecer.

Rindo, faço o mesmo, sem a parte dos pulinhos, e prendo meus cabelos.

— Concordo plenamente.

A primeira etapa da minha nova jornada foi fechada com sucesso, e posso dizer que estou satisfeita com a nossa conversa. Foi esclarecedora, tranquila e me mostrou que, apesar do medo não ter se esvaído completamente de dentro de mim, se eu continuar me esforçando, será cada vez mais fácil vencer um obstáculo. Só não posso me render.

Tento ignorar o friozinho na barriga que me alcança vez ou outra ao pensar que daqui a algumas horas retornarei para a minha casa, sozinha com James dentro de uma pequena aeronave. O que me resta agora, entretanto, é aproveitar o momento, e é nisso que coloco meu foco e pensamentos.



UM RETORNO REVELADOR

*Com os braços bem abertos
Sob a luz do Sol
Bem-vindo a este lugar
Vou te mostrar tudo
Com os braços bem abertos
Agora tudo mudou
Vou te mostrar amor
Vou te mostrar tudo
Com os braços bem abertos.*

With Arms Wide Open, Creed.

Ticy

Mala pronta. Não esqueci nada, não é? Ajoelho-me para olhar debaixo da cama, como sempre faço ao sair de um hotel, e constato que guardei tudo.

Bom!

Estou tentando ocupar meu tempo da melhor maneira possível. Meus nervos estão à flor da pele, as mãos suando, coração acelerado... A campainha do quarto toca.

Respiro fundo e vou atender. Logo que abro a porta, um furacão de cabelos negros longos e escorridos passa por mim.

— Cheguei a tempo! Ufa, o trânsito estava caótico da Barra para cá.

Melissa veio direto de sua casa, pois estava de folga, somente para se despedir de mim. Achei o gesto realmente especial. Nunca me esquecerei disso.

Enfim ela se acalma e me olha. Ao fazer isso, ergue as sobrancelhas.

— Uau! Alguém pegou um sol daqueles!

— E olha que passei diversas camadas de filtro. Não adianta. Não tenho salvação.

Rimos e ela chega perto de mim.

— Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Obrigada pela preocupação, Melissa, já está tudo arrumado. Estou pronta.

Minha nova amiga sorri e me abraça. Retribuo e a aperto junto a mim.

— Muito obrigada por tudo — sussurro, sincera.

— Eu que agradeço. Amei te conhecer melhor, Beatrice. Sempre que precisar, pode me ligar, enviar mensagens...

— Digo o mesmo para você. Pegou meu número?

— Claro! Anotadinho. Antes de descermos, quero saber se você está bem.

— Estou sim. Não te falei, mas hoje à tarde Andrew e eu fomos à praia.

— Ah, é? — pergunta e estreita os olhos, abrindo um sorriso repleto de malícia.

— Sim, porém não rolou nada, apenas conversamos, e eu disse que não queria mais continuar saindo com ele.

— Nããão! — exclama, chocada.

— Sim! Não foi com essas palavras, mas, resumindo, foi isso.

— Mulher, estou tão orgulhosa de você! — declara. — E como está se sentindo?

— Na verdade, muito bem. É como se finalmente eu pudesse dizer que estou seguindo em frente e tomando as rédeas da minha vida.

— Essa é a mulher que existe dentro de você e estava escondida pelos seus medos. Acostume-se, viu? Ainda vai se surpreender com suas próprias atitudes — fala com tanta autoridade e certeza, que algo dentro de mim se agita, como se estivesse se alimentando de esperança em vez da costumeira tristeza.

De repente, como se estivesse se lembrando de algo, ela fica paralisada.

— Se você acabou com a amizade colorida com Andrew, quer dizer que...

— Não quer dizer nada, Melissa. Estou *caminhando*, não posso correr.

— Eu sei, eu sei, mas você compreende que é um começo? Nossa, não vejo a hora de ver meu chefe caidinho por você, os dois andando pelo hotel de mãos dadas, curtindo a vida...

Fico boquiaberta, enquanto ela viaja em sua imaginação fértil.

— Quero ser uma das madrinhas! — declara tão alto, que levo um susto.

— Melissa, pelo amor de Deus, você está me assustando. Calma!

— Calma nada! Tenho certeza de que vai dar em casamento, Beatrice.

— Você é completamente louca!

— Prefiro ser uma louca sonhadora do que uma prudente limitada — diz, dando de ombros. — Não vou te assustar mais não. *Me empolguei*. Desculpe!

Balanço a cabeça, ainda sem acreditar em seu momento insano, e um sorriso se abre em meus lábios.

— Você se daria muito bem com a minha amiga Liv.

— Por quê? Ela é maravilhosa como eu?

Solto uma gargalhada.

— Exatamente. Inclusive, é casada com o vocalista da *Sultans of Swing*, o Josh Morris. Já pensou se você e Andrew... — Agora é a minha vez de jogar.

— E depois eu é que sou louca.

— Oras, qual o problema?

— Não tem problema nenhum, pelo contrário, ele é gostoso pra caramba, enfim...

— Enfim o quê?

— Ah, se tiver que acontecer, vai acontecer, só não curto nada arranjado. Ele vai ficar ou vai com vocês?

Mal sabe ela que já joguei uma conversinha em Andrew também. Rio por dentro.

— Vai ficar por mais dois ou três dias.

— Humm...

— Humm?

— Pare de me atentar, Beatrice. Vamos, se não vai se atrasar.

— Ok, ok. E nada de falar besteira lá embaixo, por favor!

— Não vou te envergonhar, Sra. Foster.

Incrédula, olho para ela sem reação.

— Meu Deus! Você é pior do que a Liv. Anote o que estou dizendo.

— Eu sou única, minha linda.

Com estas palavras, acabamos caindo na risada, e ela me ajuda a descer com a bagagem.

Chegando ao saguão, sinto o impacto forte e intenso quando o vejo de costas. A calça de sarja e o blazer, ambos na cor azul-marinho, se agarram perfeitamente em seu corpo musculoso, e, mesmo não vendo seu rosto, tenho certeza de que está lindíssimo, como todas as vezes em que o encontrei.

— Se você continuar olhando para ele desse jeito, vai ficar muito na

cara... — Ouço o sussurrar de Melissa e só então percebo que fiquei parada como uma estátua por sei lá quanto tempo.

Efeito James.

— James, a Dra. Parker está pronta — a morena anuncia.

O loiro se vira e sou arrebatada pela sua beleza elegante e postura austera. Ele está tão ou mais bronzeado do que eu, e me pergunto se tivemos a mesma ideia antes de irmos embora, porém o que chama a minha atenção além da sua cor é que, pela primeira vez, noto olheiras, ainda que não muito escuras, ao redor dos seus claríssimos olhos azuis.

— Melissa, estou surpreso! Pensei que estivesse de folga. Boa noite, Ticy!

— Boa noite, James!

— Sim, estou de folga, só vim me despedir da minha nova amiga — ela responde, sorrindo genuinamente, e eu sorrio também.

— Está certa. — Ele sorri e, ao olhar para mim, diz: — O Francisco já está nos esperando.

— Ótimo!

Não o vejo desde a noite passada, na boate, e estar tão perto do homem que tirou o chão dos meus pés com um beijo avassalador me deixa inquieta e com o coração acelerado.

Ter a real ciência e finalmente aceitar que o que sinto por James é maior do que uma simples atração me deixa apavorada, mas estou ciente de que terei que trabalhar minhas emoções. É com este objetivo que estou retornando para casa.

Nós nos encaminhamos para o utilitário estacionado em frente ao hotel, e dou um último abraço em Melissa, enquanto Francisco guarda as

malas.

— Vão com Deus! — ela deseja.

— Qualquer coisa, sabe onde me encontrar — James pisca para a morena e entra no carro.

— Pense no que te falei sobre... — E falando mais baixo, completo: — Drew.

Ela ri, e eu entro no automóvel com um sorriso enorme no rosto. Os dias aqui foram muito bons, e não posso deixar de agradecer a Deus pela oportunidade de crescer tanto profissional quanto emocionalmente.

Olho para o lado, e James está imerso no celular, digitando sem parar. Estranho sua distância, mas o respeito. Aproveito e pego meu telefone para ver se há alguma mensagem. Vejo que minha mãe enviou duas e que, no grupo das meninas, há mais algumas.

Clico para ver o teor e, quando tomo conhecimento de que não são emergência, guardo o aparelho em minha bolsa.

O silêncio no carro dura por todo caminho até o aeroporto.

Será que eu o afastei de vez? Será que é tarde demais?

Fecho os olhos, e um frio súbito me envolve, fazendo-me estremecer. Será compreensível caso ele tenha desistido de mim.

A culpa procura me sabotar, jogando em minha mente como fui egoísta por todo esse tempo, sem sequer olhar para os lados, para o sentimento que James talvez nutra por mim.

E o que eu faria se soubesse antes? Minha vida tem sido tão contraditória. Um dia pareço bem, recuperada, no outro me sinto a mulher mais fraca e insegura do mundo. Ainda não me considero preparada para o que quer que ele queira comigo, entretanto, aos poucos, a ideia me assusta

menos. Isto se ele não tiver se cansado de tanto que o empurrei para longe.

Os pensamentos giram sem parar, desconexos, e sinto uma pontada de dor na cabeça.

Um passo de cada vez.

Assim que estacionamos, Francisco retira as bagagens do porta-malas e as entrega para um outro rapaz que nos aguardava, despedindo-se de mim e do chefe em seguida.

É muito perturbador ficar sem falar com James por todo esse tempo. Pelo menos, ele continua sendo o cavalheiro de sempre ao me deixar subir as escadas para o jatinho primeiro, embarcando logo depois.

Uma aeromoça diferente da vinda nos recebe e nos conduz para os nossos assentos. Não sei o que pensar quando vejo James se sentar à minha frente. Ou seja, vamos ficar cara a cara por horas.

Coloco o cinto, e o Comandante avisa pelo sistema de som que iremos decolar.

Olhos azuis como as águas claríssimas de uma paisagem paradisíaca encontram os meus, e engulo em seco.

É intenso.

Intenso demais.

Sérios, indecifráveis, abrasadores.

Não consigo desviar. Não consigo fazer nada, a não ser continuar olhando, como ele faz.

Eu estou presa a este homem. Completa e inevitavelmente vidrada nele.

Os segundos viram minutos, o ar parece mais rarefeito, então, a voz da aeromoça se sobressai, desfazendo o transe.

— Querem beber alguma coisa?.

— Quero uma dose de *Macallan*, Jheny. E você, Ticy?

— Apenas uma água, por favor!

A moça se afasta, e não volto a *encará-lo*. No lugar disso, viro-me para a janela e vejo a cidade se afastando mais e mais. Acompanho a paisagem mudando até nos elevarmos acima das nuvens. Fico tão alheia que nem percebo que a água que pedi já está apoiada em uma mesinha retrátil à minha frente.

Quando coloco o copo em minha boca, todo meu corpo retesa com a voz grave e baixa de James:

— O que achou do Rio de Janeiro?

Para “melhorar”, a iluminação diminui até ficarmos quase como em um encontro à luz de velas. Uma penumbra.

Demoro um pouco até encontrar minha própria voz e respondo:

— Achei incrível. Sem dúvidas é um lugar que visitaria outras vezes. O melhor é que conseguimos resolver o problema que fomos solucionar.

— Daniel e eu estamos extremamente aliviados. Vocês fizeram um trabalho excepcional!

— Cabe mencionar que o jurídico do hotel é tão bom quanto o Mars & Pierce.

— Confesso que estava com um pé atrás, mas a sua ida serviu para nos tranquilizar. Confio no seu julgamento.

— Fico grata, James.

Ele assente com um gesto de cabeça e bebe um gole de uísque. Novamente ficamos em silêncio. Sinto seus olhos me queimando, enquanto finjo olhar algo em meu celular.

Pelo visto essa viagem será mais longa do que o normal. O clima está denso, repleto de palavras não ditas... De repente, tudo muda.

— Ticy, gostaria de me desculpar por ontem. — Suas palavras fazem com que eu direcione minha total atenção para ele. *Desculpa pelo quê?* — Eu não tinha o direito de te beijar. Ainda mais com Andrew presente, mesmo que, naquele momento, estivesse ausente.

Ele me observa por alguns segundos.

— Passei o dia pensando nisso e precisava te dizer que agi precipitadamente. Você é minha advogada, amiga, e só. Por favor, não quero que pense que sou um troglodita. Não irá acontecer novamente!

Decepção me toma por completo, porém reúno toda a coragem que tenho para *retrucar*:

— James, pare com isso! Você não fez nada que eu não quisesse.

Sua testa franze, como se estivesse confuso, mas sua expressão vai se transformando ao assimilar minhas palavras.

— Então, você queria? — questiona, a rouquidão que reconheço pronunciada.

— Essa viagem me mostrou muitas coisas — respondo vagamente, e o clima na aeronave suaviza.

James estreita os olhos, remexendo-se no assento, até ficar com o corpo inclinado para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— É mesmo? — pergunta, curioso.

— Sim!

— E o que ela te mostrou?

— Que não estou aproveitando como deveria as oportunidades que a vida está me oferecendo.

— Isso é uma boa reflexão, querida.

— Você chama todas as suas amigas de *querida*?

Quando digo que a viagem me mostrou muitas coisas, não estou mentindo. Inclusive, *me* deu uma força e ousadia que eu pensei que havia perdido ao longo do caminho.

James ergue as sobrancelhas diante da minha pergunta.

— Isso te incomoda? — inclina a cabeça levemente, aguardando minha resposta.

— Não, só quero saber.

Ele me olha por um tempo, analisando os traços do meu rosto e, depois do que parecem ser horas, diz:

— Não.

— Não o quê?

— Vamos dizer que vez ou outra eu chamava algumas amigas de “querida”, mas de uns tempos para cá virou exclusividade sua.

— Então, não sou sua amiga?

Meu cliente abre um daqueles sorrisos arrasadores.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar.

— Tem certeza?

— Gosto dessa Ticy ousada. — Em vez de me dizer o que quero, James prefere se omitir.

— Só estou tentando entender o que está acontecendo entre a gente — confesso.

O loiro me observa, passando a mão pela barba por fazer, talvez ponderando qual a minha intenção com esta conversa.

— E o que você acha que está acontecendo entre a gente?

— É o que quero descobrir. Na verdade, é o que preciso descobrir.

— *Querida*, eu já disse uma vez e vou repetir: não acho que você esteja preparada para saber. Não enquanto não souber o que realmente quer.

— Se você estiver falando sobre minha *amizade* com Andrew, eu dei um ponto final antes de viajarmos. Não vou parar de falar com ele, obviamente, mas decidi não continuar as nossas saídas eventuais.

Isso parece realmente chamar a sua atenção, pois seus olhos brilham de uma forma como nunca vi antes.

— E posso saber o motivo? — o timbre rouco e grave reverbera por todo meu corpo.

Não respondo de imediato. Afundo minha cabeça no apoio do assento e fecho os olhos, buscando as palavras corretas. Solto minha respiração e, ao abrir os olhos novamente, tomo ciência de quão abrasadoras as íris de James parecem. Expectativa e outros sentimentos que não consigo distinguir transparecem por elas.

— Lembra-se do que conversamos no bondinho? Do meu pequeno desabafo?

— Claro!

— Há pelo menos seis anos venho lutando contra o medo de me envolver com um homem. E, por “envolver”, eu quero dizer entregar meu coração, ser livre, mesmo estando com outra pessoa, em um relacionamento saudável... Ainda não consigo te contar a minha história, mas espero que, muito em breve, tenha a oportunidade de fazer isso.

Seco minhas mãos molhadas de suor na calça jeans e continuo, a atenção de James totalmente voltada para mim:

— Quando a gente se beijou pela primeira vez eu senti algo... Uma intensidade que não estava preparada para sentir. Uma corrente elétrica inexplicável. Então, fiz a primeira coisa que me veio à mente para me preservar: *te afastei*. Pedi segredo, porque não sabia como lidar com aquela informação diante das minhas amigas e dos meus próprios pensamentos, tão confusos e traumatizados pelo que já tinha vivido.

Pego meu copo com água e entorno o líquido de uma vez.

— Mas, então, comecei a sentir sua falta. Senti falta da sua amizade, do seu sarcasmo, da sua risada. Dali veio minha irritação com você, pois queria te esquecer, queria apagar da minha mente o que me fez sentir com apenas um beijo. Foi quando decidi me aventurar com Andrew. Pensei que, saindo com ele de maneira descompromissada, minha mente se aquietaria, os pensamentos não seriam direcionados até você. Então, James Foster virou meu cliente.

Rio, e ele ri também, de uma maneira tão pura, que tenho vontade de chorar.

— Os esforços que vinha fazendo para *mantê-lo* longe não adiantaram de nada, pois continuava sentindo a mesma eletricidade, a mesma intensidade. Esta viagem, de alguma forma, abriu meus olhos e não consigo mais ignorar o que você me causa. O que eu sinto quando estamos juntos. E, principalmente, porque preciso me dar uma chance de ser honesta comigo mesma e com você.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

O único som é do gelo se movendo no copo de James enquanto bebe seu uísque caro. Ao terminar a bebida em um longo gole, ele apoia as mãos

nos joelhos e se inclina novamente para frente, pensativo, parecendo não acreditar em minha confissão.

— Sabe, eu nunca fui um cara de correr atrás de mulher. Sempre tive quem eu queria, e não estou falando isso para me gabar, mas para mostrar que até te conhecer eu era assim. Você me intrigou desde o momento em que conversamos pela primeira vez. Inteligente, equilibrada e, diferente das suas amigas, eu via uma vulnerabilidade em você, só não conseguia compreender o porquê. Por um tempo, fiquei me perguntando o motivo de você ter saído com Andrew na frente de todos na festa da Liv, enquanto comigo pediu segredo... E continuou se encontrando com ele.

Ele pausa, pressionando as mãos em sua nuca, fazendo movimentos de alongamento com o pescoço.

— Perdi as contas de quantas vezes me perguntei se o problema era eu, o que tinha feito de errado para você me afastar daquele jeito. Você se tornou um enigma para mim, porque uma mulher nunca havia me negado ou me escondido. Agora, suas palavras fazem todo sentido e me revelam que o problema não era comigo. Confesso que me sinto aliviado.

Ambos sorrimos e eu coloco minhas mãos no rosto.

— Meu Deus! *Me* desculpe, James! Fui tão injusta, mas não sabia o que fazer. Fiquei apavorada só de cogitar que meu passado poderia se repetir se eu abrisse meu coração, e o que você me fez sentir com apenas um beijo... Me assustou demais.

— Não precisa me pedir desculpas, Ticy. Você não estava pronta para se explicar, como está fazendo agora. Não sabia das minhas intenções. Com isso, deixou margem para que eu pensasse o que quisesse, e minha mente me levou para esse lado da insegurança com que não estou acostumado a lidar. Não vou dizer que me senti bem, porém não deixei que tomasse uma

proporção maior. Foi mais como um ego ferido.

— Entendo. Até hoje não sabia como chegar para você e dizer que a sua intensidade me apavora. Porque, de alguma forma, sei que se eu ceder, não vou conseguir te afastar. Até ajeitar as coisas aqui dentro — coloco a mão sobre meu coração — não posso me arriscar. Eu só queria que você soubesse que não sou indiferente e... talvez... — Fico um tanto sem jeito para finalizar meu pensamento e enfim o faço: — ... se você estiver disposto a me esperar, a gente possa *tentar*. Claro, supondo que você se sinta da mesma forma em relação a mim.

Após terminar de falar, preciso controlar minhas respiração. Estou me abrindo mais em uma noite do que em todos esses anos, e isso é um grande avanço. Por dentro, estou tremendo, nervosa, com receio da rejeição, contudo tenho aprendido que, se não for assim, vou demorar mais sei lá quantos anos para me abrir. Já demorei tempo demais vivendo presa ao meu passado, sofrendo calada.

— Acho que quero mais um pouco de água — sussurro em meio ao silêncio de James, a boca ficando seca repentinamente.

Ele chama a aeromoça e faz o pedido. Somente quando a mulher traz o copo cheio d'água é que meu cliente resolve se manifestar:

— Posso me sentar ao seu lado? — pergunta com cuidado e, mesmo sabendo que talvez não seja uma boa ideia, porque sei que se ele se aproximar eu não conseguirei *mantê-lo* distante, assinto.

Sem deixar de me encarar, James desafivela o cinto de segurança e vem para o meu lado, levantando o braço da cadeira para poder se aproximar. Nossas pernas roçam uma na outra, e a conhecida faísca me atinge em cheio.

Ele se vira todo para mim, uma perna dobrada na poltrona confortável e a outra apoiada no chão da aeronave, despojado. Faço o mesmo, livrando-

me do cinto. Assim, ficamos frente a frente, perto demais, e, se eu pensei que o ar havia ficado rarefeito antes, agora é como se meus pulmões não conseguissem receber nenhum oxigênio. Minhas mãos tremem, meus lábios estão extremamente secos, e sou obrigada a beber mais água.

— *Querida... Minha* querida Ticy. Você tem ideia de há quanto tempo venho esperando para ouvir isso? De quantas vezes sinalizei que te queria, mas o seu medo te afastou de mim? Do quanto me segurei para não ir atrás de você, pois eu sabia que se fizesse isso, você fugiria de vez? Então, fui vivendo, mesmo que após aquele bendito beijo — ele ri, balançando a cabeça —, você tenha arruinado a minha definição de “apenas um beijo”.

Meus olhos ficam marejados quando, enfim, tenho a certeza de que o que sinto não é unilateral. Que não estou sozinha. Uma lágrima cai, e, sem pestanejar, James a limpa com o polegar, deixando seus dedos acariciarem minha bochecha. A outra sobe até meus cabelos, alisando os fios em um carinho tão bem-vindo, que meu peito se aperta.

Pela primeira vez eu não o rechaço.

Ao contrário, permito.

Aceito.

Relaxo.

Sinto como se ele estivesse me venerando, sem acreditar que estou permitindo seu toque, sua aproximação.

— *Me* perdoe, James.

— Shhhhh. Esqueça isso.

Seu carinho continua me aquecendo de dentro para fora, derretendo-me, rendendo-me. Ergo minha mão e toco seu maxilar, acariciando sua barba delicadamente e ele arfa, os olhos demonstrando uma emoção nova.

— Nossa verdadeira história começa agora, Ticy. Não tem a menor chance de eu te deixar escapar depois de tudo o que me falou. Mesmo que tenha que esperar, eu quero isso. Quero lutar com você, por você. Porra, eu quero *você*! Com toda a sua bagagem, com todos os seus medos. Sempre quis. Na verdade, acho que vinha esperando por este dia sem me dar conta. Vai me deixar cuidar de você? Não precisa lidar com isso tudo sozinha.

Sorrio em meio às lágrimas que caem sem parar. As comportas foram abertas, e nem me importo com isso, porque o momento não poderia ser mais lindo.

— Você é maravilhoso, como eu já imaginava, mas preciso aprender a lidar com isso tudo sozinha, James. Não quero que você seja a minha muleta, quero somar, quero descobrir quem eu sou e resgatar o que meu passado me roubou.

— Você é uma guerreira, *querida*. — Desta vez, o adjetivo sai ainda mais arrastado, como se sua voz estivesse acalentando e abraçando a minha alma, e é tão bom. — Entendo e apoio a sua decisão, só não se isole novamente. Quero andar ao seu lado, sem apressar as coisas. Vamos no seu ritmo, ok?

— Você realmente está disposto a fazer isso? Não sei quando estarei pronta ou se um dia conseguirei ficar 100%...

— Não brinquei quando disse que não vou te deixar escapar, Ticy. Sobre estar pronta, nós somos humanos. Nossa vida é um constante aprendizado, nunca estaremos completamente prontos para alguma coisa.

— E por que você vivia dizendo que eu não estava pronta para isso ou aquilo? — pergunto, e ele ri.

— Eu disse que você não estava *preparada*. Há uma diferença entre estar preparada e estar pronta. Hoje, você está preparada, porque decidiu se

arriscar falando comigo, resolveu passar por cima dos seus obstáculos, preferiu escolher o outro lado da balança a permanecer em sua zona de conforto, e isso me deixa orgulhoso da mulher que você é.

Seu polegar passa pelos meus lábios e eu o beijo. Beijo dedo por dedo, o dorso de sua mão, a palma... Uma devoção que me permito fazer ao homem que está dizendo tanto, sem nem saber a causa dos meus traumas. Que está se abrindo assim como eu, revelando o que precisou esconder por tanto tempo.

— Você é linda demais. Cada detalhe seu é lindo. Sempre quis dizer isso — confessa e sorri, como se ainda não acreditasse que estou cedendo.

— Eu não sei se me sinto lisonjeada pelas suas palavras, ou envergonhada por ter te ignorado tanto tempo, mesmo que a minha mente sempre trouxesse lembranças suas.

— Costumo dizer que a vida é curta demais para ficarmos pedindo desculpas ou procurando justificativas. Vamos viver, querida. Apenas viver!

— Vamos viver!

O clima passa de tranquilo para intenso em segundos. Dá para ver que James está se segurando, que quer fazer as coisas darem certo entre nós, e isso me enche de um sentimento tão forte que sou incapaz de conter minhas mãos, que passeiam pelos cabelos do loiro, sua nuca, pescoço, ombros, os braços torneados, que mesmo cobertos pelo blazer, se insinuam para mim.

Sua testa encosta na minha, seu nariz resvala no meu, e consigo sentir o ar quente saindo de seus lábios. Como disse antes, uísque e James, uma combinação perfeita. Segurando cada lado do seu rosto, busco sua boca e o beijo com calidez.

O salgado das minhas lágrimas se mistura com o amadeirado da bebida, sua língua avança e percorre meus lábios. A minha encontra a dele e,

juntas, ditam seu próprio ritmo. O beijo é diferente dos outros. Não tem pressa, diz mais do que palavras, um reconhecimento do que um significa para o outro.

Ainda é cedo. Não sabemos a grandiosidade do que sentimos, o que está por vir. O que sei é que não quero parar.

Em um instante, estou acomodada na poltrona, no outro, no colo de James. Sua boca invade a minha, faminta, fazendo-me recordar o beijo na boate, com a diferença que agora estamos sóbrios, conscientes do que queremos e do que estamos dispostos a fazer, juntos, e sinto que fogos de artifício estão explodindo dentro de mim.

Ele me aperta junto ao seu corpo, deslizando suas mãos fortes para dentro da minha camisa de seda, e é impossível não sentir a ereção se avolumando em sua calça.

Meu Deus, como eu desejo esse homem! Como pude mantê-lo longe?

Tenho certeza de que se continuarmos desse jeito iremos longe.

— Eu só preciso te sentir mais um pouco — diz, como se lesse meus pensamentos.

Então, beija meu pescoço, meu colo, onde alguns botões estão abertos, expondo uma parte da renda do meu sutiã azul.

— Não vou quebrar o nosso acordo, vamos com calma — sua voz sai ofegante e suas mãos não param de me tocar. — Você sabia que azul é a minha cor preferida? Uma perdição te ver usando essa cor, querida.

— Não sabia, mas suspeitava — murmuro, lambendo o lóbulo de sua orelha, ganhando um gemido em troca.

— Ok. É melhor pararmos por aqui, ou não vou conseguir me segurar — James se desconecta alguns centímetros e já sinto sua falta, mesmo permanecendo montada sobre ele.

Arfante, aos poucos minha cabeça vai clareando, a nuvem de prazer se esvaindo, e concordo que precisamos ir devagar. Não quero começar do jeito errado, nem basear nosso relacionamento em sexo.

— Você está certo.

Recompondo-me, volto para o meu assento e arrumo meus cabelos. James pega meu pulso e sorri.

— Toda vez que te via usando essa pulseira, eu dizia para mim: ela não é tão indiferente a mim. Ela não me odeia!

— Eu nunca te odiei, James. No fundo, uso essa joia não só por ser linda, e sim porque *você* me deu. Apenas não queria admitir, até hoje.

— Confesso que ainda não sei lidar com essa Ticy sincera, que não se esconde, mas é extremamente excitante — declara e abre um daqueles sorrisos que me deixam mole.

— Está sendo libertador agir sem ressalvas, porém não posso negar que tenho medo de voltar a me fechar, que aconteça...

— Hey — James me interrompe, segurando meu queixo entre o polegar e o indicador — nada de ficar pensando em coisas negativas. Será daqui para melhor. Eu não estava brincando quando disse, tempos atrás, que você não é frágil a ponto de quebrar tão fácil. Por mais que pense diferente disso, você é uma gigante, Ticy. Sei que, quando me contar o que aconteceu, ficarei ainda mais orgulhoso da sua força, de como não desistiu de lutar. Olhe somente para frente. Apenas para frente!

Eu me jogo em seus braços, abraçando-o com força.

— Obrigada, James. Obrigada!

Do fundo do coração eu o agradeço. Agradeço pelas suas palavras, por nunca ter duvidado de mim ou ter me encarado com pena, por ter oferecido seu ombro amigo quando precisei, e, principalmente, por estar

disposto a me esperar.



SURPREENDIDO

*Então não mude absolutamente nada
Estou à sua disposição
E eu não estou tão longe
De me apaixonar por quem você é
Eu poderia ficar perdido nisto
Esquecendo o que é ter cuidado
Eu quero ser seu Gentleman.*

Don't Change, Jason Mraz



Quem diria...

Nada poderia me preparar para tudo o que a ruiva me revelou durante nosso retorno. Eu estava disposto a me distanciar de vez, tirei o dia, antes de viajar, para refletir e aliviar o peso que estava sentindo em meus ombros, uma tensão fora do normal, e nada melhor do que fazer isso no meio do mar, aguardando a onda perfeita para *dropar*.

O surfe é um esporte que gostaria de praticar com mais frequência, ele me traz leveza, relaxamento e adrenalina na medida certa, contudo meu trabalho não tem me permitido construir uma rotina, quem dirá encontrar tempo para surfar.

Sozinho, apoiando-me na prancha, não parei de pensar em como pediria desculpas para Ticy. Depois do beijo na boate, fiquei desnortado e incomodado com a minha falta de controle. Pior ainda foi tentar me distrair com outra mulher, ruiva — por incrível que pareça, não foi proposital —, só porque não poderia ter quem eu realmente queria. Detesto parecer um adolescente quando sou um homem mais perto dos 40 do que dos 30.

Frustrado, depois que começou a tocar aquele horror de gênero musical que Melissa adora, resolvi ir para o meu quarto, sem companhia. Demorei horas até conseguir fechar os olhos e dormir. O beijo, as imagens de Beatrice sorrindo, suas singelas curvas abraçadas naquele vestido tentador, a

pele alva contrastando com os cabelos cor de fogo... Foi perturbador e o resultado não poderia ter sido diferente: enormes olheiras me acompanharam ao longo do dia seguinte.

Mas, então, no retorno para casa, tudo mudou. O jogo virou, e a advogada despejou uma série de declarações por livre e espontânea vontade.

Ela parou de sair com o roqueiro, mencionou por alto suas motivações, o que a levou a se aproximar de Andrew e me manter distante, e a confissão mais bombástica que eu poderia ouvir de seus lindos lábios: de que nunca foi indiferente a mim.

Saber disso me deixou atônito. Estou acostumado com a mulher fugindo, se retraindo, ou ficando irritada com alguma coisa que falei, e vê-la daquele jeito, tão vulnerável e, ao mesmo tempo, tão sincera e receptiva, fez meu coração bater fora de compasso. Uma sensação que nunca havia sentido antes.

Saber que eu não era um problema, como pensava, *me* deixou aliviado.

Porra! Preciso ir devagar, eu sei. Não posso *deixá-la* desconfortável. Beatrice tem um longo caminho a percorrer e quero ser um apoio, não um peso em sua vida, entretanto não posso omitir o fato de que ouvir tudo aquilo me deixou... feliz. *Feliz pra caralho!*

A grande verdade é que não me importo se estou sensível demais ou dando uma importância acima do que a situação merece. Tenho 36 anos, aproveitei o que pude, fiz o que queria e a ideia de *parar* em Ticy Parker não me amedronta.

Chegamos a Nova York de madrugada, após conversarmos por quase todo o percurso Brasil-Estados Unidos. Se dormimos durante 1h foi muito, e, ainda assim, só por não aguentarmos continuar de olhos abertos. A nossa

conexão foi incrível. Ela me contou sobre sua família, eu contei sobre a minha, amenidades que nunca trocamos antes. A ruiva estava tranquila, à vontade, conversando comigo como se eu não fosse uma ameaça, o que me fez ficar ainda mais encantado.

Quão ferrado estou?

Por fim, combinamos que o final de semana servirá para nos organizarmos e nos encontraremos na próxima semana. Não que eu não tenha tentado marcar um jantar para hoje à noite, afinal, é sábado, porém ela enfatizou que precisava de um momento para colocar sua bagunça no lugar.

Minha vontade é chamá-la para sair todos os dias, agora que finalmente tenho ciência do que sente, de que não há ninguém para atrapalhar, e, principalmente, depois de confirmar que passou por uma experiência horrível no passado, causada por um *idiota filho da puta*. Ainda que não tenha dito com essas palavras, ficou óbvio quando mencionou que há seis anos vem lutando contra o medo de se envolver.

Que merda aconteceu? O que fizeram com seu coração?

Um sentimento de proteção vem me tomando pouco a pouco e tenho que me conter. Quero mimá-la como ela merece, apresentá-la aos meus gostos, conhecer os dela. De repente, ficar em meu apartamento, que era o que eu tanto queria, torna-se algo secundário.

Era só o que me faltava!

Pareço um daqueles garotos que finalmente consegue a garota que tanto queria, com a diferença de que esta garota tem uma série de limitações e preciso ter cuidado com minhas atitudes.

Meu celular toca e caminho até a sala, onde o deixei.

Muito diferente do Rio de Janeiro, aqui o frio chegou com vontade. Estou com um conjunto de moletom reforçado, apesar de ter ligado o sistema

de aquecimento e a lareira.

Encontro o telefone em cima da mesa da sala de estar e atendo a chamada sem olhar para o visor.

— Alô!

— *Hey, Jamie!*

Sorrio em reconhecimento.

— Hey, Bri.

— *Estou na porta.*

— Ah, vou abrir.

Desligo o aparelho e sigo para a entrada do apartamento, abrindo a porta. Eu e Brianna combinamos de tomar café da manhã juntos, mas não pensei que ela viesse, pois o tempo está piorando.

— Oi! — cumprimenta, entrando rapidamente, toda encapuzada. Quando disse que estava frio, não era brincadeira. — Que delícia que está aqui dentro!

— Imagino como deve estar lá fora.

— Horrível. Sério!

— Não precisava ter vindo. Poderíamos marcar nosso café para outro dia. Ficarei por um tempo em NYC, acredito.

— Ah, estava louca para saber como foi a viagem ao Rio e com saudade do meu loiro preferido.

Rio com suas palavras e pego meu celular para encomendar um *breakfast* caprichado. Faço o pedido em uma confeitaria de minha confiança e me dirijo até a sala, onde Brianna está, aquecendo as mãos diante da lareira.

— E aí? O que me conta? — pergunta, tirando o enorme casaco.

— Está tudo bem. Vou esperar nosso café chegar para te contar tudo o que aconteceu.

— Ah, não. Você vai fazer isso comigo?

— É claro. Que graça tem se eu contar antes?

— Isso não se faz! — exclama, os cabelos loiros caindo em seu rosto quando se vira para mim.

— Tenho certeza de que valerá a pena — retruco.

Trinta minutos depois, nosso café chega, e espalhamos todos os itens na bancada da cozinha. Bacon, panquecas, mel, ovos, cereais, leite, frutas vermelhas, *croissants*... Em todo o momento Bri me encara, pensando que vou começar a falar alguma coisa, mas digo que somente quando tudo estiver pronto começarei a contar.

Uma tortura, eu sei, mas é divertido vê-la tão mal-humorada.

Finalmente está tudo devidamente em seu lugar, servimo-nos de um pouco de cada item e nos sentamos, um de frente para o outro.

Ela finge não estar aguardando que eu comece a falar, e eu rio por dentro.

— A viagem foi surpreendente — digo.

— É mesmo, em que sentido?

— Todos — respondo.

— Uau! Conte-me mais.

— Conseguimos sanar os problemas que estavam dando dor de cabeça, resolvi algumas pendências do hotel, por fim, digo que eu e Ticy nos entendemos.

— O quê?

De tudo o que falei, Bri foca na última parte. É claro, ela vem

acompanhando meus dilemas sobre a ruiva, natural querer saber as atualizações da nossa situação.

— Beatrice parou de sair com o roqueiro e disse que sempre sentiu algo mais por mim, só que o medo não a deixava se abrir. Seu passado foi um tanto problemático, então, decidimos seguir sem pressa, ela precisa lidar com seus fantasmas, e eu quero que dê certo. Um dia de cada vez.

Ouç o tilintar de algo caindo no chão, e Brianna se desculpa. Uma faca. Quando se endireita, seu rosto é indecifrável.

— O que foi? — pergunto, franzindo o cenho.

— Não é nada. Fico feliz por você, James. Sempre disse que merece ser feliz. É claro que Beatrice, uma hora ou outra, acabaria vendo a sua bondade.

— Ela também é boa, Bri. Vocês precisam se conhecer. Além disso, Ticy tem um projeto social que não quer compartilhar comigo ainda, mas tenho certeza de que será incrível.

— Fico muito feliz, James — diz, esboçando um sorriso sem graça.

— O que foi? Eu te conheço, seja sincera.

Ela fica calada por alguns segundos.

— Só fiquei surpresa em como, de repente, tudo mudou. Ela disse que sempre sentiu algo por você e, em um passe de mágica já estão fazendo juras de amor...

— Não é nada disso — interrompo. — Eu quero a Ticy desde antes de Daniel se casar. O primeiro beijo foi apenas a confirmação. Depois... Não parei de pensar naquela mulher por dias, semanas... Nada aconteceu do dia para a noite, Bri. É algo que vem crescendo ao longo dos últimos dois anos, apenas deixei de lado porque a ruiva não estava preparada. Você e Daniel sabem muito bem disso. E outra, por enquanto, o que estamos trocando é uma

admiração mútua, não juras de amor. É cedo para falar de amor, e não estou com pressa.

— Sim, eu sei, não quero parecer injusta ou jogar areia na sua empolgação, apenas me preocupo com meu amigo.

Relembro a pergunta de Daniel quando eu disse que havia me reaproximado de Brianna e que não significava nada de mais: *Ela sabe disso?*

— Fico grato pela sua preocupação, mas estou bem, Bri. Tenho idade suficiente para escolher as batalhas pelas quais valem a pena lutar, e investir em Beatrice é uma delas.

A loira não me engana. Sua respiração sai entrecortada, e percebo o quanto está se controlando para não deixar transparecer sua agitação.

— Você não está nada bem — comento.

— Acho que estou passando mal. Depois nos falamos.

Ela se levanta repentinamente, pega seu casaco e se dirige à porta.

— Vamos nos falando, James. Obrigada pelo café, estava maravilhoso.

Sem esperar minha resposta, ela sai, fechando a porta em seguida.

O que acabou de acontecer?

Franzo o cenho com a estranheza do momento e continuo comendo. De uma hora para a outra Brianna deixou de me chamar pelo apelido e sua expressão mudou completamente. Não quero acreditar que ela vem alimentando esperanças de que algo aconteça entre nós dois, pois combinamos que seríamos apenas amigos.

Desde a nossa reaproximação, tive o cuidado de estabelecer limites e que não tinha outras intenções além de amizade, e ela pareceu compreender. Por isso, eu me sentia à vontade para conversar sobre qualquer assunto, sem

ressalvas, e ela fazia o mesmo.

Em Madrid, quando estudamos juntos, Brianna chegou a se declarar. Na época, eu só pensava em trabalho, estudos e dinheiro. Não queria misturar as coisas, mas Bri vinha com uma proposta diferente todos os dias, então, resolvi dar uma chance. Uma única chance e nada mais, e a loira estava ciente. Ela era inteligente, bonita e eu estava solteiro. Nós nos beijamos... uma coisa levou a outra e fomos parar em meu hotel.

Depois daquela noite, eu disse que não poderia atender às suas expectativas, pois não estava nos meus planos me prender a um relacionamento.

No início, pensei que o que quer que Bri sentisse por mim fosse passageiro, mas continuou no decorrer do curso. Na nossa formatura, ela disse que nunca se esqueceria de mim, mas que aceitaria ser minha amiga. E eu acreditei.

Ao se mudar para Nova York, há alguns meses, sem amigos, sem família, eu a acolhi. Não em minha casa, mas como amiga. Com Daniel ocupado, achei uma boa ideia passar meu tempo — os poucos momentos em que ficava em casa — com uma pessoa agradável, que me entendesse...

Agora me pergunto se ela achou que seríamos algo mais. Se achou que nossa amizade iria além.

Afastando esses pensamentos, que não vão me levar a lugar algum, resolvo tomar um banho e me arrumar para visitar meu afilhado. Estou morrendo de saudade daquele rapazinho.



Chego ao prédio de Daniel e ligo para ele antes de tocar o interfone.

— Fala! — atende, uma barulheira ao fundo.

— Fala! Estou aqui embaixo.

— Ah, é? — pergunta, surpreso, a impressão que eu queria. — Ok, vou autorizar sua entrada.

— Obrigado!

Instantes depois, o portão se abre e entro. Sigo pelo amplo hall, bem ornamentado e iluminado, até o elevador.

O ascensor chega, e aperto o último andar. Sorrio ao ajeitar os presentes de *baby* Bill em minhas mãos. Não sou exagerado, muito menos consumista, mas quando se trata do meu sobrinho-afilhado, não meço esforços. Posso parecer bobo, mas quando vejo aquela sorrisão banguela e aquelas mãozinhas agitadas, *me* derreto. Aquele rapazinho sabe como conquistar alguém.

Chego à cobertura, e as portas do elevador se abrem, deixando-me dentro do apartamento de Daniel e Scarlett. Meu amigo se aproxima com meu afilhado no colo, que logo sorri para mim. É impossível não sorrir de volta. O menino já cresceu desde quando falei com seu pai por videochamada, dias atrás. *Como é possível?*

— Hey, Dan!

— Hey, J! Fique à vontade!

Seu rosto está um pouco estranho, conheço meu amigo.

— O que foi? — pergunto ao tirar meus sapatos.

— Você verá com seus próprios olhos.

Fico um tanto ressabiado com suas palavras, porém, quando vou entrando em seu apartamento, tenho ciência do que ele está falando.

Sinto-me em uma cena de *déjà vu*.

Scarlett, Liv e Ticy estão reunidas no sofá de doze lugares, rindo de alguma coisa muito engraçada, pois as risadas soam por todo o ambiente.

— Eu disse — Daniel sussurra. — Todo mundo resolveu aparecer de surpresa — completa, abrindo um sorriso.

Até Josh, o marido de Liv, está aqui, sentado ao lado da morena.

— Temos mais uma visita, querida — Daniel anuncia e todos se viram para mim.

Isso será interessante.



UMA CAUSA MAIOR

*Eu sou uma sobrevivente
Eu não vou desistir
Eu não vou parar
Eu vou trabalhar duro
Eu sou uma sobrevivente
Eu vou conseguir
Eu vou sobreviver
Eu vou continuar sobrevivendo.*

Survivor, Destiny Child.



Assim que acordei me deparei com uma mensagem de Scarlett me convidando para almoçar em sua casa, avisando que eu poderia chegar antes a fim de conversarmos. Aposto que está ansiosa para saber tudo o que aconteceu na viagem. Conheço a amiga que tenho.

Levantei-me da cama relativamente cedo para quem dormiu pouquíssimas horas, porém não queria desperdiçar minha animação. Não só pelo fato de ter, finalmente, deixado tudo às claras com James e, enfim, as coisas entre nós estarem caminhando para algum lugar, mas também porque não paro de pensar que, mais do que nunca, quero avançar com o planejamento do projeto que venho idealizando e irei precisar da opinião e ajuda das minhas amigas. Seria tão bom se Liv estivesse por aqui...

Eu disse para James que ficaria em casa organizando minha bagunça, só que não posso deixar esse assunto ser esquecido nem um dia a mais. Quanto menos tempo eu levar para fechar o que preciso, mais cedo a ideia sairá do papel para se tornar uma realidade.

Um sorriso se abre em meu rosto ao olhar para o futuro, uma esperança para tantas mulheres, caso tudo dê certo. Mas, antes, tenho um assunto pendente que pretendo resolver esta semana. Pretendo não, eu vou! Nunca quis tanto melhorar, dar a volta por cima, como quero nestes últimos dias. Não por outra pessoa, mas por mim.

Estou subindo para a cobertura de Scarlett, com sacolas de presente para o meu afilhado e minha amiga, quando as portas do elevador se abrem. Sou recebida por ela e seu filho, que está em seu colo.

Alegria me invade por vê-los, e sorrio, focando em *baby* Bill.

— Oi, bebê! Como pode ter crescido tanto? Já está um meninão lindo! — digo, a voz divertida.

— Hey, *Ginger*. Você está maravilhosa — Scar elogia, e olho para a minha roupa de inverno. O frio sempre tende a nos deixar mais elegantes e bem-vestidas.

— Obrigada! Não preciso dizer que você também está — digo, tirando o casaco grosso, deixando-o no armário de entrada.

— Ah, pare com isso. Já é a terceira vez que troco de roupa. Hoje meu filho decidiu me dar banho de gorfo.

— Meu Deus! — exclamo, rindo de sua expressão teatralmente sofrida.

— O que são todas essas sacolas? — pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Alguns presentinhos para o meu afilhado e para minha amiga.

— Mas gente... Vocês estão mimando demais esse menino.

Abro a boca para perguntar o que ela quer dizer com “vocês”, quando ouço um grito atrás da loira.

É inconfundível.

Liv vem correndo e só tenho tempo de colocar os presentes no chão antes de receber um abraço apertado, que chega a me tirar do chão.

— Liv! — grito, caindo na gargalhada pela sua cena.

— Como eu estava com saudade da minha ruiva preferida! — diz e

beija meu rosto com carinho.

— Nossa, estava louca de saudade de você também. Nem acredito que estamos todas juntas novamente.

— Hey, Ticy — a voz de Josh, logo atrás de sua mulher, chama a minha atenção. — *Branca de Neve* adora uma entrada triunfal.

Ele me cumprimenta com um abraço e seguimos todos para a sala. No caminho, Daniel aparece e me dá um beijo na bochecha.

— Obrigado pela sua ajuda no Brasil, Ticy. James disse que foi fundamental — meu cliente e amigo comenta.

— Fico feliz por ter auxiliado, Daniel, mas como disse a James, o escritório de lá é tão bom quanto o daqui.

— Saber disso nos deixa mais tranquilos.

— Nada de falar de trabalho hoje, não é mesmo? — Scarlett se intromete, chamando a atenção do marido.

— Calma, linda. Só precisava agradecer à minha advogada.

— Ok, ok. Agora fique com nosso filho, que preciso me atualizar de algumas coisas — Scar comanda, entregando Bill para o pai e, em seguida, puxa minha mão e a de Liv em direção ao corredor.

Daniel não consegue esconder a expressão engraçada.

— Quem sou eu para contrariar Scarlett Ryan-Hant — diz.

— Essas mulheres parecem irmãs de sangue. Geniosas...

Morris nem consegue completar seu pensamento, porque a voz cortante de Liv sobressai.

— Acho melhor tomar cuidado com o que fala, Sr. Morris, ou vai dormir sozinho.

— Mas o que eu queria dizer é que vocês são maravilhosas — Josh

rapidamente muda sua postura e fica impossível não rir desses dois.

— Muito bem — Liv responde antes de entrarmos em um dos quartos de hóspedes.

Nós três nos olhamos e rimos sem reservas. A saudade estava imensa, e compreendemos que cada minuto juntas é um presente. Damos um abraço coletivo, uma passando os braços no ombro da outra, e é impossível não me emocionar. Ouço o fungar de Scarlett, e Liv sorri, igualmente afetada.

— A maturidade nos ensina a valorizar os momentos. Obrigada por estarem aqui — Scarlett declara.

— Não poderia concordar mais — Liv emenda.

— E eu não poderia estar mais feliz por estarmos juntas — exponho.
— Tenho tanta coisa para contar.

— Por que você acha que te arrastei para cá? — minha amiga loira pergunta, seguindo para a ampla cama localizada no meio do quarto.

Liv e eu a seguimos. Nós nos sentamos no colchão na posição de índio e começo a falar:

— Antes de contar o que aconteceu depois que conversei com vocês naquela noite, preciso que me ajudem com uma questão.

— Por que vocês adoram me deixar ansiosa? Custa falar tudo de uma vez?

Claro que *Branca de Neve* tinha que se manifestar.

— Juro que contarei, só preciso que me digam o que acham de uma ideia que tive.

— Sobre o quê? — Scar questiona e, olhando para a morena, completa — Pare de ser dramática, Liv. Deixa a *Ginger* falar.

— Você está parecendo minha mãe, Scarlett. Tadinho do *baby* Bill,

deve sofrer nas suas mãos.

Tento segurar a risada, porém não tenho êxito. Sendo acompanhada pelas duas.

— Ticy, o que mudou em você? Está tão... leve — Scarlett indaga de repente, inclinando a cabeça para me olhar melhor.

— É verdade. Não te vejo assim há muito tempo — Liv reconhece.

— Meninas, a viagem para o Rio de Janeiro foi um divisor de águas para mim. Antes de ir, eu havia entrado em um *loop* de comiseração e medo. É como se eu tivesse regredido anos. Pesadelos, a falta de vocês, mas lá me dei conta de como estava deixando minha vida passar. Melissa, James, até Andrew me ajudaram sem nem perceber. E, claro, vocês foram fundamentais também.

— Melissa? — Scar pergunta, as sobrancelhas erguidas em surpresa.

— Sim, Melissa! Ela foi incrível comigo, meninas. Compartilhou uma experiência que me marcou bastante, sobre o passado dela. Fora que ficamos próximas durante esses dias. Ela me surpreendeu.

— Melissa não é aquela vaca que saiu com...

Branca de Neve começa a falar, porém é interrompida por Scarlett.

— Já superei e esqueci, Liv. Foi antes de eu conhecer o Daniel e nós duas nos acertamos depois. Passado é passado. — E, virando-se para mim, diz: — Nunca pensei que você e Melissa se tornariam amigas, mas fico feliz. Ela é uma profissional incrível, só não somos de conversar além de assuntos sobre o hotel.

— Foi uma grata surpresa — reforço. — Também me lembrei do que você comentou sobre ela, porém a brasileira se mostrou uma ótima pessoa e amiga.

Mudando o rumo da conversa, digo:

— Sei que tenho um caminho a seguir até ficar realmente bem, mas, pela primeira vez, tudo está entrando nos eixos. Estou me esforçando e descobrindo quem sou. Consigo, finalmente, saber o que quero e o que preciso fazer para melhorar.

— Isso é grandioso, Ticy — Liv diz e Scar sorri, assentindo com um gesto de cabeça. — Nós queremos te ver assim, feliz, cheia de vida. As cicatrizes, mesmo que internas, vão permanecer para sempre dentro de você, para te lembrar do que sofreu, mas também para te mostrar quão forte você é. Um exemplo de superação. Fico orgulhosa da amiga que tenho.

— Obrigada, meninas. Vocês são amigas incríveis, e suas palavras me levam ao assunto que quero dividir com vocês — digo, dando a devida seriedade ao assunto que preciso trazer. — Há mais ou menos um mês venho frequentando um grupo de apoio a mulheres que sofreram ou sofrem violência doméstica.

Liv e Scarlett arregalam os olhos.

— Como você não nos contou antes? Isso é importante! — Scarlett é a primeira a falar.

— Eu sei, só não queria que me olhassem diferente, com pena. Ah, e eu estava mal, com aquela ideia fixa de não preocupar vocês.

— Tudo bem, continue — a loira pede.

— Vocês não têm noção de como é triste, ou talvez tenham, porque conviveram comigo durante a pior época da minha vida. Semanalmente as mulheres contam suas histórias, trazem relatos, um mais bizarro do que o outro. E sabe o que é pior? O número de participantes cresce a cada encontro. Desde meninas de 19 anos até mulheres com mais de 60.

— Nossa, deve ser um ambiente pesado — Liv comenta, reflexiva e

séria.

— Pesado, mas real. Foi lá que compreendi, mais do que nunca, que o mundo tem uma grande parcela sombria. Que nada é completamente *mil maravilhas*. As aparências enganam demais. Uma vez, uma mulher chegou bem vestida, maquiada, parecia destoar do lugar simples, e, quando se sentou no círculo entre outras vítimas, deixou todas horrorizadas. Por baixo de camadas e camadas de maquiagem, hematomas coloriam seu rosto, revelando que não importa classe social, raça, religião... todas somos passíveis de viver em um relacionamento tóxico. A diferença é que algumas deixam suas marcas à mostra, enquanto outras as cobrem. Isso quando são cicatrizes visíveis, porque o psicológico é o mais afetado.

— Não tenho dúvida disso! — Scarlett exclama. — São verdadeiros demônios na pele de homens.

— *Filhos da puta!* — Liv xinga. — Eu não diria que são demônios, porque a humanidade está louca, doente. A mania de acharmos que tudo é culpa de algo infernal, ou sei lá o que, diminui o quanto essas pessoas são ruins. É como se arranjassem uma desculpa para serem sórdidos. Como podem achar que são donos de alguém? Que têm o direito de fazer o que quiserem? Se eu encontro um cara desses na minha frente...

— A sua colocação foi uma das melhores que já ouvi — respondo a Liv. — Dizer que esses *filhos da puta* são levados a agir com agressividade por alguma obra do mal é desabonar a própria maldade humana, que tem se mostrado cada vez mais sórdida. Voltando a falar sobre as reuniões, ainda não contei minha história para elas, apenas tenho, de um lugar mais afastado, assistido às sessões. Contudo, no último encontro, saí de lá com uma ideia que vem martelando minha cabeça há dias.

— E o que você vem pensando? — a loira questiona cruzando os

braços.

— Depois de ver uma grande quantidade de mulheres precisando conviver com seus agressores por não terem para onde ir, comecei a pesquisar sobre abrigos destinados a vítimas de agressões domésticas nos Estados Unidos. Vocês têm ideia de como isso é difícil de encontrar? Os que existem estão lotados ou com dificuldades financeiras, sem auxílio ou ajuda. Estou na fase de pesquisa, mas...

Olho para as duas e abro o jogo:

— Quero criar um abrigo. Quero ajudar mulheres que não têm para onde ir, que foram ameaçadas, que não possuem recursos ou conhecimento. Quero auxiliá-las e dar suporte até que consigam caminhar sozinhas. Quero fazer isso por elas e por mim.

Scarlett limpa o rosto quando uma lágrima desce de repente, os olhos marejados. Liv morde o lábio inferior, olhando para longe, pensativa.

— Essa ideia é incrível, Ticy — minha amiga loira opina. — Estou tão orgulhosa!

— *Ginger*, eu não esperaria menos de você. No que eu puder ajudar, pode contar comigo.

— Obrigada, meninas. Não será fácil, como tudo o que envolve burocracia e pessoas, mas se eu não tentar, nunca saberei se é possível.

— Com certeza. Se para abrir hotéis e restaurantes já precisamos de uma série de documentos, imagino para um abrigo dessa natureza! — Scarlett pondera.

— Fato — concordo. — Precisarei do apoio do governo, além de toda ajuda e conhecimento possível.

— Daniel e eu sempre ajudamos ONGs e instituições de caridade, é óbvio que estaremos com você nesse projeto, só que há uma pessoa que pode

te auxiliar bastante. — Deduzo que eu saiba de quem ela está falando. — James.

Como eu imaginava.

— Pensei em falar com ele também, só queria conversar com vocês antes.

— Isso, fale mesmo. Ele já foi curador de diversos eventos em prol de projetos sociais, veste a camisa como poucos, além de ter um coração enorme.

Disso não tenho a menor dúvida.

— Você tocou em um ponto importante, Scar. Evento! Quero organizar um para angariar fundos. Com dinheiro na mão, será mais fácil conseguir abrir portas.

— Perfeito, *Ginger*. Estou pensando aqui que posso organizar um desfile com Kevin Klein onde todo o lucro será direcionado para a sua causa, também podemos colocar a banda para tocar no dia do evento...

— Eu posso trabalhar o marketing de tudo isso — Scar completa o pensamento de Liv.

— Uau! Seria demais. Eu disse que vocês me dariam uma luz.

— Nós estamos te dando uma luz, porém quem poderá iluminar o caminho todo é James, minha amiga. Não sei como vocês dois estão...

— Nós estamos bem — interrompo Scarlett, e as duas arregalam os olhos.

— *Hummm...* É agora que você vai nos contar o que queremos saber? — Liv questiona.

— Amor, *baby* Bill falou “papá”! — Daniel grita do corredor, e Scarlett fica boquiaberta, levantando-se para abrir a porta.

— O quê?!

— Nosso filho falou “papá” — repete, todo orgulhoso e emocionado com Bill no colo.

— Não acredito que perdi isso! Você gravou? — minha amiga pergunta, entrando no modo “mamãe orgulhosa”, pegando o filho dos braços do marido.

— Foi tão de repente que nem pensei em gravar, mas Josh é testemunha. Estávamos conversando e então aconteceu.

Scarlett ergue seu filho e começa a falar com aquela *vozinha* infantil:

— Você *dixe* “papá”, filho? Fala *pa* “mamá” ouvir.

O rapazinho mexe as mãozinhas rechonchudas, animado com a atenção da mãe, e solta uma gargalhada gostosa.

— Querida, aproveitando, Diana disse que o almoço está quase pronto.

— Ótimo, amor. Já estamos indo para a sala. Vamos, meninas? — a loira se vira para mim e Liv, chamando.

— Vamos! — respondo, levantando-me da cama, seguida de *Branca de Neve*.

— Não pense que vai conseguir fugir da nossa conversa, *Ginger*. Se eu fui sabatinada, você também será — a morena sussurra ao meu ouvido, fazendo-me engolir a risada com seus olhos estreitos, como se dissesse: você não me escapa!

Seguimos todos para a sala, e o falatório sobre a novidade preenche o ambiente. Morris confirma que ouviu Bill falar “papá”, Scarlett conta quando meu afilhado a chamou de “mamá” pela primeira vez, e estou tão alheia que não ouvi o barulho do elevador, muito menos percebi que Daniel saiu de

fininho com o filho nos braços para atender a porta, até que sua voz se eleva, interrompendo o burburinho:

— Temos mais uma visita, querida.

Viramo-nos em sua direção e encontramos James com uma infinidade de sacolas nas mãos, mas o que chama a minha atenção são seus olhos focados nos meus. Surpresa o envolve, assim como a mim, e, por um momento, não sei como agir.



CHEGA!

*Eu estou me livrando destas lembranças
Tenho que deixá-las ir, deixe-as ir
Eu disse adeus, queimei tudo
Tenho que deixá-las ir, deixe-as ir.*

Let Me Go, Avril Lavigne feat. Chad Kroeger.



O almoço fica pronto e todos nos sentamos à mesa. Não sei por que não me surpreendo quando James se acomoda ao meu lado. Vez ou outra eu o pego me observando e é impossível ficar indiferente a ele.

Nunca passei por isso. De amigo e cliente, o homem virou algo mais, ainda que estejamos caminhando devagar e não tenhamos uma definição para nosso *recém-relacionamento*.

Não trocamos uma palavra a não ser quando nos cumprimentamos, logo que chegou. Confesso que estou sem graça, pois além de não ter contado nada para minhas amigas, eu disse que ficaria em casa quando me convidou para jantar e, a fim de não parecer que estou fugindo novamente, resolvo me explicar.

— Hey, James!

Ele se vira para mim e sorri, imediatamente fazendo-me lembrar dos momentos inesquecíveis que passamos dentro do jatinho. Nem parece que foi nessa madrugada.

— Hey, Ticy!

— Só para deixar claro que eu não tinha planos de vir. Scarlett me intimou a almoçar com ela, e Liv apareceu...

— Querida, não precisa se explicar. Você é uma mulher livre, faz o que bem quer. Nunca seria babaca a esse ponto.

— Obrigada, James. Na verdade, você não é nem um pouco babaca, só não queria que pensasse que eu estava te evitando, ou fugindo...

Ele ergue os lábios em um sorriso sincero e, por baixo da mesa, sinto sua mão acariciar a minha, o que me faz estremecer no mesmo instante.

— Acho que tenho confiança suficiente para saber que depois do que conversamos durante o voo... — e aproximando-se mais um pouco do meu ouvido, diz num fio de voz — dos beijos e das carícias que trocamos... você e eu estamos na mesma página. Não estamos? — indaga, arqueando as sobrancelhas louras.

Seus dedos agora deslizam pelo meu antebraço, longe dos olhos de possíveis curiosos, e minha boca fica seca. Ele me deixa completamente sem reação. Meus olhos focam em seus lábios, a respiração fica entrecortada, até que a voz de Scarlett me tira do transe.

— Como foi a viagem, James?

Como se não tivesse abalado meu mundo, ele se volta para a loira, que está à nossa frente, e responde:

— Foi ótima. Conseguimos resolver todas as nossas pendências. Posso dizer que foi surpreendente — termina a frase olhando para mim e, do jeito que conheço minhas amigas, aposto que perceberam a direta.

— Estou louca para saber dos detalhes — Liv provoca ao lado da loira.

James ri e, ao mesmo tempo que não diz *nada*, diz tudo.

Por que não consigo pensar direito perto dele? Esse homem me deixa fora de órbita, perco o rumo, a capacidade de falar...

Scarlett, então, resolve me salvar.

— Ticy, acho que agora seria um momento perfeito para você falar

sobre o que conversamos mais cedo. Raramente conseguimos nos reunir, inclusive, Josh pode transmitir a mensagem para o restante da banda.

— Estou curioso para saber do que se trata — o roqueiro intervém ao lado de sua mulher, parecendo genuinamente interessado.

— Você saberá, gostoso, e aposto que a banda vai se empenhar para ajudar — Liv comenta, depositando um beijo em seu pescoço.

De repente, não sei se é uma boa ideia comentar meus planos neste momento. Falar para minhas amigas é uma coisa, elas me conhecem, sabem pelo que passei, expor minha ideia fará com que, indiretamente, eles compreendam que sou íntima da causa, que sofri o que as mulheres que quero ajudar sofreram ou sofrem...

Como se estivesse lendo meus pensamentos, James pega minha mão novamente e entrelaça seus dedos aos meus, e entendo seu gesto. Uma força, um aviso de que está aqui, de que vai ficar tudo bem. Consigo entendê-lo cada vez mais e fico feliz por isso, é sinal de que ele está deixando de ser apenas um cliente ou um amigo para mim.

Meu Deus, eu poderia me apaixonar por este homem...

Isso se já não está apaixonada, Beatrice!, meu inconsciente faz questão de dar o ar da graça.

Respirando fundo, busco coragem, bebo o vinho que serviram há pouco e resolvo ir contra minha zona de conforto e, mesmo assim, *me* preservar:

— Há um tempo venho pesquisando sobre mulheres vítimas de violência doméstica.

Sinto o olhar de James me queimando, mas não ousa me virar para o lado. É provável que ele me leia facilmente, e não estou preparada para que enxergue o quanto a causa tem a ver comigo. Não agora.

— Muitas sofrem por não terem condições de procurar ajuda, são obrigadas pelas circunstâncias a permanecerem com seus parceiros agressores, e, com isso, não veem perspectiva para se livrar. Infelizmente, há as que não conseguem sobreviver — pauso para respirar, abraçando o luto de tantas que se foram, e o polegar de James acaricia o dorso da minha mão — e as que fogem e encontram, com dificuldades, um abrigo. Diante disso, estou pensando em criar uma Casa Abrigo para dar suporte jurídico, psicológico e um lar temporário para mulheres vítimas de violência doméstica, e, consequentemente, para seus filhos também. A ideia precisa amadurecer...

— Mas é incrível! — Scarlett exclama. — Estou animada para ajudar.

— Nossa *Ginger* nos surpreendeu com essa ideia e tenho certeza de que será um projeto maravilhoso — Liv complementa.

O que seria de mim sem minhas amigas?

— Foi esse projeto que você não quis comentar comigo lá no Rio? — James pergunta apenas para mim, baixinho, o ar de sua boca esquentando minha orelha, enviando faíscas por todo meu corpo, e sou obrigada a encará-lo.

— Sim, eu tinha que falar com as meninas primeiro, saber o que elas achavam.

— Claro. — Ele sorri e aperta minha mão. E, falando para todos ouvirem, comenta: — Além de ser extremamente inteligente, ainda tem um coração enorme. Essa mulher é uma raridade!

— Obrigada, James — agradeço, o rosto queimando.

Scarlett e Liv se entreolham, como se eu fosse invisível e não estivesse a par de suas insinuações, e balanço a cabeça para elas.

— Pode contar comigo, querida! — James continua. — Terei prazer em ajudar a causa e mostrar que nem todos os homens são como os que

precisam usar de força e grosseria para expressar que mandam em alguma coisa. Um homem pode ser homem sendo gentil e respeitando sua parceira.

— Concordo plenamente, James. Parabéns, Ticy. Não consigo imaginar o que leva alguém a maltratar uma mulher, muito menos a agredi-la. O que precisar, pode contar conosco — Daniel se pronuncia.

Meus olhos não desgrudam do loiro. A vontade que tenho é pular em seu colo e beijá-lo sem parar, ele percebe que o encaro de uma maneira diferente e se inclina para mim.

— Querida, se continuar me olhando desse jeito, será difícil manter a compostura.

Apertando meus olhos, afasto-me de James. *Pelo amor de Deus, esse homem está me fazendo perder o juízo!*

— Muito obrigada, Daniel. Quero muito que dê certo — finalmente respondo e me endireito na cadeira.

— Já deu certo! — Morris contribui. — É só dizer o que precisa que a banda faça, que falarei com Jack.

— Comentei com Liv e Scarlett que precisarei organizar um evento beneficente para angariar fundos

— Dei a ideia da banda fazer um show no evento, *Caçador*. O que acha? — Liv pergunta ao marido.

— Porra, estamos dentro! Só preciso organizar a agenda com Jack. Quando você disser uma data, a gente se vira — ele diz, a atenção voltada para mim.

— Uau! Nem sei o que dizer, Josh, além de muito obrigada.

— Vamos mostrar *pra* esses *filhos da puta* que pensam que são homens como as mulheres devem ser tratadas — o roqueiro se empolga e me

lembro das palavras de Liv. *Como podem ser tão parecidos?*

Rio sozinha.

— Sobre o evento, estou à disposição. Após participar de tantos como curador, acredito que tenho um certo conhecimento — James elucida.

— Sempre tão modesto — Daniel brinca.

— Apenas verdades, meu amigo — James retruca e, olhando para mim, completa: — Sério. Conheço autoridades que podem ser importantes, bem como os responsáveis por instituições que podem te inspirar e auxiliarem no que for preciso. Afinal de contas, o tanto que cooperei e continuo cooperando deve me dar alguma credibilidade.

— Muito obrigada, James — digo, demonstrando o quanto estou grata apertando sua mão, que continua entrelaçada à minha, e ele retribui o gesto. — Ajudaremos tantas mulheres... Não vejo a hora do projeto sair do papel e virar uma realidade. Obrigada a todos vocês.

— Vamos brindar à Ticy! — Scarlett brada. — Uma mulher que pensa no sofrimento de outras mulheres merece ser homenageada. Já disse e repito, tenho orgulho de você. Do seu coração, da sua força e da sua garra.

— Um brinde à Ticy — um coro se estende.

Não tem como não ficar emocionada. Os dedos de James acariciam a palma da minha mão em um carinho bem-vindo e reconfortante.

É difícil acreditar que minha ideia está prestes a sair do papel. Isso é maravilhoso, grandioso e me dá a sensação de realização, de que encontrei um propósito! Não vejo a hora de falar com Esther no próximo encontro.

Ergo minha taça com a mão livre e elevo minha voz:

— Um brinde às mulheres! Um brinde ao abrigo! Um brinde aos amigos!

James se curva e diz de um modo que apenas eu posso escutar:

— Quando penso que você não pode mais se superar, *me* surpreende com sua coragem e determinação. Se por um momento você achou que era insegura, querida, posso afirmar que o que vejo é uma mulher que sabe para onde está indo e aonde quer chegar. E isso só me faz te querer mais!

Engulo em seco ao olhar para seu rosto bonito e sério. Os olhos azuis tão claros e brilhantes, os cabelos loiríssimos, porém muito além da beleza física, ele tem a capacidade de me deixar sem fala, de enxergar mais do que os olhos veem e de abraçar minhas inseguranças como se elas não fossem nada.

— Obrigada, James. Eu... Você adora me desconcertar. — Nós dois rimos, como se estivéssemos em nossa própria bolha, mas somos interrompidos pela voz da minha amada amiga Liv.

— Acho que agora vocês podem nos contar que estão juntos, não acham?



Chego à reunião do grupo de apoio no horário de sempre, antes de todas. Nunca estive tão ansiosa para participar de uma sessão como hoje. Claro, sempre me escondia, ficava distante, mas esta noite decidi fazer parte do círculo. Mais do que isso, decidi contar minha história.

Tenho ciência de que faz parte do meu progresso. Do rito de passagem da Beatrice quebrada para uma Beatrice em recuperação, que *quer* melhorar e ajudar outras mulheres a conseguirem o mesmo.

É incrível que, quando se tem um propósito de vida, todo o resto passa a ser secundário. A sensação é diferente da realização de ter me formado ou ter conseguido a sociedade no escritório. Assemelha-se mais com uma missão, uma vocação. Como se tudo o que fiz antes tivesse me preparado para este momento.

Depois que meus amigos apostaram no projeto do abrigo e demonstraram acreditar na causa, percebi que eu realmente me diminuía, achava que minhas ideias eram menos interessantes do que de outras pessoas, que sempre havia alguém mais importante... e não conseguia visualizar que dentro de mim há uma mulher capaz, que é forte e tem ideais. *Me* pergunto se fui sempre assim ou se foi resultado das ações de Frederick.

Meu celular não para de vibrar e resolvo desligar o aparelho. Desde o almoço no apartamento de Scarlett, há três dias, minhas amigas estão me perturbando, dizendo que preciso oficializar a relação com James, que até já

apelidaram de *Mr. Gentleman*. Após a inquisição de Liv, James e eu respondemos que estávamos nos conhecendo melhor. E só.

Ah, é claro que elas não se aguentaram com a resposta curta e simples. Então, assim que comemos, as duas me levaram para o quarto novamente e lá finalmente contei os detalhes do que aconteceu entre mim e o empresário no Rio de Janeiro e no voo de volta para Nova York.

Não posso correr, não agora que as coisas estão dando certo. Elas sabem como foi difícil ter dado o primeiro passo e ainda assim insistem em dizer que um homem como James não se deixa escapar. Oras, eu sei! É por isso que fui sincera com ele. E se James, que é a parte principal nisso tudo, disse que é paciente e vai me esperar, eu é que não vou me preocupar.

— Boa noite, Beatrice!

— Boa noite, Esther!

Sem que peça, eu a ajudo com as cadeiras, fazendo o costumeiro círculo no meio do salão. Percebo que ela fica surpresa com minha atitude, mais ainda quando me sento em uma delas — até alguns dias atrás, eu apenas observava, não tinha coragem nem de chegar perto.

Ela abre um sorriso discreto e coloca a mão no meu ombro.

— Eu sabia que esse dia chegaria — diz. — Estou feliz, Beatrice. Não somente por mim, mas por você!

— Obrigada, Esther. Eu só precisava acertar algumas coisas. Agora me sinto relativamente pronta para dar mais um passo.

— Você vai ver como isso vai te ajudar. O poder que *o expressar*, *o colocar para fora* têm é libertador.

— Por falar em ajudar, após a reunião, gostaria de conversar com você.

— Claro. Vamos sim.

De uma hora para a outra, todas as cadeiras estão ocupadas, e algumas mulheres estão sentadas no chão.

Caramba!

O nervosismo ameaça me paralisar, e respiro fundo.

Silenciosamente, entoo o pensamento que vem me acompanhando desde a viagem: Chega de medo! Chega de nadar contra a correnteza!

E, então, a reunião começa.



MEU RELATO

*Então vá em frente e grite
Grite pra mim, eu estou tão longe
Eu não vou desabar novamente
Eu tenho que respirar, não posso
continuar afundando.*

Going Under, Evanescence.



**Aviso: este capítulo pode gerar desconforto. Se você não se sente bem em ler relatos de relacionamentos abusivos explícitos, sugiro que não o leia.*

Geralmente são três testemunhos por noite, um já foi e outro está quase chegando ao fim.

O meu momento se aproxima. Esperei tanto por isso na mesma proporção em que fugi como pude.

Pensei que seria tranquilo depois de passar dias de trégua, sem pesadelos ou desconfortos, mas subestimei meu passado. Estava bom demais para ser verdade.

É claro que ele ainda tem um peso enorme sobre mim. Só de pensar em contar uma parte do que passei, meu estômago revira, meu corpo treme, o choro ameaça correr livre.

Percebendo minha agitação, Esther chega ao meu lado e segura minha mão, sussurrando ao meu ouvido:

— Fique calma, Beatrice. Respire fundo e expire. — Obedeço ao seu comando. — Isso! De novo.

Fico assim por pelo menos um minuto, focada em minha respiração, e levo um susto quando Esther vai até o centro do círculo e palmas irrompem o recinto, sinal de que o testemunho terminou e chegou a minha vez.

Por um breve instante, penso em fazer o que mais tenho feito nos últimos anos, fugir, mas as palavras da líder me prendem no lugar:

— Obrigada por compartilhar sua história conosco, Emily. Agora, iremos ouvir uma mulher que, como todas nós, tem um passado perturbador. Ela levou um mês para conseguir se sentar conosco, e, hoje, finalmente decidiu sair da sua zona de conforto. Parabéns pela coragem, Beatrice!

E, mais uma vez, o barulho das palmas invade o ambiente.

— Quando quiser, pode começar — diz.

Abro uma garrafinha de água e umedeço minha boca seca, sorvendo o líquido que, mesmo em temperatura ambiente, está geladíssimo por conta do frio que chegou de vez. Apesar do aquecedor estar ligado, este salão não esquenta. É tudo gelado demais...

— Beatrice — Esther me chama, e percebo que, sem querer, minha mente correu para outro lugar.

— Desculpe! — pigarreio. — Boa noite para todas.

Um coro responde o cumprimento.

— Meu nome é Beatrice Parker, tenho 27 anos, sou advogada e vivi em um relacionamento abusivo. Pensei bastante em como contaria minha história, como poderia ser menos impactante para mim, se é que é possível, por isso resolvi que narraria na forma de um romance. Eu amo ler, talvez assim eu consiga transmitir melhor, como se fosse a história de outra pessoa e não a minha.

— Fique à vontade — a líder pede.

Engulo em seco e me preparo para contar uma história horrível e de extremo mau gosto à minha plateia.

Seis anos antes...

— Não gosto de te ver com esta roupa!

— Mas eu gosto tanto deste vestido... — retruquei, verificando o resultado diante do espelho.

Era um vestido branco de um ombro só, clássico, e que chegava a um palmo acima dos joelhos. Pensei em como meus cabelos avermelhados ficariam reluzentes com o contraste, mas estava satisfeita com os fios escuros. Afinal, Frederick achava que a cor dos meus cabelos era muito chamativa, então, meses antes, pinteí de castanho escuro. Ele amou, e eu fiquei feliz por isso.

— *Te deixa vulgar.* Não acho que seja necessário se mostrar tanto...

— Frederick, você está falando sério? — perguntei, achando que ele estava brincando, mas, ao encontrar sua expressão contrariada no reflexo do espelho, percebi que falava sério. — Se você diz...

Talvez ele estivesse certo. Scar e Liv, minhas melhores amigas, tinham a mente aberta demais, é o que Fred sempre dizia, por isso não poderia me fiar na opinião que elas deram mais cedo quando estiveram em meu apartamento, pensei.

Eu tinha 19 anos e estava no segundo ano de Direito na NYU (*New York University*) quando conheci Frederick Harrison na Universidade. Não como estudante, mas sendo um dos professores assistentes do curso de

Medicina, por isso a diferença de idade foi um tabu entre minhas amigas e meus pais. Fred era 15 anos mais velho que eu.

Este foi um dos motivos que me fizeram morar sozinha. Já estava na hora de ter meu canto, sem a preocupação constante da minha mãe e os sermões do meu pai, então, *me* mudei para o apartamento que eu ganhara quando ingressei na faculdade. Minha família não me desamparou, de forma alguma, eles apenas disseram que as portas sempre estariam abertas caso resolvesse voltar. A única preocupação deles era que eu me machucasse.

Resolvi procurar outra roupa. Estava me preparando para mais um jantar na casa dos pais de Fred e não queria *deixá-lo* de mau humor. Eles eram conservadores ao extremo e, apesar de estarmos namorando há dois anos, ainda ficava nervosa.

— Bem melhor — disse, assim que vesti uma saia *midi* com estampa floral com uma camisa de seda preta por dentro. Eu parecia mais uma executiva do que uma garota de 21 anos saindo para jantar com o namorado, mas, por mim, estava tudo bem.

Suas observações já faziam parte da nossa rotina. Ele dizia que estava me ensinando a ser uma mulher de verdade. O que eu mais queria era *ser* uma mulher de verdade, e que ele tivesse orgulho de mim.

O jantar transcorreria de maneira tranquila, sem eventuais acidentes de percurso, isto porque era comum Frederick e o pai discutirem por qualquer coisa de que discordavam. Estava cansada de toda vez ter que sair da mesa e ficar sozinha pelo resto da noite.

— Você está linda como sempre, Beatrice! — sua mãe me elogiou antes de disparar: — Meu filho, já está na hora de darem um passo a mais no relacionamento, não acha?

Eu odiava a forma como eles se intrometiam em tudo. O pior é que,

para Fred, aquilo era saudável e eu que precisava me adaptar.

— Beatrice ainda é nova, mãe. Creio que em um ou dois anos poderemos começar a pensar nisso. — Sua mãe suspirou pesadamente e revirou os olhos, como dizendo: *esses jovens de hoje em dia...*

Olhei para Frederick e, inconscientemente, franzi minha testa, sem nada falar. Nós nunca havíamos conversado sobre aquele assunto, até porque eu tinha uma vida pela frente, além de realmente ser nova. Não imaginava que ele tivesse planos sobre casamento ou algo do tipo.

Quando deu a hora de irmos embora, saímos da casa dos seus pais e seguimos para o carro de Fred, que estava estacionado em um beco. Assim que entramos, a voz áspera e grave que ressoou dentro do espaço fechado me fez estremecer, indicando que havia algo errado.

— Posso saber o motivo de ter feito aquela careta na mesa?

Fingi que não sabia do que ele estava falando, e minhas mãos começaram a suar. Eu detestava aquele lado dele, mas sabia que logo em seguida as coisas voltariam ao normal. Aquela sombra que o envolvia enquanto estava contrariado o deixava irreconhecível.

— Não sei do que você está falando, Fred — respondi, a voz fraca.

Uma risada amarga saiu da sua garganta.

— Não sabe, sua *putinha*?

Olhei para ele, em alerta, e me virei para a frente, os ombros curvados em submissão, aguardando que ele recuperasse o equilíbrio o mais breve possível. Como não falei nada, ele continuou:

— Não quer se casar comigo, é isso? Acha que é melhor do que eu? — pegou meu queixo e apertou com tanta força, que foi inevitável lágrimas começarem a cair. — Você é uma puta mesmo. Eu te dou amor, carinho, respeito, e o que recebo é isso? Uma careta na mesa dos meus pais?! Como se

eu fosse um idiota, um palhaço... por pensar em me casar com você!!!

Eu te amo mais do que tudo!, tive vontade de gritar, mas não adiantaria nada. Não era a primeira vez que ele se alterava, porém, na sequência, pedia perdão e se tornava o homem mais dócil do mundo. O *homem que era o meu mundo*. Acreditava que o amor deveria relevar todo tipo de situação, e ele parecia estar sobrecarregado com o trabalho, então, eu me conformava com seus rompantes.

Nem sempre foi assim. Sua mudança de comportamento aconteceu depois de um ano e meio de namoro. O Frederick por quem me apaixonei era calmo, atencioso, amoroso... Um príncipe. Por isso, achei que era uma fase que logo iria passar.

Contudo, naquela noite, ele estava transtornado, vermelho de raiva e, conforme gritava, ainda com os dedos segurando meu maxilar, saliva respingava em meu rosto. O espaço no carro era tão apertado e fazia tanto silêncio, que o seu grito ficou ecoando em minha mente por um bom tempo.

Eu só queria que aquele acesso de ira acabasse e ele voltasse a ser o meu namorado amável. “Ele está estressado”, “Eu o aborreci”, “É compreensível que esteja chateado”, pensava a todo instante, confortando-me com a certeza de que tudo voltaria à normalidade.

Antes de tudo, enxergava em Fred um homem maduro, que conhecia a vida, um dos caras mais inteligentes que eu teria o prazer de conhecer e que tinha seus defeitos, como qualquer outra pessoa.

Mas, naquele dia, muito além das palavras duras, ele fez algo que nunca tinha feito antes.

Com a mão livre, levantou minha saia, sem parar de olhar nos meus olhos com um brilho estranho, vidrado, e disse, devagar:

— Então, eu vou te tratar como a puta que você é...

Seus dedos avançaram para minha virilha, conforme o tecido subia mais e mais, e fechei minhas pernas com força, impedindo-o de continuar.

— Não, amor. Não faz isso... Eu não quis te desrespeitar... Nós nunca conversamos sobre nosso futuro, não pensei que fosse algo tão importante para você — disse, sincera, tentando fazê-lo voltar à razão.

Sua cabeça estava em outra dimensão, e, mais uma vez, a risada amarga reverberou dentro do veículo.

— Você deve achar que sou idiota. Eu sei que você olha para outros garotos da sua idade. Acha que eu não sou o suficiente? Acha que pode me desrespeitar?

— O que você está dizendo? — indaguei, achando aquela situação sem fundamento algum.

Com esforço, desvencilhei-me do aperto de sua mão no meu queixo e massageei a região.

— Fred, por favor, você está imaginando coisas. Jamais olhei para outro homem com segundas intenções enquanto estivemos juntos.

— Você acha que eu acredito? — começou a gargalhar tanto, que eu pensei que realmente tivesse feito uma piada. E, então, voltou a destilar seu veneno: — O que uma garotinha de 21 anos sabe que um homem de 36 não sabe? Uma *putinha* que se acha a rainha das fodas.

Com um desespero crescente, eu disse:

— Eu amo você! Você é tudo o que quero. Não tem por que duvidar de mim, do meu amor...

Não queria *perdê-lo*. Não *podia*! Estava viciada em Frederick. E, como uma droga, precisava dele e não conseguia sequer pensar na hipótese de não o ter perto de mim.

Tentei tocar em seu rosto para que soubesse que eu estava falando a verdade, para que compreendesse o quanto o amava, mas Fred pegou meu braço e o apertou com força.

— Vou te ensinar uma lição, *putinha!*

Pela primeira vez, dei-me conta de que ele estava perdendo o controle da situação por completo.

Eu só pensava no que fazer para que meu namorado voltasse a ser o cara por quem me apaixonei. Eu o amava tanto e não queria que sentisse raiva de mim. Não, queria ser a melhor namorada, a melhor mulher, e faria de tudo para trazê-lo de volta daquela exasperação momentânea.

Meus pensamentos estavam embaralhados.

“Por que eu fiz aquela careta?”, “Por quê?”, “Sou culpada por ele estar desse jeito”, “Eu o humilhei”.

Eu sempre me achava culpada.

Frederick foi para o meu lado e montou em cima de mim, prendendo minhas pernas com seu corpo, impedindo-me de me debater.

Eu nada falei. Apenas esperei que fizesse o que quisesse comigo, afinal, eu queria agradá-lo depois da maneira como o magoei, só não esperava pelo que viria a seguir.

Com uma mão, ele segurou meus pulsos acima da cabeça e, com a outra, levantou ainda mais minha saia, até que eu estivesse exposta da cintura para baixo.

Eu chorava por dentro, baixinho, pedindo a Deus que toda aquela loucura acabasse logo. Porém, quando menos esperei, ele chupou dois dedos, colocou minha calcinha para o lado e esfregou minha intimidade sem qualquer cuidado.

Um gemido saiu da minha garganta. Não de prazer, mas ele entendeu diferente.

— Sabia que você gostava de ser tratada como uma puta. No final, todas gostam.

Continuou esfregando seus dedos com aspereza, machucando meu sexo, e seus olhos não desviavam dos meus. Um prazer animalesco refletindo em suas íris. Meu choro aumentou, e não tive como conter as lágrimas que inundavam meus olhos.

— É assim que você gosta, não é, minha *putinha*?

Ele esfregou mais duas vezes, antes de lamber meu gosto dos seus dedos e urrou em contentamento. Rapidamente, enquanto uma mão segurava meus pulsos, a outra me desferiu um tapa tão forte no rosto que minha cabeça foi para o lado.

— Aiiiiiiii! — gritei de dor.

— Isso, grite para mim. Esperneie, vagabunda!

Frederick trocou a mão que segurava meus pulsos apenas para dar um tapa do outro lado, fazendo meu pescoço girar com a força do golpe.

Eu parei de gritar, pois percebi que quanto mais gritava, mais ele se satisfazia. E, então, querendo me provocar, querendo mais ação, ele desferiu três socos. Um no olho, um na lateral da cabeça e outro no maxilar. Por um momento, pensei que fosse desmaiar e até pedi a Deus que me levasse.

Meu coração estava destroçado. Não só pelos socos, tapas e a violação em meu sexo, mas porque era o homem que eu amava que estava fazendo aquilo. O homem que me deixou total e completamente dependente dele.

Sangue escorria dos cantos da minha boca e já sentia um dos olhos inchar.

Sem forças para manter a cabeça erguida, eu não conseguia saber qual seria seu próximo passo. Foi quando ele conseguiu me surpreender mais uma vez com sua maldade. Frederick extrapolou qualquer limite.

Ele desceu o zíper de sua calça e levou seu membro até minha boca, lambuzando-me com seu líquido. O *filho da puta* estava excitado. Aquele doente estava adorando me ver incapacitada, gritando, machucada...

Frederick começou a se masturbar próximo ao meu rosto e, sem poder endireitar minha postura, pois a dor na cabeça era lancinante, fui obrigada a sentir seu pênis roçar meus lábios em todo momento.

— Você é minha, Trice. — Ele se negava a me chamar de Ticy, pois dizia que queria algo exclusivo. E continuou balbuciando, ofegante: — Toda minha. Olha como eu fico por sua causa. O que você faz comigo...

E não parava. O choro contido se transformou em um esperneio incontrolável, mas ele não estava nem aí. Continuou a se tocar com sofreguidão. Quanto mais eu chorava, mais ele sentia prazer.

Uma cena que eu tinha certeza de que povoaria minha mente por muito tempo. *E não poderia estar mais certa.*

Frederick encontrou sua libertação e gozou forte em minha bochecha, boca, queixo, murmurando palavras desconexas e, entre elas, consegui compreender uma frase que fez todos os pelos do meu corpo arrepiarem: “só eu consigo domar a vadia que existe dentro de você, Trice. Só eu posso te purificar.”

No mesmo instante, tive ânsia de vômito, mas me segurei, respirando fundo. Meu corpo era só espasmos de nervoso. Quando ele soltou meus braços, a primeira coisa que fiz foi me limpar com a saia, quase rasgando minha pele de tanto friccionar o tecido, sem me importar com o inchaço ou a dor excruciante.

Não resisti. Vomitei em cima do desgraçado que ainda estava montado em mim. Uma, duas vezes. O gosto do seu líquido ainda presente em meus lábios, fazendo-me vomitar mais uma vez.

Como se estivesse acordando de um transe, o homem que eu tinha admirado, idolatrado e chamado de namorado por dois anos saiu de cima de mim, voltando para seu lugar de frente para o volante.

Puxei minhas pernas para cima do banco e abracei meu corpo. Eu tremia tanto, que não conseguia ter forças para sequer sair do carro.

— *Me perdoe*, Beatrice. Por favor, eu nunca faria mal a você. Não sei o que deu em mim... Eu... — Frederick estava com uma expressão de horror. Os olhos arregalados, as mãos não paravam de puxar seus cabelos.

— *Me leve para casa* — sussurrei, fraca, os dentes batendo com a tremedeira.

— Você precisa me perdoar.

— *Me leve para casa* — repeti.

Em silêncio, ele fez o que eu pedi, mas, no fundo, tive medo daquele ciclo odioso recomeçar, de que não me deixasse sair viva dali.

Depois daquele dia, não fui mais a mesma pessoa.

Depois daquele dia, foi impossível não ter medo.

Medo de que algo pior pudesse acontecer. Medo de estar com uma pessoa que eu não conhecia de verdade. E, o mais absurdo, medo de que eu pudesse perder Frederick para sempre.

Mesmo depois de tudo o que me fez, eu sentia pavor de perdê-lo. O que era aquilo senão doença? O homem conseguiu minar o meu amor próprio, a confiança que eu pensava que tinha em mim, a capacidade de dizer não... Ou será que fui fraca demais?

Eu era uma menina, inexperiente, ludibriada por um homem 15 anos mais velho, lindo, que, ao meu ver, sabia do que estava falando e queria me tornar uma mulher melhor. Quanto da minha inocência foi roubada?

Naquela noite, assim que cheguei ao meu apartamento, liguei para os meus pais e minhas amigas. Poucos minutos depois, todos estavam na minha casa, horrorizados com o meu estado, meu rosto inchado, os hematomas em meus pulso... Nunca me esquecerei do choro da minha mãe e do abraço apertado do meu pai.

No dia seguinte, eles me levaram à Polícia, juntamente com uma advogada. Um Registro de Ocorrência foi aberto e uma ordem de restrição solicitada. Com os exames de corpo de delito confirmando quem fizera aquilo comigo, tudo aconteceu muito rápido.

Frederick foi exonerado da Universidade e precisou cumprir alguma pena que eu sabia que não seria o suficiente, porém, para mim, bastava que não o visse todos os dias, que eu voltasse a viver sem medo, ou, pelo menos, tentasse.

Contudo nunca pensei que viveria com um fantasma me rondando toda vez que eu saísse com um homem, toda vez que me permitisse vestir uma roupa mais curta ou, toda vez em que me sentisse livre, porque a sensação que eu tinha era a de que alguém me pararia e me enjaularia novamente.

Dias atuais

— Seis anos depois, estou aqui, buscando ajuda, procurando me encontrar. Seis anos e ainda carrego os fantasmas daquela época. Seis anos até finalmente conseguir expor o meu passado além do meu círculo familiar e

de amizade. Seis anos em que convivo com o medo de abrir meu coração novamente. Eu sou Beatrice Parker, tenho 27 anos, sou advogada e sobrevivente de um relacionamento abusivo.

Palmas irrompem no ambiente, o eco tornando o barulho ensurdecador. Enquanto assinto com a cabeça, agradecendo silenciosamente pelo suporte e encorajamento, lágrimas e mais lágrimas vertem pelo meu rosto.

Durante meu testemunho, não consegui parar de chorar, revivendo cada pedaço daquelas lembranças, sentindo na pele a dor que aquele homem me causou, física e emocionalmente.

Estou uma bagunça, mas as mulheres presentes não estão diferentes. Esther chega ao meu lado, como já a vi fazendo tantas vezes, e me abraça.

Eu me derramo com ela, sentindo um peso enorme sair das minhas costas, como se, finalmente, tivesse expulsado aquele homem da minha mente e coração. Óbvio que a cicatriz sempre estará comigo, contudo o poder que a dor exercia sobre mim está se dissipando e isso... é libertador!

Desvencilho-me do abraço, agradecendo, e aproveito para falar mais um pouco, tomada por uma ousadia nova e bem-vinda.

— Essa é uma parte da história que carrego. A mais dolorosa. A que me fez dar um basta. E as outras partes? Aquelas em que ele me proibia de ver minhas amigas? Mesmo que sorrateiramente, de maneira velada, um pedido que parecia tão cuidadoso, uma espécie de proteção. E quando ele dizia que minhas roupas estavam curtas ou transparentes demais, que o meu batom vermelho me deixava com cara de puta, que meu cabelo naturalmente avermelhado era muito chamativo? Tão clichê, não é? Nós nunca pensamos que vai acontecer com a gente. Por que em cada limitação que Frederick me impunha eu não disse: chega!? Por que eu deixei que chegasse tão longe?

Foram as perguntas que me fiz durante muito tempo.

Olhando para Esther, em uma espécie de agradecimento e declaração, digo:

— Aqui, neste grupo de apoio, eu me dei conta de que não sou culpada pelo que aconteceu. Ouvindo tantas histórias, tantas mulheres ameaçadas e violentadas, percebi que os agressores desenvolvem o mesmo *modus operandi*. Eles iludem, tornam-se o nosso mundo, morrem de amores, elogios, aos poucos vão nos afastando de quem amamos, família, amigos, dizem que não precisamos estudar, trabalhar, *nos* tornando dependentes. Então, começam as reclamações e agressões verbais e psicológicas disfarçadas: “Ah, você não sabe fazer nada direito”, “Você está louca”, “Se eu fosse você, faria diferente. Eu sei o que é melhor”. O próximo passo, se não caímos fora, já sabemos.

Limpo meu rosto e nariz com um pedaço de papel que uma moça gentilmente trouxe para mim.

— Finalizando, Frederick não ficou agressivo por minha causa, não me bateu porque eu mereci, não me xingou porque eu era fraca... *Ele* era doente. *Ele* é quem tinha problemas. *Ele* era o fraco, o inseguro, o emocionalmente instável. O que esse tipo de gente faz com a nossa cabeça não dá para ser mensurado, vai muito além do físico, nós sabemos, não é? Os anos que levamos para nos recuperar. Só que uma certeza eu tenho, não vou desistir. Não vou parar de lutar, não só por mim, mas por outras como nós, até que todas saibamos que não somos culpadas. Não somos culpadas e não devemos nos calar. Obrigada por me ouvirem. Obrigada, de coração!

Novamente, o som alto das palmas reverbera pelas paredes do salão, só que dessa vez é diferente. É como se elas estivessem entrando em uma batalha. Preparando-se para uma guerra. O barulho aumenta ao passo que

lágrimas rolam de cada rosto. Elas não param de aplaudir e eu sigo junto. Forte. Palma com palma, mão com mão, cada gesto deste levando embora meus medos, exortando meus fantasmas, banhando a minha alma de paz e curando minhas emoções.

Assim, encerro mais um ciclo. Fecho as portas daquele romance feio e perturbador, que, mais do que traumas, *me* mostrou um novo propósito de vida e me tornou quem sou hoje.



UMA NOITE FRIA

*Deixe o céu cair
Quando desmoronar
Estaremos de pé, orgulhosos
E iremos encarar tudo juntos
Na queda do céu.*

Skyfall, Adelle.

James

Ouço o vibrar do celular em cima da mesinha e coloco o notebook na cama. Pelo horário, penso que pode ser Brianna, já que não nos falamos desde o dia em que ela saiu às pressas do meu apartamento, mas fico surpreso quando pego o aparelho e vejo o nome no visor. Beatrice ligando às dez horas da noite? O que será que aconteceu?

— Beatrice, aconteceu alguma coisa?

— Boa noite, James. Desculpe o horário, é que eu gostaria de conversar com você, mas se estiver ocupado, cansado...

— Quer vir à minha casa? Ou posso ir à sua... — digo, interrompendo sua fala. Se ela quer falar, é sinal de que *precisa* conversar comigo e não vou ignorar seu pedido.

— Não estou em casa, então, pode ser na sua. *Me* passe o endereço para eu chamar um táxi.

— Onde você está?

— Acabei de sair de uma reunião... Quando nos encontrarmos, explico melhor.

— Eu vou te buscar. Já é tarde e está nevando. Mande a sua localização, por favor!

— Mas...

— Querida, é simples. Envie o local e eu vou!

— Tudo bem. Obrigada!

— Até daqui a pouco.

Encerro a ligação e aguardo sua mensagem com o endereço. Não tenho ideia do que a ruiva quer conversar, a única coisa que sei é que deve ser sério. Ela não me procuraria, a esta hora, à toa.

Passo as mãos nos cabelos, inquieto, e me levanto. Não que eu estivesse pronto para dormir, mas, com esse clima, gosto de trabalhar na cama.

Caminho até o *closet* e, quando estou separando roupas quentes para vestir, o celular apita, indicando que chegou mensagem.

Deve ser ela.

Troco de roupa em tempo recorde e pego o aparelho. Ticy enviou a localização.

Não fica tão distante, porém é um bairro perigoso para se estar a essa hora. Sem esperar nem mais um minuto, pego a chave do carro e saio de casa.

No percurso, minha cabeça não para de trabalhar, pescando se nos últimos dias fiz algo de errado ou se fui direto demais. Não falo com Beatrice desde o almoço na casa de Daniel e Scarlett. Tanto eu quanto ela estamos com pendências profissionais por conta da viagem ao Rio de Janeiro, trabalhando até tarde da noite, e resolvemos nos encontrar mais perto do final de semana.

Ela pediu para irmos devagar e estou respeitando sua vontade, por mais difícil que seja me segurar sabendo que, finalmente, posso tê-la em meus braços.

Recordo o momento em que Liv se deu conta de que havia algo entre

nós, talvez estivesse na cara, não sei, mas, então, com o apoio silencioso de Beatrice, disse que estávamos nos conhecendo melhor.

É claro que todos começaram a falar sem parar, perguntando o motivo de não termos falado nada, dando parabéns... Foi engraçado. Será que é sobre isso que Beatrice quer conversar?

Porra! Essa mulher está me deixando louco. Não no sentido ruim da palavra, mas é que nunca quis tanto alguém como eu a quero, e a tortura de não poder fazer o que realmente desejo, o cuidado que preciso ter ao falar e tomar algumas atitudes...

Vale a pena, é o que digo para mim. Ela vale a pena.

O GPS avisa que em um minuto chegarei ao meu destino. As ruas estão vazias, geladas e uma camada branca de gelo reveste as calçadas. O que não daria para estar no calor do Rio de Janeiro.

Viro à direita e a procuro, o carro na velocidade mínima. Logo a encontro conversando com uma morena, baixinha, as duas abrigadas debaixo de uma marquise.

Buzino para Ticy saber que sou eu e, enquanto se despede da mulher, saio do carro e abro a porta para que ela entre. A ruiva corre em minha direção e, antes de entrar no automóvel, diz:

— Muito obrigada, James!

O sorriso fraco em seu rosto não é a única coisa que chama a minha atenção. Os olhos, assim como a ponta do nariz, estão vermelhos e é fácil identificar que não tem nada a ver com o frio que está fazendo. Minha preocupação se eleva ao cubo.

Sem me importar com mais nada, seguro seu rosto entre minhas mãos e acaricio suas bochechas. O ato faz seus olhos fecharem e meu peito se agita. O que eu sinto quando estou perto dessa mulher... Um floco de neve cai em

meu rosto e saio do torpor do momento.

— Não foi nada, querida. Vamos, entre que está congelando.

Fecho sua porta e dou a volta para chegar ao meu lado. Acomodo-me no assento e aumento o grau do aquecedor.

— Está tudo bem? — pergunto e faço o retorno em direção ao meu prédio.

— Está, sim. Eu não queria te tirar de casa nesse frio, James, mas precisava conversar com você. Sabe quando a gente precisa fazer algo na hora se não perde a coragem? Então...

— É claro que eu sei. Fique tranquila quanto a isso, Ticy. Você pode contar sempre comigo, não importa a hora ou lugar.

— Obrigada!

Estendo o braço e toco sua mão, contrariando minhas expectativas, ela não a afasta, em vez disso, entrelaça seus dedos nos meus.

Impossível não abrir um sorriso. Pareço um adolescente, mas *foda-se*, eu a tenho ao meu lado e é só o que me interessa.

— Estou curioso — admito e ao olhar de soslaio para seu rosto, vejo que ela assente com a cabeça, pensativa. — Não fiz nada de errado, fiz?

Ela ri.

— Não! Não tem nada a ver com você. É sobre mim.

Nada me tira da cabeça que Beatrice sofreu para caralho no passado e este pensamento ganhou força quando ela contou sobre o plano de abrir uma Casa Abrigo para mulheres que sofreram/sofrem violência doméstica, que, convenhamos, *me* deixou extremamente orgulhoso e ainda mais fascinado pela ruiva.

Posso estar redondamente enganado ou julgando sem conhecimento

de causa, mas aqui, dentro de mim, sinto que esse projeto tem uma motivação pessoal.

Só espero que eu esteja muito errado, porque não sei como me sentiria se soubesse que esta mulher maravilhosa, meiga, linda e incrível foi agredida de alguma forma.

Nunca me esqueço de um outro projeto em que fui curador, com o mesmo tema de violência contra mulheres, porém com o intuito de ajudá-las a conseguirem realizar cirurgias reparadoras e estéticas sem precisarem arcar com os custos. Vi, com meus próprios olhos, como a maldade humana é terrível e me envergonhei por ser do mesmo gênero que aqueles monstros. Mulheres que chegavam com o maxilar quebrado, a arcada dentária comprometida, nariz fraturado...

Além de raiva, tenho nojo desses *filhos da puta* que pensam que são os reis do mundo, que podem fazer o que bem querem, sem sofrerem penalidades condizentes com seus crimes. Uma mulher merece ser tratada como uma rainha, ser livre, e não como um objeto de posse de algum babaca. Pode chamar de clichê, baboseira, que seja, não perco a minha essência para agradar padrões. Sou quem sou.

Perdido em pensamentos, nem me dei conta de que fiquei calado por tanto tempo. Chegamos ao meu prédio e o portão automático se abre. Estaciono e peço que Beatrice espere dentro do veículo.

Saio e corro para o outro lado, abrindo a porta do passageiro. Ela tenta segurar uma risada, e não compreendo o motivo.

— O que foi? — pergunto, assim que a ajudo a sair do carro.

Ergo as sobrancelhas e verifico se há algo errado com minhas roupas.

— Só me lembrei de uma coisa — responde de maneira vaga.

Seguimos em direção aos elevadores, o clima entre nós

momentaneamente mais leve.

— E vai me deixar sem saber o que é?

— É bobeira, mas assistir você correndo só para abrir a minha porta me fez recordar um apelido que Liv e Scarlett te deram.

— Acho que mereço saber, não é?

Entramos no elevador, e aperto o botão da cobertura.

— Sim — diz, repentinamente sem graça. — Elas disseram que o trio de *Misters* está completo agora. Mr. M, que é o Daniel, Mr. Arrogante, o Morris, e você é o *Mr. Gentleman*.

— *Mr. Gentleman*? — repito e solto uma gargalhada. — Essas meninas são criativas demais.

— Nem me diga. O melhor é que realmente combina.

— Humm... Você acha que eu sou um *Gentleman*, é? — *Me aproximo do seu corpo e coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, sentindo a textura dos fios que tanto admiro.*

Sua voz sai baixa:

— Com certeza. Educado, elegante, respeitador, gentil, prestativo, amigo...

Ouvi-la dizer esses adjetivos ao meu respeito me deixa sem reação e não reconheço meu timbre ao sussurrar:

— Para você, apenas o melhor, querida!

De repente, o elevador fica pequeno demais, e ela se remexe no lugar, nossos olhos fixos um no outro, e, então, as portas se abrem, dando passagem para o meu apartamento e interrompendo nossa troca de olhares.

Logo que entramos, o ar quente me envolve como um cobertor invisível. *Porra, muito melhor.* Resultado da lareira e do aquecedor central.

— Nossa, aqui dentro está uma delícia! — exclama.

— Concordo plenamente. O que seria de nós sem tecnologia e lenha?

— Verdade.

A ruiva sorri e se desfaz do casaco grosso que estava vestindo, ficando com uma calça social e uma camisa de seda, ambas de cor azul-marinho.

Porra! Ela é linda demais! Vestindo azul, mais linda ainda.

Retiro meu sobretudo e o deixo no armário de entrada.

— *Me dê seu casaco* — peço.

— Ah, sim.

Ela o entrega para mim e nossos dedos se tocam, fazendo meu corpo todo arrepiar com o contato.

Mas que merda é essa? Não consigo compreender como ela pode me afetar tanto, e nos últimos dias está mais latente. Não sei se é pelo fato de não estar saindo com outras mulheres, e, conseqüentemente, não liberar energia... É melhor parar de pensar besteira e fazê-la ficar à vontade, afinal, ela veio com um objetivo e não posso me esquecer disso.

— Está com fome? Podemos pedir uma sopa, um caldo, o que você acha? — pergunto, levando-nos para a sala e, sem que eu a convide para se sentar no sofá, ela tira os sapatos e se acomoda no tapete felpudo que cobre quase o cômodo inteiro, ajeitando-se perto da lareira, sem nenhuma dificuldade ou constrangimento.

Algo dentro de mim se orgulha por ela se sentir tão confortável em minha casa a ponto de se sentar no chão...

Sua voz chama minha atenção:

— Sopa está ótimo. Fui para a reunião direto do trabalho, estou

faminta. E parabéns pelo apartamento. É lindo, de muito bom gosto.

— Obrigado, Ticy. Gosto dele também, por mais que não passe tanto tempo por aqui.

Em nenhum momento a pressiono, quando estiver preparada sei que ela contará o que precisa.

— Imagino. Deve ser cansativo demais viajar tanto.

— Sim, bastante, mas logo as coisas vão melhorar. Daniel e eu estamos revendo algumas prioridades. E quanto à sopa, você vai experimentar a melhor dessa cidade.

— Uau! Essa eu quero ver.

Tento ler seu semblante, sua expressão corporal, mas ela permanece sendo um enigma.

— Vou fazer o pedido e abrir um vinho. Bebe comigo? — convido.

— Bebo sim.

— Perfeito. Já volto.

Faço o pedido de duas sopas *minestrone*^[1] de um dos melhores restaurantes italianos da cidade e vasculho minha adega até encontrar um vinho adequado para harmonizar com a comida.

Retorno para a sala com uma taça em cada mão, e Beatrice não está no mesmo lugar.

Para onde essa mulher foi?

Vasculho os cômodos e a encontro perto do meu piano. Estaco no lugar, enquanto a observo passar os dedos finos e delicados pelas teclas do instrumento, distraída. Uma visão que guardarei na memória.

Sem querer assustá-la, caminho devagar e falo suavemente:

— Aqui está.

Ticy se vira para mim, como se tivesse sido pega no flagra, e sorri sem jeito. Entrego uma taça a ela e ofereço um brinde:

— À vida!

Reflexiva, ela assente e repete:

— À vida!

Entornamos um gole do vinho tinto, escolhi um *Chianti*, que ficará ótimo com a *minestrone*, e ela comenta:

— Delicioso esse vinho.

— Que bom que gostou. Vai combinar com a sopa.

— Você costuma tocar bastante? — pergunta, mudando de assunto.

— Infelizmente, não tanto quanto gostaria.

— Entendo. O que você sente quando toca?

Uma pergunta interessante. Penso um pouco e me acomodo no banco em frente ao piano, depositando minha taça no apoio de copos que deixo em cima do instrumento e dedilhando algumas notas, respondo:

— Que posso ser quem eu quiser. Sinto-me livre, renovado. Sinto alegria, relaxamento... Se estou feliz, a felicidade triplica. Se estou triste, é meu consolo. Resumindo, é uma sensação que palavras não conseguem expressar com exatidão.

— Na verdade, você expressou muito bem. Nem tudo possui uma explicação exata, não é? — questiona, mais para si do que para mim. — Quando te vi tocando lá no hotel do Rio, pensei que fosse outra pessoa. Você estava tão entregue, como se tivesse nascido para aquilo, ao mesmo tempo, não o vejo largando tudo para ser músico.

Solto uma risada e ela me acompanha.

— Não acho que conseguiria largar *tudo* para virar músico, querida. A música é um *hobby*, um escape, e, se eu transformá-la em minha ocupação, sei que ela se perderá. O prazer se transformará em negócio e não tenho interesse algum nisso. Amo o meu trabalho e amo tocar piano, contudo ambos não caminham juntos.

— Você tem razão.

Sem que eu perceba, estou tocando *Skyfall*, de *Adelle*. Ticy se senta ao meu lado e descansa a cabeça em meu ombro. O gesto é sutil, terno, mas possui um significado enorme. Há pouco tempo ela fugia de mim, tinha medo do que eu a fazia sentir, e agora é como se tivesse parado de lutar contra a maré, eu não poderia estar mais satisfeito por isso.

A minha vontade é fazê-la minha, levá-la ao céu, fazer o que nunca fiz com mulher alguma: abrir meu coração. Engulo em seco, subitamente assustado com meus pensamentos, e volto a me concentrar na música.

A ruiva está deslumbrada com o toque, que começou suave e se intensificou ao chegar no refrão:

Deixe o céu cair
Quando desmoronar
E estaremos de pé, orgulhosos
E iremos encarar tudo juntos
Deixe o céu cair
Quando desmoronar
E estaremos de pé, orgulhosos
E iremos encarar tudo juntos
Na queda do céu
Na queda do céu

Eu passaria a noite tocando para ela se isso a deixasse em paz e relaxada, como aparenta estar neste instante.

Quebrando completamente o encanto do momento, o interfone toca.

— A comida chegou — sussurro próximo à sua orelha, depositando um beijo cálido na bochecha corada.

— Ótimo — diz, endireitando-se no assento, enquanto me levanto para pegar nossas sopas.



Ticy ficou maravilhada com a sopa, e o vinho casou perfeitamente. Resolvemos comer no tapete mesmo, de frente para a lareira. Não sei quantas vezes tive vontade de beijá-la, mas daí eu me lembrava de que ela não veio a um encontro.

Após algumas taças de vinho, esticamos nossas pernas e apoiamos nossos corpos com os cotovelos. Seu pé brinca com a pluma do tapete, que, inclusive, ela amou. Estamos descansando o jantar e um silêncio diferente sinaliza que o clima mudou.

— James, o que você acha de relacionamentos abusivos?

Aí está.

E, então, eu sei que chegou a hora da esperada conversa, com uma bomba em forma de pergunta.



EU QUERO VIVER

*E agora eu sou uma guerreira, agora eu tenho uma
pele mais grossa*

Eu sou uma guerreira, estou ainda mais forte

*E minha armadura é feita de ferro, você não
pode penetrá-la*

*Eu sou uma guerreira e você não pode mais
me machucar.*

Warrior, Demi Lovato.



Desde que cheguei à casa de James venho buscando uma forma de iniciar a conversa de que preciso. Seu jeito acolhedor, fazendo-me sentir em casa, foi aliviando a tensão que estava carregando ao sair da reunião do grupo de apoio, então, resolvi relaxar um pouco antes de entrar no assunto que não será nada leve.

A sessão de hoje foi tensa e, ao mesmo tempo, libertadora. Assim que acabou, conforme combinado, chamei Esther em um canto e contei sobre o projeto da Casa Abrigo. Estava um tanto receosa e insegura por não saber como ela receberia a notícia, porém fui surpreendida com um sorriso enorme, seguido de um abraço forte.

Ela amou o projeto, ficou emocionada com a minha iniciativa e disse que quer fazer parte da equipe. Eu não poderia ter ficado mais exultante. A cereja do bolo foi uma frase que a líder do grupo disse e que me impulsionou a ligar para James imediatamente:

— *Você está pronta para seguir em frente, Beatrice. Esta noite foi um marco. Um ponto final. Não deixe que o passado continue exercendo poder sobre você. Viva. Apenas viva!*

Não poderia ter sido melhor. Sem pestanejar ou colocar empecilhos, James atendeu meu pedido, demonstrando uma preocupação tocante ao ir me buscar. Não estou acostumada com tanta gentileza.

O jeito peculiar do loiro é instigante. A forma como me olha, a atenção que me dá, o respeito que tem com minhas decisões, como se segura para não apressar as coisas... Tudo isso só me comprova que fiz o certo em vir aqui.

Estou admirada com o seu bom gosto. O apartamento é incrível, e não esperava menos que isso. A sopa que escolheu, uma delícia. O vinho, maravilhoso.

Tudo relacionado a James é admirável. E o que dizer sobre ele tocar para mim? Não pude fazer outra coisa senão encostar minha cabeça em seu ombro e curtir o momento.

Cada atitude sua, cada gesto, *me dá* forças para expor a ele o lado feio da minha vida.

— James, o que você acha de relacionamentos abusivos?

A pergunta sai.

Pensei, pensei e, a fim de parar de enrolar, joguei.

A não ser o crepitar do fogo na lareira a sala está com uma quietude palpável.

James se endireita, apoiando as costas no sofá, e agita seu vinho antes de beber um gole. Pela sua postura e expressão, posso perceber que se deu conta de que a conversa não será leve.

Vou para o seu lado e encosto minhas costas no sofá também, ficando ao seu lado. Sei que não permanecerei serena por muito tempo e preciso de sua proximidade para ter coragem e contar tudo o que preciso. A minha história.

— O que eu acho? Acho absurdo! Infelizmente, há pessoas que tratam outras como objeto, acreditam que têm posse sobre elas. Para mim, não passam de pessoas inseguras, que precisam se autoafirmar e acabam

manipulando, machucando e cometendo atrocidades com seus parceiros.

Fico calada, assimilando suas palavras.

Será que tem como se apaixonar mais de uma vez por alguém?

Não tem explicação para o que venho sentindo em relação a este homem.

Estou perdidamente apaixonada, caindo de amores, encantada, enfeitiçada e, lá no fundo, o medo tenta me impedir de voar, tenta me fazer pensar que ele será mais um cara que quebrará meu coração, mas desvio de suas garras e sigo confiante de que James será diferente. Ele é diferente.

— E se eu te dissesse que vivi em um relacionamento assim lá atrás? Que eu tinha 19 anos quando comecei a namorar um homem que parecia um príncipe, mas, aos 21, descobri que, na verdade, ele era um monstro? Você se relacionaria com uma sobrevivente de um relacionamento doentio? Com um passado traumático, medos, dramas e fragilidades?

Ele deixa a taça de lado e chega mais perto de mim, seus olhos estão aflitos, sua expressão indignada e a mão direita segura meu rosto em formato de concha.

— O quê? — balbucia, como se não conseguisse acreditar em minhas palavras.

— É verdade.

Então, eu conto tudo.

Como conheci Frederick. Como, aos poucos, ele foi me limitando, dirigindo a minha vida, e James não para de franzir a testa, murmurando palavras do tipo: “não!”, “não pode ser”, “o quê?”, “meu Deus!”.

O empresário está agitado, por isso resolve se levantar e anda para lá e para cá, como um leão enjaulado.

É. Para muitos um relacionamento assim é inacreditável, infelizmente, posso dizer que é bem real.

— Ele continua dando aulas na NYU? — pergunta com um olhar feroz.

— Não. A Universidade o exonerou.

Ele continua dando voltas no cômodo, revoltado.

— Qual é o nome dele?

— Por quê, James? — questiono, desconfiada.

Nunca o vi tão enfurecido. Os olhos estão vermelhos, os passos decididos, as mãos não sabem o que fazem, se vão para a cabeça ou para a cintura.

— *Porra!* A vontade que me dá é ir atrás desse maldito e fazer com que pague por todo mal que te fez.

E ele nem ouviu a pior a parte ainda.

Quando conto que pintei os cabelos para agradar Frederick, James se revolta.

— Seus cabelos? Ele fez com que você pintasse os seus lindos cabelos?

— Sim. Dizia que era muito chamativo.

— Ticy, pelo amor de Deus! — ele diz, ajoelhando-se à minha frente.

— Seus cabelos são a coisa mais linda. *Me* perco neles toda vez que te vejo.

— Obrigada, James — agradeço, emocionada com seu carinho.

A fim de concluir a história, relato a parte do carro, o que Frederick fez, e o rosto de James se contorce de dor, compaixão, nojo, indignação.

— Querida — sussurra, as duas mãos segurando meu rosto, pousando sua testa na minha. Uma gota em minha bochecha me faz olhar para cima e

percebo que está chorando.

Ele está chorando. *Por mim.*

— Ah, James, não chore. Vou entender se for demais para você e não quiser ficar comigo. O fardo que carrego está se esvaziando pouco a pouco, mas ainda assim tenho minhas cicatrizes, meus medos, mi...

— Como não vou chorar, Beatrice? — interrompe-me, segurando meu rosto para que eu preste atenção. — Aquele monstro tocou em você de uma maneira que homem nenhum tem direito de tocar uma mulher.

Fala com tanto pesar que não consigo controlar minhas próprias lágrimas.

— Ele te violou, *te* quebrou. O rosto, o corpo, a mente de uma mulher são sagrados. Um homem não pode ter poder sobre isso. E como não vou te querer? Você passou por tudo aquilo sozinha, querida. Lutou, venceu, está aqui... comigo, não com ele, aquele pervertido *filho da puta!* Você merece alguém que te trate como uma preciosidade, uma joia. É o que você é para mim, Ticy. Uma joia, um tesouro que estava escondido, que finalmente encontrei e quero cuidar. Nunca pense que irei te tratar como aquele doente te tratou. Você merece o tratamento de uma princesa e é o que vou te dar.

— Você já me trata assim, James — digo, sincera e emocionada.

Seus polegares secam minhas bochechas molhadas e seus lábios beijam minha testa.

— A forma como você me toca, o cuidado que tem comigo, como você me faz acreditar que posso viver um grande amor...

— E você vai viver, Ticy. No que depender de mim, você vai! Eu vou te dar tudo, querida. O meu melhor é só seu.

Beijo sua boca, porque é demais para mim. Selo nossos lábios, dizendo nada e tanto e ao mesmo tempo. Afasto-me apenas para dizer:

— Obrigada! Obrigada por me compreender, por sempre me mostrar do que sou capaz, mesmo quando eu estava tão frágil. Você faz parte do meu processo de libertação e nunca poderei expressar o quanto foi importante. Se eu não sentisse o que sinto quando estou perto de você, não teria me dado conta de que estava na hora de procurar ajuda, que estava na hora de viver. E eu quero viver, James. Quero viver tudo o que perdi durante todo esse tempo.

— Vamos viver, querida. Eu vou te mostrar o mundo.

— É o que mais quero — sussurro. — *Me mostre tudo*, James. Quero ver e descobrir *tudo...* com você.

Ele me beija com desespero, afaga meu pescoço, desliza os dedos pelos meus cabelos em uma veneração comovente, beija minha testa, os olhos, as bochechas, sorve minhas lágrimas.

— Você é toda linda, Ticy, e ninguém tem o direito de dizer o que você deve ou não fazer. Quando quiser mudar, que seja por você. Não por mim, nem por ninguém. Só por você!

Ele se senta no tapete e me leva para o seu colo, voltando a me beijar em seguida. Um beijo diferente. Um beijo que expressa sua devoção, admiração, seu carinho e cuidado.

Aos poucos o gesto se intensifica. Eu quero mais dele. Ele quer mais de mim. Nossas línguas se encontram em uma explosão de desejo e paixão. Minha cabeça se inclina para aprofundar o beijo, e o gemido de James reverbera em minha alma.

— Eu te quero tanto — murmura. — Nunca quis tanto uma mulher como te quero, querida. Não duvide disso.

— Não duvido, James. Porque eu também te quero muito. Perdi tanto tempo, enquanto poderíamos ter....

— Shhhhhh.... passado é passado. Ficou para trás. Nada foi perdido,

mas sim, aprendizado, amadurecimento. O agora é o que importa. O que podemos fazer neste instante e daqui para frente.

— Como você pode ter as palavras certas para cada momento? Ainda custo a acreditar que um homem como você queira uma mulher cheia de traumas como eu.

— Não diga isso, querida. Não se autodeprecie. Você é maravilhosa, livre, inteligente, incrível, sempre te digo isso tudo, mas você tem dificuldades de aceitar elogios. Ouça — ergue meu queixo para que nossos olhos se encontrem —, você é tudo isso e muito mais. Não aceite menos do que merece. Nunca mais.

— Nunca mais — repito.

Mordisco seus lábios, passo as mãos em seus fios loiros, apalpo seu rosto, os pelos curtos de sua barba por fazer. Ele invade minha boca, suga minha língua, deixando-me sem ar e ofegante. Faço o mesmo, e James solta um grunhido. O homem está tão faminto quanto eu. São anos de espera, expectativa, fugas, negação, frustrações.

— Ticy, eu não vou conseguir parar se conti...

— Não quero que pare, *Mr. Gentleman* — Sua risada sai baixa e rouca. — Eu quero viver. Com tudo o que tenho direito.

— Tem certeza, querida?

— Sim. Eu preciso de você! Já vivi na escuridão por muito tempo, está na hora de deixar a luz entrar.

— Ah, querida!



ENXERGANDO UM FUTURO

*Ajude-me a sair deste inferno
Seu amor me levanta como o hélio
Seu amor me levanta
Quando estou para baixo, baixo, baixo
Quando eu cair no chão
Você é tudo que eu preciso.*

Helium, Sia.



James me pega no colo, e nossos olhos não se desgrudam. O loiro me leva para um corredor e, após passarmos por algumas portas fechadas, entramos em um cômodo, que julgo ser o seu quarto. É lindo! A cama enorme no centro, paredes escuras, iluminação baixa. A cara do homem imponente e sofisticado que está me carregando.

Com pressa, tira o notebook que estava no centro do colchão e o coloca em cima de uma poltrona de couro. Em seguida, me acomoda no centro da cama, examinando cada detalhe meu.

— Preciso tomar um banho, James. Estou com a roupa de trabalho...

— Eu não me importo com isso, mas se você se sentir mais à vontade podemos ir para a banheira, o que acha? Relaxar, curtir, *viver a vida*...

Solto uma risada com sua última frase. Agora ele vai usar isso por um bom tempo.

A proposta é indecente demais. Banho + James? Meu sonho de consumo. Por que não? Se ele está oferecendo, não serei eu a negar.

— Vamos! Você me convenceu. — Ele abre aquele sorriso sexy e estende sua mão para que eu me levante.

Entrelaçando seus dedos nos meus, o empresário me conduz até o banheiro de sua suíte. Quando acende a luz, é que tenho noção de como o ambiente é espaçoso. Tudo em mármore escuro, do tamanho do meu quarto,

ouso dizer.

— Uau! — exclamo.

A banheira não é comum, mais parece uma jacuzzi, com direito a dois apoios de cabeça, do tamanho ou maior do que uma cama de casal.

— Gostou? — pergunta.

— Amei!

Seus braços me envolvem por trás, o nariz se aconchega na curva do meu pescoço, os lábios traçam um caminho de beijos até minha nuca. Irresistível.

Ronrono de satisfação.

— Você vai me deixar cuidar de você? — sua voz grossa libera todas as minhas amarras.

— Sim.

Arfo quando as experientes mãos encontram os botões da minha camisa, abrindo-os um a um, enquanto sua boca não para de me provocar arrepios.

Delicadeza e paixão crua são uma combinação propícia para este momento inédito. Ao dar um passo para trás, aproximo-me mais do seu corpo e tenho ciência instantânea de sua excitação. Calor percorre todos os meus poros, e consigo sentir seu peito subindo e descendo, lutando contra o desejo de apressar as coisas.

James gira meu corpo, deixando-me de frente para si, os olhos injetados de luxúria ao encarar meu sutiã rendado azul, um tom mais escuro do que estava usando no jatinho, sem bojo, que deixa os mamilos visivelmente expostos.

— Tão linda... — murmura ao deslizar seu indicador do vão dos meus

seios até o meu ventre.

Como se estivesse em uma espécie de transe, ele desliza minha camisa pelos meus braços e se afasta para apreciar a vista por alguns segundos.

Em outro momento eu estaria envergonhada pela intensidade que o loiro está transmitindo com apenas um olhar, mas não hoje, não agora.

— Quero guardar esta imagem em minha memória — diz, o timbre grave. Ao se aproximar novamente, seus dedos brincam com a alça do meu sutiã. — O contraste entre seus cabelos vermelhos, a pele alva, delicada, e a *lingerie* azul... Querida, você está magnífica. Uma delícia que não vejo a hora de provar. Cada pedacinho seu. Você vai me deixar te provar, Beatrice?

Por alguns instantes, penso que morri e cheguei ao céu. Suas palavras atingem um ponto entre minhas pernas, e é impossível não estremecer. A forma como sua pergunta soa, carregada de intenções e promessas.

— Sim.

Em um segundo ele está em pé, no outro, abaixado, desabotoando minha calça e a deslizando pelas minhas pernas, juntamente com a calcinha.

A surpresa me faz prender o fôlego, mas estou completa e irrevogavelmente rendida. Não menti quando disse que eu quero tudo o que tenho direito. Eu mereço.

Quando o tecido atinge meus pés, eu os levanto e jogo a peça para o lado. James continua agachado, a centímetros da minha intimidade, com uma expressão que nunca vi antes. O desejo obscurece as íris azuis ao me encarar e, quando menos espero, beija meu ventre e vem subindo, beijando meus mamilos sobre a renda fina...

— James — sussurro.

— Tire para mim, querida — pede ao se levantar, sua altura

parecendo maior.

Abro o fecho do sutiã, e a peça cai pelos meus braços devagar. É incrível como meus olhos não conseguem desviar dos dele. Como se eu estivesse hipnotizada.

— A perfeição existe e está bem na minha frente. — Ele dá alguns passos para trás, uma mão passando pelos maxilares proeminentes, examinando-me sem qualquer pudor. Os olhos faiscantes, o lábio inferior preso por seus dentes.

Imediatamente o loiro se vira e liga um botão na parede. A banheira de hidromassagem começa a encher, o barulho dos jatos preenche o ambiente e, quando penso que não posso mais me surpreender, James tira a camisa de mangas compridas de um jeito que só vi Christian Grey fazendo, e fica apenas com uma calça jeans escura, baixa o bastante para eu ver a tarja da cueca de grife.

Meu. Pai. Do. Céu!

A frase que falou há pouco sobre perfeição ecoa em minha mente. Posso dizer que se os deuses existem, um deles está bem na minha frente.

Seu corpo continua bronzeado pelo sol do Rio de Janeiro, e os músculos perfeitamente delineados desenhavam seus bíceps, abdômen, tórax, trapézio... E o que falar das veias sobressaltadas? Nunca estive perto de um homem tão forte.

Ele é único em todos os aspectos.

E me quer tanto quanto eu o quero!

Começo a hiperventilar em expectativa, o desejo inundando meu núcleo, e é claro que meu parceiro percebe e abre um lindo sorriso de lado.

— Você consegue ficar mais deliciosa quando está com tesão, Beatrice!

Caminhando em minha direção com determinação, sem que eu espere, *me* toma nos braços e me beija com sofreguidão. As mãos espalmam em minha bunda, apertando cada lado e não consigo segurar um gemido tanto pelo aperto quanto por senti-lo duro sobre a calça. Passo minhas unhas em suas costas, deslizando até o abdômen trincado, e brinco com o botão de sua calça.

Não desvio meu olhar quando a desabotoo, desço o zíper e fico ajoelhada para fazer o mesmo que fez comigo. Sua pele está pegando fogo, enquanto deslizo a calça pelas coxas grossas e a cueca vem junto. Ao liberar seu membro, fico chocada com a grossura e o tamanho lindamente ereto. Não resistindo ao impulso, pego-o em uma mão e a outra arranha seus gominhos definidos. James fica perceptivelmente tenso.

— Eu quero ir devagar com você, querida — murmura, a rouquidão ressaltada pelo desejo.

— Estamos há dois anos esperando por este momento, James. Mais devagar do que isso, só se for em câmera lenta.

Ele ri e chia quando minha mão sobe e desce lentamente.

— Não estava brincando quando disse que quero aproveitar tudo o que tenho direito. Eu não vou quebrar, pelo contrário, estou me sentindo mais viva do que jamais estive. Você me deixa livre e me dá asas para voar, James. Já fui tratada com cuidados demais.

— Você é a *minha princesa*, Ticy. Só quero te dar a melhor experiência possível. Você não é mais uma para mim.

Minha princesa.

Com os olhos marejados, sorrio para ele, que mexe em meus cabelos com carinho.

— Você está me dando mais do que uma experiência, está me

libertando!

Ao terminar de falar, eu o coloco na boca. A atitude inesperada o deixa sem ar.

— Porra! Caralho, Ticy!

O momento de palavras fofas e ternas acabou.

Deslizo minha língua por toda extensão, engulo fundo, acaricio seus testículos, e ele precisa apoiar uma das mãos na parede.

— Isso! Assim, querida. Está gostando de ter o meu...

James trava no meio da fala.

Compreendo que ele esteja se controlando por tudo o que ouviu há poucos minutos, mas não quero que um muro se eleve entre nós neste momento. Não quero que tenha reservas comigo.

— Pode terminar a frase — peço.

Algo na minha voz desfaz sua preocupação, e ele volta a sustentar a expressão predatória que estava carregando anteriormente.

— Eu ia perguntar se você está gostando de ter o meu pau em sua boquinha gostosa.

Meus pelos se arrepiam diante do timbre grave, quase como um rugido, e minha resposta é colocá-lo em minha boca novamente.

— Porra! — sibila.

A cada palavra obscena que sai de sua boca, mais excitada fico. Não que eu não goste do seu modo educado e gentil, na verdade, amo, mas, entre “quatro paredes”, é diferente. Ele não me maltrata, pelo contrário, *me* dá ousadia, confiança, eleva o meu amor próprio, e eu me sinto a mulher mais linda e poderosa do mundo.

— Nossa, linda! Preciso respirar, você é gostosa demais!

De repente, não estou mais no chão.

Murmuro pela interrupção do meu *trabalho* e James dá uma gargalhada ao me carregar até a banheira que já está cheia. A iluminação diminui, deixando-nos em uma penumbra, e abro um sorriso quando luzes amarelas acendem dentro da água.

— Uau, assim está perfeito!

— Mais perfeito vai ficar com um vinho. Espere aqui — diz, ao me deixar sentada em um degrau da banheira-jacuzzi e beijar minha testa.

Aproveito sua saída para me banhar e mergulho a cabeça, molhando os cabelos. Um dos jatos massageia minhas costas e relaxo instantaneamente. Vejo um sabonete líquido em um canto e aproveito para me ensaboar. Ao inspirar a fragrância do produto, sinto o cheiro de James. Cheiro de homem com H maiúsculo.

A frase me faz sorrir. Quem diria que depois da noite de hoje eu estaria com o homem dos meus sonhos. E, ainda por cima, sabendo do meu passado!

Finalmente estou vivendo como sempre quis, aproveitando o momento, sentindo uma leveza inédita. Estou louca para contar para minhas amigas. Amanhã elas saberão de tudo. Depois de tudo o que fizeram por mim, elas merecem.

Esqueço meus pensamentos quando James retorna, nu, com uma garrafa de vinho em uma mão e duas taças na outra.

Devo estar babando, porque o loiro se esforça para não rir do olhar que estou lhe dirigindo, e paro de parecer tão deslumbrada. Ou, pelo menos, tento.

James entra na banheira e a água se agita. A sorte é que o utensílio é maior do que os que já vi, senão seria impossível acomodar duas pessoas

tranquilamente como está acomodando.

— Um brinde — diz, ao me entregar uma taça. — À esperança, à liberdade, à superação, a nós! Aceita namorar comigo, Beatrice?

Minha taça fica parada no ar, paralisada, assim como estou.

Esperto, ele avança sua taça e bate na minha, fazendo o famoso tilintar de um brinde, bebendo um gole de vinho em seguida.

— Não vai falar nada? — questiona, arqueando as sobrancelhas louras.

Através da água iluminada pelas luzes, vejo seu rosto, a expectativa que o envolve, tentando decifrar o que estou pensando.

— É que... eu não esperava.

— Você não esperava que eu te pedisse em namoro *agora* ou não esperava que eu te pedisse em namoro algum dia?

— Agora — sussurro, enfim bebendo o vinho que desce deliciosamente bem.

Ele chega mais perto e diz:

— Querida, tenho 36 anos, não sou um garoto, sei o que quero e o quanto estou disposto para fazer dar certo entre a gente. O pedido de namoro é apenas para selar o compromisso. Nada vai mudar. Não vou te prender ou te impedir de fazer coisa alguma.

Beija o canto da minha boca.

— Só gostaria que soubesse das minhas intenções antes de me receber dentro de você.

Beija o vão dos meus seios onde a água está batendo.

— Antes de fazer tudo o que quero fazer com você.

Paro de respirar com suas palavras.

Mordisca um dos mamilos. Fecho os olhos e gemo.

— É só dizer, sim ou não. Vou entender se...

— Sim — respondo, ofegante, o peito subindo e descendo em uma velocidade alucinante.

O que eu estava esperando? Estamos falando de James. Eu sempre soube que ele é intenso ao extremo. Ele não joga por jogar, e ainda joga baixo.

O loiro abre um sorriso enorme e, meu Deus, ele é tudo o que quero. Como pude ficar em dúvida?

— Sim — repito —, quero ser a sua namorada, *Mr. Gentleman*.

A taça “some” da minha mão e, de repente, sou agarrada pela cintura. Ao sentir a rigidez de James roçar meu centro, fico louca.

Busco sua boca, faminta, desesperada, e o encontro da mesma forma, puxando minha cabeça, ele aprofunda o contato. Por estarmos molhados, o beijo fica mais saboroso, a mistura de vinho e desejo nunca foi tão boa!

Sugo a sua língua em movimentos lascivos, e ele solta um gemido gutural, apertando minha bunda, levando-me para mais perto do seu corpo quente e musculoso. *Me* sinto como uma garotinha perto de um gigante. Ele é *todo* grande e todo meu.

Sem esforço, James me coloca sentada em um banquinho mais alto, onde a água não chega, e, pelo seu olhar repleto de luxúria, compreendo o que quer fazer. Abrindo minhas pernas, ele se aproxima, metade do seu corpo imerso, e sua boca distribui beijos na parte interior das minhas coxas.

Meu Deus!

Minha mente me faz recordar do sonho que tive no Brasil. Ele estava exatamente assim.

— Eu sonhei com isso — murmuro e seus olhos escurecem mais ainda.

— É mesmo? E foi bom?

— Sim, foi muito bom.

— Então, pelo visto, terei que ser melhor do que o “eu” do seu sonho.

Seus lábios voltam para minhas pernas, próximos da minha intimidade completamente exposta, e a cada toque me contraio.

Quando chega a centímetros do meu centro, James para, olha em meus olhos e me lambe.

Putá merda!

Só com sua língua quase gozei. É tudo intenso demais.

Lambe outra vez. E outra. Quando penso que não vou aguentar tamanha tortura, ele me invade com vontade. Suga, chupa como se eu fosse uma fruta gostosa, sugando todo o sumo, faminto.

Desisto de conter meus gemidos.

Grito.

Meu corpo treme e suas mãos fortes não me deixam sair do lugar, segurando-me na cintura, ora indo até meus seios, envolvendo-os com uma pressão prazerosa, ora brincando com os mamilos.

— Que delícia, Ticy. Essa boceta gostosa toda aberta para mim. Porra! Estou completamente viciado, namorada linda!

Mal assimilo o que ele acaba de falar, pois sua boca volta a trabalhar e sinto um dedo me penetrar, o que me faz arquear as costas e gritar na sequência.

Ele não para. Chupa, lambe, suga meu clitóris, aplica mais pressão, volta a me lambe em um ritmo constante, e seu dedo longo faz maravilhas ao

alcançar meu ponto G.

— Ah, James... — balbucio, e sua mão livre aperta meu seio direito, deixando-me louca de prazer.

Não consigo aguentar um minuto sequer.

Percebendo que estou chegando ao meu limite, James me chupa mais forte e acrescenta outro dedo, agora são dois entrando e saindo de uma maneira enlouquecedora.

— James... Eu não... Eu vou...

— Goze para mim, querida — grunhe, lançando uma lufada de ar quente em minha intimidade e a vibração de suas palavras potencializa meu estado sensível.

Quando ele me suga, prendendo-me entre os dentes e me lambendo em seguida, é o meu fim.

— Ahhhh. — Agarro seus cabelos com força, forçando-o a não parar, e levanto minha pélvis.

Acho que desfaleci. Estou com os olhos fechados, arrebatada, quando sinto meu corpo ser colocado de volta na água quente e agradável.

— Será que vou entrar no livro dos recordes por ser o cara que teve o namoro mais curto da vida?

Sorrio diante de suas palavras, o sarcasmo que tanto conheço se fazendo presente, e, mantendo os olhos fechados, respondo:

— Estou viva, queridinho, só preciso de alguns segundos para voltar do céu.

James solta uma gargalhada e acabo rindo também.

— Quer dizer que foi melhor que o seu sonho? — pergunta, beijando meu pescoço, aspirando meu cheiro, e um quentinho envolve meu coração.

— Para você ter noção, o sonho ficou esquecido.

— Humm... isso é bom — murmura, passando as costas da mão em meus seios, reavivando meu prazer. Eu que pensei que estaria satisfeita, vejo-me querendo muito mais. Afinal, ainda não o agradei como merece.

Abro os olhos e passo meu polegar em seu lábio inferior.

— Essa boca faz milagres — comento, esboçando um sorriso, mas meus olhos refletem o seu desejo.

Capturando meu dedo, ele o chupa e morde em seguida.

— E só estou começando, querida.

James pega a garrafa de vinho e enche nossas taças. Antes que ele consiga entregar a minha, encaixo-me entre suas pernas e dou uma amostra do que estou prestes a fazer, movendo minha mão para cima e para baixo em seu membro.

— O que a minha namorada está aprontando? — sua voz sai entrecortada.

Ele está adorando me chamar de *namorada*, e eu, amando ouvir. Por isso, resolvo brincar também:

— Meu namorado vai ver, ou melhor, vai sentir. É só erguer um pouquinho a cintura... Assim!

— Pelo amor de Deus, Ticy!

E, então, recomeço o que o loiro me impediu de fazer quando estava ajoelhada no chão do banheiro, com a boca preenchida por ele.

Disposta a dar o meu melhor, fico fascinada ao vê-lo se perder em seu prazer e mais ainda por saber que estamos na mesma sintonia.

Isso é o que me faz querer olhar para frente e, finalmente, enxergar um futuro. O passado só servirá para me lembrar que eu venci, além de me

dar forças para ajudar outras mulheres a vencerem também.



VOCÊ E EU

*Você e eu, juntos
Além dos dias e das noites
Eu não me preocupo, porque
Tudo vai ficar bem.*

No One, Alicia Keys.



Sinto seus beijos em todo o corpo. Na curvatura dos meus seios, costelas, ventre, cintura, ao longo dos braços... Os lábios logo são substituídos pela língua, que me presenteia com curtas lambidas em meus mamilos intumescidos.

Ao ofegar, arqueio as costas, tendo completa ciência de que o gesto me expõe ainda mais ao seu carinho delicioso e bem-vindo.

Meus olhos continuam fechados, apreciando como é bom acordar ao lado do homem por quem estou apaixonada e que dedica tamanha atenção a mim.

Meu namorado.

Mordo o lábio inferior ao sentir sua boca chupar meus seios e morder os bicos, como se estivesse viciado nesta parte em especial.

— Humm... — murmuro, sem conseguir me segurar.

Uma risadinha grave e maliciosa aquece meu pescoço, e logo sinto seus dentes prenderem o lóbulo da minha orelha. A pressão me faz arfar, o centro das minhas pernas *grita* para também receber sua deliciosa boca.

A noite foi tão maravilhosa que, por mais de uma vez, precisei me beliscar para saber se o que estava acontecendo era real.

Após nos divertirmos na banheira, James me carregou para o quarto e, a partir daquele momento, eu soube que era tarde demais para voltar atrás.

Não havia dúvidas de que eu era dele e ele era meu. Muito diferente do sentimento de posse que vivenciei anos atrás, com o loiro estou descobrindo que posso ser livre mesmo me entregando de corpo e alma. Li em um livro uma vez, cujo nome não lembro agora, uma frase que guardo até hoje: “amor é como um pássaro livre, que pode voar além do céu, mas escolhe pousar todos os dias na mesma árvore”.

Essa é a diferença entre o meu passado e o meu presente. Eu posso *escolher* onde pousar.

As palavras de James ao me pedir em namoro me deixaram atordoada, não porque não o quero, mas porque não pensei que ele estivesse tão empenhado e determinado a se comprometer comigo. Afinal, é a primeira vez que passamos a noite juntos ou que temos um contato maior do que algumas horas.

E por falar em horas...

O que me ele fez sentir, a sincronia dos nossos movimentos, a sensação de tê-lo dentro de mim, gemendo meu nome, urrando com o prazer que *eu* estava proporcionando... Consigo recordar cada respiração ofegante, cada posição, o cansaço que tentava nos dominar, mas, então, fazíamos amor com mais calma, nossos olhos colados um no outro, curtindo cada sensação, saboreando a felicidade de estarmos juntos, *vivendo a vida*. Já era dia quando nos rendemos ao sono.

Nunca foi assim com Andrew. O que tínhamos era casual, apenas curtíamos. A intensidade de James misturada à minha vontade de viver fizeram com que tudo o que aconteceu antes, com outros homens, se tornasse uma fumaça.

Meu namorado sabe muito bem o que fazer com uma mulher. Foi interessante como ele se mostrou arredo no início, e depois se revelou um

amante insaciável, exemplo disso é a maneira como está me acordando neste exato instante.

Não sei que horas são, pois decidi não trabalhar hoje. Quando percebi que não conseguiria acordar no horário, enviei uma mensagem para Larry dizendo que não estava bem e ficaria em casa. Tenho a vantagem por ser uma funcionária assídua e que raramente falta ao escritório. Além disso, acumulo algumas horas extras, por isso mesmo, ele não se opõe.

James fez a mesma coisa. Fiquei preocupada, porque diferente de mim, ele comanda diversas empresas.

— *Você não tem nada importante para resolver?* — perguntei.

— *Tenho. Cuidar da minha namorada.*

Depois disso, não comentei mais sobre sua decisão.

Por um dia resolvemos nos curtir e desfrutar de cada segundo do nosso recente namoro. Aproveitamos para dormir um pouco, e, agora, estou sendo acordada, ou melhor, adorada.

— Ah, James — sussurro, enquanto aprecio seu toque.

— Bom dia, querida!

— E que bom dia, não é?! — brinco, fazendo-o rir.

— Está gostando do tratamento?

— Amando.

Finalmente resolvo abrir os olhos e sou agraciada com sua beleza me encarando. Um sorriso sexy desponta em seus lábios só para beijar minha boca em seguida.

O ato começa devagar, suas mãos fortes apertam minha cintura e levam meu corpo para mais perto do seu. Aperto seu bíceps musculoso, e o gesto o motiva a me tomar com maior avidez. Seus dedos entram por meus

cabelos, agarrando-os, e a pressão me faz estremecer por inteiro.

Levo minha perna para o meio das suas, sentindo-o rígido, e é a sua vez de gemer. Sua língua serpenteia o céu da minha boca, seus lábios chupam os meus...

— Ah! — grito em surpresa quando James aperta minha bunda.

— Tão deliciosa — murmura.

Meu centro úmido toca seu quadril e, como se ouvisse meus pensamentos, sinto seu dedo me acariciar bem onde preciso.

— Tão molhada. — Sua voz fica ainda mais grave pela manhã e é como se eu estivesse fazendo amor com Thor, com aquela voz de trovão, o que faz meus pelos se arrepiarem.

O pensamento me faz rir e James franze o cenho.

— Estou fazendo cócegas? — pergunta.

— Não. É que me lembrei de uma coisa.

— Hum... você e suas lembranças nos melhores momentos.

Rio com vontade e respondo:

— Não é isso, mas a sua voz fica diferente pela manhã, mais grossa, aí me recordei do ator do Thor, que tem uma voz parecida, e, então, me veio à mente a festa à fantasia, na qual você se vestiu como o deus nórdico.

Ele solta uma gargalhada.

— Gostou, é?

— Por favor! — exclamo, afastando-me apenas para que ele veja minha expressão de: *fala sério!* — É mais fácil perguntar quem não gostou. Você tem um corpo incrível, James!

— Obrigado pelo elogio, querida. Aproveite, é todo seu — diz, voltando ao beijo lento e insinuante.

Monto em seu corpo grande e dou uma lambida em seu pescoço. Minha vez de torturá-lo.

Beijo seu tórax, arrasto meus dentes em seu mamilo...

— Ticy... — geme.

Sabendo onde ele guarda os preservativos, estico-me na cama e abro a gaveta da mesinha. Pego uma embalagem e, sem desviar minha atenção do seu rosto, cubro seu membro com a camisinha.

Ele urra.

Coloco seus braços para cima da sua cabeça e ele deixa que eu comande. Se não quisesse, seria fácil demais sair de cima de mim, a julgar a diferença de peso e músculos. James, contudo, prefere entrar no meu jogo.

Beijo seu peito largo, os maxilares, mordisco seu queixo, seu lábio inferior...

— Porra! Assim você me deixa louco, querida!

— Pensa que é só você que pode instigar? — digo ao esfregar minha intimidade na sua, e ele ofega diante de mim, seu peito encostando no meu.

— Você vai fazer isso comigo?

— O quê? — pergunto, inocente.

— Vai ficar se esfregando sem sentar em mim?

— Não se cansou dos nossos exercícios durante a noite toda?

— Como vou me cansar se estou viciado em você? Eu quero tudo o que tiver a me oferecer, Beatrice.

Em um instante, circula minha cintura com seus braços torneados e me encaixa em seu membro, preenchendo-me *num* único movimento.

Nós dois gritamos.

— Nossa! — balbucio, enquanto James ergue e abaixa a pélvis sem parar, criando um ritmo constante e delicioso.

Eu o sinto em toda sua magnitude, entrando e saindo, forte, intenso, e é como se não me lembrasse do meu próprio nome, apenas do prazer que só ele me faz sentir.

Tomo as rédeas e é a minha vez de deixá-lo louco. Coloco os pés na cama, as mãos em seu peito para pegar impulso, e subo e desço como se estivesse dançando uma daquelas músicas do Funk carioca que Melissa me apresentou.

Como imaginava, meu namorado fica ensandecido.

— Caralho!

O loiro segura meus seios, que balançam freneticamente com o movimento, e aperta os mamilos com o polegar e o indicador.

Minha cabeça vai para trás, os fios avermelhados encostando em suas coxas e, imediatamente, James os enrola em uma das mãos.

— Maravilhosa — murmura ao erguer o dorso e chupar meu seio direito, depois o esquerdo. Nessa posição, seu abdômen fica extremamente definido, e raspo minhas unhas sobre cada gominho.

— Você é perfeito — declaro, ofegante —, lindo...

— Assim não vou aguentar... por muito tempo, querida — a voz rouca e arfante indica que está quase no limite, assim como eu.

Pego mais um pouco de impulso e sento com força, James cai na cama sem conseguir se controlar. Apertando minha bunda, ele grunhe.

— Ah — gemo.

— Vem comigo, querida!

— Estou indo, querido. Es...tou in... do! — A última frase sai

entrecortada, pois é quando me liberto. — James... James!

Em seguida, é a vez do meu namorado. Ele me segura pelas coxas, deixando-me paralisada enquanto seu corpo treme e se libera.

— Que delícia, Ticy! Você sugou todas as minhas forças...

— Eu? Estou tão exausta quanto você!

Tão logo nos acalmamos, o loiro me puxa até me deitar em seu peitoral. Ouço seu coração batendo acelerado, e seus dedos deslizam pelos meus cabelos, o gesto me embebedando de relaxamento.

E eu pensando que iríamos devagar, sem correr... Como ir devagar com um homem como James? Que me pediu em namoro na primeira oportunidade que teve, que largou espontaneamente sua solteirice, sabendo quão desejado é por tantas mulheres, e escolheu ficar comigo apesar do meu passado? Que expressa sua devoção em cada toque, cada beijo, cada suspiro...

Parei!

Parei de tentar controlar o tempo, meus desejos, de impor regras. A partir de agora, deixarei fluir. Sem interrupções. Apenas deixarei *fluir*.



Quando minhas amigas disseram que James era o mais indicado para me ajudar a organizar um evento beneficente, elas não estavam brincando. Passa das 2h da tarde e estamos em seu escritório, fazendo anotações e ligações. O dia não poderia ser mais imprevisível.

Assim que acordei do cochilo “pós-amassos”, fui surpreendida por um belo café da manhã na cama, e meu coração deu saltos de alegria dentro do peito. Além da bela apresentação em uma bandeja própria, ser mimada por um namorado maravilhosamente lindo, vestindo apenas uma calça moletom de cós baixo, foi uma experiência única.

Neste momento, James está ao telefone com um dos seus contatos, “vendendo” a ideia do projeto. Afinal, para que as pessoas queiram investir em algo, precisam ter certeza de que estão falando com alguém confiável e que a causa tenha um propósito realmente válido. Nunca serei grata o suficiente por tudo o que ele está fazendo.

Dou uma pausa, massajeio meu pescoço e o deixo conversar à vontade. Sigo em direção à sala e verifico meu celular. Há diversas mensagens das minhas amigas, e resolvo fazer uma chamada de vídeo, sem me importar se estamos no meio da tarde.

— Ticy! Você não está trabalhando? — Scar atende surpresa.

— Hoje não. Tenho algumas novidades para...

Liv entra nesse momento e, com a expressão preocupada, pergunta:

— *Ginger, o que está acontecendo?*

— Estou bem, meninas. Só tenho algumas novidades para contar. Estão podendo falar?

— *Agora sim. Terminei um ensaio há pouco* — Liv responde.

— *Pode. Acabei de colocar baby Bill para cochilar* — a loira diz em seguida.

— Então, eu vi que vocês enviaram várias mensagens, mas como passei a noite na casa do James...

— *Como é que é?* — Scarlett inquire boquiaberta.

Liv apenas solta uma gargalhada tão alta, que até preciso olhar para trás para ver se James ouviu.

— Vou contar do começo — digo.

Explico como foi minha noite no grupo de apoio, a decisão que tomei ao expor meu passado e como tudo me levou a ligar para James.

— *Ticy, isso é demais!* — Scar vibra. — *Estou muito feliz que tenha tomado coragem de fazer o que realmente queria.*

— *Olha, Ginger, eu diria que não reconheço esta nova mulher que há em você, mas, pensando bem, ela sempre esteve aí dentro, só faltava um empurrãozinho. Mas e aí? Diga que aquele homem tem algum defeito...* — Liv não deixaria passar.

— Meninas, não posso conversar muito, porque James está no celular conversando com um dos seus conhecidos sobre o projeto da Casa Abrigo e pode desligar a qualquer momento. Aproveitando que decidimos tirar o dia para nos curtir um pouco, estamos organizando os preparativos para o evento beneficente.

— *Que demais, minha amiga. Vocês merecem ser felizes. Não foi à*

toa que não deu certo com outras pessoas antes, Ticy. No fundo, eu sempre soube que vocês dois estavam predestinados. — Scarlett quase me faz chorar.

Que coisa mais linda de se ouvir!

— *Estou esperando minha resposta, Ticy, mas preciso dizer que não tenho palavras para expressar a minha alegria em saber que finalmente se acertaram. Vocês merecem o mundo!*

— Liv, respondendo ao seu comentário, não encontrei o defeito ainda. Às vezes me pego pensando que ele não deve ser real, que de uma hora para outra vai se transformar...

— *Hey, pare com isso! Nada de pensamentos ruins, Ticy* — Scar interrompe minha fala.

— Eu sei, eu sei, Scar, só estou falando que James é tão maravilhoso que chega a ser um príncipe. A atenção que me dá, o cuidado, carinho... ai, meninas, tem algo que vocês não sabem...

— *O quê?* — Liv logo indaga.

— Ele me pediu em namoro.

— *Mentiraaaa!* — a loira grita, tampando a boca com a mão.

— Sério — afirmo.

— *Se vocês dois não se casarem em um ano, no máximo, não me chamo Olívia.*

— Nossa, Liv, você foi longe — retruco, franzindo o cenho.

— Ticy! — ouço James me chamando e rapidamente me viro para minhas amigas.

— Gente, tenho que ir. Amei falar com vocês. Vamos marcar um bate-papo para esses dias.

— *Com certeza, Ginger. Aproveite muito, amiga! Depois me conte o*

que combinaram sobre o evento. Quero começar a espalhar pela imprensa
— Scar pede.

— Pode deixar — sussurro.

Essas meninas realmente fazem minha vida melhor! Fico feliz em poder partilhar esse momento com elas.

— Aqui, James — grito para meu namorado.

— *Ticy, vai fundo, garota! Beije bastante e transe mais ainda.*

Não dá tempo de falar mais nada, pois, em segundos, James aparece do meu lado, e desligo o telefone.

Ofegante, sinto como se tivesse sido pega no flagra, além disso, meu rosto está púrpura com as últimas palavras de Liv.

Será que James ouviu?

— Hey, estava falando com as meninas.

— Imaginei — ele diz, abrindo um sorrisinho de lado para, em seguida, sentar com tudo no sofá.

Acho que ele não ouviu. Ufa!

Logo emenda:

— Não pensei que a conversa com Matthew demoraria tanto.

— E foi boa?

Ele se vira para mim e faz uma cara de quem está aprontando.

— Você ficou tão linda com a minha camisa — murmura chegando mais perto.

Como não sabia que dormiria aqui, obviamente não trouxe roupas extras, por isso James me emprestou uma de suas camisas. Bate no meio das minhas coxas, porém confesso que estou adorando usar algo dele, seu cheiro

característico me envolvendo...

— Está me enrolando, *Mr. Gentleman*? — pergunto, deslizando um dedo pelo seu peito nu.

Descobri que ele ama ficar só de calça moletom. E, claro, estou amando também.

— Nunca faria isso, *namorada*. — Então, beija meus lábios com uma profundidade que sou incapaz de negar, e retribuo o gesto. Quando penso que vai continuar, ele se afasta, olhando-me nos olhos com uma expressão diferente.

— O que foi? — questiono, desconfiada.

— Conseguimos! — murmura, deixando-me aturdida por um instante até me lembrar do que estávamos falando.

— O patrocínio? — indago e abro um sorriso enorme, ansiosa para saber das novidades.

— Conseguimos, querida! — repete.

— Ele vai investir no projeto, é isso?

— Mais do que isso.

Endireito-me no assento e passo a língua em meus lábios repentinamente secos.

James faz um suspense e, ao perceber minha aflição, esclarece:

— A Casa Abrigo já tem um lugar, além da autorização para atuar em Nova York com a questão do sigilo que um abrigo desse porte precisa ter, a fim de que as vítimas não sejam encontradas por seus parceiros agressores.

— O quê? Não acredito! — lanço em sinal de incredulidade.

Fico paralisada.

Não... Não é possível. Essa seria a última parte da organização,

porque é a mais complicada. Para mim, ele estava falando com um possível investidor, não sobre algo tão grande.

— James, isso é... Meu Deus! — Pulo em seu colo e o abraço com força. — Não acredito, não acredito!

Não consigo parar de gritar.

Neste momento, meu rosto está molhado com as lágrimas que escaparam dos meus olhos. Sinto como se fosse a maior conquista da minha vida, e, de certa forma, é.

Ainda agarrada a ele, falo:

— *Me* explique tudo, por favor!

Sorrindo, James me afasta e passa seus polegares em minhas bochechas, secando meu choro.

— Matthew é um amigo de anos. Já o ajudei bastante e agora foi a vez dele me ajudar. Falei sobre o projeto, quem abrigaremos, os serviços que teremos, repassei as estatísticas e dados que pesquisamos naqueles órgãos, os estudos que você fez... Matt topou ajudar na hora e me garantiu a aprovação da Casa Abrigo o mais breve possível. Ou seja, este projeto sairá do papel quando você menos imaginar.

— Mas... Eu não estou acostumada com essas facilidades, James. Sempre tenho que argumentar tanto, esperar dias, semanas...

— Não são facilidades, querida. É *network*, conhecimento. Nesse mundo dos negócios, se não tivermos contato, estamos ferrados. Infelizmente, ou felizmente, é assim que a roda gira.

— E o lugar, James? Ele que conseguiu também? Não pode...

— Não. Não foi ele.

— E quem foi?

Mais uma vez o silêncio paira entre nós.

— James... — encorajo-o, estreitando meus olhos.

— É meu.

— O que é seu?

Demoro a compreender o que ele está falando até que a ficha cai.

— O lugar é seu? — reformulo a pergunta.

— Bem, *era* meu. Agora é do *seu* abrigo.

Levanto-me do sofá e zanzo pela sala como uma barata tonta.

— Você está *disponibilizando* um lugar, é isso?

— Não! Eu estou *doando* um lugar!

Preciso me apoiar no braço do sofá, pois são muitas surpresas para um dia só.

James se levanta e se aproxima de mim, beijando meus cabelos e pescoço. Com a voz baixa, chega junto ao meu ouvido e discorre:

— Tenho um galpão, grande, que adquiri há um tempo e que, até alguns dias atrás, não sabia o que fazer com ele. Eu o comprei por uma pechincha, pois precisa de uma boa reforma, e quando soube do seu projeto, na hora me ocorreu que poderia ser o lugar ideal. O imóvel está localizado a uns 30 minutos daqui, fácil acesso para você ir e voltar para casa tranquilamente. Ficarei extremamente satisfeito em ver um lugar que não tinha perspectivas dar frutos.

Engulo em seco diante de suas palavras, o que elas significam. *Ele está doando um espaço para a Casa Abrigo*, repasso em minha mente.

Giro meus pés e volto a abraçar meu namorado, sem conseguir conter a emoção.

— Muito obrigada, James. Eu...

— Sei que você fará algo incrível com aquele lugar, querida. Estarei ao seu lado para auxiliar no que for preciso. O maior trabalho será realizar a reforma, e posso te indicar um arquiteto de confiança. Com os recursos que o evento vai angariar, em poucos meses o abrigo estará pronto para atender ao seu propósito.

— Nossa... É difícil assimilar que agora tudo é real. Não está apenas no papel. A Casa Abrigo está nascendo!

Uma comoção se agita dentro de mim.

Quando imaginaria que seria a responsável por um abrigo de mulheres? Que da minha dor, do passado que me assombrou por tantos anos, sairia algo de bom? Parece tão surreal. As voltas que vida dá para que a gente encontre o nosso verdadeiro propósito...

A responsabilidade será enorme, mas tenho certeza de que não estarei sozinha. Terei James, minhas amigas e tantas outras pessoas que se disponibilizaram e ainda se disponibilizarão.

— Sim, e você precisa encontrar um nome para ela — o loiro chama minha atenção.

— Venho pensando em um... — digo de maneira vaga.

— Ah, é? E vai me contar em algum momento? — brinca, e eu sorrio.

Olhando para um ponto além de James, reflito em voz alta:

— Aquele lugar será como um oásis, um refúgio, quem sabe até um descanso para muitas mulheres, mas, sobretudo, um lugar que abrirá portas para que elas possam *recomeçar*. Então, pensei em Casa Abrigo Recomeçar. Simples e direto.

Ele se aproxima e abraça minha cintura.

— Perfeito! Eu não pensaria em nada melhor.

Olhando para James, não consigo externar o que significa, depois de tudo o que vivi, ter alguém, principalmente um homem me ajudando com tamanho afinho em uma questão tão importante para mim. A maneira que ficou quando contei o que aconteceu comigo me diz muito sobre o seu coração e a sua bondade.

Tirei a sorte grande ao ter uma pessoa como ele ao meu lado. *Ou será uma recompensa por tudo o que passei?*

— Obrigada, James. Obrigada por *tanto*.

— Eu disse que te daria o mundo, querida, e não estava brincando.

O escudo que vem protegendo meu coração há anos esmorece. A cada toque, a cada carinho, a cada palavra encorajadora... percebo que as amarras que me aprisionavam vão se soltando mais e mais.

Meu namorado avança, seus lábios incitam os meus e me perco em seu calor. Para celebrar tantas notícias maravilhosas, nada melhor do que uma comemoração a dois.



No final do dia, entre trocas de carinho e planejamento do projeto, já tínhamos um lugar para a Casa Abrigo, um nome, data e local para o evento beneficente — será no salão de festas do Magnific, que obviamente foi cedido por James e Daniel — e a lista de convidados que contará com celebridades e autoridades.

Que venha o grande evento!



ENFEITIÇADO

*Quando você desperta o desejo em mim
Meu coração diz sim, com certeza, em mim
Prossiga com o que você está me fazendo
(...)*

*É um papo tão antigo
Mas um que eu nunca iria mudar
Porque não há melhor bruxa do que você.*

Witchcraft, Frank Sinatra.

A handwritten signature in a cursive script, reading "James". The letters are fluid and connected, with a large, elegant loop for the 'J' and a trailing flourish at the end.

Ver o sorriso no rosto de Ticy se tornou minha prioridade. A forma que seus lábios se erguem, que suas bochechas coram e as pequenas linhas perto dos olhos se pronunciam... Às vezes, penso que estou me apegando rápido demais, não sei. Nunca me entreguei tanto em um relacionamento. O mais curioso é que não estou preocupado ou pensando nos “e se”, estou vivendo e dando o meu melhor.

Não lembro quando foi a última vez que fiquei em casa em pleno dia de semana sem me preocupar com meus afazeres. Não fui completamente irresponsável, como não tinha reuniões importantes, deixei Mike — um rapaz que tem se mostrado muito competente e de confiança — encarregado de suprir minha ausência.

Depois de ouvir a história de Beatrice, dos momentos que passamos juntos e de finalmente ter conseguido entrar em sua bolha, não queria *deixá-la* sozinha. *Não podia!* Doeui em mim cada detalhe sórdido do seu passado, e eu só queria proteger essa mulher incrível. Meu respeito por ela só cresceu, o quanto lutou e tem lutado para dar a volta por cima é admirável!

Ela voltou para casa assim que finalizamos a organização do evento beneficente, pois tinha que trabalhar no dia seguinte, e um vazio incômodo se instalou em meu peito. Eu ri sozinho, porque não estava acreditando que me transformaria em um daqueles caras melosos que sempre condenei, como

meu amigo Daniel ficou quando se apaixonou por Scarlett.

Se apaixonou...

Nos últimos dias tenho pensado constantemente se o que sinto pela ruiva é apenas admiração e desejo ou um sentimento maior. O que me deixa um pouco assustado. Quando estou com ela... Meu coração acelera, o sorriso não abandona meu rosto, minhas mãos parecem ter vida própria, querendo tocá-la a todo instante. Quando estou *dentro* dela... *Porra!* A sensação é inexplicável, supera tudo o que vivi até hoje.

Eu a quero de todas as formas, não consigo me cansar, nem quero dormir sabendo que está ao meu lado.

Pois é, a mulher me pegou de jeito.

Três dias depois que a pedi em namoro, Ticy está de volta ao meu apartamento. Diferente da primeira vez, ela trouxe uma bolsa com roupas e seus produtos de higiene e beleza, já que passará o final de semana comigo.

A visão que se estende diante de mim neste momento me deixa reflexivo, e uma paz de espírito me inunda. Um momento que não poderia imaginar que viveria um dia, e minha mente não para de gritar: *é ela!*

Ambos estamos deitados no chão da sala — sobre o tapete confortável que ela amou —, lendo. Exatamente. Eu estou lendo um dos livros da série que venho acompanhando, e ela, um dos que comprei no Brasil.

Após um dia de trabalho intenso, tanto para mim quanto para Ticy, eu a recebi com um jantar à luz de velas. Ela ficou atônita. Como forma de agradecimento, segundo suas palavras, deixou-me completamente louco ao me oferecer a melhor das sobremesas, seu corpo delicioso.

Agora, satisfeitos, estamos relaxando, como se fôssemos um casal de anos de relacionamento e não de dias. Esta é a diferença de uma relação madura, cada um entende e respeita o espaço do outro, e é isso que quero e

almejo para o resto da minha vida.

Enquanto a observo, concentrada na leitura, os cabelos vermelhos que me fascinam ao lado do seu rosto bonito e delicado, recordo-me de horas atrás, quando a acompanhei a uma reunião na Mars & Pierce, não como namorado, mas como um dos investidores do projeto social de sua autoria, assunto que foi levado para seus colegas e chefes.

Os olhares surpresos foram impagáveis.

Durante o discurso, a sala ficou em silêncio, vendo Beatrice realizar sua apresentação no *Power Point*, apontando números, estatísticas, demonstrando conhecimento profundo, consistente e, o melhor, revelando sua sede de ajudar, além do motivo de ter solicitado aquela reunião: buscar voluntários para fazerem parte da assistência jurídica da Casa Abrigo Recomeçar.

O orgulho que senti ao vê-la tão decidida, doando-se pela mesma causa que a machucou por anos, quase não coube dentro de mim. Meu peito inflou e suspirei como um bobo, enfeitiçado por sua beleza e inteligência, ainda descrente de que era minha namorada.

Atento, ouvi quando todos os presentes deram uma salva de palmas após a apresentação, as mãos dos voluntários se erguendo, querendo ajudar de alguma forma, elogiando a iniciativa. Um dos advogados disse que sua esposa é assistente social e certamente gostará de fazer parte do projeto. Larry, seu chefe, por sua vez, comentou estar orgulhoso por ter uma sócia empenhada em uma causa tão nobre e que direcionaria uma porcentagem de ações *pro bono* só para ela. Ao final, minha namorada os convidou para o evento beneficente que acontecerá em 15 dias, no Magnific.

Logo, mais uma etapa estava finalizada, e a Casa Abrigo já contava com uma assistência jurídica de qualidade.

O sorriso de Ticy não poderia ter ficado maior e o meu, em resposta, indicava o quanto estava admirado pela sua postura e confiança. O reconhecimento de seus colegas, o quanto, mesmo sem expressar, ela precisava daquela autoafirmação.

— O que foi? — sua voz me chama a atenção, e percebo que a estou encarando como se fosse um psicopata.

Pisco duas vezes.

— Oi? Falou alguma coisa? — pergunto.

— Não falei nada, só estranhei seu olhar vidrado.

— Ah, estava lembrando de algumas coisas.

— Humm... a leitura está difícil?

— Não, não é nada disso. Estou apenas me acostumando a ter uma companhia tão boa enquanto leio. Sua beleza me distrai.

Ticy revira os olhos, e não aguento ficar parado. Coloco o marcador de página onde parei e fecho o livro. Virando meu corpo em sua direção, ela parece reconhecer meu olhar. Afinal, não tenho a menor intenção de esconder o que pretendo fazer.

— Você é insaciável — sussurra.

— E isso é bom ou ruim? — questiono. Nossos corpos estão de frente um para o outro, e beijo seu pescoço em um ponto abaixo da orelha, onde sei que a arrepiava.

— Não estou reclamando, apenas constatando — retruca, o timbre rouco, afetado pela minha aproximação.

Amo o quão fácil ela se rende, como seu corpo me chama sem que se dê conta, o gemido baixo de prazer, o gosto do seu sumo viciante... Não tem como me saciar dessa mulher. Eu só quero mais.

Mordo seu maxilar, afasto os cabelos grossos e desço, beijando sua garganta, o colo, abro um botão da minha camisa social — mesmo trazendo roupa, pedi que ela usasse minha camisa. Ticy fica deliciosa com ela —, abro outro, então outro...

A peça expõe uma parte dos seus belos seios, a pele macia, o contorno perfeito... Os mamilos duros e prontos despontam sob o tecido, deixando uma marca enlouquecedora do lado de fora.

Um instinto selvagem me toma e mordisco um biquinho, fazendo-a arquear, facilitando meu toque. Apalpo o outro seio, massageando, enquanto me delicio com o mamilo.

— Ah! — geme.

Música para os meus ouvidos.

Estimulando um dos seios, com a mão livre coloco a camisa para o lado e volto minha boca para o mamilo, agora sem tecido para atrapalhar, sentindo a textura gostosa, chupando e mordendo a pelezinha enrugada, adorando vê-la se contorcer.

Desço uma mão até sua calcinha e, esfregando meus dedos na renda cor de rosa, urro em satisfação ao notar como está molhada. Coloco a pecinha minúscula para o lado e, com o polegar, circulo seu clitóris, o que a deixa mais excitada, gritando meu nome.

Porra! Eu quero ouvi-la gritar assim a minha vida toda.

Direciono minha boca para o outro seio e abro a camisa de vez, expondo-a completamente para mim. Chupo o biquinho, como fiz com o outro, enquanto isso, dois dedos a masturbam, ora penetrando, ora esfregando seu pequeno botão.

Quero que ela fique bem molhada para me receber. Depois do jantar, brincamos por um tempinho, e sei que ela pode estar sensível. Por mais que

queira entrar fundo, vou esperar até que esteja preparada.

Minha boca deixa seus seios, e estou pronto para beijar seus lábios quando a vejo com os olhos fechados, alheia aos meus movimentos, perdendo-se em seu próprio prazer ao sentir meus dedos deslizarem para dentro e para fora do seu centro úmido.

Sem conseguir me conter, fisgo sua boca, desesperado, sugo sua língua, chupo o lábio inferior, o superior, em nenhum momento deixo de estimulá-la.

— James — murmura entredentes. — Eu estou quase lá.

— Goze para mim, querida!

Tomo-a novamente em um beijo profundo. Nossas cabeças se inclinam, cada uma para um lado, intensificando o movimento, indo mais fundo. Engulo seus gemidos e sorvo seu desejo, enquanto goza forte.

Agora sim posso me satisfazer.

Estou prestes a alcançar minha carteira para sacar uma camisinha quando Ticy segura minha mão.

— Não precisa — murmura, ofegante pelo momento que proporcionei.

Ergo as sobrancelhas e quase não posso acreditar no que estou ouvindo. É demais para a minha sanidade.

— Tem certeza? — pergunto.

— Sim. Tomo remédio há anos, não poderia estar mais certa disso. Com você não quero barreiras.

Put a que pariu! Assim ela me mata.

— Porra, Ticy! Sou tão louco por você, minha ruiva gostosa...

Ela sorri, esparramada no chão da minha casa, e, de repente, tudo

parece tão certo que a agitação que vem se tornando cada vez mais comum faz meu coração bater apressadamente. Tê-la aqui, comigo, totalmente entregue, confiando a mim o seu prazer, é algo que vai além do meu entendimento.

Deito-me rapidamente, apenas para tirar a calça moletom e a cueca boxer, seguido pelo olhar abrasador de Beatrice. Nu, paio sobre ela, beijo seus lábios inchados antes de deslizar sua calcinha e finalmente tirar a camisa pelos braços.

A pele alva está avermelhada em alguns pontos, culpa da minha barba por fazer, e visualizo a pintura magnífica que seria esta cena em uma moldura pendurada em meu quarto...

— Tão linda!

Analiso seus olhos dourados, aguardando ansiosa pelo meu próximo passo. Resvalo meus dedos do vão dos seios até o baixo ventre, e ela arfa. Minha pele queima, sentindo falta do seu calor, do contato direto.

Colo meu corpo no seu, com cuidado, para não *pressioná-la* com meu peso, e seguro sua face entre minhas mãos.

— Você me quer dentro de você, querida? — minha voz sai irreconhecível.

— S-sim — gagueja, tão sedenta quanto eu.

— Quanto?

— Muito.

Provoco, roçando sua entrada e ela solta um gemido esganiçado.

— Está vendo como te quero? É tudo para você, querida!

Seguro seu lábio inferior entre os dentes e, quando o solto, minha língua traça o contorno de sua boca.

— James!

Sinto suas unhas arranhando minhas costas, a pélvis querendo tocar a minha, como se fosse impossível aguentar mais um segundo sem me ter por inteiro. Tento segurar meu controle ao lembrar que estou sem camisinha, a sensação será mil vezes melhor e mais intensa, então, preciso respirar fundo.

Em um movimento inesperado, estou dentro dela.

— Nossa! — grita.

— Caralho! — xingo, sentindo cada terminação nervosa me envolvendo.

A experiência sem preservativo é coisa de outro mundo, e Ticy parece ter a mesma opinião, a julgar sua expressão de pura lascívia. Preciso me esforçar para não me deixar levar e gozar antes da hora.

— É assim que você quer? — desafio, levando seus braços para cima da cabeça.

— É assim — ela entra em meu jogo, e solto uma risada.

Estoco fundo, vendo o corpo da ruiva estremecer sob mim, e não paro. Suas pernas circulam minha cintura, e consigo ir ainda mais fundo.

— Porra! Como você é gostosa, Ticy. — Estoco mais uma vez e saio. — Tem noção de como me deixa louco? Essa sua pele — estoco e saio —, sua bocetinha deliciosa, toda apertadinha. — Estoco e permaneço por alguns segundos até sair de novo. — A minha vontade é de morar aqui dentro.

Ela ri, bêbada de prazer, e responde:

— Pode morar.

Solto uma risada baixa, rouca e sinistra, que nem eu reconheço. O nível de tesão que estou experimentando é surreal. É como se eu fosse explodir a qualquer momento.

— Vem comigo, querida? Está perto?

— Vou quando você for, *Mr. Gentleman*.

Geralmente acho graça quando Beatrice me chama assim, mas não agora. Estou sentindo tudo, menos graça. Sua voz sussurrada, repleta de luxúria, falando ao meu ouvido e, no final, ainda morde o lóbulo da minha orelha.

— Então vem! — peço, entrando e saindo freneticamente.

Beijo sua boca de uma forma que poderia se assemelhar ao *nosso* sexo. Um beijo quente, molhado, afoito, seguindo o vai e vem dos nossos corpos, as línguas se lambendo, fazendo carícias pecaminosas.

Ao contrário das outras vezes em que transamos, devagar, com cuidado, reconhecendo os territórios, desta vez é como se não nos víssemos há anos, ousar dizer ainda que é como se fosse a sequência do nosso primeiro beijo, na festa de casamento de Daniel, caso Ticy não tivesse fugido de mim. A necessidade, a sensação de que faltava alguma coisa, mas nunca soube o que era.

Agora entendo.

Era ela.

Minha namorada geme alto, desmanchando-se embaixo de mim, apertando minha cintura com suas pernas cruzadas e as mãos agarrando meus cabelos. Em algum momento soltei seus pulsos e nem percebi.

— Isso, querida. Assim mesmo. Grita para mim. Vem que eu também estou indo.

Então, estou gozando.

Não paro de estocar, fundo e forte.

Um grunhido sai da minha garganta, e é impossível manter a

tranquilidade, a sanidade, qualquer coisa que me diga quem sou.

Fecho os olhos e curto a foda mais gostosa que já tive na minha vida.

Porque o que acabamos de fazer não foi um simples “amor”. Não! Foi uma entrega além de sentimentos, uma entrega física, uma troca de átomos, células, partículas... Porra! Estou fodido demais.

— Uau! — Ticy exclama, demonstrando estar tão perdida quanto eu.

Beijo sua testa com carinho e giro para o lado, saindo de cima do seu corpo. Respiro fundo, recuperando o ar dos meus pulmões, e volto meus olhos para minha namorada, ela retribui o olhar.

— Se eu te falar que será impossível me afastar de você depois dessa noite, você acredita em mim?

Ticy sorri e acaricia minha barba.

— Acredito.

Coloco minha mão sobre a sua.

— Estou falando sério, querida. Eu nunca me senti assim. O que acabamos de fazer... Eu não quero com mais ninguém.

Confesso que estou receoso por demonstrar como me sinto de fato, e ela sair correndo.

— Estamos em sintonia, James, porque não penso em me afastar de você, muito menos quero que se afaste de mim. Quando digo que você foi essencial para a minha recuperação, que me fez conhecer quem eu sou de verdade e o que quero, estou falando muito sério. E não quero mais ninguém a não ser você. *Só você!*

Alívio me invade, e sou capaz de sair correndo pelo apartamento, mas ainda tenho um pouco de juízo e equilíbrio. *Ainda.*

Beijo a palma de sua mão e declaro:

— Isso é muito bom, Ticy. Isso realmente é muito bom.



UM MARCO

*É um novo amanhecer
É um novo dia
É uma nova vida
Pra mim
E estou me sentindo bem.*

Feeling Good, Nana Simone (versão DJ Avicii)



Quinze dias depois...

— Calma, *Ginger*, você precisa respirar — Scarlett pede ao me ver andando para lá e para cá, mexendo as mãos sem parar.

— Acho que nunca fiquei tão nervosa na minha vida — confesso.

— O nervosismo é normal, mas você não pode se deixar levar — Liv pondera. — Tive que aprender isso convivendo com um rockstar.

— Eu sei, meninas, só não estou acostumada a ser o centro das atenções. Depois que a Scar anunciou o evento na mídia, nunca recebi tantos telefonemas. Tudo bem que foi maravilhoso para dar visibilidade à causa, recebemos diversas doações e um número expressivo de pessoas se voluntariaram, mas ter que lidar com um monte de repórteres querendo entrevistas... Não sei se sirvo para isso, gente.

— Pode ir parando, Ticy — Scarlett interpela. — Essa divulgação toda faz parte da estratégia para alcançarmos mulheres de um modo geral, já te falei. Os olhos de muitas delas podem se abrir e fazê-las enxergar que estão vivendo em um relacionamento abusivo sem nem saberem... Assim como pode ser uma luz no fim do túnel para as que estão sofrendo agressões. A mensagem que o marketing está passando vai muito além da captação de fundos, mas da necessidade do assunto ser tratado com seriedade e

prioridade.

Chegando perto de mim, ela suaviza a voz:

— Vai dar tudo certo, você é incrível, o evento será lindo, emocionante, e o projeto social estará de pé em poucos meses. Por falar em evento, precisamos descer.

Não poderia ter amigas melhores. A ajuda que têm me dado, o suporte... É tão bom estar rodeada de pessoas boas que acreditam em seus propósitos e se esforçam para te ajudar!

O desfile que Liv fez juntamente com o querido Kevin Klein foi um sucesso. Ambos uniram seus melhores modelos para um desfile cujo lucro foi direcionado para o meu projeto social.

Palavras não podem expressar minha gratidão diante de tanta bondade. Esse movimento todo tem me dado esperança de que nem tudo está perdido nesse mundo louco.

O que Scarlett disse sobre a estratégia de marketing... tenho que concordar. Não posso ignorar a quantidade de mulheres que entraram em contato com Esther, a líder do grupo de apoio e responsável por receber as vítimas enquanto a Casa Abrigo não fica pronta. Mérito da divulgação em massa arquitetada pela *Ryan Corporate*.

Além disso, em toda a cidade foram espalhadas frases do tipo: “Você não é a culpada!”, “Não se cale!”, “Você é capaz!”, “Já viu como você é linda?”, “Você não é louca”, todas com a hashtag *#DigaNãoàViolênciaContraaMulher* e o *QR Code* do site que elaboramos com informações em tempo real sobre a violência doméstica contra a mulher no mundo. As frases estão nas estações de metrô, ônibus, naqueles letreiros chamativos da Quinta Avenida... Ao dar de cara com um desses cartazes, meu coração sempre acelera, e uma emoção se agiganta dentro de mim, como

se dissesse: *você está lutando, por você e por outras como você!*

Sim! Sinto orgulho do meu esforço, de ter saído da minha zona de conforto e por ter dado um basta no medo que me impedia de agir.

Olho-me no espelho e sinto minha confiança se elevar. O vestido de pedrarias azul royal desce justo até os joelhos e abre levemente aos meus pés, deixando à mostra apenas uma parte da minha sandália prateada. A escova deixou meus cabelos mais longos e a cor acentuada, contrastando com minha pele clara. A maquiagem está equilibrada: olhos marcantes, boca suave.

Estou satisfeita.

Minhas amigas e eu decidimos nos arrumar juntas para a grande noite na cobertura do hotel Magnific, cortesia de James, que deixou garrafas de espumante no gelo, aperitivos e chocolates à disposição. Para completar, enviou profissionais para fazerem nossos cabelos, maquiagem e massagem corporal. Brincando, eu disse que poderia me acostumar com tanta atenção e qual foi sua resposta?

“Pode se acostumar, querida, porque pretendo mimá-la por muito tempo.”

Impossível não me lembrar do que Liv disse ao saber que foi tudo organizado por ele.

— *Ginger*, você terá que recompensar muito bem seu namorado. Pode dar *tudo* o que ainda não deu!

Só Liv mesmo!

Mas como não me derreter por aquele homem? Ele me ajudou tanto nessas últimas duas semanas. *Me* acalmando, passando horas, madrugadas a dentro, planejando comigo como seria o abrigo, analisando a planta do terreno que doou, quantos quartos poderiam ser construídos, sem contar com cozinha, banheiros, uma pequena academia para a prática de atividades

físicas, berçário, salas de aula para cursos, salão para reuniões e atendimentos jurídicos, consultório para atendimento psicológico e odontológico... O trabalho não será fácil, mas estou otimista. Profissionais de todo o tipo de segmento estão interessados em ajudar, o que já é meio caminho andado.

Tive vontade de ir ao salão onde será o evento a fim de averiguar como estava o andamento da decoração, mas as meninas não deixaram que eu sequer saísse do quarto. Elas disseram que estava tudo encaminhado e que não precisava me preocupar.

— Vamos! — Scarlett me chama novamente.

Ao olhar para seu vestido longo de seda preto e um broche destacando o decote, tenho maior clareza de que seu corpo voltou completamente ao que era antes da gravidez. Tenho orgulho da mulher que ela se tornou e de como cuida da saúde e da família.

Liv não é diferente. Seu vestido é um escândalo! O formato é parecido com o meu, com a diferença de ter o fundo cor de pele todo coberto por fios prateados, como pequenas plumas prateadas, além, é claro, da morena ser mais encorpada do que eu, ficando evidenciado os seios fartos no decote em formato de coração.

Elas estão um arraso. Já fui a outros eventos beneficentes e sei como a vestimenta é importante, pode-se dizer que é comparado a um evento de gala.

Finalmente saímos do quarto e seguimos em direção ao elevador.



Ao chegar ao salão, preciso abrir e fechar os olhos para ver se não estou sonhando.

— Meu Deus! — sussurro para as duas.

— Está incrível, Ticy. Digno de todo seu esforço e empenho. Eu falei que será um sucesso — Scarlett comenta.

— Estou sem palavras — balbucio.

— Trate de encontrá-las, pois daqui a pouco você vai discursar, *Ginger* — Liv me lembra daquele jeitinho só dela.

O salão está todo decorado com a cor da campanha: azul. Bolas transparentes com purpurina azul, tecidos esvoaçantes no teto formando camadas como ondas, e as cortinas de um tom mais claro descem até o chão volumosas e vistosas. As mesas redondas são grandes, cabem mais de oito pessoas, e um tecido que se assemelha a cetim cobre todas elas.

Impecável.

Quando Scarlett e eu optamos por azul, verificamos seu significado, foi ali que descobrimos que a cor é associada à profundidade e estabilidade. Simboliza confiança, sabedoria, lealdade, inteligência, fé e verdade. Além de ser uma cor que aprendi a amar.

Um enorme telão está posicionado ao lado do palco, e, só de lembrar que estarei ali em cima daqui a pouco, tenho palpitações.

Onde James está? Não o vejo desde que cheguei ao hotel para me arrumar. Nos últimos dias, ficamos bastante juntos, não só por conta do namoro, mas para ajustarmos os preparativos desta noite, para os quais também contamos com a ajuda de uma equipe de voluntários e funcionários do empresário. Sua presença faz uma grande falta.

— *Meu girassol!* — ouço uma voz grave atrás de mim e me viro, abrindo um sorriso enorme.

— Papai!

Corro até ele e o abraço apertado. Ele me chama de girassol desde pequena, sempre dizendo que fico mais reluzente sob o sol, os cabelos quase alaranjados, os olhos cor de mel se tornam dourados, fora que a flor acompanha o astro do dia aonde quer que ele vá, sempre em busca de luz, fugindo da escuridão. *Coisas de papai, mas hoje tenho ciência de que combina muito comigo.* Não é à toa que passei a amar girassóis.

— Que saudade! — exclamo, ainda em seus braços.

— Pois é, minha filhinha me abandonou.

— Pare com isso...

— Estou brincando, girassol. Imagino o quanto isso tudo está dando trabalho. Não poderia estar mais orgulhoso, minha filha. Olhe para você, tão linda, com um sorriso que não vejo há... — seus olhos ficam marejados e sua mão apalpa meu rosto, um gesto de carinho e admiração —... muito tempo.

Seguro a emoção, sabendo exatamente para onde seus pensamentos o levaram.

— Obrigada por vir, papai! Significa muito para mim. E você está todo bonito...

— Eu não perderia por nada! Sobre o traje, você conhece a sua mãe.

Rimos, compartilhando uma piada interna.

— Por falar nela, cadê...

Nem termino a frase e um furacão com um vestido longo dourado chega ao lado do meu pai.

— Ticy, querida, está tudo tão lindo. Você está lindíssima, olha esse vestido! Não consigo acreditar que a nossa filhinha cresceu tanto, Doug.

— Hey, mãe — cumprimento-a com um beijo no rosto, porém sou surpreendida com um abraço.

— Parabéns, filha — sussurra, a comoção transparecendo em sua voz —, e obrigada! Em nome de todas as mulheres, eu agradeço a sua iniciativa. É tão humana, necessária... Ah, Ticy!

Ela começa a chorar, e é demais para mim. O misto de sensações que me invadem, a adrenalina para que tudo saia perfeito, o peso do que passei para chegar até aqui... Deixo-me levar, derramando lágrimas na curva do seu pescoço, meu corpo tremendo com os espasmos.

Eles sofreram tanto com o meu sofrimento, ficaram desesperados por ver sua única filha em um estado lamentável, buscaram os melhores tratamentos, fizeram o possível e o impossível para que eu ficasse bem. Não 100%, mas *bem*. Nenhum pai deveria ter que passar por esse tipo de situação.

— Obrigada por tudo, mamãe — balbucio e sinto os braços do meu pai circulando o nosso abraço. — Obrigada por não desistirem de mim.

— Nunca! — ela brada.

— Jamais! — meu pai vocifera. — Você é o nosso maior tesouro, girassol. E nosso maior orgulho. Olho para você e vejo uma mulher forte, guerreira. Os obstáculos só te engrandeceram, mesmo quando pensava o contrário, você estava crescendo, filha, erguendo-se acima das dificuldades. Esta noite é resultado da sua luta. Por vezes, para descobrirmos a nossa

missão, precisamos passar por caminhos tortuosos. Dói, machuca, dilacera, mas não dura para sempre, e você é exemplo disso, filhinha. Nós te amamos do fundo da nossa alma.

O evento nem começou e estou uma pilha de nervos. Afasto-me do abraço coletivo e me abano, tentando conter o choro. Com um lenço, minha mãe limpa meu rosto com cuidado, apenas para secar as lágrimas sem mexer na maquiagem.

— Já encontraram seus lugares? — pergunto, pois cada lugar está marcado.

— Sim, fique tranquila. Aproveite sua noite, Ticy — minha mãe responde.

— Mais tarde vou apresentar uma pessoa para vocês.

Eles sabem que estou namorando, fiz questão de ligar em um dia da semana e contar o que estava acontecendo, porém não conhecem James ainda. Com a correria, não pude *apresentá-los*. De hoje não passa!

Lauren Parker abre a boca, surpresa e ao mesmo tempo radiante.

— *Me* diga que é o seu namorado!

— Sim. É ele.

— Não deveria ter falado isso para sua mãe, girassol. Meus ouvidos não terão paz.

Caio na risada com sua brincadeira, mas no fundo sei que é verdade. Minha mãe não para de falar quando está ansiosa.

— Nada disso. Teremos diversas apresentações, e o meu discurso será no final. Então, espere com calma e tranquilidade.

— É claro, minha filha. Seu pai exagera demais — diz, fazendo careta para ele. Esses dois são demais.

— Agora preciso ir. Até logo!

— Vá, girassol, e brilhe muito. — Sorrio, e meu pai pisca para mim, encorajando-me a seguir.

Olho para o lado e as meninas não estão por perto, talvez se dando conta de que seria um momento importante em família. Caminho entre as mesas, sem conseguir reconhecer metade dos rostos dos convidados, porém não posso dizer o mesmo sobre mim, já que a maioria está me lançando sorrisos, aos quais retribuo, obviamente.

É disso que estava falando com as meninas. Eu não queria notoriedade, contudo depois de ouvir horas de sermão de Scarlett, compreendi que toda divulgação precisa ter um rosto, que as pessoas se identificam quando veem que há um ser humano por trás, e, então, simpatizam com a causa. Meu rosto ficou conhecido por ser uma das curadoras do evento e a fundadora da Casa Abrigo Recomeçar, cabe a mim usar isto a favor do projeto.

Antes que eu continue, alguém segura meu pulso. Giro para trás e dou de cara com Melissa. Fico boquiaberta no mesmo instante.

— Melissa! Você veio!

Eu a abraço, e a morena, que está com um vestido todo prateado, retribui o gesto.

— É claro que viria te prestigiar. Torço por você, Ticy. Quase não acreditei quando James me contou sobre o seu projeto. Isso é tão... Nossa! É difícil de assimilar que tenho uma amiga tão foda... ops... Desculpe. Eu quis dizer fofa.

Sou obrigada a rir e bato em seu ombro desnudo.

— Pare com isso. Não precisa ser tão formal comigo.

— Eu sei, eu sei, mas preciso maneirar. Ainda mais em uma noite tão

especial. E tem mais coisa que estou sabendo, viu? Nem para a senhorita me mandar mensagem contando a novidade.

— Mil desculpas. Desde que cheguei do Rio não parei. Quando não estava ocupada com o escritório, era com o projeto social. Foi no meio disso tudo que acabou acontecendo e...

— Não precisa se explicar, Beatrice. James já me contou tudo. Bem, quase tudo, claro.

Sorrio do seu sarcasmo e ainda não posso acreditar que a morena saiu do Brasil apenas para me prestigiar.

— Muito obrigada pela presença, Melissa. Você não tem ideia de como estou feliz.

— Você merece todo carinho e reconhecimento, Ticy. E estou ainda mais feliz por ver como sua feição se transformou. Vejo uma leveza, sem a tensão que parecia te envolver a todo instante no Brasil. Está linda! Parabéns por se dar uma chance. — E, chegando mais perto, sussurra: — Você é foda mesmo!

Minha risada sai mais alta dessa vez e ela me acompanha.

— Uau! Do que as senhoritas tanto riem, hein?

— Drew! — exclamo em direção à voz, e ele me lança um sorriso enorme.

— Ruivinha!

A noite é de abraços. Afinal, cada amigo aqui presente está demonstrando seu carinho e consideração por mim e pela causa que represento. Isso não tem preço!

— Que horas vocês vão se apresentar? — pergunto.

— Jack disse que deve ser em mais ou menos uma hora, próximo do

final.

— Ótimo! E como você está?

Percebo que Melissa ficou quieta repentinamente, e estreito meus olhos para ela, ouvindo a resposta de Andrew:

— Estou bem e muito feliz por estar fazendo parte do seu projeto. Josh nos contou sua ideia, e na mesma hora adiamos nossos compromissos para estarmos aqui.

Olhando para ele, digo:

— Estou lisonjeada que a maior banda de rock do país vai tocar esta noite. Obrigada, Drew. Preciso agradecer à turma toda.

— Teremos tempo, ruivinha.

Ele troca um olhar com Melissa, que continua calada, e minha desconfiança aumenta.

— O que está acontecendo entre vocês? — questiono, olhando de um para outro com um sorrisinho.

— Nada, oras — a morena responde, arredia.

— É. Nada a declarar — ele concorda.

— Sei.

— Já deu parabéns para Ticy, Andrew? — Não posso acreditar que ela vai se esquivar.

— Sobre o evento? Eu...

— Não, ela está namorando... James.

O roqueiro arregala os olhos e se vira em minha direção.

— Não pode ser! — exclama, chocado. — A ruiva mais desapegada de todos os tempos resolveu se render?

Reviro os olhos e, com um sorriso nos lábios, explico:

— Sim, estamos namorando e...

— Boa noite, querida!

Minha pele queima por inteiro ao sentir o roçar de sua boca em minha orelha. Nem se fala a voz única, grave, grossa e charmosa...

Olho para o lado e analiso o quanto meu namorado está magnífico em um smoking azul-marinho perfeitamente ajustado, delineando seus músculos, a gravata borboleta da mesma cor, muito bem posicionada, os cabelos moldados com algum tipo de mousse, a barba aparada... Não é à toa que é o meu *Mr. Gentleman*. De repente, todo o resto desaparece à minha volta.

— Terra chamando Ticy. — Tinha que ser Melissa. Ela está se saindo pior do que Liv.

James solta uma risada baixa, gutural, os olhos perscrutando cada pedaço do meu vestido, ou melhor, do meu corpo.

— Você está linda, querida!

— E você está maravilhoso — declaro, arrebatada por sua beleza.

— Só vendo para acreditar... — Andrew balbucia, e Melissa solta um longo suspiro, como aqueles desenhos animados. Logo o roqueiro completa: — Parabéns ao casal. Desejo que sejam muito felizes. De verdade!

Desviando o olhar, meu namorado sorri, sem qualquer rancor ou raiva, e estende a mão em um cumprimento, antes de dizer:

— Muito obrigado, Andrew. Nunca entenderemos as voltas que a vida dá, mas, no final, sempre acontece o que precisa acontecer.

O baixista assente e aperta a mão de James.

— Não tenho dúvidas, Foster.

O som de um microfone reverbera no ambiente e, mais uma vez, sinto

os lábios de James roçarem minha orelha.

— Precisamos começar a apresentação, querida. Está pronta?

Respirando fundo, busco seus olhos que tanto me acalmam.

— Sim.

— Melissa, Andrew, nos vemos daqui a pouco — James se despede com um acenar de cabeça.

Abraço Melissa novamente e, baixinho, sentencio:

— Depois quero saber o que está rolando de verdade, e não tente mentir para mim.

Antes que a morena retruque, *me* afasto e sigo James, que logo enlaça minha cintura com seu braço, a mão me apertando levemente.

— Você viu as meninas? — pergunto.

— Sim, estão atrás do palco te esperando.

Passando entre uma mesa e outra, sorrimos, acenamos, então James comenta:

— Querida, você está deslumbrante — e, ao se aproximar mais um pouco, completa: — e muito gostosa!

Meu namorado sabe o momento certo para aliviar a tensão.

— Tão safado!

— Um *Mr. Gentleman* não fala safadezas? — pergunta, enquanto cumprimenta diversas pessoas, como se não estivesse falando sacanagem ao meu ouvido.

— *Meu Mr. Gentleman* pode falar qualquer coisa — retruco, entrando em seu jogo, piscando para ele em seguida.

— Senti saudade — declara, pressionando minha cintura com sua

mão forte.

— Eu também.

— James!

A voz de uma mulher interrompe nosso momento.

Ambos nos viramos em direção a ela, e recorro, vagamente, de já ter visto seu rosto em algum lugar. É uma loira bonita, com olhos tão azuis quanto os de James, alta, curvilínea em um vestido roxo, brilhoso, que nunca pensei que poderia ficar bem em alguém, mas nela está estonteante.

— Brianna! — meu namorado diz em reconhecimento, parecendo surpreso.

Ah! Então ela é a Brianna. Humm.

— Olá, você deve ser Beatrice — sugere.

— Sim, prazer.

Damos um aperto de mão, e ela volta a falar.

— James me contou sobre a Casa Abrigo e eu não poderia deixar de vir e te parabenizar pela iniciativa. Isso é de uma coragem enorme, poucas pessoas se dispõem da maneira que você está fazendo. Lidar com os problemas de outras pessoas e se propor a ajudá-las... Só pode ser um dom, uma vocação, não sei. — Sorri. — Eu mesma não teria essa bravura.

Olhando para o loiro, ela esboça um sorriso e diz:

— Sou uma amiga protetora e sempre disse a James que ele merecia ser feliz com uma mulher que soubesse valorizá-lo, que o fizesse sorrir, como ele está sorrindo neste exato momento só de olhar para você e, principalmente, que fosse tão boa quanto ele. Preciso dizer que fico imensamente feliz por saber que meu amigo está em boas mãos e que encontrou um *mulherão da porra!*

Em choque pelas palavras de uma mulher que mal conheço, fico sem reação.

— Brianna, acho que você assustou Beatrice — meu namorado ironiza.

Nós três damos risadas, e recupero a capacidade de falar.

— Nossa, eu só posso agradecer, Brianna. Fico feliz por James ter uma amiga que reconheça o quanto ele merece ser valorizado, pois é isto que tento fazer todos os dias desde que decidimos namorar.

Olho para James, e ele beija minha testa, uma demonstração de carinho que me aquece por inteiro.

— Sou um cara sortudo — brinca, e a loira sorri.

— Quanto ao elogio — continuo —, acredito que todas somos e podemos ser *mulherões da porra*, cada uma com suas particularidades, qualidades... O que importa é sermos unidas e ajudarmos umas às outras.

— Eu disse que ela era espetacular, Bri.

— Ela é, Jamie.

É engraçado ouvi-la chamando-o assim, porque não parece em nada com ele e também não denota nenhum tipo de malícia.

Menos mal.

— Agora vou deixar vocês seguirem. Que a noite seja maravilhosa e tenha muitas doações! — a loira finaliza.

— Muito obrigada, Brianna. Mais tarde nos falamos novamente — despeço-me.

— Até mais, Bri.

Brianna foi uma surpresa. Eu que pensei que ela seria um problema, fiquei aliviada por conhecê-la melhor. Como dizem, nem tudo que reluz é

ouro. Pois é! A gente acaba julgando a *casca*, mas não tem noção do conteúdo.

James volta a me conduzir até a lateral do palco e, desta vez, não somos interrompidos.

A cerimonialista pega o microfone, dando início à programação, e minha atenção muda completamente. Tudo o mais se torna secundário. Meu foco agora é para o início do maior e mais importante evento da minha vida.



QUEBRANDO CORRENTES

*Liberdade, liberdade! Não posso me mover
Liberdade, me liberte, sim
Liberdade, liberdade! Onde está você?
Porque eu preciso de liberdade também!
Eu quebro as correntes sozinha
Não vou deixar minha liberdade apodrecer
no inferno
Ei! Eu vou continuar em frente
Porque vencedores não desistem de si mesmos.*

Freedom, Beyoncé feat. Kendrick Lamar.



Neste momento, estou ao lado de Vick — cerimonialista e uma das voluntárias do projeto —, com as mãos cruzadas nas costas, tentando não demonstrar como estou tremendo. Ela está fazendo a apresentação do evento, lendo o cronograma que foi distribuído em todas as mesas. Em seguida, será a minha vez de dar boas-vindas aos convidados e abrir a noite.

Logo após a minha fala, passaremos um vídeo com informações e números sobre a violência doméstica contra a mulher. Nele também estarão partes da campanha que fizemos ao longo dos últimos dez dias: o desfile de Liv e Kevin Klein, os cartazes por toda Nova York, as matérias, além de testemunhos verídicos.

Scarlett e Liv estão posicionadas perto do palco, atentas a cada gesto meu, porque só foi eu dar um sorriso fraco de nervoso, que fizeram um gesto para que eu sorrisse de verdade. Por pouco não revirei os olhos, seria vergonhoso diante de tanta gente!

Todos os convidados estão em pé e, daqui de cima, a cena é intimidadora. Não pensei que tantas pessoas viriam, que tanta gente “compraria” a causa. Apesar do nervosismo, estou extasiada.

— Vamos ouvir agora a Dra. Beatrice Parker, idealizadora e curadora deste evento.

Palmas irrompem e sorrio em agradecimento, assentindo com um

gesto de cabeça. Aos poucos, o barulho vai diminuindo e consigo encontrar minha voz.

— Podem se sentar, por favor!

Agora me sinto mais à vontade, sem a pressão por ter tanta gente em pé por minha culpa.

— Gostaria, primeiramente, de agradecer a presença de todos. Sem o esforço e a ajuda de vocês, seria impossível este projeto sair do papel. Porém não vou fazer meus agradecimentos neste momento. Mais tarde, após o meu discurso, terei tempo para isso. Peço que assistam ao vídeo que preparamos. Não se trata de marketing, matéria sensacionalista ou de algum subterfúgio para sensibilizar aos presentes. Infelizmente, traremos uma realidade que é desconhecida por diversas pessoas. Uma realidade vivida por muitas mulheres. É o que a sua vizinha, amiga ou colega de profissão pode estar passando neste momento, e você nunca se dará conta, a não ser que ela denuncie o seu agressor. A não ser que ela não fique calada! O meu propósito é cuidar dessas mulheres e auxiliá-las para que encontrem uma nova voz. Um recomeço! O evento beneficente em prol da Casa Abrigo Recomeçar está oficialmente aberto!

Saio do palco e as palmas voltam ainda mais fortes.

— Ai, meu Deus, estou tão emocionada! — Liv exclama ao me abraçar.

— Você foi ótima, Ticy. Vai dar um show na hora do seu discurso. Tenho certeza — Scar elogia.

— Obrigada, meninas!

Não contei para elas como será o meu discurso. Na verdade, não contei para ninguém. James me sondou, porém percebeu que eu não estava à vontade para falar sobre o assunto e não forçou. Ainda estou decidindo se

seguirei um caminho ou outro. Acredito que só quando chegar a hora saberei o que falar de fato.

Minhas amigas e eu seguimos em direção a uma mesa reservada, um pouco mais afastada, onde Daniel, Josh e James já se encontram. Sento-me ao lado de James e ele se aproxima, colocando um braço no apoio da minha cadeira.

— Você foi maravilhosa — sussurra. — Parabéns pela noite, querida! — completa, estendendo uma taça de espumante para mim.

— Obrigada, James. Estava bastante nervosa e só fico pensando em como estarei na hora de falar, de verdade, na frente de tanta gente.

— Não pense no depois. Curta o momento, você merece por ter batalhado tanto para que esta noite acontecesse.

— Como você, não é?

Ele foi incansável e não posso desconsiderar seu esforço. Se não estivesse comigo, não sei se aguentaria o peso sozinha.

— Vai valer a pena cada minuto que investimos nesta ação. Você verá — responde, beijando minha bochecha.

Minhas amigas estão entretidas com seus pares e, pela primeira vez, sinto que não estou destoando. Pela primeira vez, tenho um *par* que me orgulha e me enche de paz. O único homem para quem eu entregaria meu coração. *Isto se já não entreguei.*

Foco minha atenção no vídeo, e a mesma sensação me atinge todas as vezes que o vejo: um aperto no peito. Os dados são assustadores, porém necessários. São eles os melhores indicativos para ratificar que este projeto merece uma atenção especial. Afinal, se não fosse para revelar verdades, não faria sentido estarmos todos aqui reunidos em prol de uma ação social.

No mundo, quase um terço das mulheres que estão em relacionamentos já sofreram casos de violência física ou sexual de seu parceiro.

Nos Estados Unidos, 32% das mulheres experienciaram violência física causadas por seus parceiros e 16%, violência sexual.

Segundo a ONU, 7 em cada 10 mulheres no mundo já foram ou serão violentadas em algum momento da vida.

Nos Estados Unidos, a violência do parceiro resulta em 2 milhões de feridos a cada ano, tornando este um problema de saúde maior do que a obesidade e o fumo.

Profissionais de saúde são geralmente os primeiros a entrar em contato com pessoas que sofrem abuso: em nosso país, as mulheres em relacionamentos abusivos visitam centros de saúde com frequência 2,5 vezes maior que outros pacientes.

Na América do Norte, 40% das vítimas de homicídio do sexo feminino são mortas por seus parceiros.

Um toque em meu ombro chama a minha atenção, e penso que pode ser James, mas fico surpresa ao ver que é uma das recepcionistas da festa.

— Dra. Parker, estão querendo falar com a senhorita no hall do hotel.

— No hall do hotel? — pergunto, franzindo o cenho.

— Sim.

Olho para meu namorado, que está tão confuso quanto eu, e o ouço dizer:

— Vou com você.

Compreendo que ele tenha o instinto de me proteger, e confesso que estou me derretendo por dentro, mas não há nada que indique perigo. Uma vez que decidi que seria autossuficiente e lidaria sozinha com o que viesse, não posso concordar com sua ida.

— Não precisa, James. Caso ache necessário, peço que te chamem, tudo bem?

Ele parece lutar contra seus instintos, o conflito em seu olhar é óbvio, e, após alguns segundos, sua expressão se transforma de resoluto para derrotado.

— Tudo bem.

Neste momento, Scarlett e Liv percebem a presença da mulher parada ao meu lado.

— Algum problema? — Scar pergunta.

— Não, amiga. Só uma pessoa que quer falar comigo lá fora. Já volto.

Não espero que retruquem e saio em direção à porta dos fundos, por um caminho lateral.

A recepcionista me conduz até o hall do hotel e, então, fala com um rapaz, funcionário do Magnific:

— Sam, a Dra. Parker está aqui.

— Obrigado, Meg. — Olhando para mim, diz: — Doutora, aquele senhor está procurando a senhorita. — Aponta um dedo para um homem franzino, de costas, mais à frente. — Ele queria entrar no evento, mas como

não tinha convite, pedimos para aguardar aqui. Desculpe incomodá-la com este inconveniente, porém ele insistiu e disse que não sairia enquanto não a chamassem.

Que estranho. O que esse homem quer comigo?

— Sem problemas, você fez o seu trabalho. Vou falar com ele.

— Os seguranças já estão avisados caso... — ele não termina de falar, contudo entendo seu receio.

— Obrigada, Sam. Ficarei bem.

Enquanto caminho até o homem, analiso as costas levemente curvadas, a cabeça coberta com um chapéu, a camisa de botões que parece ser alguns números maior do que seu corpo... Tenho certeza de que não o conheço.

— Boa noite, senhor. Estava me procurando? — pergunto.

Ele demora alguns segundos para se virar e quando o faz...

Não!

Dou um passo para trás involuntariamente.

Não pode ser!

Franzo a testa, confusa, porque ao mesmo tempo que parece com *ele* não tem nada a ver.

Mas...

Esses olhos.

Eu reconheceria esses olhos em qualquer lugar.

É ele.

É ele.

Todo o meu mundo desmorona.

Meu cérebro grita, o coração se aperta, meu corpo treme.

O ar não entra em meus pulmões, e preciso apoiar meu corpo em uma pilastra a fim de tentar controlar minha respiração.

De repente, tenho 21 anos outra vez.

De repente, estou dentro de um carro.

De repente...

— Eu não vou te machucar — diz com suavidade.

A mesma voz que usava antes de se transformar em um demônio. A mesma voz que me acompanhou por tantos anos em meus pesadelos.

O *monstro* chega mais perto, porém meu instinto faz com que me afaste. Puxo o ar com força e expiro devagar. Inspiro novamente, meus pulmões finalmente conseguindo receber oxigênio, e expiro.

— Eu não vou te machucar — repete.

— O que... O que você está fazendo aqui? — pergunto num fio de voz.

— Eu te vi no jornal. Vi a campanha que está promovendo, o projeto... o projeto para mulheres... — gagueja e parecendo se recompor, continua: — Então, soube deste evento beneficente.

Frederick parece outra pessoa. Se não fossem seus olhos, eu não o teria reconhecido. Magro demais, os ossos do rosto proeminentes, saltados, olheiras profundas, a pele macilenta, como se não pegasse sol há anos. Vendo que o encaro descaradamente, ele tira o chapéu e fico em choque.

Não há um fio de cabelo sequer. Ele deve estar com 42 anos, porém sua aparência é de 70.

— Câncer. Estágio IV.

Não falo nada, não consigo.

É muito para assimilar.

Sua presença, e com ela as lembranças...

Depois de seis anos... Seis longos anos.

Ele parece cansado, como se respirar fosse um grande esforço, mas não consigo sentir pena. *Não agora.*

Será que sou pior do que ele? Será que sou tão ruim a ponto de não sentir pena de uma pessoa doente, que está quase morrendo?

Mas este homem é um monstro, meu inconsciente elucida.

Olhando para mim, Frederick diz:

— Não quero que tenha pena de mim, Beatrice. Não vim em busca disso.

— E veio em busca do quê? De me humilhar na noite mais importante da minha vida? Veio rir da minha cara como fazia antes? Sempre tão superior, experiente...

Não quero sentir raiva. Ele não merece nenhum sentimento meu. Não é digno de nada. Entretanto é involuntário. Foram anos imaginando *vomit* estas palavras em sua frente. E agora ele está aqui.

— Diga, Frederick, continuou machucando outras mulheres? Quantas mais passaram pelas suas mãos? Você abusou delas também? Socou, estapeou? Alguma não conseguiu escapar?

Ele permanece calado, sem perder a calma.

Meu choro vem livre. Não me importo se estamos na entrada de um dos maiores hotéis de Nova York, ou se daqui a pouco precisarei discursar em meu evento.

Meu evento...

Meu Deus! James deve estar louco de preocupação. Não deve

demorar para vir me procurar, e não o julgaria. E meus pais, se eles virem este homem por aqui...

— Responda, Frederick. O que você...

— *Me perdoe!*

Quase não o ouço.

— O quê? — pergunto.

— *Me perdoe!* — repete e dá um passo em minha direção. Desta vez, não me afasto. — *Me perdoe, Beatrice!* Pela covardia, por ter mudado a sua essência de alguma forma, por ter maculado a sua inocência, por não ter te tratado como uma mulher merece ser tratada, por não ter sido homem, pelas minhas fraquezas, pela minha pequenez, pela minha ignorância, por ter te machucado física e psicologicamente, e, acima de tudo, *me perdoe* por ter entrado em sua vida.

Frederick toma fôlego e volta a falar:

— Há anos venho tentando esquecer aquela parte da minha vida, tentando fingir que nunca aconteceu. Ao contrário do que pensa, depois daquele fatídico dia, eu saí da cidade e procurei ajuda. Entrei de cabeça em tratamentos, pois queria que alguém me mostrasse ou descobrisse o que estava acontecendo comigo, por que tinha aqueles acessos de ira e qual foi o motivo de ter feito aquelas coisas com você. Eu, mais do que ninguém, *me odiei* por meses e meses.

Continuo estática, esperando a conclusão de sua história.

— Dois anos depois, conheci uma mulher. Uma professora. Todas as vezes em que a via, era uma tortura interna, pois pensava que poderia sair do controle, tinha crises de pânico... Resumindo, nunca a tratei mal, nenhum grito, nenhuma falta de respeito, nada. Precisei passar pelo inferno para conhecer minha mente, para saber que precisava de ajuda. Um ano mais tarde

nos casamos e tivemos uma filha.

Não esperava esta reviravolta. Eu o imaginei tantas vezes maltratando outras mulheres, que sequer cogitei que ele procuraria ajuda ou que teria se arrependido do mal que me fez.

Nem todos os homens têm essa consciência. A maioria acredita que o motivo de serem agressivos são suas parceiras, justificam seus atos dizendo que nasceram assim, que cresceram desse jeito, que o pai fazia o mesmo... Um exemplo clássico de machismo, que não permite que vejam que algo está errado com eles, porque isso feriria seu orgulho e masculinidade. Quem dirá procurar ajuda de profissionais! Para muitos, é inaceitável, *é coisa de gente fraca*.

Contudo não posso esquecer que Frederick pode ser ardiloso. Não me surpreenderia se estivesse me manipulando.

— Quem me garante que está falando a verdade? Você mesmo me dizia que não se deve confiar em homens, que eles só querem *uma coisa*. Lembra?

— Não estou em condições de mentir, Beatrice. A qualquer momento posso parar de respirar, mas morrerei em paz por ter te encontrado e pela oportunidade de pedir perdão. Quando vi seu nome no jornal, a matéria, o projeto social, *me* tranquei no quarto e chorei. Chorei porque eu fui o motivo de toda a sua revolta, o causador da sua dor, *te* marquei de uma forma severa... *Me* perdoe. Não precisa aceitar, apenas tome minhas palavras!

— Demorei anos para conseguir me reerguer. Fechei meu coração para qualquer outro homem, por medo de encontrar alguém parecido com você. — Ele estremece. — Só me resta torcer para que nada semelhante aconteça com sua filha. Ela é uma menina inocente, não merece pagar pelos pecados do pai. *Nenhuma mulher merece!*

— Quando minha filha nasceu, a primeira coisa que pensei não foi em como ela era linda ou na emoção de ser pai. Foi em você.

— Em mim? — pergunto, desconfiada.

— Sim, eu já estava doente e comecei a refletir. Sabia que não estaria aqui para defendê-la quando fosse maior. A recordação amarga e infeliz de como te tratei, o quanto te machuquei, *me* assombrou, e um filme passou em minha cabeça. O medo de que minha filha vivesse a mesma situação com um homem tão ruim quanto eu... Senti que devia o meu melhor a você, e o meu melhor é a minha filha, então, eu a chamei de Beatrice.

Um suspiro surpreso sai da minha garganta.

— O quê?

— Ela é uma constante lembrança de que nunca serei um homem bom e uma homenagem à mulher que feri. Se o meu perdão não servir, espero que aceite o presente.

Estou chocada.

Ele deu o meu nome à sua filha?

Busco um dos sofás do hall e me acomodo no assento, sendo seguida por Frederick, que solta um audível suspiro por finalmente descansar.

Com os cotovelos apoiados em meus joelhos, as mãos massageando a nuca, por um momento não sei o que dizer.

De soslaio, percebo sua mão se estender para mim. Entre seus dedos está uma pequena foto.

— Esta é ela. Beatrice Lindsay Harrison, minha pequena guerreira.

Pego a foto de sua mão, e lágrimas vertem dos meus olhos quando vejo uma linda menininha de olhos verdes e cabelinhos ralos e claros. Abaixo está a data de nascimento e seu nome completo.

É demais para suportar. Ele colocou o *meu nome* em sua filha. Uma eterna lembrança do que fez.

“Senti que devia o meu melhor a você, e o meu melhor é a minha filha, então, eu a chamei de Beatrice.”

“Se o meu perdão não servir, espero que aceite o presente.”

Tudo o que consigo fazer é chorar. Minhas mãos tremem, mas não consigo soltar a foto. Ao meu lado, Frederick não se contém. Seu rosto está molhado, o corpo magro tremendo, os braços finos se abraçando, o esforço de estar aqui cobrando seu preço.

Sinto a raiva se esvaír do meu corpo, da minha mente, do meu coração, com ela se vão as correntes que ainda me prendiam ao passado, uma a uma se quebrando.

— Eu iria morrer com isso, sozinho, estava conformado que nunca mais a encontraria, mas quando vi seu nome no jornal, na mesma semana em que descobri que o câncer se espalhou por todo meu corpo, não pude ignorar essa chance. Li sobre o seu projeto e fiquei tão orgulhoso que você não se deixou vencer pelo que te fiz, pelo contrário, está lutando, no *fronte*, encabeçando uma ação grandiosa em todo país. — Logo que termina de falar, Frederick começa a tossir, permanecendo assim por alguns segundos.

Restabelecendo-me, viro-me para ele e digo:

— Se tem uma coisa que posso te agradecer é que as suas ações me tornaram mais forte. Meu pai falou uma frase que é verdade: *para descobrirmos a nossa missão, precisamos passar por caminhos tortuosos. Dói, machuca, dilacera, mas não dura para sempre*. É isso, Frederick. Como dizem, o que não mata, fortalece.

Ele esboça um sorriso fraco, assentindo.

— Parabéns por se tornar uma mulher tão forte. Mais do que nunca

tenho orgulho de ter dado seu nome à minha pequena Beatrice. Se ela tiver a metade da sua bondade e perseverança, estarei feliz, seja onde eu estiver.

Ouvi-lo falar como se a qualquer momento fosse *partir* é horrível, mas compreendo que esteja sendo realista em relação ao seu estado. Apesar disso... diferente da raiva que me envolveu ao reconhecê-lo, agora sinto tristeza.

Ele tosse uma, duas, três vezes e emenda:

— Parabéns pela noite, desejo que continue lutando por seus ideais e, se puder, chame a atenção dos homens para a questão da ajuda profissional. Muitos irão ignorar, porém um ou outro pode se interessar, querendo mudar de vida. Apenas pense nisso.

Apoiando-se no braço do sofá, Frederick se levanta e estende sua mão ossuda em minha direção.

— Preciso ir. Adeus, Beatrice!

Observo sua mão, seu rosto e a foto de sua filha vem como um flash em minha memória, então, tomo uma decisão que nunca imaginei tomar em todos esses anos. Uma decisão que, além de libertá-lo, irá me libertar também, de vez.

Colocando minha mão na sua, sinto a pele gelada, quase sem vida, e um arrepio percorre minha espinha. Mordo meu lábio inferior, segurando a emoção, e digo em um sussurro:

— Eu o perdoo.

Um espasmo faz seu corpo trepidar e um soluço sai de sua garganta.

Com a outra mão, ele cobre a minha e ficamos assim por alguns instantes. De um lado, seu choro silencioso, do outro, o meu.

— Obrigado! Obrigado! Obrigado! — ele não para de falar. — Agora

posso ir em paz.

Ao dizer estas palavras, em meu coração, entendi que ele não estava falando sobre ir para casa, e isso me dilacera por dentro.

— Vá em paz, Frederick! Nós estamos livres — consigo balbuciar, soluçando.

Nós estamos livres!



VIRANDO A PÁGINA

*Seu amor é minha página virada
Onde apenas as palavras mais doces permanecem
Cada beijo é uma linha cursiva
Cada toque é uma frase redefinida.*

Turning Page, Sleeping At Last.



Estou parada, olhando para a saída do hotel, quando sinto um leve toque na lombar.

— Querida, está tudo bem? Fiquei preocupado e...

Viro-me para James e coloco o indicador em seus lábios.

— Não precisa se justificar. Eu imagino que tenha demorado...

— *A Sultans of Swing* está terminando de tocar e, então, será a sua vez de se apresentar — meu namorado me interrompe e tomo um susto.

— Já?

— Você está aqui há quase duas horas.

— Nossa! Nem percebi.

— O que aconteceu? Seu rosto está vermelho.

— A maquiagem está destruída, não é?

Fiz o que pude para me limpar com um pedaço de papel higiênico que uma das funcionárias me deu.

— Não... Você chorou? — pergunta, alarmado.

Abaixo a cabeça, pego sua mão e beijo a palma.

— *Me abrace. Por favor!*

Sem retrucar, James me coloca entre seus braços fortes e me aperta diante do seu corpo. Colo minha bochecha em seu peito e aspiro o cheiro

delicioso do seu perfume, ao mesmo tempo que me acalma, *me* enche de vida.

— O que aconteceu? — questiona.

É óbvio que ele não vai ficar satisfeito sem saber o motivo que me trouxe até o hall do hotel.

— Você sabe que te admiro muito? — indago. Ergo minha cabeça e olho diretamente para seus olhos.

Sua expressão se atenua, um sorriso enfeitando seus lindos lábios.

— Não tanto quanto te admiro, querida.

— Estou falando sério, James. O tempo passa rápido demais. Ele pode ser tão traiçoeiro...

A doença de Frederick me deixou reflexiva. Ele era lindo, tinha um corpo atlético, médico de formação e professor de profissão, bem-sucedido, para então se tornar um homem franzino, debilitado, definhando pouco a pouco. Isso tudo só me fez ter certeza de que não somos nada. A vida é um sopro.

— Por que está falando isso, Ticy?

Ele me afasta alguns centímetros, aguardando minha resposta.

— Porque hoje eu vi como somos frágeis. Em um momento estamos bem, no outro...

— Querida, tem certeza de que está tudo bem? Quem veio falar com você?

Meus olhos encontram os dele, tão azuis como um mar de águas claríssimas, no qual eu poderia mergulhar todos os dias. Sua preocupação, seu zelo, seu carinho, são características que só me fazem ter certeza de que ele é o homem que quero para sempre ao meu lado.

Toco seu maxilar marcante... deslizando meus dedos, acaricio sua boca, pescoço, até chegar ao peito. As batidas do seu coração sob minha mão, fortes e ritmadas.

— Frederick esteve aqui — lanço, e o aperto do seu abraço se intensifica.

— O quê?

Sua expressão vai de calma para indignada em segundos.

— Ele teve coragem de vir até aqui? Depois de anos? Ticy, pelo amor...

— Calma, vou te contar tudo. Vamos andando.

Meu namorado entrelaça seus dedos nos meus, e seguimos o caminho de volta para o salão a lentos passos.

Então, começo a falar. Digo que Frederick soube do evento pelos jornais, que após sair da cidade decidiu se tratar... Cada detalhe que consigo me lembrar, exponho para James. A adrenalina que percorria meu corpo impede que guarde palavra por palavra, fazendo com que me recordasse apenas de *flashes*, porém as partes mais importantes eu transmito.

— Não acredito que não me chamou. Você não precisava lidar com aquele homem sozinha.

— Sim, eu precisava.

Conto sobre a doença de Frederick e o quão frágil ele parecia. Ora James morde o lábio inferior, ora passa as mãos nos cabelos. Ele está nervoso, eu entendo, mas se estivesse comigo, tudo poderia ser diferente.

— James, eu precisava daquele encontro, sozinha.

— Esse homem quase acabou com a sua vida, Ticy. Poderia muito bem ter te ferido ou feito alguma maldade.

— Como falei, Frederick está doente. Ele não tinha condições de fazer qualquer maldade comigo. Os seguranças estavam de olho, ou seja, a situação estava controlada.

— Se ele fizesse algo com você...

— Mas não fez.

Menciono a filha do meu ex-namorado, seu nome, o significado do seu gesto... Ao terminar, James está com os olhos fixos em mim.

— Ele deu *seu* nome para a filha... — murmura. — Não sei nem o que pensar, Ticy. E o que você sentiu com tudo isso? *Te* fez bem? *Você* está bem?

— Eu estou... leve. Nunca pensei que o encontraria novamente, sentia medo, raiva, só de pensar nisso, daí vem a vida e me surpreende. Pela primeira vez, após seis anos, sinto-me realmente livre e segura.

— Se você diz que foi bom, quem sou eu para dizer o contrário? Quero apenas o seu bem, querida.

— Eu sei, James. Eu sei.

Chegamos em frente às amplas portas do salão e, antes de entrarmos, sinto uma necessidade se agitar dentro. Uma necessidade urgente de expressar o que venho sentindo, de uma vez por todas.

— Espere — peço, estacando no lugar, nossas mãos ainda unidas.

— O quê? Algum problema? Ticy, se não estiver passando bem nós...

— Não é nada disso. Calma! — Sorrio.

Confuso, James estreita os olhos.

— Só preciso falar uma última coisa.

— Diga, querida.

— Não quero que se sinta pressionado, nem nada do tipo, por favor. É que eu preciso... Eu tenho que lançar fora o que venho guardando. O que

aconteceu há pouco, a conversa que tive com Frederick, foi como uma chacoalhada da vida e me fez entender que, se alguma coisa acontecer comigo, não quero ter deixado de falar por medo e...

— Ticy, você está me deixando nervoso. Vá direto ao ponto, por favor! — diz, genuinamente aflito.

Aproximando-me do seu corpo, tenho sua total atenção. Levanto minhas mãos e seguro seu rosto.

— Eu estou apaixonada por você.

Ele fica paralisado, e tenho vontade de rir. Nunca o vi sem reação ou sem palavras como agora. Meu namorado sempre tomou a iniciativa, instigou, provocou... *me* pediu em namoro, nada mais justo do que fazer minha parte nesta história.

Resolvo repetir, caso ele não tenha escutado direito.

— Eu disse que...

— Eu ouvi o que você disse, Beatrice, só estou tentando formular como posso dizer que desde que nos beijamos pela primeira vez sou apaixonado por você sem parecer um adolescente bobo e inexperiente.

É a minha vez de ficar sem reação.

James é apaixonado por mim!

Desde que nos beijamos pela primeira vez? Tenho quase certeza de que o mesmo aconteceu comigo, porém tinha medo demais para dar voz ao meu coração.

Não esperava que ele me respondesse de maneira tão rápida e clara. Na verdade, não esperava que ele fosse tão direto.

— Está falando sério? Você é apaixonado por mim? — pergunto, de repente parecendo uma garotinha deslumbrada.

— Loucamente, querida. Ainda tem dúvidas? Eu disse que te daria o mundo, e não tenho o costume de fazer promessas para qualquer mulher. Na verdade, eu só não disse antes como me sentia por receio de te afastar. Tenho tentado ir devagar, mas não tem sido fácil. A vontade que tenho de anunciar ao mundo que você é minha, que eu sou seu... *Porra!* — exclama, frustrado, bagunçando os cabelos loiros. — Isso não é conversa para agora, precisamos entrar, querida. Depois vou te dar toda atenção que merece.

Sua boca se aproxima da minha, e sinto seus lábios quentes nos meus. Sua língua “pede” passagem e, quando a libero, toma todo meu ar. Inclino a cabeça para recebê-lo mais fundo, o beijo se aprofundando, até sentir sua boca sugar minha língua e sair, deixando-me no vazio.

— Vamos! Mais tarde terminamos o que começamos.

Com toda certeza, penso.

Respiro fundo, e a culpa por não estar 100% focada nesta noite tão especial tenta se infiltrar, contudo a jogo para longe. Não vou me culpar por estar feliz, por finalmente seguir em frente, e, principalmente, por ter fechado as portas do meu passado de maneira definitiva.

Sei o quanto batalhei e estou batalhando para que tudo dê certo em relação à Casa Abrigo, o quanto me doe e continuo me doando. Não, não vou me culpar por ter beijado meu namorado ou por ter resolvido uma parte importantíssima da minha vida.

Estou aprendendo a me cobrar menos, a não me importar tanto com o que os outros pensam, porque isso nunca me levou a lugar algum. Pelo contrário, vivia prisioneira de opiniões alheias, da minha autocobrança. Chega!

Também comecei a me conscientizar de que não tem problema dividir minha atenção para vários assuntos, isso não quer dizer que estou ignorando

um ou outro, apenas que estou vivendo como uma mulher que, além de tudo, possui múltiplas funções.

As mulheres sabem do que estou falando.

James abre as portas, e ouço o som alto da banda de rock, fazendo-me voltar à realidade.

— Achei que eles já tivessem terminado — comento.

— Antes de sair pedi que tocassem mais uma. Eu não sabia o que estava acontecendo, então, achei melhor garantir.

— James sendo James — brinco.

— Ainda está nervosa para o discurso? — pergunta de repente, enquanto nos conduz para nossa mesa.

— O frio na barriga permanece, porém me sinto preparada. — Focando em seus olhos, repito: — *Finalmente* estou preparada.

— Sim, querida, *agora* você está preparada — diz, abrindo um sorriso e beijando o dorso da minha mão.

É óbvio que ele compreende a referência.

— Meu Deus! Já estava ligando para a emergência — Liv me alcança antes que eu consiga chegar em meu lugar.

— Estou bem, amiga.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Depois te conto.

Ela revira os olhos, mas não insiste.

— Onde está Scarlett? — questiono.

— Foi ver como *baby Bill* está, mas já vem.

— Ah, ótimo.

Nosso afilhado está com uma ajudante de Scar em um dos quartos do hotel. Assim, ela pode ficar mais perto dele e, ao mesmo tempo, manter sua liberdade no evento.

Mal sento em minha cadeira, e a banda termina a apresentação. Os convidados se levantam, aplaudindo o que deve ter sido um belíssimo show.

— Acho melhor ficar perto do palco — James diz perto do meu ouvido.

— Tudo bem.

Virando-me para Liv, digo:

— Vou lá para frente, amiga. Depois nos falamos.

— Vá e arrase, mulher! Você é incrível, nunca se esqueça disso!

— Obrigada!

Sigo James, as pessoas aos poucos vão se sentando novamente, e, ao chegar ao meu destino, cai a ficha de que chegou o grande momento. O que eu mais temia. Porém, como disse a James, estou preparada.

— Boa sorte, querida! Estarei aqui embaixo — meu namorado avisa e, em seguida, beija minha testa.

— Obrigada, James!

Subo ao palco improvisado e, do outro lado, vejo Esther, que logo sorri e faz um sinal de que está torcendo por mim. Retribuo o gesto e, então, volto-me para o público.

— Boa noite a todos! — cumprimento.

Um burburinho uníssono indica as respostas. Passo meus olhos por James, ele abre aquele lindo sorriso que me faz desmanchar, o que só me encoraja a prosseguir.

— Espero que estejam gostando da noite. Tudo foi preparado com

muito trabalho e dedicação. Vou começar me apresentando oficialmente, assim como faço no grupo de apoio que frequento há quase dois meses, comandado por aquela mulher maravilhosa ali. — Aponto para Esther, e ela acena para que a vejam.

Minha fala pega todos os convidados de surpresa. Poucos minutos atrás eu estava relutante sobre isso, porém, ao chegar aqui em cima, minha mente deu um clique.

Como posso estar à frente de um projeto social e negar que fui vítima do que estou lutando contra? Por que continuar omitindo se as correntes que me prendiam foram quebradas? Não me importo se aqui estão presentes meus chefes, colegas de trabalho, celebridades, empresários... A minha história pode inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo. Afinal, sou uma mulher bem-sucedida, independente, formada em uma das melhores universidades do mundo... Quantas pessoas acreditam que a violência contra a mulher não atinge a alta sociedade? Pior, quantas pessoas da alta sociedade permanecem caladas por vergonha ou para não terem suas vidas expostas?

Encontro meus pais, ambos de mãos dadas sobre a mesa, as expressões compadecidas, dando-me força do jeito que sabem: sorrindo e me encorajando com um aceno de cabeça.

— Meu nome é Beatriz Parker, tenho 27 anos, sou advogada e fui vítima de um relacionamento abusivo há seis anos. Aposto que muitos aqui nunca imaginariam esta parte da minha história. Se eu não me abrisse, como estou fazendo agora, vocês nunca saberiam. Por muito tempo, tive vergonha de compartilhar minha experiência. E quantas mulheres não estão sofrendo em segredo? A violência doméstica, como vimos no vídeo apresentado no início da noite, não é só física. A agressão é silenciosa, vai atacando sua mente, fazendo com que você não acredite mais em si mesma, ou que é capaz, ou que merece ser feliz. Faz com que você seja completamente

dependente do seu parceiro...

Pego o microfone e caminho pelo espaço elevado, pegando para mim cada olhar, cada suspiro.

— A grande verdade é que eu nem imaginava que estava em um relacionamento tóxico. Para mim, era só um cara que tinha uma opinião forte, uma visão diferente da minha, uma criação mais rígida, ainda mais por ser 15 anos mais velho do que eu. Eram tantas as desculpas que eu dava para mim mesma, que acreditava com unhas e dentes que ele era o homem mais maravilhoso do mundo. Quando pedia para eu trocar de roupa, tirar o batom, pintar meus cabelos porque eram chamativos... — Neste instante várias pessoas balançam a cabeça em incredulidade. — ... Eu achava que era por ele querer o meu melhor. Era um homem experiente e eu só queria agradá-lo. Estava completamente cega. Isso quando não achava que era a culpada pelo seu acesso de raiva, o que acontecia na maioria das vezes. Todas as vezes eu trazia a culpa para mim, quer dizer, ele sempre me levava a pensar assim.

Bebo um pouco de água, antes de voltar a falar:

— Mas nesta noite, eu não quero falar sobre o que aconteceu lá atrás. Eu quero falar sobre o que podemos fazer daqui para frente, para que histórias como a minha não se repitam. Quero mostrar para quem está sofrendo, ou sofreu, que não é impossível seguir em frente.

Rapidamente fixo meus olhos em James, e ele está vidrado em mim. Voltando-me para os convidados, foco em algumas mulheres que estão chorando, talvez, compadecidas com minha história, ou pior, por terem conhecimento de causa, e continuo:

— A caminhada não foi fácil, continua não sendo, mas escolhi não olhar para trás. Entretanto, acreditem, não caminhei sozinha. Além das inúmeras sessões de terapia, precisei de muita ajuda e, se não tivesse pessoas

tão especiais ao meu lado, não sei o que seria de mim hoje. Meus pais queridos, que estão bem ali, minhas amigas-irmãs, que estão lá atrás...

Liv grita um “*uhu, essa é a minha Ginger*” e Scarlett a acompanha, gritando: “*nós te amamos*”. As risadas se misturam com as fungadas de nariz de quem está emocionado.

— Como podem ver, tenho as melhores amigas, com certeza. — O povo ri novamente, e mando um beijo na direção das duas. — Por último, e não menos importante, meu namorado — giro até ficar de frente para James —, que tem me ensinado que o amor é livre, não aprisiona, não sufoca, não limita, não impõe... Muito obrigada, meu amor!

Ele abre um sorriso lindo, que mostra seus dentes perfeitos, e tenho vontade de abraçá-lo forte, porém me contenho. Preciso finalizar meu discurso.

— Ter alguém ao nosso lado nos torna um pouco mais fortes, porém, infelizmente, a maioria das mulheres violentadas não tem coragem ou não quer se abrir para outras pessoas, e esta será uma das funções da Casa Abrigo Recomeçar. Além do auxílio para encontrarem um emprego e um lar, o abrigo também servirá como ponto de apoio. Somos poderosas quando nos unimos, e é por isto que quero lutar. Continuaremos levando o assunto para a mídia, exaustivamente, para que mais e mais mulheres saibam que não estão sozinhas e que podem encontrar um refúgio antes de recomeçar.

Como um *flash*, lembro-me das palavras de Frederick, mas prefiro consultar profissionais da área de psicologia antes de mencionar que um tratamento psicológico pode ser eficaz para os agressores. Não posso me fiar nas palavras de uma única pessoa.

— Por fim, gostaria de agradecer por estarem tornando real uma ideia que começou tímida, pequena. Um projeto que poderá trazer recomeços para

a vida de muitas mulheres. Muito obrigada por fazerem o bem e acreditarem na causa! Minha gratidão aos voluntários incansáveis por entrarem nessa com a gente, aos colegas advogados, profissionais do Marketing, da Moda, médicos, dentistas, tatuadores — que se disponibilizaram a fazer tatuagens gratuitas sobre as cicatrizes originadas de agressões —, assistentes sociais, psicólogos, empresários dos mais diversos ramos e tantos outros... Vocês são incríveis! Tenho certeza de que serão recompensados por tudo de bom que estão entregando. E um agradecimento especial à pessoa que doou o terreno para a Casa Abrigo Recomeçar funcionar, bem como abriu as portas deste salão, juntamente com seu sócio, Daniel Hant. Obrigada, James Foster. Sua bondade e generosidade jamais serão esquecidas.

— A honra é minha por fazer parte de um projeto transformador como esse. Mais uma vez, parabéns, Dra. Beatrice Parker!

James começa a aplaudir e, em segundos, todo o salão está de pé, batendo palmas. Olho para ele com um sorriso do tipo: *só você mesmo!* Por cima dos aplausos, escuto alguns gritos: “*É isso aí!*”, “*Estamos juntas!*”, “*Maravilhosa!*”.

Mulheres.

Elas é que estão elevando a voz, e bato palmas também. Uma reverência a elas. Uma ajudando a outra. Uma motivando a outra. É assim que precisa ser. Mais do que uma palavra bonita, a sororidade precisa ser praticada. É por isso que irei lutar.

Como em um passe de mágica, Esther aparece ao meu lado e diz em meu ouvido:

— Vamos ao grito de guerra?

— Vamos!

Coloco o microfone entre nós duas e, nos dedos, ela conta:

Três.

Dois.

Um.

— Eu sou mulher! Eu sou forte! Eu sou capaz! Não irão me calar!

Nunca mais irão me calar!

Percebo uma movimentação no meio do salão e me dou conta de que algumas pessoas estão saindo de seus lugares e caminham até a frente do palco.

Meus pais, Scarlett, Liv, Josh, Daniel, Melissa, Andrew, o restante da banda — Jack, Brad, Alex —, meus chefes, James e até Kevin Klein, que nem havia percebido que estava aqui. Todos eles aplaudem, olhando para mim, sorrindo, e tomo ciência de como estão emocionados. Imagino que aqueles que não conheciam o meu passado tenham ficado em choque, como eu ficaria se fosse o contrário, e ter todos aqui, *me* apoiando, como uma grande família...

Uma família misteriosa, indecifrável e inevitavelmente maravilhosa.



FAMÍLIA

*Quando fico cego, em minha mente
Eu juro que eles são o meu resgate, minha salvação
Eu não sei o que faria, se eu sobreviveria
Meus irmãos e irmãs da minha vida, sim.*

Family, The Chainsmokers feat. Kygo.



A festa pós-evento não poderia estar mais agradável, e a sensação de dever cumprido flui em meu corpo como um bálsamo. Enfim, posso respirar e curtir um pouco.

Outro salão do Magnific foi disponibilizado, e este ambiente é como uma ampla pista de dança, livre de cadeiras e mesas, mantendo apenas alguns *puffs* e sofás nas laterais. Um DJ está tocando, mantendo um clima de *lounge* com músicas conhecidas no ritmo de Bossa Nova, que passei a acompanhar desde que voltei do Brasil. Estilo maravilhoso por sinal!

Os convidados já estão à vontade, dançando, beliscando petiscos e bebendo. Por mim, eles terão o melhor durante o resto da noite. Ainda estou impactada com o valor arrecadado. Mais de dez milhões de dólares, contando com cheques e utensílios para equipar a Casa Abrigo. Um sucesso! Sozinha não teria conseguido juntar um número como este, muito menos teria condições de sonhar em erguer um abrigo do zero.

Quando terminei meu discurso, uma hora atrás mais ou menos, recebi o abraço emocionado dos meus amigos. Scar e Liv choravam copiosamente, assim como Melissa, que não conhecia meu passado, Andrew me surpreendeu com os olhos vermelhos e marejados, além deles, diversas mulheres, elegantes, pomposas — reconhecidas internacionalmente —, vieram falar comigo. Elas elogiaram o projeto social com eloquência e

entusiasmo. Deram ideias, revelando o interesse em ajudar de alguma forma, e fiquei feliz por ter causado este efeito. Um senso de urgência. Era o objetivo deste evento, afinal!

Olho para James conversando com meus pais e fico boba como parece que os conhece há anos. A desenvoltura, o sorriso, vez ou outra olhando para mim, piscando, sorrindo. Eu os apresentei logo quando chegamos a este salão. Pensei que ele ficaria nervoso ou travado, mas estamos falando de James. Um homem, não um garoto, como ele mesmo sempre diz.

— *Pai, mãe, este é James Foster, meu namorado. James, estes são meus pais, Lauren e Douglas Parker.*

— *É um prazer conhecê-los, Sr. e Sra. Parker* — James, como sempre, usou sua habitual formalidade, porém logo foi cortado.

— *Por favor, nada de senhor e senhora* — minha mãe esbravejou. — *Estamos na flor da idade, ora essa!*

James soltou uma risada gostosa e logo ficou à vontade, contudo é óbvio que meu pai, ainda mais protetor do que antes, não o deixaria sem um aviso.

— *Cuide muito bem da minha filhinha, James. Você sabe o que ela passou, e não serei tão condescendente como fui anos atrás. Eu vou atrás de você com todas as minhas forças até o fim do mundo.*

— *Pai...* — tentei impedi-lo de continuar, mas não adiantou.

— *Estou falando sério, girassol.*

Ele não se conforma por não ter conseguido colocar Frederick na cadeia. Se soubesse que o castigo do meu ex-namorado foi pior do que a prisão... depois da festa contarei para eles. Não quero tirar o brilho do momento.

— *Ele está certo, querida* — James avaliou. E, olhando para o meu

pai, disse: — *Ela é valiosa demais para receber menos do que merece! Tenho a melhor das intenções com a sua filha, Douglas, entretanto compreendo seu medo. Eu quero protegê-la também. Darei o meu melhor e, se ainda assim não for suficiente, me esforçarei mais e mais para ser digno da mulher que Beatrice é!*

Naquele momento, meu coração bateu desenfreado, repleto de gratidão e amor. James é um homem demasiadamente bom, generoso ao extremo, um completo *Gentleman. E todo meu*. Ele poderia muito bem se equiparar a um personagem fictício, desses pelos quais a gente se apaixona a cada leitura, de tão perfeitos. Pelo menos, para mim, ele é perfeito, e é isso o que importa.

— Ticy, tudo bem? — Scarlett pergunta, e segue meu olhar focado na conversa entre meu pai e James.

— Sim. É que parece surreal como a minha vida mudou em tão pouco tempo.

— Pouco tempo? *Ginger*, você vem sendo preparada para este momento há seis anos. Não foi do dia para a noite que as coisas aconteceram. O que você está conquistando hoje é resultado do teu esforço, por nunca ter desistido lá atrás. O que vejo é que, finalmente, você escolheu abrir os olhos e o seu coração. Tudo isso partiu de uma escolha sua.

— É verdade. Como você se tornou tão sensata? — pergunto e nós duas rimos.

— Acho que o espírito materno apurou meus sentidos — brinca e, subitamente, sua expressão se transforma. — Não paro de pensar que aquele homem veio te procurar e você nem para nos chamar...

— Scar, vou repetir o que falei para James, eu precisava lidar com a situação sozinha.

— Eu sei, Ticy, mas isso não desabona o fato de que você se encontrou com o cara que quase te matou, física e psicologicamente — retruca. — Nunca me esquecerei de como a encontramos depois que aquele homem colocou as mãos em você.

— Isso também nunca esquecerei, Scar, sei o quanto sofri, quanto de mim eu perdi. A conversa serviu para colocar o ponto final que eu precisava. Foi surpreendente, libertadora... E estava protegida pelos seguranças do hotel. Não havia a menor chance de Frederick fazer alguma coisa contra mim.

Logo após apresentar meus pais para James, minhas amigas me chamaram em um canto a fim de saberem o que tinha acontecido comigo antes do discurso, por que eu estava um pouco aérea e fiquei fora do salão por um tempo considerável.

Quando contei que Frederick esteve no hotel, as duas ficaram pálidas e boquiabertas.

— *Putá merda! Aquele monstro esteve aqui?* — Foi a primeira reação de Liv, inconformada.

Enquanto a morena não parava de xingar, Scarlett permaneceu muda durante toda a narração do encontro mais imprevisível de todos os tempos.

Na realidade, a ficha ainda não caiu. Eu fiquei tão chocada com a aparência do meu ex-namorado, que o considerei inofensivo, não consegui conciliar o Frederick do passado com o do presente e, de certa forma, isso me ajudou a superar o medo que sempre tive caso o encontrasse.

Posso tê-lo subestimado, porém foi o que funcionou para mim e prefiro não discutir.

— Liv está demorando — constato, mudando de assunto. — Ela foi só ao banheiro mesmo?

— Que eu saiba sim.

— Acho que vou aproveitar para ir também. Vai ficar aqui? — pergunto.

— Vou com você.

Voltando-se para o esposo, diz:

— Daniel, vou ao toalete e já volto.

— Ok, linda.

Enquanto Scarlett e eu seguimos para o nosso destino, observo Melissa e Andrew conversando despretensiosamente. Ela disse, depois de eu muito insistir, que estão se conhecendo melhor, mas que não há nada sério. Diferente do que rolava entre mim e Drew, os dois parecem muito conectados.

Quem diria que se dariam tão bem? Quando digo que tudo tem seu propósito, é sobre coisas assim que estou falando.

Se não fosse pela minha amizade com o roqueiro, ele não teria ido para o Brasil, conseqüentemente, não teria conhecido Melissa. A vida sempre joga seu próprio jogo.

Abro a porta do elegante banheiro, todo em mármore escuro, e a primeira coisa que faço é chamar por Liv. Alguns segundos depois, ouço sua voz fraca:

— Estou aqui.

Olho para Scarlett, nós duas franzindo a testa, e chegamos perto da baia de onde veio o som.

— Você está bem? — a loira pergunta.

— Porra! — balbucia, a voz abafada. — Estou completamente fodida, meninas.

— O que aconteceu? — é a minha vez de perguntar sem conseguir

disfarçar minha preocupação.

O barulho de descarga insinua que a morena está saindo e me afasto, assim como Scar.

Liv sai da cabine, pálida e levemente suada, e, sem nos responder, vai até a pia, lavando as mãos e os pulsos.

— Vai ficar muda? Sua aparência está péssima — Scar aponta.

— Obrigada, querida amiga — *Branca de Neve* soa sarcástica. — Nada que eu já não saiba.

— Não vai falar o que está acontecendo? — insisto.

Olhando entre mim e Scarlett pelo espelho, Liv sorri fracamente e diz:

— Sabe quando você planeja uma coisa, imagina que vai ter um tempo para se organizar, mas então... — Balançando a cabeça, ela sorri, o olhar distante. — A vida adora me sacanear.

— Do que você está falando? — Scar inquire.

A morena solta um longo suspiro, enquanto seca as mãos, endireitando o corpete do vestido em seus seios avantajados.

— Com toda a história de superação da Ticy — começa —, decidi fazer uma introspecção sobre a minha vida. Tenho um ótimo casamento, uma bela casa, minhas agências, que graças a Deus estão indo perfeitamente bem... Ou seja, não tenho do que reclamar. Posso dizer que estou realizada. Então, um assunto não parou de me perturbar, mas eu só o afastava, fingia que não era comigo.

Liv se vira de frente para nós, apoiando-se no mármore da pia, os braços ao redor do corpo.

— A sua determinação — diz ao me encarar — em assumir as rédeas da sua vida, em criar algo grandioso como este projeto, mesmo quando

poderia te fazer lembrar do passado a todo instante, *me* fez olhar para os meus medos e inseguranças de uma outra forma. Vi como eram pequenos, ínfimos. Então, eu soube que estava preparada. Que não havia mais nada me prendendo ou segurando, só dependia de mim.

Scarlett e eu permanecemos caladas, tentando compreender aonde ela quer chegar, mas não precisamos nos esforçar muito, pois sua voz sai alta e clara quando diz:

— Estou grávida!

A loira coloca a mão no peito, antes de gritar:

— Ai, meu Deus!

Ao mesmo tempo, berro:

— O quê?!

Liv sorri, mordendo o lábio inferior diante da nossa reação. Ela adora “entradas triunfais”, assim como dar notícias importantes de um jeito só dela.

— A maravilhosa aqui está grávida de seis semanas. Ainda é muito cedo, sei que preciso esperar os primeiros três meses, mas não aguentava mais segurar essa notícia. Vocês me conhecem.

— Meu Deus! Liv está grávida! — Scarlett vibra. — A mulher mais louca, incrível, poderosa, independente, *dona da porra toda*, que não queria se apaixonar, namorar, casar... está grávida!!! Se isso não é o fim do mundo, não sei o que é. — Caímos na risada com suas palavras.

Nós nos abraçamos, um gesto que se tornou um ritual, e tanto eu quanto Scar colocamos uma mão na barriga ainda reta de Liv, comovidas com a novidade. Serei tia novamente, e *baby* Bill terá companhia em breve.

Liv, sempre tão avessa à ideia de se “prender” a alguém, fugia de relacionamentos — diferente de mim, ela não tem um passado traumático,

mas curtia a vida com quem quisesse, sem compromisso ou envolvimento —, e hoje está casada com um rockstar, o único que a fez abandonar suas antigas manias, que a fez enxergar que não há como controlar o coração para sempre.

— Que lindo ver nossa família crescer! — celebro. — Não sei como você não contou assim que soube.

— O resultado do exame de sangue saiu há dois dias. Fiz aqueles testes de farmácia, deram positivo, mas precisava de algo mais concreto. Não falei na hora, porque não queria tirar o foco dessa noite. Pensei que teria tempo para conversar com vocês após o evento, mas a natureza me chamou, e meu estômago quase foi parar dentro do vaso.

— Nossa, não me lembre dessa fase! — Scar comenta e faz um careta.

— Uma porra! E para explicar para Josh que não posso beber? Precisei dizer que estou tomando um remédio forte para a garganta, fazer o quê? A sorte é que ele estava viajando e não presenciou os enjoos matinais que começaram na semana passada.

— Ele não sabe? — pergunto, boquiaberta.

— Não. Vocês não têm noção de como tudo aconteceu rápido. Foi eu parar de tomar a pílula e fiquei grávida. Por isso, comentei que me dei mal, no sentido de que imaginei que teria tempo para me organizar, só não tinha contado que Morris seria um touro reprodutor tão potente!

— Touro reprodutor? — Scarlett não se segura e solta uma gargalhada, levando-me junto. — Meu Deus, Liv, como você consegue se superar?

— Ué, estou falando sério. Não tem outra explicação, gente!

Recompondo-me, pergunto:

— E você pretende contar para ele quando?

Liv se afasta um pouco e passa as mãos nos cabelos escuros.

— Adoraria contar logo, pois sei que ficaria louco, no fundo, é o que ele mais quer, porém não quero dar esperanças e... Se alguma coisa der errado? E tem todo o histórico pesado de Josh. Não sei o que fazer, na verdade.

— Liv, pare com isso. Você não vai aguentar esperar os três meses de gestação sem contar para ele. Isso vai te consumir e não fará bem para o bebê. — Scar opina. — Não vai acontecer nada de errado, amiga. Eu fui a grávida mais medrosa desse mundo, e deu tudo certo. Vai por mim, conte para ele!

— Concordo com Scarlett. Você não pode *privá-lo* de saber de uma notícia tão maravilhosa como essa por medo de magoá-lo. Assim como eu, Josh ficou mais forte após passar por aquele trauma, não o subestime!

Liv assente, a emoção transparecendo em suas feições, e suas mãos acariciam o ventre, que em breve estará bem diferente.

— Vocês têm razão. Ele merece saber e viver esta experiência desde o início. Não quero *deixá-lo* de fora, só tenho medo...

Scarlett a intercepta:

— Eu entendo. Você o ama e não quer *vê-lo* sofrer novamente, mas vocês dois são novos, saudáveis, não vai dar nada errado, Liv. Aproveite cada minuto da sua gravidez ao lado dele, porque passa em um estalar de dedos. Claro que haverá dias em que você vai dizer: nasce logo, bebê!, mas na maioria das vezes vai sentir uma plenitude, que só quem é mãe sente. Uma coisa que aprendi: não pense demais! A gente tende a ficar um pouco paranoica, porém lembre-se: vai dar tudo certo! É temporário!

— Mais paranoica do que já sou? Puta merda! Estou fodida então.

— Ai, Liv, você será uma mãe incrível — declaro entre risadas,

imaginando uma mini-Liv, espevitada e toda dona de si. — Estou doida para acompanhar esse momento. Uma pena morarmos longe.

— Ah, nem me fale, Ticy, mas preciso focar em uma coisa de cada vez. A primeira será contar para Josh.

— Isso! — a loira concorda.

— Após a festa. Quando estivermos sozinhos. Ai, meninas, agora estou ansiosa para caralho!

— Calma! Será perfeito — digo.

— Só acho que estamos nesse banheiro há um tempo, e já devem estar preocupados — Scar pondera.

— Verdade. Vamos! — falo.

Ao sairmos damos de cara com três figuras.

Mr. M.

Mr. Arrogante.

Mr. Gentleman.

Eles estão com os braços cruzados e se calam quando nos veem saindo do banheiro.

— O que está acontecendo, *Branca de Neve*? — Josh é o primeiro a se pronunciar.

— Nós... Eu...

Liv gagueja, nervosa, mas Scar é rápida.

— Não foi nada, rapazes. Eu comi alguma coisa que não me fez bem.

Daniel imediatamente se posiciona ao seu lado.

— O que está sentindo? Vamos ao hospital...

— Nada de hospital, Daniel. Foi algo que comi, não precisa se

preocupar.

— Sei, a última vez que você ficou indisposta estava grávida do nosso filho.

Liv tosse com a fala de Mr. M, e seguro minha risada. Coitada de Scarlett, foi ajudar e acabou se complicando.

— Dessa vez não estou grávida, querido. Agora, vamos voltar para a festa, que eu quero aproveitar mais um tempinho da minha liberdade.

Meu Deus! Minha amiga não estava exagerando quando disse que o marido era todo preocupado. Imagino na gravidez. Não percebo que estou sorrindo até James parar ao meu lado e sussurrar, de modo que apenas eu escute:

— Por que estou sentindo que Scarlett está mentindo?

Olho para ele e ergo as sobrancelhas.

— Por que ela estaria mentindo? — pergunto no mesmo tom, fingindo indignação.

— Porque uma encobre a outra nesse trio — responde, um sorriso travesso despontando em seus lábios.

Reviro os olhos e resolvo não voltar a tocar no assunto. James é muito persuasivo quando quer.

Todos começamos a seguir para a festa. Josh está ao lado de Liv, abraçando-a pelo ombro, beijando sua testa... Eles serão ótimos pais. Estou tão feliz!

— Estava pensando — a voz de James, perto demais, eriça meus pelos instantaneamente —, que tal irmos para casa? Já fizemos nossa parte, a noite foi um sucesso...

Nem espero que ele termine.

— Aceito!

O modo que meu namorado fala da sua casa, como se fosse nossa, *me* tira do sério. Meu coração bate forte toda vez que faz isso. É lindo de ver como James não se prende com questões materiais, é tão altruísta, *se* doa e entrega o seu melhor! Ele tem, ele dá. E quando me faz uma oferta irresistível como essa, não posso negar.

Despeço-me em tempo recorde de todos os convidados que ainda estão na festa, amigos, voluntários, e sigo o meu amor.



MEU PARAÍSO

*Ainda deitada debaixo do céu tempestuoso
Ela disse oh-oh-oh-oh-oh-oh
Eu sei que o sol está pronto para nascer.*

Paradise, Coldplay.



Logo que as portas do elevador se abrem, fico paralisada.

O apartamento está com uma iluminação baixa, velas tremeluzem por todos os cantos, e, como se não bastasse, pétalas brancas espalhadas por todo o chão formam um caminho.

Só percebo que estou parada quando sinto a mão de James em minha lombar.

— Dê um passo para frente antes que o elevador desça, querida — diz em um tom divertido. Ele está adorando me ver assim, atônita.

— James... Co... Como você fez isso tudo? — consigo perguntar.

— Tive ajuda. Gostou?

Eu o encaro e, sarcástica, digo o óbvio.

— É como se me perguntasse se gosto de você.

— E você gosta? — provoca, aproximando-se de mim.

— Gosto. Muito.

Suas íris dilatam, a intensidade do azul me mantém hipnotizada, e seus dedos resvalam em minha pele, enquanto tira meu casaco de pele. Ele desliza seu smoking pelos braços, permanecendo com uma camisa de botões branca e a gravata borboleta. Passa de 2h da manhã, e o frio lá fora está castigando, diferente do clima agradável do hotel e de sua casa.

— Humm... Isso é bom — murmura depois do que parecem horas. — Tem mais. Vem comigo.

— Mais?

Pegando minha mão, James me conduz pelo caminho de pétalas brancas e velas, um aroma delicioso de especiarias pairando no ar, e me leva até o cômodo onde fica seu piano de cauda.

Outra surpresa.

Uma mesa coberta por um tecido branco está ao lado do instrumento, e sobre ela há um balde de gelo com espumante e um vaso com uma única flor copo-de-leite. Estou impressionada!

— Está tudo tão lindo, James. Obrigada!

— Não precisa me agradecer. Com os preparativos do evento, não pude te dar a atenção que gostaria, mas a partir de agora irei compensar minha falta. Você merece o melhor, querida, e, enquanto me quiser, eu te darei.

— Como não te querer? Será que é possível me apaixonar mais ainda por você?

— Possível ou não, eu me apaixono mais por você a cada segundo.

James enlaça minha cintura e me puxa para perto, beijando minha boca com vontade. A combinação de delicadeza e intensidade é perfeita e me deixa sem ar. A língua percorre meus lábios, brinca, seus dentes me físgam, arranham. Passo minhas mãos pelo seu peito, braços, os músculos aparentes por baixo da camisa, que não vejo a hora de tirar para tocá-lo sem qualquer obstáculo.

Beijando minha testa, meu namorado se afasta.

— Sente-se aqui, por favor! — pede, segurando a cadeira, e eu o faço.

Sem falar nada, enche uma taça com champanhe e a estende para mim, em seguida, enche outra para ele. Contudo permanece em pé.

— Um brinde... — diz. — Ao sol que se ergue após as tempestades. Às almas apaixonadas que acreditam no amor acima de tudo!

Suas palavras me afetam de maneira profunda, e um sentimento de gratidão me invade. Pigarreio antes de falar:

— Aos recomeços! Às almas apaixonadas que amam e libertam!

As taças tilintam, e James beija delicadamente meus lábios antes de se deslocar para sentar em frente ao piano. Ele abre os botões dos punhos da camisa e dobra o tecido até os antebraços definidos, um por um. Eu poderia observá-lo a noite inteira.

O nosso brinde me lembrou de um trecho muito especial da minha série de fantasia favorita, *Corte de Espinhos e Rosas*, onde os personagens *Rhysand* e *Feyre* também estão brindando.

“Às pessoas que olham as estrelas e desejam, Rhys.”

“Às estrelas que ouvem e aos sonhos que são atendidos.”

Acredito que eu tenha encontrado o meu *Rhysand* da vida real e, pensando bem, diante do passado de *Feyre*, temos muito a ver.

Na posição em que estou, vejo o perfil de James. Os dedos deslizam pelas notas do piano e seu corpo segue o ritmo... para lá e para cá... entregando-se à música. Lindo demais.

Lágrimas molham meu rosto, mas não faço questão de *limpá-las*, porque não são de tristeza, são de pura alegria, êxtase, gratidão, amor.

O som harmonioso reverbera por todo ambiente, enchendo meus pulmões de ar, esvaziando qualquer outro pensamento da minha mente, que não seja o momento que este homem me proporciona. Meu coração está

pulando, vibrando, dançando... *Meu Deus! Como é possível me sentir tão feliz depois de tudo o que passei? Como é possível me sentir tão leve a ponto de querer dançar por esta sala?*

E, então, sua voz entra na melodia.

James está cantando!

*Quando ela era apenas uma garota
Ela tinha expectativas com o mundo
Mas isso voou além de seu alcance
Então ela fugiu em seu sono*

Nunca o ouvi cantar! Amo esta música.

Paradise, do *Coldplay*, banda da qual eu e as meninas somos fãs. Na voz de James é... não tenho palavras para expressar. Uma versão acústica que eu poderia ouvir todos os dias. O timbre grave, afinado, sensual.

*E sonhou com o para-para-paraíso
Para-para-paraíso
Para-para-paraíso
Toda vez que ela fechava os olhos*

Ele olha para mim e sorri.

— Está gostando, querida?

Com um largo sorriso, respondo:

— Melhor do que a versão original. Respondido?

Ele solta uma risada, sem parar de tocar.

— Fico feliz que esteja gostando. — Sua expressão se torna séria, e

diz: — Essa canção me lembra você.

Sem desfazer nossa ligação, seus olhos queimando de uma maneira diferente, o som das notas se elevando. Ele volta a cantar, como se falasse diretamente comigo:

*A vida continua
Fica tão pesada
A roda corrompe a borboleta
Cada lágrima, uma cachoeira
Na noite
Na noite de tempestade
Ela fechou os olhos
Na noite
Na noite de tempestade
Ela voou para longe*

*Ela sonhou com o para-para-paraíso
Para-para-paraíso
Para-para-paraíso*

Nunca tinha parado para refletir sobre esta letra, em como fala de expectativas frustradas, a vontade de fugir quando dá tudo errado, como a vida pode ser pesada, com decepções, perdas, tempestades... e a esperança de que o sol sempre está pronto para nascer.

— Quando precisar de um paraíso para fugir da realidade — diz, executando o refrão —, eu estarei aqui. Quando a pancada for forte demais para suportar, eu estarei aqui. E, se, por algum motivo, você deixar de sorrir, eu vou te lembrar de todas as razões pelas quais você merece ser feliz. Seja o

meu paraíso, Ticy, que eu serei o seu.

Não estava pronta para isso. Com James não há reservas, não há joguinhos, ele quer, ele toma. E eu o quero por inteiro!

Levantando-me do meu lugar, sento-me ao seu lado no banco, uma perna para cada lado, não me importando com a falta de mobilidade do vestido de pedrarias. Ainda assim, ele não para de tocar e nem de me olhar. Ergo-me para alcançar sua boca e o beijo.

Derramo-me em seus lábios e seguro seu rosto entre minhas mãos, intensificando o contato. James não se contém e me coloca em seu colo. Sinto seus dedos roçarem em minha pele exposta, nos braços, costas, e só consigo pensar que preciso me livrar do vestido.

Como se ouvisse meus pensamentos, ele encontra o zíper que segura a peça pesada e o desce delicadamente. Elevando-me, James desliza o restante do vestido por minhas pernas, até que fico apenas com meu conjunto de renda branco e minhas sandálias prateadas.

As íris azuis escurecem, o desejo sobressaindo a qualquer outro pensamento, avaliando meu corpo, cada detalhe da *lingerie*.

— Com toda certeza, você é o meu paraíso, Ticy — murmura ao se levantar e me carregar em seus braços.

— E você é o meu, James.

Com precisão, meu namorado fecha a tampa do piano e me coloca em cima do instrumento. Fico surpresa com sua destreza, mas já deveria estar acostumada. Ele para, dá alguns passos para trás e seu olhar abrasador me queima dos pés à cabeça.

— Meu piano agora é sagrado! — diz com um sorriso sexy nos lábios.

Sem chegar perto, James me rodeia, apreciando a vista que estou

oferecendo. Apoio as mãos no instrumento, em cada lado do meu corpo e aguardo seu próximo passo.

Ao se aproximar novamente, ele abre minhas pernas com sutileza e fica entre elas. Uma mão agarra meus cabelos pela nuca, levando minha boca até a sua em um beijo afoito, desesperado. A outra aperta minha bunda e o movimento me faz arquear as costas e gemer.

— Tão linda. Eu queria tocar mais músicas, mas estou sedento por você, Ticy. Sedento por cada parte desse corpo gostoso. Sua boca — sussurra, seus dentes mordendo meu lábio inferior —, a pele rosada que já deve estar molhada para mim. Estou louco para ir fundo em você e, ao mesmo tempo, quero te amar com calma, devagar, sentindo cada movimento, entrando e saindo demoradamente... tão apertada... O que você me faz sentir. O desejo enlouquecedor. Porra!

— Estou completamente entregue, James. Pode pegar o que quiser. Teremos tempo para você tocar para mim depois. Agora, quero apenas te sentir, em todas as partes do meu corpo!

Prazer explode entre nós. Ele me leva para mais perto, deixando-me na beirada do piano e, ao sentir sua ereção, esfrego-me nele como se minha vida dependesse disso.

Ele grunhe e, em um único gesto, tira meu sutiã. De imediato, sua língua circula, lambe, mordisca e chupa o meu mamilo intumescido. A mão forte apalpa meu seio, levando-o para mais perto da sua boca faminta.

Toco seu corpo, arranhando-o sobre a camisa, e, em um ímpeto, desabotoo um botão por vez.

— Não é justo que só eu esteja sem roupas — digo.

— Concordo.

James joga a camisa para longe, tira os sapatos e fica apenas de cueca

boxer preta, voltando a se posicionar entre minhas pernas.

— Muito melhor sentir sua pele — balbucio, inebriada.

Alcanço o volume de sua boxer e o estímulo por cima do tecido.

Ele chia.

Sua boca volta a beijar meus seios, chupar, a língua brincando com os bicos duros e excitados. E quando seus dedos me friccionam sobre a renda da calcinha, gemo alto.

— Porra! Está encharcada, querida!

Colocando o tecido para o lado, James brinca com meu botão. Realmente estou encharcada, pois ele desliza dois dedos dentro de mim com facilidade e eu arquejo.

Querendo brincar também, abaixo sua cueca apenas para que consiga *pegá-lo* em minhas mãos, e o loiro urra.

Ficamos nós dois nos estimulando, os olhos fixos um no outro, queimando, luxúria e lascívia exalando dos nossos poros, o cheiro do nosso prazer pairando sobre a sala.

Subitamente, James desfaz nosso contato e me tira de cima do piano. Colocando-me de pé, *me* vira de costas para ele e puxa minha calcinha. Ao chegar aos meus tornozelos, eu a jogo para o lado.

Agora, estou apenas de salto, e isso parece agradá-lo, a julgar o deslizar de seus dedos pelas tiras da sandália, subindo por minhas pernas, tocando gentilmente minha bunda, transmitindo-me arrepios na espinha, até voltar a esfregar meu centro.

— Maravilhosa!

Ele roça sua rigidez por trás e me deixa louca.

— Eu quero te sentir, James.

— Só estou te preparando, querida.

Agarrando meus cabelos, beija minha nuca, as costas, de cima a baixo, sem parar de me masturbar. Um dedo entra, depois dois, meu corpo acompanha o ritmo, subindo e descendo em sua mão. Se continuar assim...

Mal consigo formular a frase quando sinto meu namorado se posicionar em minha entrada. A expectativa é enorme e chego a ofegar em antecipação.

Beijando meu ombro, James me penetra de uma só vez.

— Ah! — grito.

Ele me inclina sobre o piano, minhas mãos ficam espalmadas na tampa, enquanto suas estocadas me tiram o juízo e o chão sob meus pés.

— Deliciosa — urra.

Apertando minha bunda, ele entra mais forte, segurando-me no lugar para me permitir senti-lo por inteiro.

— Nossa! Você é tão gostoso, James! Faz de novo! — peço.

— Você que está irresistível com essa bundinha arrebitada para mim. Segure-se!

Faço o que ele pede e, em uma estocada funda, meu corpo se agita. Então, vem em sequência, ele não para. A mão que segurava meus cabelos, desce para meu clitóris.

Aí, o que estava bom fica espetacular.

A junção do seu membro me preenchendo sem parar, longo, grosso, expandindo-me de um jeito que só ele consegue, com a carícia de seus dedos é boa demais.

— Não pare! — grito, a voz rouca.

Por puro reflexo, empino ainda mais minha bunda e ele geme.

Rebolo, tomada pelo desejo, desesperada.

— Ah! Isso! — grito.

Ao olhar para a esquerda, fico perplexa por só agora perceber que há um espelho que cobre toda a parede lateral, do chão ao teto. É por ela que vejo James me encarando, o sorriso safado enquanto me pega de jeito.

— Gostou da visão? — pergunta, ofegante, sem parar de entrar e sair de dentro de mim.

— Inspiradora — respondo, em seguida, solto um gemido agudo.

— Olhe para mim, querida! Olhe que delícia!

Realmente é delicioso. Nossos corpos estão suados, pegajosos, ainda assim é a coisa mais sexy que já vi. A luz transmitida pelas velas deixa a cena extremamente sensual. Seus braços enormes agarrando meu corpo delgado, as veias saltadas, deixando-os ainda maiores, o abdômen tão firme e definido que me deixa impactada. Gostoso demais!

Meu namorado continua me encarando e, tomada pela ousadia, rebolo com mais afinco. Ele urra.

— Porra! Você está adorando me ver perder o controle, não está? Porque estou quase, querida...

— Amo te deixar louco assim como você me deixa.

Após minhas palavras, James aperta minha cintura com um pouco mais de força e estoca fundo. Os dedos massageando meu clitóris ininterruptamente.

— Sou completamente louco por você, Ticy. Quero amar cada parte sua, saborear os seus gostos, mas, acima de tudo — ofega, penetrando-me cada vez mais rápido —, quero que se sinta livre e à vontade para realizar seus desejos comigo. Se quiser me foder durante o dia, eu sou todo seu. Se

quiser fazer amor a noite toda, eu sou todo seu. Não quero que tenha reservas. Entendeu, querida?

Como ele pode falar essas coisas quando estou arrebatada de prazer?

— Sim, James — respondo em um fio de voz. — Agora preciso de você. Estou quase lá!

Ele morde meu ombro e solto um grito de surpresa, ao mesmo tempo, o desejo se alastra por onde seus dedos me acariciam.

— Vamos juntos, pois estou no meu limite — diz, entredentes.

James me puxa, colando minhas costas em seu peito, o contato com seu corpo deixando-me ensandecida. Sua boca captura a minha em um beijo devastador, enquanto continua me bombeando. A mão que antes agarrava minha cintura, agora está provocando meus mamilos, beliscando, pressionando os seios inchados.

Calor me envolve por inteiro, minha entrada lateja e meus gemidos ficam mais altos.

É demais para resistir.

Olhando na direção do espelho, perco-me na beleza do momento.

Os olhos de James encontram os meus, e suas palavras são o estopim para a minha libertação.

— Linda! Maravilhosa! Gostosa! Minha princesa! Minha Ticy!

Então, eu me liberto.

— Ah! Nossa! Eu te amo, James! Eu te amo! — grito, ciente de que ele ainda me observa.

Os espasmos percorrem meu corpo e, quando a intensidade do orgasmo vai diminuindo, não tenho muito tempo para pensar no que acabei de confessar.

Meu namorado me aperta contra ele, usando os dois braços para me fazer subir e descer em seu membro pulsante, os braços poderosos mantendo-me no lugar em que precisa, sua atenção direcionada ora no espelho, ora às minhas costas.

Levo minha mão à sua nuca e finco as unhas na pele bronzeada.

— Porra! — James tomba a cabeça para trás me tomando com força, e sei que está gozando. — Que delícia!

Seus gemidos preenchem todo o ambiente, enquanto arremete mais uma vez, e outra, diminuindo o ritmo pouco a pouco.

Estou enfeitiçada diante da imagem que o espelho reflete, e James parece sentir o mesmo. Saindo de dentro de mim, afasta meus cabelos para o lado e me leva mais perto da parede espelhada, os braços ainda enlaçados à minha cintura.

Nus, examinamos um ao outro, sem vergonha ou constrangimento. As íris azuis brilhantes não deixam as minhas cor de mel. Ele toca meu rosto em um gesto delicado, os dedos exploram meu maxilar, o indicador traça o contorno dos meus lábios, e sua voz está rouca e grave quando sussurra:

— Eu te amo, Ticy! Você me faz sentir vivo, inteiro, completo! Não tenho dúvidas de que você é a mulher que quero como minha parceira de vida! A mulher com quem desejo compartilhar meus sonhos e minhas conquistas, e encontrar consolo nos meus dias ruins. Dou minha palavra de que estarei sempre por perto para te consolar quando necessário e vibrar pelas suas vitórias!

Passos meus braços acima dos seus, apertando-os mais ainda em meu corpo.

— Eu te amo, James! Não falei da boca para fora na hora do êxtase, apenas expressei o que sinto de verdade, sem reservas, como você mesmo me

pediu. O que temos vai além de paixão ou algo de momento. Sinto aqui — espalmo a mão acima do meu peito —, um sentimento poderoso crescendo mais e mais, desenfreado, que fica cada dia mais difícil não exprimir. Tudo é tão bom com você! Da calmaria ao mais puro prazer... É tão certo... O meu lugar preferido é o calor do seu abraço! Você é o meu paraíso! Meu recomeço, meu refúgio... Você é o homem que derreteu o gelo do meu coração e é com você que quero compensar cada minuto perdido enquanto estive na escuridão!

— Você será compensada com juros e correção monetária, querida, pois não pretendo dar menos do que o melhor para minha linda namorada!

— Ah, *Mr. Gentleman*, não esperaria outra coisa de você.

Solto um grito quando, sem esperar, James me pega no colo.

— Você tem que parar de me assustar! — exclamo.

— É para ficar esperta!

— E posso saber para onde está me levando? — Passo um braço em seu pescoço, aproximando-me do seu dorso musculoso.

— Vamos para a cama. Preciso compensar minha mulher do jeito que ela merece.

James me leva para seu quarto e mantém a promessa que fez, dando nada menos do que o seu melhor, hora após hora, até ficarmos exaustos e finalmente nos rendermos ao sono.

É apenas o começo da nossa história, eu sei, mas é extraordinário vislumbrar um futuro ao lado de um homem como James. *Meu amigo, meu Gentleman, meu libertador, meu amor!*

Neste momento, agradeço à Ticy do passado por não ter desistido, por lutar e insistir mesmo quando tudo parecia perdido; faço uma promessa à Ticy do presente: em hipótese alguma aceitarei menos do que mereço; e, à

Ticy do futuro eu oro para que seja genuinamente feliz.



Dez anos depois...

— Mamãe, já tô pronta! — grita, pulando na cama montessoriana com dossel rosa e se cobrindo com um edredom até o pescoço.

— Filha, está tarde, e você precisa dormir. Amanhã será um grande dia — tento enrolar, mas essa menina é esperta demais.

— Eu *seiiii!* Por isso mereço ganhar *váaaarios* presentes. Ah, vai, *mommy!* *Contaataaa!*

Não disse? Ela sabe ser persuasiva como ninguém. Quando quer algo, *me* chama pelo apelido que usa desde que era uma bebê.

Prestes a completar 7 anos, Rose é uma linda criança, com espessos cabelos avermelhados e grandes olhos azuis, uma mistura democrática dos pais, vamos dizer assim.

Liv, que está *bombando* no mundo da Moda, já disse que é uma beleza que não pode ser desperdiçada e que, quando eu autorizar, podemos

fazer um *book* com Rose, uma ideia a que James é resistente e não faz questão de disfarçar sua superproteção. Compreendo seu receio.

Uma amiguinha da escola seguiu por esse lado, ficou fascinada pelo mundo deslumbrante de tirar fotos, trocar de roupas e mais roupas, e agora não quer saber mais de estudar. Vai que acontece o mesmo com Rose? É claro que os pais têm total responsabilidade e precisam lidar com os caprichos de seus filhos, mas é tão complicado ter que encarar esse tipo de situação. Prefiro que a minha filha, quando tiver idade suficiente, faça suas próprias escolhas. Enquanto isso, seu pai e eu temos esta incumbência.

Eu babo nela todos os dias.

Durante a noite, ainda hoje, velo seu sono, grata por ter uma filha tão maravilhosa, carinhosa e companheira.

Assim que James e eu soubemos que estava grávida, um ano depois de casarmos, conversamos sobre a forma de criá-la e entramos em um consenso de que faríamos o máximo para que nosso filho, ou filha — na época não sabíamos o sexo — fosse independente, obviamente, sob nossa supervisão.

Rose já toma banho sozinha, usa um relógio analógico para aprender a ver as horas, amarra os próprios cordões dos sapatos, escolhe as próprias roupas...

Não é diferente com os afazeres de casa. Vez ou outra me ajuda a lavar a louça, fazer cookies que ela ama, usa o aspirador...

Nossa intenção não é *mimá-la* só por ser nossa única filha, mas que cresça sem depender de ninguém.

Porém — sempre há um porém —, Rose é aficionada por casamentos. Não sei em que momento isso começou, mas não tem um dia em que ela não peça para eu contar como foi o meu. Às vezes, consigo fugir,

outras não. Como agora. E a safadinha ainda usou o pretexto de que amanhã é seu aniversário.

Termino de dobrar suas roupas lavadas, e separo sua fantasia para a festinha. Ao me ver chegar perto da cama, a pequena travessa abre um sorriso enorme, como se dissesse: *yeah, venci mais uma vez.*

— Não sei como você não enjoa, Rosie — digo, deitando ao seu lado.

— Como vou enjoar? E *aaaaaamo* casamentos, mamãe, e o seu foi o mais lindo que já vi.

Sempre tão superlativa!

Não consigo contabilizar quantas vezes ela já viu o vídeo do meu grande dia ou folheou o álbum de fotos. É inexplicável o que ela demonstra sentir ao falar sobre casamentos. Os olhinhos chegam a brilhar. Como entender isso?

— Precisa ser rápido dessa vez, porque o papai já já vai chegar e a...

— Já sei! — exclama, *me* interrompendo e revirando os olhos.

Isso mesmo, revirando os olhos. Veja se pode!

Então, completa a frase que eu iria falar:

— *A mamãe tem que dar atenção pra ele.* Eu já sei! Vocês não se desgrudam!

Ao mesmo tempo que quero dar uma bronca nela por falar comigo como se fosse uma adulta, seguro uma risada.

Meu Deus! O tempo está passando rápido demais, e estou assustada com a sagacidade dessa criança.

— O papai e a mamãe são casados, *se* amam, não se veem o dia todo, nada mais justo do que ficarmos grudadinhos quando ele chega, não acha?

Já que pensa que é tão madura...

— Sim, você tem razão. O papai é muito carente.

— Se o seu pai ouvir você falando assim dele, o negócio não vai ficar bom para você, mocinha!

— Ele só vai saber se você contar — diz, abrindo um sorriso travesso.

Mas o quê? Fico até sem fala diante da sua petulância. Quero minha bebê de volta!

— Rose, não gosto disso, ouviu? Você sabe que não escondemos nada do papai e nem você pode esconder nada da mamãe. Brincadeira é uma coisa, mas não pode agir como uma adulta. Você é apenas uma criança, e crianças não mentem.

— Desculpa, mamãe. Não vou mais falar aquilo do papai e nem mentir *pra* você. Eu também não gosto de mentira. A tia Scar tem que ensinar o Bill também.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto, estreitando os olhos.

— Ele disse que não quer casar comigo, mas eu sei que ele quer sim.

— Essa história de novo, Rose? Não é possível. Terei que falar com seu pai. Você tem 6 anos, filha! Isso não é assunto para uma menina da sua idade ficar pensando.

Sem querer, acabo me exaltando e arrumo os fios de cabelo que se soltaram do meu rabo de cavalo.

— Mas eu *amo ele*, mamãe. O Bill é o amor da minha vida — declara, e acrescenta: — E vou fazer 7 anos, já sou uma mocinha!

Meu Jesus Cristo! Como falar para uma menina de 6 anos que ela tem um futuro pela frente e até encontrar o amor da sua vida vai passar por algumas decepções? Tenho que conversar com a Scar, ou melhor, com Liv, que já deve ter passado por isso com a Lily.

Deitada, viro-me para minha linda e amada filha e penteio seus cabelos com uma mão, enquanto com a outra apoio minha cabeça. Respiro fundo e, mais calma, digo:

— Rosie, querida, casamento só vem depois que você for uma mulher adulta, que tiver estudado, se formado e arranjado um bom emprego para não depender de ninguém. Está me entendendo?

Tem momentos que ela parece ser tão acima da sua idade, que fico perdida e não sei se falo como se estivesse com minhas amigas ou com uma criança, que é o que Rose é.

Ela assente com um gesto de cabeça, o rosto fechado e desapontado, e continuo:

— Você é linda, inteligente, maravilhosa, na hora certa vai encontrar um menino que te mereça. Até lá, não quero que se preocupe com isso ou que fique correndo atrás dos garotos. Você é uma mulher que nasceu para vencer e, se alguém tiver que correr atrás de alguém, serão eles atrás de você!

Brinco, e ela ri também, rapidamente trocando a expressão triste para divertida.

— Como é que se fala? — pergunto, ativando nosso ritual.

— Eu mereço o melhor! — recita, a voz fina e determinada, como a ensinei, e com os pulsos cruzados, como se fosse a Mulher-Maravilha, diz: — Lute como uma mulher!

— É isso aí, querida.

Levanto a mão, e ela bate na minha em um perfeito *high five*.

— Você ainda vai me contar a história? — indaga, tímida.

Toda vez que Rose sabe que fez algo errado ou que falou alguma coisa que James e eu não gostamos, ela fica assim, arredia, circulando, em

vez de ir direto ao ponto.

Pego o celular que está no bolso da calça e confiro as horas. Oito da noite. Essa semana James tem chegado tarde. Apesar de ter aumentado o número de funcionários para se dedicar à família, há assuntos que só ele pode resolver.

— Vou contar rapidinho, tá?

— *Obaaaaaaaaaaaaaaaaa!* Eu te amo, mamãe!

Como não ficar com o coração aquecido diante dessas palavrinhas?

— E eu te amo até o infinito, meu amor. Está preparada?

— *Siiim!*

“Há 9 anos, acontecia um grande casamento na nossa casa de praia, nos Hamptons.

Eu estava me arrumando com as tias Scarlett e Liv no quarto principal, enquanto o papai estava com os tios Daniel e Josh em outro quarto. Suas avós também passaram por lá, me abraçaram e choraram de emoção.

Minhas mãos tremiam, mas minhas amigas estavam ao meu lado, dizendo que tudo daria certo.

O primeiro amuleto que recebi foi do seu pai. ‘Algo novo’. Uma linda e espetacular gargantilha de diamantes. As pedras eram pequeninas, delicadas e brilhavam de uma maneira única e, coincidentemente, combinavam com o anel de noivado que ele me deu. Ficou perfeito com o vestido estilo sereia que você viu nas fotos e no vídeo.”

— Você estava perfeita, mamãe! — minha ouvinte opina, e sorrio,

fazendo um carinho em seu rosto.

— Continuando...

“O segundo amuleto foi sua avó Lauren que me deu. ‘Algo velho’. Era um broche pequeno que ela havia usado em seu casamento, cravejado de brilhantes no formato de um pássaro. Ela me disse que o significado dele era: continue sempre voando, e eu amei. Coloquei o broche próximo ao meu decote, pois era discreto, apesar do brilho.

O terceiro amuleto foi sua tia Scarlett que providenciou. ‘Algo emprestado’. Ela me emprestou um par de sapatos transparentes, cravejado de pedras que se assemelhavam aos diamantes do meu colar, daquela marca da sola vermelha que ela ama. Aposto que Scar sabia o que seu pai iria me dar, pois combinou plenamente com a gargantilha.

O quarto amuleto eu que escolhi. ‘Algo azul’. Usei uma fitinha na coxa só para dizer que estava usando a cor.”

Nesta parte, sempre tento desconversar para que Rose não faça perguntas, mas eu não estava usando apenas uma liga, e sim um conjunto de *lingerie* de seda na cor azul. A cor preferida de James.

“Com tudo no lugar, havia chegado o grande momento. O dia estava lindo, ensolarado, do quarto eu ouvia o som da banda que estava tocando desde Jazz à Bossa Nova, um gosto que eu e seu pai compartilhamos.

Meu nervosismo foi aumentando, porém não tinha mais como escapar. Suas tias abriram a porta do quarto, e encontrei seu avô do lado de fora. Ele ficou tão emocionado ao me ver vestida de noiva, que começou a chorar. Nós nos abraçamos, e eu não consegui me segurar.

Sabe, filha, a mamãe passou por tanta coisa para chegar ali, que um filme passou na minha cabeça. Por isso que sempre digo que no momento certo você vai encontrar o seu alguém especial. Primeiro a vida precisa nos ensinar muitas lições, entre elas, sobreviver a determinadas situações e nos tornar mais fortes.

É por isso que a mamãe atende tantas mulheres tristes lá na Casa Abrigo. Porque a vida me transformou e me tornou mais forte para que eu pudesse ajudar aquelas mulheres.”

— Mamãe, agora eu entendo o que você falou. — Rose me corta novamente. — Eu vou esperar *pra* ser mais forte, *tá*? E depois quero ajudar igual a você. Não gosto de ver o rosto triste daquelas moças.

Uma vez, precisei ir à Casa Abrigo de emergência e não tinha com quem *deixá-la*, então, ela foi comigo. Nunca vou me esquecer de como ficou assustada com o choro de uma mulher que estava tentando se livrar do seu parceiro, e havia acabado de ser agredida. A boca sangrava, o rosto arroxado e inchado, mas logo foi atendida pela nossa equipe médica. Desde aquele dia, Rose fala que quer ajudar *moças tristes* para que, em vez de ficarem tristes, elas fiquem felizes.

Beijo sua bochecha, admirando sua inocência.

— Você será muito forte, querida, e ajudará *muuuuuitas* mulheres tristes. Voltando para o casamento...

“Depois que eu e o vovô paramos de chorar, ele pegou a minha mão e descemos as escadas em direção ao jardim da nossa casa, o lugar da cerimônia. Na outra mão eu carregava um lindo buquê de rosas e lírios brancos. Era uma lindeza.

Quando começou a tocar a Marcha...”

— Eu adoro essa parte! — mais uma vez ela me interrompe, toda animada, batendo palmas.

Jesus! É incrível como essa menina ama a Marcha Nupcial. Minhas amigas acham graça da empolgação dela toda vez que vê um desenho ou filme que tenha casamento, mas, sinceramente, não sei o que devo sentir. Se é apenas cisma de criança ou se ela está transformando isso em um objetivo de vida. Só não quero que ela se magoe.

Se eu pudesse *protegê-la* de todos os males dessa vida...

— Daqui a pouco o seu pai vai chegar e não vou conseguir terminar — digo.

— Tudo bem, tudo bem, não vou falar mais nada.

“A Marcha Nupcial começou a tocar e, com seu avô ao meu lado, fui caminhando devagar até o seu pai, que estava lindo vestido com um terno azul, mas era um azul diferente, que a gente chama de azul cobalto. Nossa! Ele estava maravilhoso. O sorriso que me lançava, a...”

— Alguém em casa? — escuto a voz de James e, quando olho para Rose, ela sorri, sabendo que acabou nosso tempo.

— Aqui! — grito.

— Papai! — Rose exclama assim que vê o pai entrar no quarto.

— Meu raio de sol, que saudade! — responde, igualmente animado.

James começou a chamar nossa filha de *raio de sol*, porque assim como os meus, os fios de seus cabelos, quando expostos ao sol ficam

claríssimos, quase alaranjados, brilhantes, e, como uma forma de lembrar do meu próprio apelido de infância, *girassol*, ele escolheu *raio de sol* para Rose. Sempre pensando nos mínimos detalhes.

Ao passar por mim, *me dá um beijo casto nos lábios.*

— Boa noite, querida!

— Boa noite, amor!

Meu marido se ajoelha do outro lado da cama e abraça nossa filha. Ele está sem o paletó e começa a arregaçar as mangas da camisa, uma mania que acho extremamente sexy. Incrível que, aos 46 anos, continua inteiro, o corpo bem cuidado, saudável, dando de dez em muito garotinho. *Ai ai! Como sou louca por esse homem*

— Também *tava* com saudade, papai.

— Ansiosa para amanhã? — ele pergunta.

— *Muitoooooooo!*

— Eu também estou, raio de sol — James sorri e beija a testinha de Rose. — Agora está na hora de dormir porque...?

— Porque preciso do sono da beleza para ficar mais *lindaaaa*.

Quando ele a ensinou a falar essa frase, fui para o nosso quarto e não parei de rir. Tudo porque James queria *namorar* e nossa pequena estava acordando no meio da noite para dormir com a gente. Então, um belo dia, ele disse que todas as princesas dos contos de fadas dormiam a noite toda em suas caminhas e, por isso, eram lindas e inteligentes.

Pronto! Desde então a menina só acorda quando tem pesadelos ou está doente.

— Boa noite, filha. Mamãe te ama! — declaro ao me despedir com um beijo em seu rosto.

— Obrigada pela história, *mommy*. *Te amo*.

— Fique com os anjinhos, minha princesa. Papai te ama — James beija o topo de sua cabeça e se levanta.

— Também te amo! — ela responde.

Virando-se para o lado, Rose se acomoda na cama para dormir.

Ao apagar as luzes do quarto, ligo o abajur e encosto a porta.

— Hey — cumprimento meu marido de verdade, abraçando-o forte.

— Hey, querida. Desculpe a hora. A partir de amanhã conseguirei chegar mais cedo.

James captura meus lábios e, como toda vez que nos beijamos, perco meu ar. Dez anos depois, continuamos famintos e sedentos um pelo outro. Não é sempre perfeito, porque não somos um casal de conto de fadas, mas aprendemos com nossos erros, acertamos, tentamos e evoluímos.

O orgulho que tenho é que, ao longo desses anos, nunca tivemos uma briga séria. Quando a conversa se acalora, nós dois respiramos fundo e, minutos depois, é como se nada tivesse acontecido.

— Você não se esqueceu da festinha da sua filha, não é? — pergunto.

— É claro que não. Vou trabalhar apenas na parte da manhã, depois serei de vocês duas.

— Que bom! Nem acredito que nossa pequena já vai fazer 7 anos, James.

— O tempo está voando, querida. Daqui a pouco ela está saindo de casa para fazer faculdade...

— Ei! Não precisa me torturar. Ainda vai levar um tempinho — brinco. — Só espero que ela seja feliz, James. Meu maior medo é que ela passe pelo que passei.

Abraçando-me mais apertado, meu marido sussurra:

— Não pense nisso, Ticy. Nós, como pais, estamos fazendo o melhor por ela. Se formos por esse caminho de imaginar o que pode acontecer lá na frente... Não será saudável. Rose fará suas próprias escolhas. Vai errar, aprender, cair, levantar e nem sempre estaremos por perto, porém ela nunca poderá dizer que não fomos um bom exemplo.

— Não mesmo — resalto. — Vamos deitar? Amanhã o dia será cheio.

Ele sorri de lado, abrindo os primeiros botões da camisa, e pergunta em um tom provocante:

— Isso é um convite, querida?

— Depende de quão rápido você sai do banho.

Em um segundo James está abraçado comigo, no outro está correndo pelo apartamento em direção ao banheiro.

Solto uma gargalhada, achando graça do desespero do homem e vou para o nosso quarto.

Sempre que Rose me faz narrar o meu casamento, minha mente fica vagando por um tempo na minha história com James. Um ano depois de começarmos a namorar, exatamente como Liv previu, nós nos casamos.

Ele pediu minha mão no alto do *Cristo Redentor*, no Rio de Janeiro, em uma visita que fizemos ao Brasil a lazer. Ainda hoje é difícil expressar em palavras o que senti por estar em um lugar como aquele, tão abençoado e único.

Um ano depois, fiquei grávida de Rose. Eu nunca havia pensando em me tornar mãe, nem tinha visualizado uma vida assim para mim, mas com James... ele me faz sonhar e querer tudo o que eu tenho direito como sua mulher.

Abro a gaveta onde guardo minhas peças exclusivas para quando Rose tem um sono mais pesado, e retiro um corpete de seda, preto, juntamente com uma calcinha pequena da mesma cor.

Sorrindo, vou para o outro banheiro e começo a me preparar para o meu marido.

O que aprendi com a maternidade é que, depois que se tem filho, uma noite de sexo vira um evento, só espero que no de hoje não sejamos interrompidos por um contratempo de pouco mais de um metro de altura.



A festa de Rose está do jeito que imaginei. A pedido dela, o tema escolhido é da Mulher-Maravilha, sua heroína preferida. Balões dourados, vermelhos e azuis ornamentam todo o salão de festas. O painel da parede está perfeito e uma escultura da personagem, em tamanho real, é a atração principal das crianças.

Esther, minha fiel escudeira na Casa Abrigo, está aqui também com seu pequeno Chris, seguindo-o por todo canto.

Melissa e Andrew conseguiram vir. Os dois, em todo esse tempo, continuam saindo, mas não engatam em algo mais sério. Ela mora no Brasil, ele nos Estados Unidos, porém sempre se encontram. Não sei qual é a deles, na verdade, e não tenho nem cabeça para decifrar esse tão complicado enigma.

Brianna veio com o marido, Jack, o empresário da *Sultans of Swing*. Eles se conheceram no evento beneficente que organizei, há dez anos, e, desde então, não se desgrudaram mais. Casaram, têm um filho, o lindinho Tom, de 4 anos, e estão felizes morando em Los Angeles.

Os coleguinhas da escola de Rose também vieram.

Tudo dentro dos conformes.

Ufa! Organizar um aniversário é cansativo demais.

— Minha afilhada está tão linda! — Scarlett diz ao meu lado,

segurando a mão do filho mais novo, Richard, de cinco anos. — Como cresceu! E esses cabelos?

Rose está correndo sem parar, interpretando o papel da heroína, a capinha vermelha flutuando às suas costas, enquanto meus pais tentam acompanhá-la. A fantasia ficou espetacular em seu corpinho comprido e delgado. Orgulhosa, respondo:

— Está linda mesmo, Scar. *Me* derreto toda vez que olho para ela. Será que uma hora a gente para de ficar babando?

— Olha, Bill está com quase 11 anos, e eu ainda fico toda boba, dizendo para mim mesma: meu filho é tão lindo! Só não posso mais falar isso para ele, pois está entrando em uma fase chata para caralho. Tudo reclama e acha que já é “o” adulto...

— Do que as donzelas estão falando? — Liv chega, cortando o desabafo da loira.

— Em como os filhos crescem rápido e ficam cada vez mais chatos — Scarlett responde, curta e grossa.

Maternidade real e sem floreios a gente vê por aqui. Por isso amo conversar com elas sobre os nossos filhos. James tem um certo bloqueio. Ele não consegue reclamar ou repreender Rose com firmeza, acha que *algumas coisas* que ela faz de errado é porque é criança. *Me poupe!* Tem hora que isso irrita e preciso das minhas amigas realistas sem filtro.

Liv joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada, antes de falar:

— Porra, nem me fale! Lily está entrando nessa fase também. Caralho, dá uma vontade de chegar e falar: “*escuta aqui, garota, com quem você pensa que está falando?*” Vocês acreditam que esses dias ela teve a coragem de dizer... Como foi que ela disse? Ah! Lembrei: “*a vida é minha, e eu faço o que quiser*”.

Liv interpretando a voz da própria filha é tão engraçado, que não consigo parar de rir.

— Uma menina de 9 anos falando comigo desse jeito? Sabem o que respondi? “*Queridinha, enquanto morar debaixo do meu teto, a sua vida é minha! A não ser que você queira ir para um abrigo...*” Sim, peguei pesado mesmo para ver se a menina se tocava. A partir daquele dia ela parou de me enfrentar, mas sei que não vai durar muito tempo. Dizem que a adolescência é pior. Imaginem? Puta merda!

— E Rose que continua fissurada por casamentos? Se algum desenho não tiver o final feliz com casamento, ela diz que o casal não se amava de verdade. Olha isso! — Voltando-me para Scarlett, digo: — Ela continua dizendo que Bill é o amor da vida dela. Gente...

— Ahhhhh, a minha afilhada é um amorzinho mesmo. Eu adoraria tê-la como minha nora... — a loira provoca.

— Imagine a bagunça — Liv incita. — O seu afilhado junto com a sua filha e a afilhada de Scarlett junto com o seu afilhado. Está parecendo até aquela série *Dark*, da Netflix.

A morena solta uma risada alta, e eu reviro os olhos.

— Era isso ou nossos filhos seriam apadrinhados por estranhos. Prefiro a nossa bagunça — Scar defende.

— Estou falando sério, caramba! Parem de tirar o foco da situação. Rose está com 7 anos de idade! Sete anos!!! — esbravejo.

— As meninas sempre são mais desenvolvidas e maduras do que os meninos, Ticy, você sabe disso. Pode ser uma fase, não se preocupe com isso — a loira, por fim, pondera.

— É o que James diz, mas ela está tão esperta, dizendo que agora que tem 7 anos é uma mocinha, que ama o Bill e que vão se casar.

— Imaginem, hein? Daqui 15 anos os filhos de vocês se pegando? — Liv tinha que falar merda.

— Eles são como irmãos! — exclamo.

— Ah, para, *Ginger*! Com eles não tem essa. São apenas amigos de infância, querida. Você, como boa leitora, já deve ter lido diversos clichês nesse estilo.

Não importa se ela tem razão, não dá para imaginar minha filhinha se envolvendo com meu afilhado, pelo amor de Deus!

Afastando a cena que se desenhou em minha mente, tento mudar de assunto:

— Não quero mais falar sobre isso. Passem para o próximo ponto de reclamação.

— Pais superprotetores — Scarlett colabora, olhando para a rodinha onde estão todos os homens da festinha: James, Josh, Daniel, Jack, Andrew, meu pai e o marido de Esther, Adam.

— Nossa! James é total assim.

— E Daniel? “*Ah, porque os meus meninos são anjos*”. Anjos? — ela olha para Richard, que está chupando um sorvete e babando toda a camisa. — Esse daqui, se eu deixar correndo solto, vai quebrar alguma coisa. E, se eu interrompo o videogame do Bill, é a morte. “*Pô, mãe, tá me sacaneando.*” Só falta me tirar da frente da TV à força. Não é fácil, não!

— E Morris? A Lily fala um “a” e ele já vem: “*do que você precisa, filha?*” Porra, como a menina não vai ficar mimada? Aí eu sou a bruxa, porque imponho limites e faço pulso firme. Não é fácil mesmo!

Ficamos em silêncio, respirando fundo, e olhamos uma para a outra.

— Estou bem melhor depois desse desabafo com vocês, meninas.

Obrigada — Scarlett confessa, rindo.

— Sempre juntas, irmãs — Liv diz. — Na alegria e nos desabafos.

— Sempre — reforço, abrindo um sorriso.

— Nós somos muito felizes, não somos? — Scarlett pergunta, de repente. — Podemos reclamar, *nos* irritar, encontrar um novo defeito a cada dia, mas eles são a nossa vida. Não me imagino sem o amor da minha vida, Daniel, ou meu príncipe Richard, ou meu reizinho Bill.

— São os defeitos que os tornam perfeitos — contribuo com sua reflexão, analisando meu marido à distância, e, como se soubesse que está sendo observado, olha para mim e sorri. — Não me imagino sem James ou a minha pequena Rose. Eles são a razão da minha vida. Na verdade, eles *são* a minha vida. Sou a pessoa que sou hoje, plena e realizada, por causa deles.

— Sinto o mesmo com Josh e Lily, meninas. Eu esbravejo, mas sou tipo aquele cão que late e não morde. Amo minha família e faço questão de que eles saibam disso. Nossos filhos podem não entender agora, mas lá na frente irão nos agradecer por termos sido mães incríveis e que fizemos de *tudo* para vê-los felizes.

Olho para as minhas conquistas e não poderia estar mais feliz.

Estou casada com o homem que tem me ensinado, mesmo anos depois, o que é o verdadeiro amor; tenho uma filha maravilhosa, que reforçou meus motivos para tornar este mundo um pouco melhor para as mulheres; e, a realização mais significativa, no sentido de fazer a diferença na vida de outras pessoas, é o fato da Casa Abrigo Recomeçar, ao longo dos seus 9 anos e meio de funcionamento, ter atendido mais de 5.000 mulheres, sem contar com seus dependentes.

O aumento de trabalho no abrigo e a maternidade fizeram com que eu tomasse a decisão de sair da Larry & Pierce há cinco anos. Minhas

prioridades mudaram. Eu não conseguia me imaginar sendo uma mãe ausente, perdendo momentos importantes com Rose, e, para falar a verdade, já não me via mais no escritório. Meu ciclo se encerrou e segui a vida. Meus antigos chefes deixaram as portas abertas e continuam responsáveis pela assistência jurídica do projeto social, pelo que sou extremamente grata.

Com mais tempo para me dedicar à família e à Casa Abrigo, pude ver de perto o crescimento das nossas ações informativas sobre a violência contra a mulher — o que fazemos de maneira contínua na mídia —, e, segundo dados colhidos por um instituto de opinião pública, conseguimos conscientizar muitas pessoas sobre o que é um relacionamento abusivo, e, assim, puderam se libertar antes da violência propriamente dita acontecer.

Aquela conversa com Frederick, dez anos atrás, não foi esquecida. Pelo contrário, ainda hoje gera frutos. Semanas depois do episódio, eu me encontrei com alguns especialistas, que juntamente com Instituições familiares, desenvolveram um programa de conscientização contra a violência doméstica direcionada às famílias. Diferente do nosso, que atende apenas mulheres, esses grupos prestam apoio tanto à mulher quanto ao homem, como uma terapia de casal, e conforme estatísticas, mais de 1000 casais já receberam orientação adequada. Além disso, mantemos parceria com Organizações que oferecem apoio e aconselhamento destinados às crianças e jovens, afinal, a violência doméstica atinge, na maioria dos casos, a família como um todo.

Como eu disse certa vez, o trabalho não para nunca, mas a satisfação em ver famílias sendo restauradas e mulheres encontrando sua própria liberdade é indescritível. Supera todo e qualquer cansaço ou fadiga.

Isso, para mim, é o cumprimento de um chamado, uma missão que eu nunca pensei que fosse capaz de liderar. Mas além de ser capaz, descobri que sou persistente e que, quando se tem um ideal, um sonho, um propósito, não

devemos parar até o alcançarmos.

Olhando para minhas amigas-irmãs, cúmplices, conselheiras, damas de honra, madrinhas da minha filha, meus braços direito e esquerdo, sorrio, e, após uma longa pausa reflexiva, respondo à pergunta de Scarlett:

— Sim, nós somos muito felizes, amigas. Mais ainda por termos umas às outras.

FIM.

Um brinde à amizade que tanto me ensinou e que é a grande protagonista dessa Série. Amo vocês, Scarlett, Liv e Ticy. Obrigada por tudo!

Dedico esta linda canção, que exalta o amor e a cumplicidade de uma amizade verdadeira, o que vocês, meninas, têm de sobra.

*Se algum dia você se encontrar presa bem no meio do mar
Eu velejarei pelo mundo todo para te encontrar
Se algum dia você se encontrar perdida na escuridão,
e não puder ver
Eu serei a luz a te guiar*

*Descubra do que somos feitos
Quando nos chamam para ajudar nossos amigos*

*Você pode contar comigo e em um, dois, três
Eu estarei lá
E sei que quando eu precisar, posso contar com você como
Quatro, três, dois*

*E você estará lá
Porque é isso que os amigos devem fazer*

*Se você estiver se sacudindo e se virando
E você simplesmente não consegue adormecer
Eu vou cantar uma canção ao seu lado
E se você esquecer o quanto significa para mim
Todos os dias eu vou lembrá-la*

*Descubra do que somos feitos
Quando nos chamam para ajudar nossos amigos*

*Você pode contar comigo e em um, dois, três
Eu estarei lá
E sei que quando eu precisar, posso contar com você como
Quatro, três, dois
E você estará lá
Porque é isso que os amigos devem fazer*

*Você sempre terá o meu ombro quando chorar
Eu nunca vou te deixar, nunca vou dizer adeus*

Você pode contar comigo porque eu posso contar com você.

Count On Me, Bruno Mars.



BÔNUS | SÉRIE ENIGMAS

além da ESSÊNCIA

T. M. KECHICHIAN

Bônus

além da
ESSÊNCIA

BÔNUS | SÉRIE ENIGMAS

T. M. KECHICHIAN

ALÉM DA ESSÊNCIA

T.M. KECHICHIAN

Copyright © 2020 T.M. KECHICHIAN

Revisão: Barbara Pinheiro

Capa: Will Nascimento

Diagramação: GD² Serviços Editoriais

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Dedico a todas as Misteriosas que nunca
deixaram de acreditar em mim.
Gratidão para sempre.*

Nota da Autora

Olá, tudo bem?

Antes de mais nada, é importante dizer que este e-Book é um BÔNUS COMEMORATIVO pelos dois anos de Misteriosa Essência, o Livro 1 da Série Enigmas, na Amazon.

Desta forma, para melhor compreensão e aproveitamento, é recomendável a leitura de Misteriosa Essência e Indecifrável Atração (Livro 2), em ordem, por mais que cada livro retrate a história de uma amiga.

Aproveitando, cabe destacar que a leitura deste Bônus se faz importante, haja vista que contém um prenúncio do Livro 3, Inevitável Dilema, a história da ruiva Ticy Parker.

Este presente, que seria um conto e se tornou uma novela, vem sendo pensado há muito tempo, foi alvo de diversos pedidos, mas como costume dizer, tudo tem seu momento certo para acontecer, e não poderia ser diferente neste caso. Ele veio para celebrar um marco importante na minha vida como escritora e, conseqüentemente, na vida da nossa querida Scarlett Ryan.

Para elaboração do texto, tive o cuidado de pesquisar bastante e, a fim de tornar a experiência o mais real possível, contei com a ajuda e testemunhos de amigas mães :)

Todos os personagens aqui descritos são fictícios, não havendo nenhuma relação com a realidade.

Bom, é isso.

Espero, de coração, que você tenha uma ótima leitura. Celebremos o amor!

T M Kechichian

Sinopse

ALÉM DA ESSÊNCIA traz um pouco mais da CEO Scarlett Ryan e do nosso eterno Mr. M. Um momento que foi muito esperado pelos leitores e que merece uma atenção especial.

Entre inseguranças e a descoberta de um amor incondicional, acompanharemos a chegada de um novo membro da família Misteriosa.

Prepare-se para se apaixonar, ainda mais, por este casal e, de quebra, matar a saudade das três queridinhas da Série Enigmas.

AVISO: Este e-book é um BÔNUS COMEMORATIVO pelos dois anos de Misteriosa Essência (o Livro 1 da Série Enigmas) na Amazon. Para melhor compreensão e aproveitamento, é recomendável a leitura dos Livro 1 e 2 (Indecifrável Atração), em ordem, ainda que cada livro retrate a história de uma amiga.

Cabe destacar que a leitura deste Bônus se faz importante, haja vista que contém um prenúncio do Livro 3, Inevitável Dilema, a história tão esperada da ruiva Ticy Parker.

ATENÇÃO: CONTEÚDO ADULTO.

Visite o site: www.tmkechichian.com e saiba mais.



Scarlett

Antes...

— Liv, me conta, o que você tem feito em Malibu, sozinha? Ainda não consigo visualizar uma nova-iorquina nata rendendo-se à Califórnia.

— *Ah, está uma maravilha. Eu tinha umas amigas muito interesseiras em Nova York e não aguentava mais...* — Ela cai na gargalhada.

— Ridícula. Estou falando sério.

Ela solta um longo suspiro.

— *Scarlett, não posso negar que está melhor do que eu imaginava. Kevin tem me dado um bom suporte, enquanto Morris está em turnê, mas a*

saudade que eu sinto de vocês é tão grande que, às vezes, me pego olhando para o nada, recordando das vezes em que saíamos, sem nos preocuparmos que um dia poderíamos nos afastar... — Liv respira fundo, o ruído claramente audível pelo telefone. — *Não tem sido fácil.*

— Amiga... Eu sei bem o que você quer dizer. Mesmo tendo Ticy por perto, nosso trio era o nosso trio. A gente sempre se completou de uma maneira única. — E divagando, falo: — Nossa amizade é como o Cometa *Halley*. Só acontece uma vez a cada 76 anos, de tão rara que é.

Liv solta outra gargalhada e eu rio junto. Uma lágrima deslizando pelo meu rosto. Ando tão sensível que, vez ou outra, me pego pensando se foi o casamento que me fez ficar assim ou se é a saudade mesmo.

— Preciso desligar, Liv. Tenho uma reunião agora e mais tarde vou preparar aquele jantar para o meu Mr. M.

— *Safadinha. Inveja de você que tem o maridão ao lado, enquanto meu namorado está viajando por aí. Oh, Céus! Oh, vida! Oh, azar!*

É a minha vez de rir.

— Pare de chorar! Logo a turnê acaba e ele será todinho seu, *Branca de Neve*.

— *Sim, estou contando com isso! Só meu! E se alguma fã chegar perto, vou dar logo uma voadora.*

— Meu Deus... — Preciso desligar o telefone, mas não consigo parar de rir. — Eu estou imaginando você fazendo isso agora mesmo — uma pausa para me recompor — e não seria nada legal.

— *Pois é, infelizmente na prática será impossível, mas sonhar não custa nada.*

— Amiga, você não existe. Agora, preciso ir.

— *Vai lá, amanhã fazemos uma videochamada com a nossa Ginger.*

— Perfeito.

— *Amo você, Liv.*

— E eu amo você, Scar. Boa reunião.

Ao desligar, olho para o celular e fecho os olhos. Saudade é uma droga, mas nos faz crescer e valorizar como nunca a quem amamos.

Apesar de sentir uma falta imensa de Liv, estou feliz por ela, que está fazendo um *test drive* para ver se vai morar na Califórnia ou não, com seu namorado roqueiro.

Retomando minha postura de CEO, ajeito-me na poltrona, seco minha bochecha e ligo para minha secretária.

— Mary, pode pedir para o Sr. Francis entrar, por favor.

— Tudo bem.



Fazia tempo que eu não pensava tanto em meu pai, mas, pelo visto, hoje o dia está para a nostalgia. Sozinha, olho ao redor do amplo apartamento, a vista de Nova York, que eu tanto amo, estendendo-se à minha frente, meu marido prestes a chegar, e mesmo sendo grata por tudo, um aperto no peito me faz pensar em como as coisas seriam se eu tivesse crescido com uma mãe, se meu pai e eu não tivéssemos sido abandonados, quando eu ainda era um bebê. Ela estaria comigo agora? O que mudaria? O que ela me ensinaria? Como *eu* seria?

A conclusão que eu chego é igual às outras vezes em que me fiz estas perguntas, Bill Ryan foi extraordinário. Um pai exemplar em todos os sentidos. É nele que vou me espelhar quando chegar a hora de criar um filho.

Só o pensamento me faz arrepiar.

Um filho.

Será que existe um momento certo para ser mãe ou é algo que vai além do que imaginamos? Um momento certo, uma vocação, um chamado? Eu não sei, mas não me sinto preparada. Eu nunca tive uma mãe para servir como parâmetro, para me ensinar, direcionar...

Daniel e eu já conversamos sobre isso, apesar de estarmos casados há menos de dois anos. Nosso entrosamento é tão incrível, que é como se o nosso relacionamento tivesse mais de dez anos. Ele diz que respeita minha vontade, meu tempo, mas que ter filhos comigo seria... qual é a frase que ele

usa mesmo? Ah! *Uma dádiva divina*. Só Daniel mesmo para falar uma coisa dessas. Segundo ele, eu serei uma mãe maravilhosa e amorosa, mas eu tenho lá minhas dúvidas.

O tilintar do forno me desperta, indicando que o jantar está pronto.

Meus devaneios se afugentam e termino de arrumar a mesa. A iluminação de todos os ambientes está reduzida, conectei o celular ao sistema de som central e a voz de Frank Sinatra preenche os cômodos. Eu amo minha casa e o clima de paz sempre constante.

Aproveitando que tenho alguns minutos, entro no banheiro da nossa suíte e vou tirando os diversos grampos do meu cabelo, um a um. Ondas grossas descem um pouco abaixo dos meus ombros e fico satisfeita com o resultado. Na boca, passo meu batom preferido, *Diva*, da *Mac*. E, por último, alguns espirros do perfume da minha vida, *Light Blue*, da *Dolce & Gabbana*. Os lugares agraciados são: dobras dos braços, meio dos seios, atrás das orelhas e o toque final, na parte interna das coxas. Sem jamais esfregar as áreas perfumadas, pois dificulta a fixação da fragrância. Pontos sensoriais fazem milagres!

Agora, sim, estou pronta.



Ouço o barulho de porta fechando e percebo que Daniel chegou. Uma forte dor de cabeça resolve me perturbar, mas sou determinada e não vou dar mole logo depois de ter preparado um belo jantar para o meu marido.

— Boa noite, meu amor — cumprimento-o, com um beijo nos lábios.

Ao me afastar, seus olhos me queimam, subindo desde os saltos pretos envernizados, passando por minhas pernas brilhosas pelo hidratante cintilante, o vestido curto e soltinho prateado, os cabelos soltos e ondulados, até meu rosto maquiado. Tudo exclusivamente para ele.

Dou uma voltinha e ele me pega pela cintura.

— Gostou? — pergunto, ofegante, diante da intensidade de seus olhos azuis, quase flamejantes. Eu nunca vou me acostumar com toda sua imponência.

Ele se inclina, apertando-me contra si.

— Sra. Ryan-Hant, ainda bem que você é minha, porque *gostar* não significa nada perto do que estou sentindo no momento.

A dor de cabeça tenta me impedir de sorrir, mas eu me esforço.

Que dor insuportável, chega a me dar náuseas.

— Bem, você terá que esperar, Mr. M. Tome um banho, vamos jantar e então, você faz o que quiser com a sua esposa.

Sem me soltar, ele me encara e sorri. Um sorriso tão lindo, que eu

poderia desmaiar se ele não fosse meu marido.

— Minha mulher me deixa louco com suas ordens — ele provoca, passando o nariz pelo meu pescoço. — E vou cumpri-las, porque eu realmente quero pegar o que é meu depois de tudo isso.

Ao morder o lóbulo da minha orelha, esqueço da dor de cabeça, esqueço até quem sou. Contudo, assim que Daniel se afasta de mim e se dirige para o quarto, o incômodo volta com força. Não só a dor de cabeça, mas um enjoo forte. Até o cheiro do meu querido perfume está me incomodando.

Será que foi algo que comi? Que droga!

Eu reservei esta noite com Daniel há mais de um mês. Se não estou trabalhando como uma doida, é ele quem fica até tarde no escritório, então decidi que faria um jantar especial e que nós dois deveríamos chegar cedo em casa. Preparei a casa; cozinhei, depois de muito tempo sem entrar na cozinha, saí do trabalho em um horário que há anos não saio... para nada?

Ah, não mesmo!

Sigo em direção ao cantinho de primeiros socorros que temos em um dos quartos e pego uma cápsula de *Advil*. Daqui a pouquinho vai fazer efeito.

Assim espero.



Scarlett

Daniel amou tanto a lasanha, que está comendo pela segunda vez. Tudo bem que ele é todo grande, repleto de músculos e precisa se alimentar por duas pessoas, mas me surpreendi. Foi a primeira vez que fiz uma lasanha e realmente parece estar uma delícia. *Parece...* porque eu não consegui dar uma garfada na massa até agora.

A dor melhorou, mas o mal-estar continua, impedindo-me de comer. Estou cutucando a comida para lá e para cá, quando ouço a voz grossa e preocupada chegar até mim:

— Está tudo bem?

Observador ao extremo, é óbvio que ele iria perceber que algo não está bem.

— Tudo. Só estou um pouco indisposta.

Ele bebe o vinho tinto, seus olhos sem deixar os meus, e eu o acompanho a fim de me relaxar. O líquido rubro não *desce* tão bem como normalmente. É uma droga estar assim. Era um momento nosso, não poderia dar errado.

— Mas o que está sentindo? — insiste.

— Eu não sei... Pode ser o final daquela gripe que peguei na semana passada.

— Humm... Se piorar, vamos ao hospital.

— Uau! Calma, Daniel. Não é nada de mais. Vou melhorar.

— Tudo bem. Só estou dizendo que se você piorar, prefiro te levar ao hospital. Nunca se sabe o que pode acontecer, por se encher de remédios aleatórios, quando pode tomar o certo ao consultar um profissional.

Eu sempre me esqueço de como ele se preocupa e zela por mim, ao extremo.

Recordo imediatamente de um momento complicado, alguns anos atrás, quando precisei ficar no hospital, obra do meu ex-namorado, Paul Mayer — que Deus o tenha. Na época, Daniel e eu estávamos apenas namorando, e ele ficou tão paranoico que mal encostava em mim, cheio de melindres por pensar que poderia me machucar. Foi horrível passar por aquilo tudo, mas ali eu vi o quanto ele me amava e nunca me faria mal, pelo contrário, estaria sempre ao meu lado.

— Tudo bem, amor. Se piorar, nós vamos.

Satisfeito com minha resposta, ele volta a comer.

O enjoo vai diminuindo e me arrisco a comer um pedaço de lasanha. Mastigo por mais tempo do que o necessário, com medo de que não me faça bem, e engulo. Ok, consegui. Que bom! Corto outro pedaço e repito o processo. Ótimo! Acho que finalmente estou melhorando, mesmo que o gosto esteja um pouco sem graça para mim.

Mais animada, sorrio para Daniel e pergunto como foi seu dia.

— Tudo nos conformes. James vai abrir um novo negócio e me perguntou se quero entrar como sócio.

— James também não para, hein? E o que você decidiu?

— Estou pensando.

— Eu esqueço que vocês têm a mesma mentalidade e estão sempre correndo atrás de uma novidade.

— Estou com quase 36 anos, querida. Preciso preparar tudo para quando nossos filhos chegarem. Quero ser um pai presente.

Minha boca se abre levemente e demoro para encontrar minha voz.

— *Nossos filhos?* — Eu já fico em pânico com a hipótese de ter um filho, que dirá mais!

— Estou supondo que teremos mais de um, mas não é uma imposição, Scarlett. Foi modo de falar.

— Modo de falar? Desde quando você é tão evasivo?

— Eu não sou evasivo, querida. — Com a taça parada no meio do caminho até sua boca, ele pergunta suavemente: — Você mudou de ideia?

— Sobre o quê? — pergunto, bebendo um gole de vinho para me recompor.

— Ter filhos.

— Não é isso. Só tomei um susto com o plural, Daniel.

Ele cai na gargalhada, totalmente relaxado. O peito forte coberto por uma blusa branca de mangas compridas dobradas em seus antebraços firmes. A gola V deixando um rastro de pelos finos à mostra. Sempre lindo demais, o amor da minha vida. Quando me perco nele, apenas o observando, a minha vontade é de gritar e dizer que terei um time de futebol, se ele quiser, mas daí vem a razão, o medo, e acordo para a realidade.

— Minha linda, eu já disse e repito, apesar da minha vontade de ser pai de um monte de filhos, sempre respeitarei o que você quer, afinal, não sou eu quem vai gerar os meus herdeiros, ou melhor, o meu herdeiro ou herdeira. A decisão é sua!

— Às vezes, preciso me beliscar para saber que tudo isso é real. O que nós temos, o seu companheirismo, a sua compreensão... Eu te amo tanto, Daniel Hant.

Meu marido levanta e chega ao meu lado, estendendo a mão para que eu a pegue. O mal-estar não sumiu completamente e sinto uma pontada de dor na cabeça assim que coloco minha mão na sua, mas nada que me impeça de curtir o momento. Acompanho-o até o meio da sala e ao som de *I've Got You Under My Skin* começamos a dançar.

Nunca vou me esquecer de sua voz entoando esta canção quando me surpreendeu ao pedir a minha mão em casamento, em pleno NYBar, o lugar em que nos conhecemos e que vem a ser um dos seus estabelecimentos.

— Você faz parte da minha pele, do meu ser, Scarlett. — O timbre grave próximo ao meu ouvido me causa arrepios. O incômodo dá lugar à sensibilidade e meus olhos marejam. — Entre cada camada minha, há uma camada sua. Somos um só corpo, a sua felicidade é a minha, o meu mundo é seu. Isso é tudo o que importa.

Duvido que haja um homem que fale com tanta eloquência como ele,

que expresse tão maravilhosamente bem seus sentimentos, sem qualquer vergonha ou reticência em expô-los. Daniel se curva, colando seus lábios aos meus e eu suspiro, jogando para longe a dorzinha chata que oscila como ondas. Ainda dançando, eu o abraço mais apertado, aprofundando o beijo, mordendo seu lábio inferior. Ele geme.

Suas mãos grandes e másculas não me deixam, ora me apalpam, ora agarram meus cabelos. Eu gemo.

Sem aviso, sou carregada até nossa suíte, que a esta hora tem uma vista magnífica da cidade e suas luzes bruxuleantes. Daniel me deita na cama e aprecia a sua própria vista. *Eu.*

Ele não tem pressa. Desliza meu vestido para cima, devagar, quase como uma reverência à minha pele, deixando um rastro de fogo por onde seus dedos passam. Eu arfo.

Ao avistar minha calcinha preta, minuciosamente trabalhada em uma renda delicada e sexy, ele me encara e sorri.

— Tão mal-intencionada, Sra. Ryan-Hant.

— Comprei para o meu Mr. M. Eu sei o quanto ele gosta.

Ele adora este apelido. Uma lembrança constante de como nos “conhecemos”. Um homem enigmático, que não queria mostrar seu rosto... Ainda hoje rimos de como fiquei louca, procurando quem era o bendito misterioso perfumado que dançou comigo em uma noite regada a drinks com Liv e Ticy, no bar que, até então, eu não sabia que pertencia a ele. A partir dali, minha vida nunca mais foi a mesma.

Parado diante de mim, Daniel circula a língua por sua boca, os dentes prendendo o lábio inferior, o polegar e o indicador esfregando o queixo, admirando o pequeno tecido que cobre meu sexo. Se ele soubesse como fica delicioso nesta posição. Dominante. O cavalheiro dando lugar ao predador.

— Ah, sim. Ele gosta — responde. — Uma pena que não ficará no lugar por muito tempo.

E ele continua subindo meu vestido até chegar em meu pescoço e eu o retiro de uma vez, agora expondo o sutiã sem alças que faz conjunto com a calcinha. Em um momento ele está à minha frente, no outro em cima de mim, apoiando-se sobre os cotovelos.

— Você sabe exatamente como me deixar louco, Scarlett — sussurra, beijando meu pescoço, chupando, lambendo, e vai descendo até o volume dos meus seios.

— Por que você ainda está vestido? — pergunto, ofegante, levantando a barra de sua blusa de qualquer jeito.

Ele ri em meu ouvido.

— Tão apressada.

— É claro, você está me deixando louca. É injusto isso. Também quero apreciar meu *Mr. Danlicious*.

Sinto seu corpo tremer sobre o meu com a risada que está segurando.

— Você e seus apelidos, minha linda. Uma cabecinha tão criativa.

Em um instante, ele está fora da cama, tirando suas roupas com uma agilidade quase sobrenatural.

Nu, sem nenhum constrangimento, ele regula o som e a iluminação, e volta para mim. Começa beijando meus pés, subindo e mordiscando as panturrilhas, coxas e próximo à minha calcinha, estaciona, olhando-me por baixo dos cílios grossos. Na certa, esperando minha reação ao passo seguinte.

Ele desce a peça rendada, passando pelas minhas pernas e, em segundos, tira o fôlego dos meus pulmões. Sentir sua boca em meu centro me faz esquecer de qualquer outra coisa, até da dor de cabeça que está

aumentando gradativamente.

Agora eu só consigo sentir suas lambidas rápidas e precisas, revezadas com chupões, o sugar sendo um ato tão erótico quanto de veneração, como só ele faz, e eu perco a cabeça. Agarro o travesseiro e impulsiono minha pélvis em direção à sua boca.

— Nossa... — balbucio, em meio aos gemidos descontrolados.

— Esse seu gosto — o timbre de sua voz junto à minha intimidade sensível me arrepia por inteiro —, eu nunca irei me cansar.

E continua.

Faminto por mim. Insaciável.

A língua entrando e saindo, lambuzando-se do meu gosto, da minha essência.

Até que não aguento mais.

Grito e ele não para, sugando com mais força e, por um momento, penso que minha alma irá me abandonar.

De repente, estou virada de bruços e Daniel levanta meu corpo com um braço, deixando-me empinada, pronta para recebê-lo. E é o que ele faz. Preenche-me fundo de uma vez e nós dois gritamos.

Ele beija minhas costas, mordisca, prende-me entre seus braços fortes, enquanto estoca sem parar.

— Minha linda... Eu adoro te ver assim, tão entregue...

Os minutos passam, a música há muito esquecida pelo nosso próprio som, uma melodia composta por gemidos, urros, gritos, risadas de prazer... Uma canção só nossa. Quando enfim ele encontra sua libertação, eu vou junto, perdendo-me mais uma vez em seus encantos, no amor que ele deposita em cada gesto, no desejo que sentimos, que parece aumentar a cada

dia.

Nunca é apenas sexo.

É sempre uma demonstração de amor recíproca.

— Amo você, Scarlett. Com a minha alma — ele declara, ao me acomodar em seu peito, afagando meus cabelos.

— Amo você, Daniel. Para sempre e sempre...

Meu corpo relaxa instantaneamente e não consigo permanecer com os olhos fechados. Estou fraca demais. Então, adormeço.



Não sei se é de manhã ou madrugada. Abraçada à única coisa que me dá segurança e apoio no momento, não tenho forças sequer para ver as horas no relógio do quarto.

Daniel está em um sono pesado e ainda não percebeu minha ausência, mas não vai durar muito tempo.

Eu não estou nada bem. A dor de cabeça voltou com força e acordei em um sobressalto quando, com ela, veio um enjoo incontrollável, fazendo-me correr para o banheiro, onde estou, desde então.

Sentada no chão, agarrada ao vaso, pálida, suada e nada apresentável, pela primeira vez não me importo em parecer fraca ou indisposta. Costumo fingir que estou razoável quando fico doente, para não causar preocupação, mas neste caso, não dá para ignorar.

É como se os cheiros das coisas estivessem mais pronunciados. O perfume que sempre amei está forte demais, a fragrância que deixo no banheiro, enjoativa demais... Se eu estivesse com um humor melhor, diria que estou virando uma vampira. Talvez *Damon Salvatore* tenha passado por aqui e estou em transição...

Com a testa apoiada na porcelana fria, fecho os olhos e balanço a cabeça, com a capacidade da minha mente viajar em um momento tão merda. Um barulho me faz ficar alerta e tento, devagar, ficar ereta, mas sou pega no flagra.

— Scarlett! — Daniel grita, correndo para me alcançar e se ajoelhar ao meu lado, passando as mãos pelos meus cabelos molhados de suor. — Por que tem quer ser tão teimosa? O que você está sentindo?

Foi por isso que eu não o acordei. Seu excesso de preocupação é quase sufocante, mas compreendo seu desespero. Se fosse o contrário, acho que eu ficaria do mesmo jeito.

— Eu não achei que fosse tão ruim — sussurro. — Eu vomitei algumas vezes e estou com uma dor de cabeça que vai e volta, forte...

— Vamos agora para o hospital.

Não me oponho, porque quero saber o que eu tenho e melhorar logo. Não sou de ficar assim, tão fraca, mole.

Ele me ajuda a levantar e coloca seu braço ao meu redor. Deitando-me na cama, meu marido vai até o closet e começa a se vestir.

— Você quer vestir um conjunto de moletom? — pergunta.

— Pode ser.

Com um conjunto preto em mãos, Daniel tira o robe de seda que estou usando, com todo cuidado, e me veste um item por vez. Primeiro a calça, depois o casaco e, por último, meus tênis.

Já pronta, levanto com cuidado para não ficar tonta, e olho, enfim, para o relógio. Seis horas da manhã. Quanto tempo fiquei no banheiro? Não tenho a menor ideia, porém, tenho a sensação de que foi toda a madrugada.

Caminhamos até o elevador, os olhos de Daniel presos a cada movimento meu, seu braço esquerdo circulando minha cintura, não falamos nada por alguns minutos.

Ao chegarmos ao elevador, cruzo meus braços e endireito minha postura, tentando reerguer o mínimo de dignidade.

— Daniel, não precisa ficar com essa cara feia para mim. Não sou criança.

— Não é o que parece — responde, curto e grosso, sem desviar os olhos dos meus, as mãos nos bolsos da calça de moletom. Nossas roupas são tão parecidas, que poderiam dizer que estamos de uniforme.

Abro minha boca, inconformada com sua resposta afiada.

Ele está me desafiando. Pena que não estou em condições de revidar à altura.

— A sua sorte é que não estou me sentindo bem, Mr. Ranzinza.

Ele tenta segurar o riso, mordendo o lábio, mas o que consegue fazer é ficar ainda mais lindo.

— De novo esse *Mr. Ranzinza*? — pergunta, referindo-se à primeira vez que o chamei assim.

Na ocasião, ele não estava bem, havia tido um dia de merda no trabalho e chegou em casa de mau humor. O apelido apareceu no instante em que ele reclamou pela vigésima vez de como James estava conduzindo um estabelecimento, que nem sócio ele era. Problema de quem não tem problema, costume dizer.

E continua:

— Estou louco para saber se tem mais algum apelido nesse estoque ou varia conforme seu temperamento, Sra. Ryan-Hant.

— Com certeza tem mais e, se eu fosse você, tomaria bastante cuidado.

Chegamos à garagem e sem que eu espere, sou carregada.

— Você está louco, Daniel.

— E você está doente. Precisa de cuidados.

— Como é exagerado, meu Deus!

Ele aproxima sua boca da minha orelha e diz:

— Lembre-se de que eu cuido muito bem do que é meu.

Tenho certeza de que o calafrio que se espalhou pelo meu corpo não teve a ver com a minha indisposição. Como ele consegue fazer esta proeza, eu não sei.

Daniel desativa o alarme do carro e abre a porta do carona, comigo ainda em seus braços. Com cuidado, ele me coloca no assento e deita o banco todo.

— Veja se está bom.

— Está ótimo. Obrigada, amor.

— Prefiro assim.

— Como? — Dou uma de desentendida.

— Prefiro *amor, Mr. M, meu lindo, Mr. Danlicious...* Esses apelidos combinam mais comigo.

— A modéstia passou longe, não é mesmo?

Ele afasta a expressão divertida, agachando-se ao meu lado e, com seriedade, pergunta:

— Você está melhor?

— Estou melhorando. Ainda me sinto fraca, mas o pior acho que já passou.

— Você me assustou *pra caralho!*

— É, eu não queria te acordar, justamente para você não se assustar. Eu sabia que você ficaria agitado.

— Não é agitado. Só de pensar que algo pode acontecer com você ou

que pode estar sofrendo, eu fico louco. Já basta quase ter te perdido uma vez. Nunca me esquecerei daquele sentimento. Aquela sensação horrível de impotência.

Coloco uma mão em seu rosto, acariciando o maxilar proeminente e o queixo marcado.

— O que aconteceu ficou lá atrás, Daniel. Não há nada de sério aqui, nem haverá, se Deus quiser.

— Eu sei, minha linda. Mas você é uma mulher forte, está sempre fazendo atividades físicas, tem uma dieta saudável e, de repente, te ver assim, tão frágil, me deixa preocupado. Agora, vamos. Um profissional saberá o que há de errado e vou parar de pensar besteiras.

— Vamos!



Scarlett

Enquanto aguardo o resultado do exame de sangue e urina, Daniel está cuidando da papelada burocrática na recepção. A dor de cabeça melhorou consideravelmente e o enjoo está controlado.

Sozinha na sala irritantemente branca, olho para o relógio de parede. Oito da manhã. Como o tempo passou rápido. Também, depois de tantos exames, não tinha como ser diferente.

O médico entra no exato momento em que meu marido retorna.

— E então, doutor Morgan? — pergunto, ansiosa.

Meu marido percebe meu nervosismo e segura minha mão, a fim de

me dar conforto, porém, reparo que está tão apreensivo quanto eu.

O homem de meia-idade tira os olhos dos papéis em suas mãos e senta em uma poltrona.

— Podem sentar, por favor — pede. Eu nem tinha percebido que havia levantado quando ele entrou.

Daniel e eu sentamos e aguardamos.

— Os resultados ficaram prontos — o médico diz, e continua analisando os exames.

Meu Deus! Será que estou com alguma doença séria? Por que ele não diz logo e pronto? Minha perna direita fica inquieta, subindo e descendo rapidamente, uma mania que tenho quando estou ansiosa, e meu marido aperta meu joelho.

— Calma — ele sussurra, e beija minha testa.

— Sra. Ryan-Hant — o doutor Morgan resolve se pronunciar —, não há com o que se preocupar. A senhora não está doente.

— Não? — pergunto, finalmente respirando, aliviada, e Daniel parece fazer o mesmo.

— Não. Porém há uma alteração significativa em seu exame de sangue.

Alteração significativa?

Como eu não estou doente, mas tenho uma alteração no sangue?

Todo o alívio que senti segundos antes escorre pelo ralo.

Por que o homem não diz de uma vez o que tenho ao invés de fazer suspense desse jeito?

Finalmente o doutor Morgan olha para mim e descarta os papéis em sua mesa. Entrelaçando as mãos, ele chega sua cadeira mais para frente.

— Scarlett — ele diz meu nome, adquirindo uma postura mais intimista, e não sei se estou gostando disso —, você disse que toma anticoncepcional, certo?

— Sim — respondo, franzindo o cenho.

— Certo. — Ele parece refletir. — E, por acaso, você trocou de remédio ou deixou de tomar com regularidade?

A direção desta conversa está fazendo com que minhas mãos comecem a suar repentinamente.

— Eu troquei de pílula, porque a outra estava me fazendo mal. Minha médica quem receitou.

— Imagino que a dose da medicação tenha sido alterada, então... — Dr. Morgan fala mais consigo do que comigo.

— O que está acontecendo, doutor? — Daniel resolve perguntar, porque de repente perdi a fala.

Como a resolução de um quebra-cabeça, pequenas peças vão se encaixando a cada pergunta. E, sem qualquer controle, começo a hiperventilar.

E é quando a bomba estoura.

— Scarlett, Daniel, tenho o prazer de anunciar que vocês serão papais.

Estou chocada demais para abrir a boca.

O médico continua:

— Pelo exame de sangue e a quantidade de hormônios hCG, acredito que Scarlett esteja com quatro a cinco semanas de gravidez.

Grávida.

Eu estou grávida!

Não, não é possível.

Tenho tantas perguntas para fazer, mas estou atônita. Como se tudo de repente estivesse em câmera lenta, as vozes ficam longe.

À distância, ouço a risada de Daniel, meus olhos registram um aperto de mãos entre ele e o médico, parecendo dois camaradas e não meros desconhecidos.

Scarlett.

Scarlett.

Enfim, sinto um aperto no ombro e olho para a pessoa que está me chamando.

— Oi? — balbucio.

— Você está bem? — meu marido pergunta, os olhos marejados, demonstrando uma emoção nova, diferente.

— Eu...

Antes de retornar para meu estado catatônico, volto-me para o doutor.

— Como posso estar grávida? Eu tomo pílula desde cedo, só pauso para menstruar. Comecei a me sentir mais inchada e, por isso, minha ginecologista decidiu trocar o anticoncepcional, então eu emendei...

— Você deu um tempo para o seu corpo se acostumar com o novo remédio? Tiveram relações sem camisinha durante essa adaptação?

— Eu imaginei... Eu pensei que por me prevenir, há anos, não correria perigo. Minha ginecologista me alertou, mas...

— Eu entendo. Provavelmente sua médica receitou uma pílula com dosagem menor que a anterior e, por esta razão, é recomendável um período para o seu corpo se acostumar, até recomeçar a ter relações sem proteção. Mas olhem, muitos casais “infringem” o período de transição e não recebem

este presente, digamos assim. Vocês foram os contemplados da vez.

Meus olhos encontram os de Daniel. Ele está mordendo o lábio inferior, os braços fortes cruzados, abraçando sua estrutura corpulenta. A típica posição de quando está apreensivo. Vejo sua vulnerabilidade, o receio de que eu enlouqueça de alguma forma ou saia correndo.

O choque inicial vai passando, permitindo-me pensar com clareza.

Meu Deus! Eu serei mãe.

Mãe!

Parece uma brincadeira. Ontem mesmo, eu estava me perguntando se eu seria uma boa mãe, disse para mim que não estava preparada, que tinha muito o que aprender, Daniel e eu chegamos a conversar sobre isso... Parece que o universo já estava preparando tudo.

O universo ou seria melhor falar da minha falta de responsabilidade? A Dra. Claire avisou que eu deveria me precaver, pelo menos, por duas semanas. Eu ouvi? Não! Achei que ela estava exagerando para me dar medo, afinal, tomo remédio quase a vida inteira... Eis o resultado do “exagero”.

Voltando minha atenção para o Dr. Morgan, pergunto:

— Tem alguma possibilidade de uma mulher engravidar pela força do pensamento de alguém?

Estreito meus olhos para Daniel e ele não consegue se segurar. A risada gostosa, emanando plena felicidade e alívio pela minha brincadeira, preenche a sala.

Doutor Morgan sorri discretamente e responde:

— Sra. Ryan-Hant, não vou desmerecer a fé de um paciente — meu marido continua rindo —, mas neste caso, as evidências estão muito claras.

Daniel se aproxima e se ajoelha à minha frente.

— Vou deixar vocês dois à vontade. Daqui a pouco retorno — a voz do médico soa distante, pois minha atenção está focada no homem cuja semente carrego em meu ventre.

Se eu achava que não teria como Daniel ficar mais lindo, é porque eu nunca tinha visto o brilho que ilumina todo seu rosto como neste momento. Seus olhos marejados destacam o tom azul de suas íris, as bochechas coradas realçam o seu sorriso...

Eu serei mãe e ele será o pai do meu bebê!

Devagar, a ficha vai caindo.

O choque e a descrença dão lugar à emoção. Uma emoção que traz o pleno conhecimento de que estou gerando uma vida e de que nunca mais serei a mesma pessoa. Que em breve eu terei um bebê nos braços, para cuidar e conhecer aquele sentimento que tanto dizem que é inerente de uma mãe. Amor puro e incondicional.

— Daniel... — Não tenho como continuar, porque a realidade de tudo o que está acontecendo me pega de jeito.

Lágrimas rolam pelo meu rosto e, diante de mim, meu marido derrete-se também. Ele beija minhas bochechas molhadas, minha boca, e em seguida me abraça forte.

— Linda... Eu nem sei dizer o que estou sentindo. É uma felicidade que não cabe no meu peito. Não pensei que seria assim.

— Eu também não, amor. Confesso que estou morrendo de medo, assustada, mas só de ter você comigo, eu sei que vai dar tudo certo. Que eu não vou estragar tudo...

— Shhhhh. Você nunca estragaria alguma coisa. Ter medo é completamente normal, eu também estou, Scarlett. Não somos perfeitos, vamos errar e vamos aprender juntos. Nós temos um ao outro e isso basta.

Isso basta, querida! Parabéns, minha mamãe linda!

— Ah, meu Deus, eu vou ser mãe!!! — exclamo, em voz alta pela primeira vez e o abraço de volta, chorando sem parar.

Agora tudo faz sentido. O motivo de andar tão emotiva, dos cheiros terem mudado de repente, o enjoo...

— Parabéns, papai! — digo, junto aos seus cabelos, beijando seu pescoço.

Ele segura meu rosto com as mãos grandes e firmes, movendo os dedos pelos meus cabelos e nossos olhos se encontram.

Em lágrimas, ele sorri e declara:

— É o melhor presente da minha vida, querida. Obrigado por me proporcionar a oportunidade de ser pai. Eu te amo tanto!

— E eu te amo, Mr. M, ou melhor, Mr. Daddy.

Ele joga a cabeça para trás e ri com vontade. O som alegre mexe com todo meu corpo e eu não sei se um dia poderei ficar mais feliz, mas trato de lembrar que é apenas o começo. Ainda virão muitas emoções até chegar o dia do maior evento de todos, o nascimento do meu filho ou filha.

Logo minha mente traz a imagem das minhas amigas e me pergunto o que elas acharão da notícia. Preciso me recompor, porque eu preciso convocá-las para uma chamada de vídeo e, então, anunciarei que serei a primeira mamãe do nosso trio.



Neste momento estou muito ansiosa, apenas aguardando o horário que marquei para fazer a videochamada com a Liv, pois Ticy decidiu vir à minha casa e deve chegar a qualquer minuto.

Quando enviei uma mensagem dizendo: “videochamada às 8h da noite. Preciso falar com vocês!”, elas ficaram loucas, então como eu precisava descansar um pouco por ter passado boa parte da noite acordada, fingi que estava trabalhando e que não poderia ligar naquele momento. Se dependesse das duas, elas ligariam no mesmo instante, mas eu precisava me preparar mentalmente também.

Depois de Daniel, elas são as pessoas que mais se aproximam de uma família. Minhas irmãs de alma. Por falar em Daniel, ele precisou sair para resolver algumas pendências no escritório e isso me dará mais liberdade para falar com as meninas.

A campainha toca e sei que Ticy chegou.

A governanta abre a porta e *Ginger* a cumprimenta. Ainda vestida com roupas sociais de trabalho, ela caminha até mim e me abraça.

— Oi, amiga. Está tudo bem? — pergunta.

— Tudo ótimo. Você está linda.

— Ah, obrigada. Estou cansadíssima, mas não poderia deixar de comparecer a uma convocação.

— Muito bem. Obrigada por ter vindo. Quer beber alguma coisa?

— Aceito uma água.

Peço para minha ajudante trazer um copo de água para Ticy e, de repente, me dou conta do quanto estou nervosa.

Ela me olha, intrigada, e franze o cenho.

— O que você tem, Scar?

— Estou ansiosa para falar com vocês, mas só quando estivermos as três juntas.

— Humm... Como diz a Liv, você pegou a doença do Mr. M.. Adora um mistério.

Nós duas caímos na risada e quando sua água chega, Ticy bebe tudo de uma vez.

— Uau. Alguém estava com sede.

— Passei o dia inteiro sem conseguir beber água, acredita?

— Nossa, Ticy. Eu me considero uma *workaholic*, mas te vendo desse jeito, ousa dizer que você está pior do que eu.

— Com a correria para concorrer à sociedade, todos estão dando tudo de si, e eu não posso ficar atrás, Scar. Pretendo me tornar sócia o mais breve. Aí todo esse esforço valerá a pena.

— Eu te admiro tanto. Tem falado com James?

Nem sei por que mudei de assunto, mas sinto que os dois têm pendências. Também quero sondar se, por acaso, meu amigo já resolveu trocar de assessoria jurídica. Ele me confidenciou sua vontade em substituir o corpo jurídico de suas empresas para o escritório em que Ticy trabalha, mas estava esperando o melhor momento.

— Não. Não tenho falado com ele — responde, indiferente.

Humm...

— Ticy, você já chegou a se perguntar se ele ficou chateado por você ter saído com Drew no aniversário da Liv? — Antes que ela comece a falar, estendo uma mão para que não me interrompa e continuo: — Estou perguntando isso, porque vocês eram tão amigos e, de repente, se afastaram... Eu sou sua amiga e te conheço o suficiente para saber que tem algo acontecendo. Não precisa guardar as coisas só para você, sabe?

Ela me encara, a expressão estoica que carrega hora ou outra.

Ah, minha querida Ticy... Já sofreu tanto e ainda não consegue ser totalmente livre.

Minha vontade é lutar por ela, arrancar seus medos e fragilidades, mas de nada adianta, se não for *ela* a responsável por fazer isso. Se não tomar as rédeas de sua vida. O meu receio é que Ticy retroceda em vez de prosseguir.

Suspirando, ela responde:

— Não acho que ele tenha ficado chateado. James é um homem que sabe bem o que quer. Se existisse algum sentimento por mim, acredito que ele não teria problema em me falar. Aliás, quando James quer alguma coisa, segundo suas próprias palavras, ele toma.

Levanto minhas sobrancelhas.

— E você estaria preparada, caso ele quisesse tomar o que quer?

Minha pergunta sai de uma maneira diferente de como eu gostaria de expressar, um pouco direta demais, porém, retrata o que eu mais quero saber. *Será que James não se limita, pois sabe que ela não está preparada para algo mais sério?*

Eu mesma não sei o que se passa na cabeça e no coração de James, talvez eu esteja vendo além. Ele nunca me confessou nada. É só que... a gente sente quando há algo pendente ou mal resolvido.

— Supondo que ele sinta algo por mim, o que é só um caso hipotético... não! Eu não acho que estaria preparada — finalmente ela responde.

Aí está!

Ticy começa a bater com as unhas no copo vazio, inquieta, e digo:

— Amiga, você precisa cuidar das suas emoções. Até quando sair com Andrew será um escape? E se estiver desperdiçando um tempo precioso? E...

Não tenho tempo de concluir meu pensamento, porque são oito horas em ponto e Liv está ligando. Ansiosa que só ela. Eu nem percebi que passei tanto tempo conversando.

Olho para a *Ginger*, que parece aliviada por encerrarmos o assunto.

— Depois voltamos com a nossa conversa — deixo no ar e ela acena.

Quando aceito a chamada de Liv, um súbito frio na barriga me faz recordar o que estou prestes a compartilhar.

— *Olá, meninas!* — minha amiga cumprimenta.

Ticy e eu respondemos com um “oi” acalorado.

— *Scar, espero que não enrole muito para compartilhar o que você precisa nos contar. E nem ouse ter falado com Ticy antes.*

Liv e suas ameaças.

— Ela não me falou nada, *Branca de Neve* — *Ginger* rebate, rindo em seguida.

— *Acho bom mesmo! Preciso ficar sentada, ou o quê? Não é coisa triste, não é, Scar?*

— Se você me deixar falar, talvez eu consiga contar.

— *Parei!*

Olho para Ticy e balanço a cabeça, divertindo-me com a figura que é nossa amiga.

— Então, o que eu tenho para dizer é que... — Tento fazer um suspense, mas logo a voz de Liv chega alta e clara, dizendo para eu parar de dar uma de misteriosa.

— Vocês serão tias! — jogo, de uma vez.

Tanto Liv, que está do outro lado da tela do notebook, quanto Ticy, que está ao meu lado, ficam mudas.

Depois de um tempo, ouço um grito tão estridente, que dou graças a Deus pelo volume do computador não estar no máximo.

— *Putá merda! Scarlett está grávidaaaaaa! Ahhhhhhh! Eu vou ser tia, caralho!*

Não poderia ser diferente, vindo de Liv.

Ao meu lado, Ticy me abraça, gritando de felicidade, batendo palmas, chorando, desejando parabéns para a mais nova mamãe.

E, mais uma vez, debulho-me em lágrimas.

— *Ah, que merda! Como eu gostaria de estar aí para te dar um abraço, mulher. Porra! Uma notícia dessas. Não vejo a hora de ensinar tudinho o que eu sei para o meu sobrinho ou sobrinha...*

— Menos esses palavrões, não é, Liv? Vai ter que manejar — aviso, em tom de brincadeira, e Ticy e eu desatamos a rir, secando nossos rostos. Liv faz o mesmo.

— Eu estou tão feliz por você, Scar — *Ginger* declara. — Mas eu sei que você não queria engravidar tão cedo. Mudou de ideia?

— Vocês não vão acreditar.

Então, exponho tudo o que vinha sentindo, o que eu passei na última

noite, o que o Dr. Morgan falou e que depois confirmei com a minha ginecologista.

As duas ficam chocadas.

— *Scar* — Liv me chama —, *era para acontecer. Não é toda mulher que consegue essa proeza, não. Dizem que pode ocorrer, não que é uma regra.*

— Eu sei, Liv. Agora eu sei — retruco.

— Nossa, a gente nunca acha que vai acontecer conosco, aí vem a vida e diz: “ei, chegou a sua hora” — Ticy comenta.

— Pois é, meninas. Nunca duvidem de suas ginecologistas.

— *Anotado!* — Liv declara. — *Você já sabe de quanto tempo está?*

— Pela quantidade de hormônios, o exame mostrou que estou com 4 a 5 semanas de gravidez, o que quer dizer, segundo a Dra. Claire, um mês para dois. Marquei uma consulta para a próxima semana, aí saberei melhor os detalhes.

— É um outro mundo... — Ticy divaga.

— Nem me fale — concordo. — Agora terei que aprender a falar a língua das “mamães”.

— *Você será uma mãe maravilhosa, amiga. Não tenho dúvidas* — Liv diz, fazendo com que eu me emocione ainda mais.

— Também não tenho a menor dúvida. Vai tirar de letra — Ticy ratifica.

— Ai, meninas. Eu espero mesmo. Meu maior medo é não ser boa o suficiente. Afinal, eu não tenho um histórico animador — confesso para elas o que eu não quis confessar para Daniel.

— *Pode ir parando com isso* — Liv dispara. — *Nunca se compare à*

mulher que te gerou. Ela nunca foi mãe, minha amiga. Mãe é quem cuida, quem quer o bem do seu filho e se preocupa de verdade. Você é uma mulher infinitamente melhor. Não há como duvidar disso.

— Concorde com a Liv, Scar. Você é uma mulher incrível, teve um pai que atuou como pai e mãe, e nem por isso você deixou de receber amor, de ser uma pessoa exemplar. Você pode se achar incapaz agora, insegura, como qualquer uma de nós se sentiria depois de descobrir algo tão grandioso, mas eu acredito muito no que a minha mãe diz: “Deus nunca nos dá um fardo maior do que podemos suportar”. Então, se Ele te concedeu esta bênção, é porque você é capaz. Você e Daniel. Eu sei o quanto vocês dois são parceiros e exalam amor, sem sombra de dúvida nosso sobrinho já é um bebê abençoado.

Apoio meus cotovelos nos joelhos e seguro minha cabeça. Choro copiosamente com as palavras das minhas amigas. Ticy abraça minhas costas e, à distância, também sinto o abraço de Liv, seu choro se fazendo ouvir. Minhas duas amigas, irmãs e parceiras, sempre comigo. Nos piores e melhores momentos da minha vida.



Scarlett

Dias atuais...

— Minha linda, estou saindo. Não deixe de entrar em contato, caso haja alguma emergência.

— Sim, senhor.

— Você e suas ironias. Pare de achar que estou exagerando.

— Não é só isso, Daniel. Eu estou de saco cheio de ficar com os pés para cima. Não é nada fácil.

Meu marido se aproxima com toda sua imponência imaculada e máscula e beija minha testa com carinho. Enquanto eu pareço com o *Obelix*, ele continua gostoso, o mesmo deus grego que conheci, anos atrás.

— Não tiro a sua razão, querida, mas estamos na reta final. Logo tudo voltará ao normal.

— Eu estou tentando permanecer sã, mas ficar sem trabalhar é algo completamente novo para mim, você sabe... Bem, não quero mais tomar o seu tempo. Alguém precisa trabalhar nesta casa.

Ele ri e beija minha boca, mordendo o lábio inferior de leve.

Eu gemo.

— Não faça isso, Daniel. Eu estou quase subindo pelas paredes, de tanta vontade de você, e não posso realizar meu desejo como gostaria...

— Mais tarde eu quero fazer uma experiência — ele diz, misterioso, e eu franzo a testa.

— Uma experiência?

— Sim. Quando eu chegar, você saberá.

Reviro meus olhos.

— Só me faltava, nessa altura do campeonato, você entrar no *modo Mr. M*. Você não tem nem um pouquinho de piedade da sua esposinha neste estado? Eu não posso me estressar, lembra? — Faço minha voz mais aveludada e carente possível. Não custa tentar, não é?

Desta vez, ele dá uma gargalhada e responde, ajeitando a gravata azul e o terno preto bem ajustado ao seu corpo musculoso:

— Como eu disse, mais tarde você saberá. Até logo, minha linda.

E sem mais, ele beija minha barriga com carinho e desaparece dentro do elevador privativo.

Deito minha cabeça no encosto do sofá e solto um suspiro frustrado.

Até alguns dias atrás, eu estava trabalhando na Ryan Corporate e achava que faria isso por mais um tempo. O peso da barriga e o inchaço nos pés estavam me incomodando um pouco, mas pelo que a minha médica disse não era nada de anormal. Como CEO da empresa, eu tinha meus privilégios e ficava sentada o tempo todo, com tudo sob controle, delegando funções, assinando documentos, participando de reuniões, até que comecei a sentir dores inconvenientes que me preocuparam.

Foi assim que descobri que chegou o momento do repouso.

Para uma mulher que respira trabalho desde muito nova, seria óbvio dizer que não tem sido a melhor coisa do mundo. Daniel que o diga, por ouvir tantas reclamações. E, graças a Deus, ele me compreende muito bem. É a vantagem de ter um marido tão ligado aos negócios quanto eu.

Estou chegando ao final da 32ª semana, que indica o oitavo mês de gestação, e Dra. Claire disse que é um período que requer cuidados. Mesmo que meu trabalho não seja pesado, o fluxo estava além do que eu podia lidar nas minhas condições atuais e aceitei o aviso em prol da minha saúde e do meu bebê.

Meu, já tão amado, filho.

Quando Daniel e eu soubemos que teríamos um menino, olhei para o meu marido e comecei a chorar desenfreadamente. Ali, descobri que cada emoção na gravidez é diferente. Ao ter a surpresa de que estava grávida, eu me senti de uma maneira. Ao ouvir os batimentos cardíacos do bebê no ultrassom, fiquei em êxtase, uma alegria que eu não conseguia conter. E ao ter conhecimento do sexo... Ah, foi indescritível.

Eu não tinha preferência por menina ou menino, mas ao saber que teríamos um rapazinho, não pensei em outro nome a não ser aquele que

sempre vinha em minha mente. Do homem que me tornou quem sou hoje. Que me ensinou tanto. E, no fundo, acho que Daniel também sabia. Eu não queria influenciá-lo, mas quando perguntei se ele tinha alguma ideia, nem acreditei no tamanho da sua sensibilidade. Naquele momento, se é que era possível, eu o amei ainda mais.

— *O que você acha de Bill Ryan-Hant?* — ele perguntou, abrindo o sorriso mais largo do mundo e com os olhos brilhantes inundados de lágrimas. Uma junção do nome dos nossos pais.

É óbvio que eu desabei. Derramei muito além de alegria e gratidão, mas saudade e tristeza por meu pai não conhecer seu neto. Se ele estiver me olhando de algum lugar, deve estar todo bobo com a homenagem.

Ele merece.

Você merece, pai! Eu sempre te amarei e o nosso Bill será um pedaço desse amor.

Jurei que não iria ficar igual a uma manteiga derretida hoje, mas já estou toda chorosa. Esses hormônios bagunçam tanto com a minha cabeça que, às vezes, penso que estou perdendo o controle da situação.

Apesar de não estar nos meus melhores dias, emocionalmente falando, tenho usado o tempo livre para o autoconhecimento. A fim de não deixar minha cabeça ficar alimentando besteiras, comecei a ler mais sobre maternidade e casamento, como unir o cuidado da casa, marido e filhos, e tem sido enriquecedor. Eu que achava que era tudo conversa fiada para vender, tenho tirado grandes lições que, com certeza, servirão lá na frente.

Ao mesmo tempo, não paro de pensar no aniversário de 27 anos de Ticy, que será na próxima semana. Este foi outro motivo que me fez ter aceitado ficar em casa. Minha médica disse que se eu me comportar, poderei ir à festa, que será no NYBar. E é o que estou fazendo. Sou uma mamãe

muito comportada.

A última vez que estive com Liv e Ticy, presencialmente, foi no casamento-surpresa da nossa *Branca de Neve* e seu *Caçador*, em um estádio famoso de Los Angeles. Na ocasião, eu estava com quase quatro meses de gravidez e minha barriga nem aparecia ainda.

Com Liv morando definitivamente em Malibu e Ticy cada vez mais atarefada e, conseqüentemente distante, pois se tornou sócia do escritório em que trabalha, o que nos resta são as chamadas por vídeo. É por isto que preciso tanto ir ao aniversário da *Ginger*. Preciso revê-las. Preciso saber que um pouquinho da antiga Scarlett, aquela que sempre amou festas — ainda mais sendo de uma grande amiga —, continua aqui, mesmo que eu fique o tempo inteiro sentada.

Para “ajudar” minha instabilidade, tem o fato de que, por recomendação da Dra. Claire, não posso abusar do sexo. Quando Daniel soube disso, ficou transtornado.

— *Daniel, a médica disse que era para não abusar e não para parar!*
— Tentei argumentar, exasperada.

— *Scarlett, se algo acontecer ao nosso filho, por causa de uma imprudência minha, eu não vou me perdoar. Não podemos correr esse risco.*

Eu comecei a rir, histérica, pelo seu exagero e, ao mesmo tempo, compreendendo seu medo, mas não iria dar o braço a torcer.

— *Eu não acredito que você vai fazer isso comigo!* — gritei.

— *Eu vou encontrar alguma alternativa. Não vou deixar minha mulher subir pelas paredes* — ele disse, tentando se aproximar de mim.

— *Mas eu já estou subindo e você não me quer mais!* — Eu sei que joguei sujo, mas eu estava tão irritada, instável, sendo impedida de ter o meu homem da forma que eu mais amava, que eu nem pensei direito.

— Como você pode dizer isso, minha linda? Você é tudo para mim e nunca vou me cansar de você, do seu corpo, mas agora... agora precisamos ver o bem do nosso filho, o que reflete no seu bem também.

Derrotada, comecei a chorar. Os hormônios gritando por libertação e como eu não poderia fazê-lo como gostaria, minha frustração se transformou em lágrimas.

O que aconteceu? Estou há cinco dias sem a minha tão querida satisfação, louca de tesão. Fazer amor era o que me relaxava, aliviava a tensão e saciava o meu desejo, que quadruplicou com a gravidez. Sim, essa parte também achei que fosse mentira, mas olha... O calor sobe de um jeito, que é muito difícil suportar.

Quero ver que experiência é essa que Daniel quer fazer quando chegar em casa. Estou alucinada apenas com a expectativa. Enquanto isso, resolvo me preparar para a aula de ioga que, desde que casei, me tornei adepta. O melhor é que encontrei uma professora para me acompanhar em casa e é o que tem me ajudado a alcançar equilíbrio e a ter uma gestação tranquila.

Como diz a Liv, eu me transformei em uma mãe de revista, contudo, eu sempre respondo que nem tudo são flores.

Não há como desconsiderar os dias em que não me sinto bonita — graças às oscilações de humor —, que os meus pés ficam tão inchados que nenhum calçado entra...

E o que falar dos gases, que me deixam em maus lençóis com meu marido? Sim, eu tenho intimidade com Daniel, mas sempre evitei fazer certas coisas na sua frente e agora é quase que impossível!

Sem mencionar a “síndrome do túnel do carpo”, que só fui descobrir que existia na prática, que é um problema comum em 50% das grávidas, e causa dor e dormência nos punhos e mãos — por conta do aumento da

retenção de líquidos, há compressão dos nervinhos dessa região —, o que só alivia quando faço drenagem duas vezes por semana.

É o que eu falo para minhas amigas. Estar grávida é uma dádiva, mas há seus momentos de instabilidade, como tudo na vida. Nada é 100% belo ou perfeito, e acho que isso é o que torna tudo tão intenso e único.



Estou na cozinha, comendo uma fatia de bolo de chocolate, quando Daniel chega em casa.

— Boa noite, linda. Como passou o dia? — Ele me vê por cima do balcão e vem em minha direção.

Beija meu rosto, faz um carinho em minha barriga e senta no banco ao meu lado.

— Foi tudo bem — respondo, dando uma garfada no último pedaço do bolo. Apreciando a textura do chocolate, do creme de avelã. Uma delícia!

— Parece que alguém está se deliciando...

Com a boca cheia, aceno com a cabeça, confirmando sua constatação. Mal sabe ele que eu estava com tanta ansiedade para saber qual a experiência que ele quer fazer comigo, que precisei pedir o bolo em um aplicativo. Só o chocolate me salva nessas horas.

Paro de mastigar no momento que Daniel avança o dedo indicador no meu prato e o lambuzo com a sobra do creme, lambendo-o em seguida.

— Humm... realmente está gostoso.

Eu apenas o encaro, mastigando lentamente, vidrada com seu gesto.

Ele volta a fazer a mesma coisa, porém, em vez de levar o dedo à sua boca, traz à minha, manchando meus lábios.

— Dan...

— Shhhhh... Me deixe degustar a minha esposa.

Eu não havia entendido o “degustar” até sentir sua língua em minha boca, deliciando-se do creme, o que me faz arfar com a surpresa e o prazer que se alastra por todo meu corpo.

Fecho meus olhos e esfrego uma perna na outra na intenção de aliviar a excitação, mas é inútil. Eu estou fervendo de dentro para fora.

Sua língua pede licença e me invade de uma vez. Um gemido sai da minha garganta e giro o banco para ficar de frente para o meu marido, aprofundando o beijo, reivindicando o que é meu e, ao mesmo tempo, agoniada por saber que ele não vai me dar o que eu quero.

Passo minha mão sobre sua calça e o sinto rijo, e meu gemido aumenta.

— Isso é uma tortura — murmuro.

— Calma... Confie em mim — ele responde, igualmente ofegante.

Não deve ser fácil para ele também, porém, no meu desespero eu não me atentei às suas próprias necessidades.

Daniel continua me beijando, uma mão em meu rosto, a outra acaricia meu seio inchado delicadamente sobre o tecido da camisola fina, instigando, circulando o mamilo sensível. Cada toque seu envia uma carga elétrica direto para a minha intimidade.

Motivada, eu desço o zíper da sua calça social e ele não se opõe. Nosso beijo continua, ambos famintos, desejosos, inundados de prazer. Para facilitar, sem tirar sua boca da minha, ele levanta um pouco para que a calça caia sob os seus pés, dando-me livre acesso à cueca boxer.

Ele se afasta e sem nada falar, passa um dos braços por baixo das minhas pernas e me ergue do assento, sem se importar com o meu peso extra, e eu solto um gritinho com a surpresa.

Ao invés de irmos para o quarto, meu marido segue para a sala, em direção ao sofá de couro, que tem espaço suficiente para deitarmos com folga. Ele senta e eu continuo em seu colo, sentindo sua ereção nas minhas costas.

É como se estivéssemos no começo do namoro, ainda conhecendo o corpo um do outro, o receio de ir longe demais, e eu estou amando cada segundo. Eu estava precisando disso. É muito melhor do que chocolate.

Sinto sua língua em meu pescoço, orelha, até um pouco acima dos meus seios e me movo involuntariamente sobre Daniel, fazendo com que ele solte um grunhido em minha boca.

Ajeito-me entre suas pernas e consigo chegar até o volume coberto por sua cueca, massageando, provocando e apertando. Ele move a cabeça para trás, a fim de pegar ar.

— Você ainda tem a coragem de dizer que eu não te quero mais — ele sibila. — Olhe como você me deixa. Grávida ou não, você é a única mulher que faz isso comigo, Scarlett. Nunca ouse duvidar do meu amor e desejo por você.

— Me perdoe, amor. Eu não quis dizer aquilo. Eu tenho andado tão...

— Eu sei, minha linda.

Pego seu rosto e o beijo avidamente. Minha mão vai para dentro da sua boxer e ele urra em minha boca. Os movimentos de Daniel tornam-se urgentes e ele desliza uma mão pelo meu corpo, até pairar sobre o tecido que cobre meu sexo.

Nós nos olhamos e enquanto isso ele me provoca, esfregando de leve meu clitóris por cima da renda, e eu fico tão louca de tesão que tremo por inteiro. Continuamos nos encarando quando ele afasta minha calcinha e fricciona dois dedos em minha intimidade.

— Minha linda... Que delícia! Aposto que está muito mais cremosa do que aquele creme de avelã.

Suas palavras libertam algo dentro de mim que não sou mais capaz de segurar. Com seu membro em minha mão, eu o estímulo sem parar, para cima e para baixo, e ele geme sem pudor. Ao mesmo tempo, seus dedos estimulam meu centro, bem naquele pontinho precioso e certo e é a minha vez de extravasar.

Eu grito, minhas pernas tremem, os dedos dos pés se contorcem, e chego ao ápice do meu prazer, pensando que parti dessa para melhor. Só percebo que Daniel também chegou quando sinto seu líquido escorrer entre meus dedos.

— Meu Deus... — Ofego. — Como eu precisava disso.

— *Porra!* Então éramos dois.

Ambos rimos da nossa situação, parecendo dois adolescentes, desvairados de desejo...

Ah, *baby* Bill. Não vejo a hora de você nascer.



Ticy

— Não acredito que a minha menininha está fazendo 27 anos!

É inevitável rir.

— Nós temos a mesma idade, Liv — respondo, bebendo meu drink em seguida.

— Mas, ainda assim, a considero minha bebê, oras.

Liv e seus exageros. Prefiro não retrucar. Eu estava sentindo falta da sua presença, espontaneidade e alegria. Ficar sem sair com minhas amigas vem sendo uma experiência um tanto... estranha. Digo isso, porque, desde a adolescência, nossas vidas estão interligadas, mas agora, com ambas casadas,

uma morando a quilômetros de distância e outra sendo mãe, eu me sinto um pouco perdida.

Não que nossa amizade e cumplicidade tenha mudado. Nada disso. Nós continuamos nos vendo por videochamadas, conversando por telefone, vez ou outra visito Scar. Mas... não é a mesma coisa.

O pior é que os pesadelos voltaram com força, porém, não tive coragem de compartilhar esta informação com elas. Não quero preocupá-las, levando um problema que depende apenas de mim para ser resolvido. Liv e Scar têm suas próprias vidas.

E hoje é o meu aniversário. Uma data que eu recomecei a comemorar há pouco tempo. Não vou me permitir ficar triste ou reflexiva com o meu passado. Não hoje.

Remexo minhas mãos sem parar. Estou ansiosa sem nenhum motivo específico. Olho ao redor do NYBar e alguns colegas do escritório estão acomodados em uma mesa, na outra estão Daniel e Scarlett — gravidíssima, por sinal. Parece que o nascimento do nosso pequeno Bill acontecerá até o começo do próximo mês. Em uma mesa mais afastada estão: Josh, Jack, Alex e Brad, da banda de rock *Sultans of Swing*.

Meus pais fazem muita falta, mas estão viajando pelo mundo em um Cruzeiro. Após trabalharem a vida toda, eles merecem curtir.

Distraída, recebo um cutucão de Liv, que está me acompanhando em um drink no bar.

— Ai!!! Que isso, Liv? Você está louca? — pergunto, massageando o local que ela me cutucou.

— Olha quem chegou...

Viro na direção que minha amiga aponta e me surpreendo com a chegada de não apenas um convidado de tirar o fôlego, mas de dois.

— Se um é bom, dois então...

— Liv, pelo amor de Deus.

Parece até brincadeira os dois chegarem no mesmo instante.

— Ah, me poupe, *Ginger*. Você está solteira, tem mais é que aproveitar mesmo! Olha como James está uma delícia.

Disfarçando o máximo que posso, constato que ela tem razão. O loiro está usando uma calça social azul marinho e blazer da mesma cor, com uma camisa branca com os primeiros três botões abertos. Puro charme e elegância, como sempre.

— Liv, seu marido está sentado logo ali. Como pode ser tão descarada? — digo, referindo-me a Josh Morris, o vocalista da SoS.

— Estou casada, mas não estou cega, com licença! Aposto que Josh também deve apreciar as *meninhas* que o cercam, vez ou outra. É natural, Ticy. Coisa bonita é para ser admirada. Espie... Drew também não está de se jogar fora, garota.

Não sei por que continuo dando ouvidos às suas loucuras, contudo, não posso deixar de perceber que mais uma vez ela tem razão. Ele e James são lindos de maneiras diferentes. Drew está um pedaço de mau caminho, com uma calça preta colada, rasgada em alguns pontos, dando uma boa visão de suas pernas torneadas, e veste uma camisa de botões da mesma cor, dobrada em seus braços fortes e bronzeados.

Dois homens admiráveis. O primeiro é meu amigo há um tempinho — mas temos andado distantes um do outro —, além de ser um dos meus principais clientes no escritório. E o segundo é o baixista da SoS, com quem venho mantendo uma amizade colorida desde o aniversário da Liv, há um pouco mais de um ano, isto quando conseguimos nos encontrar, já que ele mora na Califórnia e eu, em Nova York.

James me vê primeiro e vem direto em minha direção com um embrulho nas mãos.

— Olá, Liv — James cumprimenta minha amiga, com o sorriso de canto de boca que lhe é peculiar. — Olá, Beatrice. — E me puxa para um abraço.

Ele continua me chamando pelo nome e eu já desisti de corrigi-lo. Nós andamos nos estranhando, mas resolvi dar uma trégua pelo bem da nossa relação profissional.

— Olá, James! Pensei que não viesse mais...

— Cheguei agora há pouco da Espanha. Com Daniel cada vez menos presente para cuidar de Scarlett, estou à frente dos negócios. Então o dever me chama, eu preciso ir.

Apesar de esboçar um sorriso, é evidente o cansaço em seu rosto. Os olhos azul-claros estão avermelhados, um sinal aparente de exaustão. Imagino como ele está sobrecarregado com tantos estabelecimentos para gerenciar e visitar.

— Uau! Espanha!

— Pois é. Estava mais especificamente em Madrid e trouxe uma lembrança para você. Espero que goste. A propósito, você está linda.

— Obrigada! — agradeço, fingindo que não faço caso do seu elogio, mas com certeza meu rosto está me traindo.

Apesar de as meninas terem dito que estou arrasando com meu vestido exótico — ele é longo, com largas mangas $\frac{3}{4}$, todo de tule, com bordados em partes estratégicas para não aparecer mais do que deve, na cor amarela — não me sinto completamente à vontade. Uma voz inquisidora no fundo da minha mente insiste em reaparecer após muito tempo...

“Parece uma puta com este vestido.”

Respiro fundo e afasto mais uma vez as más lembranças. Estou vulnerável demais ultimamente. Volto meus olhos para a pequena caixa e sou surpreendida quando a abro.

— Uma lembrança, James?

Estou atônita! Ele levanta as sobrancelhas, divertindo-se com minha expressão, e eu dirijo minha atenção para o meu lindo presente. Uma pulseira maravilhosa de ouro amarelo com uma pedrinha vermelha no centro.

— Apesar de ser uma joia, não deixa de ser uma lembrança. A primeira coisa que pensei quando a vi na vitrine foi que o ouro e o rubi combinam com seus cabelos vermelhos e seus olhos dourados, além de a pedra simbolizar o Direito, como você bem sabe.

Olho para o lado, mas graças a Deus Liv não está presente. Estou encabulada, como há muito tempo não fico. Eu não sei nem o que dizer. Suas palavras... O modo como ele disse que se lembrou de mim ao escolher a peça delicada.

— James... Eu amei.

Ele sorri, parecendo aliviado pela minha reação.

— Feliz Aniversário, Beatrice! Espero que todos os seus sonhos se realizem e que continue sendo a mulher maravilhosa e admirável que é. Além de uma profissional excepcional!

— Muito obrigada! Estou feliz que esteja aqui. Obrigada, de verdade...

Nem sei por que repeti o agradecimento, mas saiu. Estou me sentindo uma adolescente neste momento, sem jeito. Ficamos nos encarando por alguns segundos, até que ele desvia seu olhar para alguém que chega ao nosso lado.

Andrew.

— Hey, Ticy. Hey, James. Desculpem atrapalhar, mas estava com saudade desta ruivinha aqui!

Andrew me levanta do chão e me dá um abraço de urso, girando-me no ar. Minha risada sai de maneira descontrolável e, quando dou por mim, James já não está por perto.

Mordo meu lábio inferior e suspiro.

— Drew, você está louco! Me coloca no chão — grito, por cima do som alto que o DJ toca.

Ele obedece ao meu comando e sou obrigada a ajeitar meus cabelos que estão soltos em ondas.

— Feliz aniversário! Você está gata demais com esse vestido. — Diferente de James, Andrew é mais despojado e não tem cerimônia.

Seu olhar se transforma de diversão para malícia em instantes. Abro um sorriso, confirmando que sei muito bem o que ele está pensando.

— Obrigada, Drew. E obrigada por ter vindo!

— Eu não perderia seu aniversário por nada — ele diz, colocando delicadamente uma mecha de cabelo para trás da minha orelha. — Tome. Seu presente.

Ele me entrega uma chave e eu franzo a testa sem entender nada.

— Depois daqui, já temos um lugar para ficar. Reservei a suíte presidencial do hotel e você será minha pelo resto da noite, Dra. Parker.

O que eu mais gosto em Drew é sua confiança e a forma que ele conduz nossa descomplicada “relação”. Eu sei que ele continua saindo com outras mulheres e ele me dá total liberdade para fazer o mesmo, não exigimos, não cobramos e isto é perfeito para mim. Por mais que eu prefira não sair com outros caras, por não ter paciência e nem vontade de sair à

procura.

Meu trabalho me consome de tal forma que eu não consigo pensar em nada além dele, então as visitas de Drew são sempre muito bem-vindas. Não sou uma mulher que depende de sexo para viver, aprendi a me satisfazer sozinha e não me cobro por estar com 27 anos e solteira. O que eu passei lá atrás ainda é uma sombra constante em minha vida e enquanto eu não me livrar dela, não posso pensar em me comprometer com alguém.

— Se você diz, estou dentro! — respondo, abrindo um sorriso descontraído, mas que logo é substituído por uma expressão de surpresa ao avistar James de mãos dadas com uma loira.

— Vamos dançar, Drew! — chamo, pegando sua mão e o levando até a pista que já está lotada.



Após dançarmos diversas músicas, Andrew vai falar com os amigos e eu sigo em direção ao bar, porém, Scarlett ergue a mão, reivindicando a minha atenção. Como não pode ficar levantando, imagino que ela esteja aflita. O esforço que ela fez ao vir para a minha festa... É algo que eu nunca vou esquecer. Como amo minha amiga!

Daniel não está por perto, então sento na cadeira vazia ao seu lado.

— Está tudo bem, Scar?

— Na medida do possível — responde, passando a mão na barriga saliente. — *Baby Bill* está se divertindo.

Ela pega minha mão e a coloca sob a sua. Eu já havia sentido o bebê se mexer anteriormente, mas agora é diferente.

— Amiga, esse menino está praticando artes marciais, não é possível! — exclamo, assustada com a intensidade do chute, e Scar cai na risada.

— Nem me fale. Acho que já está saturado de ficar aqui dentro. — Ela ri e rapidamente fica mais séria, ajeitando-se em uma poltrona confortável que, com certeza, foi trazida a pedido de Daniel. — E como você está?

— Estou ótima. Muito feliz com a presença de tantos amigos.

— Isso dá para ver em seus olhos. Você merece, *Ginger*.

— Obrigada, Scar — agradeço, segurando suas mãos com carinho.

— Fiquei surpresa com a presença de James — ela diz, de repente.

— Por quê? — Franzo minha testa. — É óbvio que eu o convidaria.

— Não por isso. Você deve saber que ele estava na Espanha.

— Sim, ele me disse que veio de Madrid direto para cá.

— Exatamente, porém aposto que ele não contou que só voltou para Nova York por causa do seu aniversário. Ele retorna à Espanha amanhã para finalizar a negociação que deixou para trás. Daniel, a princípio, achou a atitude um tanto irresponsável, mas depois de pensar melhor compreendeu o amigo.

Estou perplexa.

Por que James faria tamanho sacrifício? Tudo bem que somos amigos, mas isso é... Não tenho nem palavras.

Andrew também viajou só para o meu aniversário — claro que uma distância bem menor do que James —, só que temos uma amizade colorida, então é até compreensível. Mas James?

Uma sensação estranha me toma, porém, trato de jogá-la para longe.

— Nossa, fico surpresa por saber disso, Scar, mas tenho quase certeza de que eu não fui o único motivo. Logo após falar comigo, eu o vi com uma loira.

— Querida, assim como você tem Andrew, ele pode ter uma ou diversas mulheres o esperando, e isso não quer dizer nada. Afinal, nem tudo o que reluz é ouro. — Ela pisca para mim e volta sua atenção para um copo de suco.

Scarlett e sua habilidade em me deixar em dúvida sobre tudo. Há alguns meses, nós conversamos sobre a possibilidade de James e eu termos algo no futuro, e mais uma vez não tive coragem de dizer o que aconteceu em

seu casamento. O que ela faria se soubesse? Se já vive insinuando algo entre nós, imagino que seria uma forte munição para continuar com as investidas de cupido.

Ela percebe meu desconforto e pousa uma mão em meu ombro.

— *Ginger*, não precisa ficar assim. Eu não quis estragar o clima. Divirta-se, curta a sua noite... Eu estarei sempre por perto, para o que você precisar. Posso estar quase parindo, mas nunca deixarei de me preocupar com a minha ruiva preferida. E nem quero que você me afaste, ouviu? Eu conheço bem a amiga que tenho.

Enlaço meus braços em seu pescoço e beijo sua bochecha.

— Obrigada, Scar. Eu sei que você quer o meu bem. Sou muito feliz por te ter em minha vida.

— Posso saber o que vocês duas tanto conversam? Só estou vendo, lá de longe, esse chamego todo. Vocês me excluíram! Isso é complô porque moro em outro estado?

Liv faz sua entrada triunfal Scarlett e eu caímos na risada.

— Por que você não veio logo? — Scar pergunta para a morena.

— Porque não fui convidada.

— Ah, conta outra. Desde quando você precisa de convite para entrar em algum assunto, Liv?

— Na verdade, meu marido estava me entretendo debaixo da me...

Scarlett e eu a encaramos, boquiabertas.

— Não, você não faria isso logo aqui. — Assim que as palavras saem da minha boca, vejo como sou tola. É óbvio que ela faria.

— Eu não posso fazer muita coisa se Josh adora uma aventura.

— Só Josh, não é? — Scarlett joga, sarcástica.

Liv sorri, aquele sorriso malicioso e de quem não está nem aí para pudor.

— Mas me digam, está acontecendo alguma coisa?

Antes que a loira responda, decido encerrar a conversa para a noite não virar um interrogatório.

— Não é nada de mais, Liv. Fique tranquila. Só estávamos conversando sobre a chegada do nosso *baby* Bill.

— Esse meninão vai ser tão mimado... Não vejo a hora de apertar suas bochechinhas fofas. Só espero que ele não seja apressadinho e venha antes da hora.

— Do jeito que esse menino tem vontade própria, é ele quem vai dizer a hora certa de chegar. — A fala de Scar nos faz rir.

Liv ajoelha e chega perto da barriga da loira, fazendo-me rir sem parar.

— *Baby* querido, escute aqui. Nada de vir antes da hora, ouviu? Titia Liv jura que vai te dar muitos presentes se você ficar quietinho aí e esperar. Sabe por quê? A titia mora longe e tem uma viagem para fazer com o tio Josh. Ela está esperando essas férias há muito tempo, então, por favorzinho, não faça igual a sua mamãe que ama me deixar de cabelo em pé. — Por fim, ela beija o ventre de Scarlett e se levanta.

A loira e eu desatamos a rir.

— Pronto, meu sobrinho já está avisado — Liv finaliza.

— Vamos ver se vai surtir efeito, *Branca de Neve* — Scarlett diz, ainda sorrindo. — Só depende dele agora.



Daniel

Três semanas depois...

Eu sabia que nosso filho nasceria a qualquer momento. Scarlett é teimosa demais. Não me escuta. Acha que sempre estou exagerando, que tenho excesso de zelo, mas eu a conheço como ninguém.

O aniversário de Ticy foi o último evento que estivemos, ainda assim, após muita insistência e prometendo que ficaria sentada.

Ela anda demasiadamente cansada, com os pés inchados — o que fui descobrir que é normal e acontece por conta das alterações hormonais, que ocasionam a retenção de líquido e até mesmo o aumento do útero.

Informações que me obriguei a aprender para auxiliar minha mulher. Não é justo que ela tenha todo o trabalho. Se eu serei pai, preciso dar suporte, e isso vale também para conhecer o corpo da minha esposa, muito além do que já conheço.

Ao longo da gravidez, acompanhei cada mudança de humor de Scarlett. O desejo intenso, as transformações em seu corpo, que me fizeram olhá-la com ainda mais admiração. Ela estava gerando meu filho. Havia dias em que não era fácil, ela me afastava, mas eu já estava vacinado contra isso. Foi uma das primeiras matérias que li. Então, eu dava o espaço que ela precisava. Eu sabia que eram os seus hormônios falando.

Sempre imaginei que aquele papo de “desejo de grávida” era algo exagerado. As histórias que eu lia pareciam forçadas demais. Mas é claro. Tive que sofrer na pele para entender que eu estava errado.

É inexplicável a necessidade louca de querer comer alguma coisa, não importando o momento ou o horário. A vontade da pessoa fica tão urgente, que é impossível não correr atrás do que ela quer.

Em uma das vezes, Scarlett me fez sair às 2h da manhã para caçar um bendito doce que tivesse morango, chantilly, marshmallow e calda de frutas vermelhas. Aonde eu iria encontrar uma combinação dessas em plena madrugada?

Liguei para os meus restaurantes, aqueles que estavam abertos, e como já era esperado, não obtive êxito. O horário não ajudava em nada. Percebendo que não seria fácil, peguei o carro e saí à procura por conta própria. A sorte foi encontrar uma confeitaria 24h — mesmo distante da minha casa —, que tinha todos os ingredientes que eu pedi. Graças ao bom Deus, porque eu não saberia o que fazer, caso não tivesse encontrado. A recompensa foi ver minha mulher se esbaldando nos doces e depois dormir

como um anjo.

Neste momento, o nervosismo me consome. Tento respirar tranquilamente, pensar em outras coisas, mas sei que preciso retomar o controle da situação. Não sou um homem que se desconcentra facilmente, muito menos, que se permite ficar ansioso, contudo, este caso é o mais atípico da minha vida e por isso sentimentos diversos me invadem.

O medo é um deles... Medo de que algo saia errado, de que a minha mulher esteja sofrendo...

Respiro fundo.

Calma, porra! Vai dar tudo certo. Scarlett é forte. É o mantra que venho murmurando para relaxar, enquanto ando para lá e para cá no corredor do hospital.

Várias enfermeiras já passaram por mim, perguntando se eu gostaria de um café, mas enquanto eu não souber como a minha esposa está, não ficarei em paz. Eu nunca poderia imaginar que demoraria tanto para preparem uma sala de parto. Parece que estou aqui há horas, mas o relógio mostra que se passaram apenas vinte minutos.

Assim que a bolsa de Scar estourou — estávamos tomando café da manhã — , eu fiquei em choque e ela começou a rir. Sabíamos que ele deveria chegar entre a 38^a e 40^a semana, mas não que o apressadinho resolveria dar o ar da graça na 37^a, pegando todos nós de surpresa.

A sorte foi que a nossa governanta estava em casa e me ajudou a encontrar a malinha de maternidade que Scarlett havia preparado antecipadamente por precaução, pois pela primeira vez na vida fiquei sem reação.

Tomo consciência de que ainda não fiz as ligações que preciso fazer, e me apresso antes que seja chamado para acompanhar o parto. Resolvo ligar

para Ticy primeiro, porque ela vai saber o que dizer para a maluquinha da Liv, que com certeza vai pirar quando souber que meu filho está chegando. Depois ligo para os meus pais; James e Mary, por quem Scarlett nutre um grande carinho.

O celular da ruiva chama duas vezes.

— *Sim?* — Ouço a voz desconfiada do outro lado da linha.

Não sei como três mulheres tão diferentes podem se dar tão bem. Mais até do que irmãs de sangue, se duvidar. Ticy é a mais diferente das duas e com seu jeito particular conquista todos ao seu redor. Não é espalhafatosa como a Liv, nem ousada como Scarlett, mas tem sua própria personalidade. Não é à toa que James tem uma afeição por ela.

O anúncio que estou prestes a dar me deixa emocionado. É a primeira vez que vou falar em voz alta:

— Ticy, nosso Bill está adiantado. Meu filho está chegando!

— *Meu Deus! Mas que menino apressado! Ok, Daniel. Estou saindo do escritório. Obrigada por avisar.*

— Se eu não avisasse, Scarlett me mataria. Você poderia ligar para a Liv? A mulher vai querer sair a jato da Califórnia. Coitado do Morris... — digo, e rimos juntos.

— *Nossa, ela vai ficar louca de vez. Mas não se preocupe. Eu cuido dela, Daniel.*

— Muito obrigado, Ticy. Até logo!



Trinta minutos depois, estou com a atenção voltada para o celular, ainda aguardando ser chamado para entrar na sala do parto, quando ouço a voz de Ticy:

— Vim o mais rápido que pude.

Cumprimentamo-nos com um abraço e respondo:

— Que bom! Ela está em uma área de observação. Eu vou entrar daqui a pouco e estou aproveitando para ajeitar algumas pendências com James.

— Ah, sim! Ele vem também? — pergunta.

— Infelizmente, não. Ele ficou arrasado, mas não contávamos com a antecipação do parto. James está no México, no meio do fechamento de um contrato importante.

— Nossa, imagino como ele deve ter ficado. Bill resolveu surpreender a todos. Daniel, grave tudo, tire muitas fotos... Liv deve chegar daqui a pouco. Ela me ligou, dizendo que já estava no aeroporto e vem com o jatinho da banda.

— Pode deixar que vou fazer isso tudo. Ou, pelo menos, tentar. Espero ter estômago para assistir do início ao fim — confesso, nervoso como nunca.

— Vai dar tudo certo! Só de estar no mesmo ambiente, Scar ficará

mais tranquila.

— Obrigado! Pelo que a Dra. Claire disse, como a Scarlett optou pelo parto normal, pode durar horas até que chegue o momento certo e eu ficarei com minha mulher o tempo que ela precisar.

— Vamos, Sr. Hant? — Uma enfermeira aparece ao nosso lado.

Engulo em seco. Chegou o momento.

— Vamos! Ticy, logo estarei com meu meninão nos braços. Atualize quem for chegando, por favor.

— Sim, Daniel. Fique tranquilo. Já deu tudo certo!

Então, sou conduzido para dentro da maternidade.

A handwritten signature in black ink that reads "Scarlett". The script is fluid and cursive, with the 'S' being particularly large and stylized.

Eu não consigo explicar a tranquilidade que estou sentindo neste momento. Dentre todas as sensações que imaginei que teria durante o parto, serenidade não estava entre elas. Uma plenitude indescritível, que vem me tomando desde que cheguei ao hospital, apesar de as dores estarem cada vez mais intensas.

Eu li tanta coisa, as complicações que poderia ter, os perrengues que tantas grávidas passam, que nem cogitei a possibilidade de que comigo poderia ser diferente. Ainda mais, depois de passar por alguns incômodos chatos durante a gravidez.

Desde ontem, venho sentindo dores. Sabe aquela dorzinha de cólica intestinal? Exatamente aquela. Eu senti umas cinco vezes durante todo o dia e como vinha de maneira espaçada, eu achava que realmente era cólica, porém, eu ia ao banheiro e não saía nada.

Depois é que eu me dei conta de que poderiam ser as chamadas “contrações de treinamento” que a Dra. Claire já havia me explicado. A barriga fica bem dura alguns segundos, enquanto está doendo, e depois passa.

Acordei hoje, às 5h da manhã, com dores mais frequentes, mas ainda assim pensei que fossem passar, afinal, estávamos uma semana adiantados e eu já havia sentido incômodos anteriormente.

Voltei para a cama a fim de tentar dormir e encontrar alguma posição confortável. Nada feito.

Foi aí que decidi tomar um banho quente e fazer alguns exercícios de ioga. Só assim a dor aliviou e eu pude deitar novamente.

Aflita, não consegui ficar muito tempo deitada e resolvi ir à cozinha tomar café com Daniel, que estava prestes a sair para o trabalho.

E aconteceu.

No momento em que eu estava enchendo meu copo de leite, senti algo escorrer pela minha perna.

— A bolsa estourou — sussurrei, parada no lugar.

Em seguida, caí na gargalhada, tanto pelo susto, quanto pela cara de pavor do meu marido. Uma cena que jamais irei esquecer.

Liguei para a Dra. Claire, que por uma obra divina estava sem cirurgias marcadas para hoje, e ela disse que nos encontraria no hospital.

O caminho até aqui foi a parte mais difícil. As dores aumentaram substancialmente e eu não conseguia encontrar uma posição confortável. Daniel tentava me ajudar a respirar para mudar de foco, contudo, eu só pensava nas dores. Graças a Deus, chegamos rapidamente.

Daniel ficou na recepção, preenchendo fichas e mais fichas, apresentando documentos, e eu fui trazida para a área da maternidade em uma cadeira de rodas.

A princípio, fiquei nervosa por estar sozinha, mas quando encontrei com a minha médica, relaxei consideravelmente, sentindo dores cada vez mais frequentes.

— O nosso rapazinho não conseguiu esperar, não é, Scarlett? — Dra. Claire brinca.

— Eu sabia que esse menino não seguiria protocolos. Não sei a quem ele puxou!

— Se ele está com pressa, é sinal de que está preparadinho para nascer. Daqui a pouco farei o exame de toque para verificar a dilatação.

— Tudo bem.

Após aguardar pela Dra. Claire e tentar controlar minha respiração com as dores constantes, ela finalmente chega para fazer o tal exame. Mal calculo vinte segundos quando ela tira a luva e diz:

— Precisamos subir para a sala de operação. O bebê já está coroando.

— Coroando? — pergunto, apoiando-me sobre os cotovelos e com o coração acelerado. Eu nunca ouvi isso.

— É um jargão que usamos para dizer que o bebê está no fim do canal de parto e eu consegui sentir o cabelinho do nosso bebezão.

— Ah, meu Deus! — exclamo, voltando a deitar, as mãos instantaneamente molhadas.

A tranquilidade dá lugar ao nervosismo de não saber qual será o próximo passo. O desconhecido me assusta. Posso ter lido zilhões de testemunhos, mas nada se compara a viver esta experiência na prática.

Sou colocada em outra cama, conduzida por algumas enfermeiras até um amplo elevador e me pergunto onde Daniel está.

— Vocês conseguiram falar com o meu marido?

— Não se preocupe, já foram chamá-lo. Ele assistirá ao parto?

— É o que ele tem dito, porém, confesso que não sei se ele terá coragem — respondo, rindo em seguida.

— Entendo. Depois dizem que as mulheres são o sexo frágil, não é mesmo? — uma enfermeira de mais idade brinca e eu balanço a cabeça.

— De frágil não temos é nada! — retruco. — Quero ver um homem aguentar o que uma mulher aguenta. Somos fortes demais.

A conversa vai me relaxando gradativamente e agradeço por isso, no entanto, uma dor aguda nas costas me pega de jeito.

— Ai!

— Estamos chegando. Pela minha experiência, seu parto será rápido.

— Sério? Estou aqui me preparando mentalmente para sentir essas dores por horas, porque sei que parto normal depende de diversos fatores. Eu assisti a tantos vídeos...

As três mulheres riem.

— Cada pessoa tem uma experiência diferente. Não há uma regra ou fórmula. Depende muito de como está o seu emocional. Apenas relaxe, que daqui a pouquinho o seu bebê estará em seus braços.

Aceno com a cabeça, refletindo em suas palavras. Deitada, olho para o volume diante de mim e o acarício por cima do camisolão hospitalar. Uma “montanha” que me acompanhou por meses, que aprendi a amar, a passar as mãos a cada minuto de forma involuntária, que me impediu de dormir de bruços, que fez com que finas listrinhas desenhasssem minha pele — marcas que sempre me lembrarão de uma dádiva divina.

Meus sentimentos estão embaralhados. Ao mesmo tempo que estou com uma vontade louca de ver meu filho, um pesar me invade por me despedir da minha barriga. Como isso é possível? Uma nostalgia por algo que nem perdi ainda...

Lágrimas rolam pelo meu rosto e sinto uma sensação diferente no meu interior. Um espírito materno talvez ou o estado de êxtase causado pelo tão falado “hormônio do amor”... Uma deliciosa plenitude me invade novamente.

O elevador anuncia que chegamos ao nosso destino e sou levada até a sala de operação, onde as enfermeiras começam a me preparar.

— A Dra. Claire já está subindo — uma delas me informa.

— Obrigada.

Fico de olho na movimentação à minha volta, segurando o incômodo gerado pelas contrações como posso. Elas são inconvenientes, sim, mas nada que eu não consiga suportar. Não paro de pensar em como eu perdi tempo me preocupando. Realmente cada mulher tem sua própria experiência. Não dá para se basear no que a outra viveu. É único. Indescritível.

Minha médica aparece, mas não sozinha.

— Olhe quem eu trouxe, Scarlett!

Meu marido está ao seu lado, vestindo roupas parecidas com as das enfermeiras e mesmo com a máscara tapando sua boca, eu sei que ele está sorrindo. Amo quando Daniel sorri com os olhos, acrescentando o fato de que estão marejados. A sua presença me emociona a tal ponto que eu não consigo parar de chorar e de sorrir, simultaneamente.

Finalmente encontro-me pronta para passar de fase, para receber nosso filho, o responsável que fará meu coração bater fora do peito.

Sem que eu espere, Daniel posiciona uma câmera fotográfica em frente ao seu rosto e tira uma foto.

Começo a rir, uma miscelânea de lágrimas, sorrisos e caretas de dor, e ele tira outra e mais outra.

— Acho que está bom!

Ele se aproxima e senta em um banquinho posicionado ao lado do meu leito.

— Como está se sentindo, meu amor? — pergunta.

— Incrivelmente feliz, apesar das dores ficarem cada vez mais fortes. E você? Como está?

Meu marido não suporta a ideia de que eu esteja sofrendo, eu sei, posso ver em seus olhos, mas ainda assim se esforça para sorrir. Ao deslizar seus dedos pelo meu rosto, coloca delicadamente os fios soltos dos meus cabelos para dentro da touca.

— Estou sentindo um misto de emoções. Ansiedade, felicidade, mas, principalmente, muito amor. Um amor tão grande que chega a apertar meu peito.

Seguro sua mão e a trago para os meus lábios, beijando dedo a dedo.

— Obrigada, Daniel. Obrigada por me encontrar, por ser o dono daquela misteriosa essência e, principalmente, por me dar a oportunidade de ser mãe. Uma vocação que, até então, eu achava não ser capaz de exercer, mas que agora — não aguento segurar o choro e sorrio na sequência — não consigo me ver sendo a mesma mulher de antes. Eu sou louca pelo meu Mr. M e perdidamente apaixonada e muito orgulhosa do meu Mr. Daddy!

Seus lábios encontram os meus em um beijo carinhoso e terno.

— Você é a mulher que um dia eu pedi a Deus e que tem me mostrado o que é ser plenamente feliz, minha linda. Eu te amo além da vida. Nunca se esqueça disso.

— Nunca! — reforço, tocando seu rosto por cima da máscara, secando suas lágrimas.

— Vamos começar? — A voz da Dra. Claire me tira do estupor do momento.

— Vamos! — respondemos juntos.

Respiro fundo e observo Daniel franzir o cenho.

— Doutora, não vai precisar daquela cortina transparente? — questiona.

— O “campo transparente” só usamos em cesáreas, que tem o objetivo de livrar o ambiente de bactérias e diminuir os riscos de infecção para as pacientes.

— Compreendo — Daniel responde, assimilando a nova informação.

— Vamos, que *baby* Bill está quase saindo sozinho. E tudo indica que nem precisaremos aplicar anestesia ou fazer qualquer outro procedimento a não ser forçar o bebê a sair.

— O quê? — pergunto, arregalando os olhos, expressão que reflete a mesma de Daniel.

— Calma, papais. — A médica ri. — A mamãe Scarlett está com uma ótima dilatação; a posição do bebê, perfeita. Em alguns minutos o filhão de vocês estará por aqui.

Oh! Meu! Deus!

Sem anestesia? Sem cortes na minha genitália? Isso não pode estar acontecendo. Até esqueci a dor.

Eu gosto de me enganar.

— Então, vamos lá! — exclamo, olhando para Daniel, que ainda está estupefato.

Quebramos a cara legal. Depois riremos muito disso, mas agora tenho um bebê para parir.

Meu marido se afasta, recompondo-se do baque, e segue para ficar atrás da equipe médica, pronto para fotografar o nascimento do nosso filho.

— Amor, nada de tirar fotos muito detalhadas, por favor!!! Atenha-se ao nosso *baby* Bill.

Ele cai na risada, assim como as enfermeiras e Dra. Claire.

Já pensou? Só me faltava essa, ter que ficar vendo minha própria

intimidade toda flexível...

— De qualquer jeito você é linda, mas irei me ater ao nosso filho.

Eu rio e de maneira repentina uma dor intensa e persistente me atinge, o que me faz soltar um grito.

— Ahhhh!!! Puta que pariu!

Me perdoa, meu filho, mas a mamãe está sofrendo aqui.

— Dra. Claire, eu não estava esperando que fosse doer assim... — digo, exasperada, respirando rápido, tentando fugir da dor lancinante.

É claro que estava bom demais para ser verdade.

Daniel sai de onde estava e vem para o meu lado. Eu sabia que ele não aguentaria me ver sentindo dor. Ele senta ao meu lado e pega minha mão, enquanto beija meu rosto suado.

— Vai, minha linda. Eu estou aqui.

— Vamos, Scarlett — a doutora pede. — Força, que logo a dor vai passar.

— Aiiiii — grito, tão logo me empenho na função de empurrar meu bebê para fora, apertando a mão do meu marido com força.

Ele não para de sussurrar em meu ouvido: “você é forte”, “maravilhosa”, “você me inspira”, “nosso filho está chegando, querida”, “vai, aperta minha mão!”, “isso!”, “assim, meu amor”, “ele está quase chegando!”

E por alguns minutos escuto somente a sua voz. Esqueço-me do resto do mundo. Forçando-me, exaurindo-me ao máximo...

Até ouvir o som mais lindo e emocionante de toda a minha vida.

Que renova meu fôlego e me aquece por inteiro.

Que me desperta e arre pia na mesma proporção.

O choro do meu bebê.

— Nosso filho chegou — balbucio, chorando copiosamente, e da garganta de Daniel sai um soluço. Seu rosto molhado encosta no meu, os espasmos de um refletindo nos do outro, ambos anestesiados.

— Nosso filho, querida.

— Olhem como ele é lindo, papais! — Dra. Claire anuncia e rapidamente Daniel se afasta com a câmera a postos, registrando o momento em que minha médica ergue um tanto chorão *baby* Bill.

Ele ainda está todo sujinho, mas é a coisa mais linda deste mundo. As perninhas sacudindo no ar, os bracinhos agitados, como se dissesse: “me larga, deixa eu voltar para a minha casa”.

Ah! Eu não consigo parar de chorar, de sentir ondas de alegria...

Uma urgência de segurá-lo toma conta de mim e eu sinto um vazio tão grande quando uma das enfermeiras leva meu bebê para longe, que entro em desespero.

— Calma, mamãe. Ele já vem. Só precisamos limpá-lo antes — minha médica diz, afagando minha cabeça sobre o tecido da touca. — Parabéns, Scarlett. Você foi incrível.

Logo que ela se afasta, pergunto a Daniel, que está com as bochechas molhadas e os olhos vermelhos:

— Você está sentindo a mesma coisa que eu? Esse medo, essa angústia, só porque ele saiu de perto da gente?

Ele sorri, o chacoalhar do seu dorso indicando que está chorando, e diz:

— Bem-vinda à maternidade, querida. O que eu sinto, não sei dizer se pode se comparar ao que você está sentindo, mas eu já o amo com todo meu

ser. Logo ele estará conosco.

Fico olhando para a porta em que levaram meu pequeno Bill e seguro a mão de Daniel, apreensiva. Quando menos espero, duas enfermeiras retornam para a sala, uma delas segurando um pacotinho.

É impossível não soluçar quando ela o estende para mim.

É incomparável. Nada que eu já tenha vivido poderia me preparar para este momento.

Seguro meu bebê, cujo corpinho está enrolado por uma manta, e o trago para junto de mim. Abrindo o tecido, analiso cada detalhe do meu filho. Os olhinhos inchados e fechados, a boquinha formando um biquinho, o narizinho afilado, as mãozinhas com suas unhas pequeninas, os pezinhos, o umbigo com parte do cordão umbilical...

Como eu pude ter gerado um serzinho tão perfeito? O milagre da vida, com toda certeza.

Choro copiosamente, grata a Deus por tudo ter dado certo, aliviada pelas dores terem me abandonado, por estar com meu filho em meus braços e por ter um companheiro que faz tudo valer a pena.

— Olha, amor! Olha como nosso filho é lindo!

Daniel está vidrado. Seu indicador desliza pelos cabelinhos loiros de Bill, eu aliso as sobrancelhas ralinhas e perfeitas. Os pais mais babões do mundo.

— Ele é perfeito — meu marido balbucia, depois de minutos de admiração e reconhecimento.

Bill se agita e, por um minuto, fico com medo de não conseguir segurá-lo com firmeza.

— Fique tranquila, Scarlett. Relaxe — minha médica alerta. — Não

precisa ter medo. Apesar de o bebê ser molinho, você pode segurá-lo com mais precisão.

Eu sei de tudo isso, afinal, Daniel e eu treinamos bastante, mas a prática... Rá, rá... é muito diferente da realidade.

— Quer pegar seu filho, papai? — Meu marido me observa, perguntando-me em silêncio se eu tenho certeza disso. — Pode pegar. Ele é seu também.

— Sim, só não quero ser alvo da mamãe-protetora.

Caio na risada, sentindo um incômodo com o ato, e balanço a cabeça.

— Eu autorizo — brinco.

Sorrindo, ele chega ainda mais perto e com as mãos gigantes leva baby Bill até seu colo. É notório o quanto está nervoso e com medo de fazer algo errado, mas o que se destaca é a alegria em seu rosto que se estende quando ele sorri para o bebê.

Eu poderia fazer um quadro com esta imagem. É lindo. Sublime. Transcendental. Sem que meu marido perceba, pego a câmera que está apoiada na cama e tiro uma foto dos dois.

Mais do que um marido exemplar, Daniel me mostrou que o nosso amor vai muito além de aspectos físicos ou sensoriais; de prazer ou tesão; de pele ou urgência.

É calma e profundidade.

Vai além da vida. Além da essência.



Ticy

Algumas horas antes

— Cheguei! — A voz inconfundível chama a minha atenção. — E aí? Já nasceu?

Levanto para dar um abraço em minha amiga.

— Ainda não, Liv. Disseram que está quase.

— Puta que pariu! Tadinha da Scar. Ela decidiu fazer parto normal mesmo? Parece que gosta de sofrer...

— É porque ela quer se recuperar o mais rápido possível, Liv. Esse é o custo — respondo, sentando novamente.

— Nem acredito que *baby* Bill adiantou desse jeito.

— E a sua viagem? Conseguiu remanejar ou cancelou? — pergunto.
Ela estava prestes a viajar para o Oriente Médio.

— Consegui adiar para daqui a dois dias. Se o nosso sobrinho nascesse enquanto eu estivesse fora, Ticy, eu nem sei o que eu faria.

— Não quero nem pensar nisso. Que bom que você conseguiu chegar a tempo.

— Bill nem nasceu e já está causando, não é mesmo? — Sua fala me faz rir e aceno com a cabeça.

Do outro lado do corredor, estão os pais de Daniel e a secretária de Scar. Todos aguardando a grande notícia.

— E Josh? Veio com você? — pergunto.

— Ele não pôde vir. Como foi algo imprevisível, ele já tinha compromissos com a banda.

— Ah, sim. Então somos apenas nós, não é?

— Sempre! — Liv responde, sorrindo e me puxando para mais um abraço apertado.

Agora

Daniel atravessa as portas duplas, vestido com uma camisa e calça verdes e sandália *crocs* branca nos pés, ele retira a máscara do rosto e sorri. O mais belo dos sorrisos.

— Bill nasceu!!! — ele grita, com os braços erguidos e lágrimas rolando em seu rosto.

Todos os familiares e amigos se juntam e se abraçam diante do

anúncio. Liv e eu choramos como crianças, mas não é diferente com os pais de Daniel.

O marido da minha amiga se recompõe e diz:

— Minha mulher está exausta, mas vocês conhecem a esposa que eu tenho. Ela quer ver todo mundo antes de descansar. As enfermeiras chamarão um por um.

Há mulheres que preferem descansar e não deixam as visitas entrarem no quarto depois do parto, e há mulheres como Scarlett Ryan-Hant que não obedecem aos padrões.

— Não seria Scar, não é? — Liv sussurra, e eu concordo, rindo, porque é a pura verdade.



Quando chega minha vez, não consigo parar de chorar. Ver minha amiga com um pacotinho no colo, plena e tranquila, aquece meu coração de uma maneira que nunca senti antes.

Scarlett está de olhos fechados, mas ao perceber que há alguém no quarto, ela desperta.

— Ticy, minha amiga! Chegue mais perto. Não precisa ter medo. — Scar sorri e é incrível como sua expressão já mudou. Quando dizem que a mulher se transforma completamente quando seu filho nasce não é mito.

— Amiga, nem sei o que dizer... — sussurro.

— Ele não é lindo, Ticy? — ela diz, abaixando o tecido para mostrar o rostinho de Bill.

— A coisa mais linda que eu já vi nesta vida, Scar — declaro, gamada no bebê, nos fios loiros da cabecinha pequenina e que mama com vigor, como se estivesse morrendo de fome. — Como você está, amiga?

— Realizada, *Ginger*. O parto foi uma bênção, sem complicações, nada como eu esperava. E estou me sentindo diferente de um jeito inexplicável. É como se a vinda do meu filho tivesse mudado a forma que eu sempre vi a vida. Parece até loucura, mas é como se minhas forças tivessem sido redobradas.

— Ah, Scar, não é loucura. Isso é ser mãe! E você será das melhores!

— Amém, minha amiga. Eu já amo tanto este serzinho aqui. Tão frágil e já tem o meu coração todinho!

Me emociono mais um pouco e Scar também se deixa chorar.

— Fale do mundo lá fora — ela pede, fungando e limpando o rosto.
— Preciso saber como estão as coisas com a minha *Ginger*.

Penso se devo comentar a novidade. No entanto, se ela quer conversar um pouco, vou contar:

— Você sabia que agora eu sou advogada do Daniel também?

Scarlett abre um sorriso preguiçoso.

— Claro que sabia, Ticy. Daniel me perguntou o que eu achava, caso ele resolvesse contratar seu escritório, porque James sempre está elogiando sua postura, a assistência que você dá, a competência e *blá-blá-blá*. Coisas que já sabemos, não é, minha querida?

De maneira inconsciente, por vezes, eu não me dou o devido valor.

— Ah, é? James tem falado de mim?

De onde surgiu esta pergunta?

— Ah, eu sei que ele sempre comenta com Daniel que te admira como mulher, advogada... Só não consigo entender o motivo de vocês terem se distanciado tanto como amigos.

Eu também não entendo, penso.

— Pois é, Scar. Acho que foi algo natural. Enfim... Não quero prolongar o assunto porque você precisa descansar e ainda tem a Liv, que imagino que esteja enlouquecendo lá fora — mudo o rumo da conversa e nós duas rimos.

— Ticy, eu sempre estarei aqui para você. Fico feliz que esteja indo

tão bem no trabalho. Lembre-se de que você é mais capaz do que imagina. Nunca pense o contrário!

A mulher me conhece como ninguém e sabe o quanto eu precisava ouvir estas palavras.

— Obrigada, Scar.

Um gritinho agudo faz com que a gente pare de falar e sou obrigada a rir com a voz que minha amiga faz.

— Calma, bebê. Mamãe já vai falar com você, meu *baby* Bill.

Lembrando que ainda estou na sua frente, ela volta ao “normal”.

— Ele parece um anjinho quando está dormindo, mas, pelo visto, não gosta de ser acordado — ela compartilha, a felicidade iluminando seu rosto.

E emenda:

— Obrigada pela visita, *Ginger*. — Ouvimos um barulho estranho vindo de Bill e nos olhamos. — Ah, meu Deus, ele está gorfando! Bill, calma que a mamãe vai te limpar! Chame o Daniel, Ticy, por favor. Eu tenho muito que aprender, viu?!

E sem parar de rir, eu saio do quarto...



Ticy

Seis meses depois...

Seis meses de vida do meu querido afilhado.

Alguns dias depois do nascimento do *baby* Bill, Scarlett e Daniel nomearam três padrinhos para o seu filho. Exatamente. Três! Como eles não seguem uma religião, decidiram fazer algo mais informal e não menos importante. Escolheram Liv, James e eu.

Acredito que seria impossível escolher apenas uma pessoa, então a ideia foi genial e sou imensamente grata pela oportunidade.

Scarlett resolveu fazer uma pequena celebração nos Hamptons, na

mansão de Daniel, que agora é do casal Ryan-Hant, e o dia não poderia estar mais agradável. Ela chamou poucas pessoas e contratou dois garçons para servir os quitutes e bebidas.

Liv, infelizmente, não virá porque já havia se comprometido, há uns bons meses, de acompanhar o marido em um show da SoS, no Japão. Inclusive, Andrew perguntou se eu gostaria de ir, mas entre viajar com uma amizade colorida e curtir os seis meses do meu afilhado, optei por ficar. Diferente seria se tivéssemos uma relação séria, o que não é o caso.

— Scar, quer ajuda? — pergunto, ao ver que minha amiga está para lá e para cá com Bill no colo.

— Você pode segurá-lo rapidinho? Preciso ir ao banheiro e não estou encontrando o Daniel.

— É claro! Pode ir.

— Você é um anjo. Tome aqui a fraldinha dele. Ele acabou de mamar, então é melhor se proteger.

Sorrio, porque eu sei bem o que ela quer dizer.

Há um mês, mais ou menos, eu estava com ele no colo, em uma das minhas visitas à Scarlett, e não sabia que ele tinha mamado minutos antes. Daí fiquei balançando o rapazinho, brincando, chacoalhando... Qual foi o resultado? Ele gorfou do meu pescoço até a camisa de seda que eu vestia.

Pois é, não foi nada agradável, e por isto já estou escolada.

Pego meu afilhado, coloco a fralda sobre meu ombro esquerdo e abro um sorriso quando ele ergue os cantos da boca, mostrando a gengivinha toda.

— Mas você está todo assanhadinho, não é? — pergunto, fazendo aquela vozinha infantil que é reservada a ele. O rapazinho abre ainda mais o sorriso banguela e mexe as mãozinhas, agitado, fazendo sons, como se já estivesse pronto para falar. — O que foi? O que bebê mais gostoso do mundo

quer?

Ele está tão lindo. Os cabelinhos, antes loiríssimos, estão um tom mais escuro e penteados para o lado, os olhos azuis vibrantes — não sei dizer se puxou da mãe ou do pai — são hipnotizantes.

E a roupinha? Ele está com uma blusinha de mangas compridas, um colete risca de giz, cinza, e uma mini calça jeans. A graciosidade desta criança é tamanha que é impossível não ficar feliz quando estamos ao seu lado.

Caminho para a parte de fora da casa e começo a cantar para ele. Não sou afinada, nem nada, mas os sons que saem de sua garganta me motivam a continuar. Logo ele está abrindo aquele sorriso lindo novamente. Como eu o amo. Chega a ser engraçado o tamanho do amor que um ser tão pequenino pode gerar em uma pessoa. Imagino, muito de longe, como deve ser o amor de uma mãe. Uau! Intenso demais.

— Ele se comportou? — Scarlett me encontra.

— Muito. Nós somos parceiros. Não é, *baby* Bill? Ele está crescendo muito rápido, Scar.

— *Ginger*, eu que o diga. As roupinhas que comprei e que vocês deram, semanas atrás, já não cabem. Nunca vi crescer tão rápido. Às vezes, *viajo* que meu filho pode ser geneticamente modificado, mas logo trato de voltar à realidade e vejo relatos de outras mães dizendo que é completamente normal.

Solto uma gargalhada que chega a assustar meu afilhado e ele fica me olhando, franzindo o cenho.

— Scarlett... Às vezes eu esqueço que você era a mais geek de nós três.

— Ah, faz muito tempo, Ticy. Perdi o jeito.

— Geek nunca deixa de ser geek.

— Se você diz — ela ri —, vamos, *baby* Bill? Seu *daddy* está te procurando.

Incrível que é só Scarlett falar com ele, que o bebê começa a se agitar todo, querendo sair dos meus braços.

Entrego seu filho e ela o ajeita nos braços.

— Vou levá-lo para Daniel. Não deixe de comer e beber... Está tudo muito gostoso. Divirta-se, ok?

— Pode deixar!

A loira se afasta e analiso o quanto eu a admiro e me inspiro em sua pessoa. No quanto ela é forte, determinada e se tornou uma mãe maravilhosa, mesmo sem ter uma base familiar sólida. Ela não se deixou vencer pelas adversidades, mas se ergueu diante delas e as derrotou.

Espero um dia conseguir derrotar as minhas também.

Parada diante da mureta que dá vista para o mar, aprecio cada detalhe da bela tarde. O sol entre nuvens, as ondas batendo sem parar, a brisa suave passando pelo meu rosto, cabelos...

O lugar me faz viajar, relembrar dos momentos em que minhas amigas e eu passamos aqui. A festa *Carpe Diem* — três dias de muita diversão e descobertas, afinal, foi aqui que a Scarlett descobriu quem era seu Mr. M. —; o casamento de Scar, que foi lindo e digno de um filme... E, então, a recordação do que aconteceu na festa, depois da cerimônia, também vem.

Um erro.

Flashes vêm e vão e, mesmo que eu quisesse, não conseguiria me esquecer daquela noite.

Em um minuto estávamos dançando, no outro, correndo em direção à praia, rindo como dois adolescentes.

Assim que encontramos um ponto onde ninguém poderia nos ver, um olhou para o outro, a expressão de divertimento deu lugar a algo diferente, e em seguida começamos a nos beijar loucamente. Era como se... como se houvesse um desejo reprimido de tempos, mas que só naquele momento tivéssemos conhecimento.

Meu coração acelerou tanto que pensei que estivesse com taquicardia. Suas mãos envolviam meu rosto, exigindo mais da minha boca, da minha língua, e eu o segurava pelas lapelas do paletó caro de padrinho, trazendo-o para mim. Sua língua sabia o caminho certo para encontrar a minha. Sua boca estava fazendo um trabalho impecável em me deixar sem chão.

Depois do que pareceram horas, nos afastamos. Ambos sem compreender o que havia acabado de acontecer. Eu passei meus dedos pelos lábios inchados, ele ajeitou o cabelo despenteado pelas minhas mãos, tão afetado quanto eu.

Nós éramos amigos, tínhamos amigos em comum, mas eu não estava preparada para o que havia sentido somente com seus beijos.

Apenas beijos.

Se eu não tivesse passado por isso, diria que é uma daquelas histórias que só acontecem nos livros, contudo, o que eu vivenciei naquele pedacinho de tempo vai muito além do que eu já senti até hoje.

Eu não sei se ele teve a mesma experiência, mas não esperei pela sua opinião. Simplesmente disse:

— Não deveríamos ter feito isso, James. Eu... eu não deveria ter feito isso.

Sua expressão mudou de repente. Ele deixou para trás toda aquela

intensidade e abriu um sorriso de lado, mostrando o James brincalhão que eu estava acostumada.

— Fique tranquila, Ticy. — Ele ainda me chamava pelo apelido. — Foi só um momento... Uma delícia, mas apenas um momento. Nada vai mudar. Continuaremos sendo amigos, ok?

Eu não sei dizer se ele fez aquilo para me confortar ao ver como entrei em pânico, mas senti alívio e... decepção. Às vezes, até eu não me entendo. Ele falou exatamente o que eu queria ouvir, porém, lá no fundo, eu esperava outra coisa. Pura contradição.

É por isso que preferi manter em segredo o que aconteceu entre nós. Se eu contasse para minhas amigas, na certa elas fariam uma bagunça em minha cabeça, dizendo que eu deveria fazer isso ou aquilo, e não me sinto preparada para enfrentar meus fantasmas de frente, não ainda.

Estou compenetrada, olhando as ondas se agigantarem antes de quebrarem, quando sinto uma presença do meu lado direito.

— Atrapalho? — A voz grave e conhecida dispensa apresentações.

Sem desviar meu olhar do oceano, respondo:

— Não. Estou apenas apreciando a beleza deste lugar. Em meio à correria de Nova York, estar em um paraíso como este é como recarregar as baterias.

— Concordo 100%. Este foi um dos motivos de ter adquirido uma casa por aqui.

Surpresa, finalmente olho para James, erguendo as sobrancelhas.

— Sério?

Não posso deixar de observar em como a camisa social branca se ajusta ao seu corpo musculoso e que os três botões abertos dão um charme a

mais ao visual elegante e despojado. Volto a olhar para o seu rosto e ele abre um sorriso de lado.

Só me faltava essa. Ser pega enquanto eu o *secava*.

— SÉRIO — é o que ele se digna a responder, ignorando o momento constrangedor. — Eu precisava de um lugar para fugir. Estava enlouquecendo com tanto trabalho e minha saúde mental indo para o ralo. Então, quando Daniel disse que viu uma casa à venda, eu abracei a oportunidade.

— Uau! Parabéns. É um belo refúgio.

Volto minha direção para o oceano, perdendo-me em suas ondas. Eu entendo sobre querer fugir a fim de ter paz. Também ando sobrecarregada demais. Com o trabalho e pensamentos obscuros que não consigo afugentar.

— Obrigado. Está tudo bem com você? Não nos falamos há algumas semanas. — Tenho certeza de que ele está me olhando, mas não me sinto à vontade para encarar seus olhos azuis quase translúcidos neste momento.

— Está tudo bem — respondo, evasiva, mexendo na pulseira que ele me deu de presente. Eu gostei tanto da joia, que é como se fizesse parte do meu corpo. — E com você?

— Tudo bem também. Não tenho conseguido ir às nossas reuniões semanais no escritório, porque estou viajando direto.

Cansada de conversar sem olhar para o seu rosto, giro meu corpo e fico em sua frente.

— O Larry me disse — digo, referindo-me ao meu chefe.

Espero que continue para saber aonde ele quer chegar.

— Suponho que ele tenha dito também que iremos ao Brasil muito em breve.

Aí está.

Ele abre aquele sorriso de canto de boca e cruza os braços.

Respiro fundo, antes de responder:

— Sim. Fiquei surpresa por você não ter mencionado nada nas reuniões anteriores, mas como dizemos no escritório: o cliente é o chefe.

— Nada disso. Eu só acho que não há outro profissional melhor do que você para me acompanhar, mas isto discutiremos em outra oportunidade. Você vai gostar do Brasil, Beatrice.

— Eu irei a trabalho...

— O que não impede que eu a leve para conhecer alguns lugares que gosto.

Ficamos em silêncio, um encarando o outro, nossos olhos percorrendo cada traço, cada ínfimo detalhe, até que sua voz sai tão rouca e baixa, que preciso me esforçar para compreender o que ele quer dizer.

— Você lembra, não lembra?

De repente, me falta o ar e minhas mãos começam a suar.

— De quê? — pergunto, num sussurro.

Ele sorri novamente, passando uma mão pelos cabelos loiros, enquanto a outra fica no bolso da calça de sarja cor de vinho. Sempre muito estiloso.

— Você sabe, querida. O seu olhar não sai *daquele* lugar.

Ele acena para um local da praia em específico e não preciso virar para saber de qual lugar ele está falando, eu só não havia me dado conta de que estava com a minha atenção direcionada para lá.

— O que você quer comigo, James? — finalmente tomo coragem para perguntar o que venho guardando há tanto tempo e seguro minha

respiração para ouvir sua resposta.

A diversão se esvai e seus olhos não me olham, queimam.

— Não acho que você esteja preparada para saber, querida.

E assim como veio, ele sai, deixando-me aturdida, perplexa e de boca no chão.

Agradecimentos

Uau! A ficha ainda não caiu que, enfim, este livro chegou até vocês.

Extenuiei até meu limite, tive as piores crises de insegurança possíveis, a pressão de fechar uma série, a autocobrança, a ansiedade dos leitores... Não, não foi fácil, mas está aí!

Com a graça de Deus, o apoio do meu marido (o herói que me aguenta rs), meus pais, irmão, amigas, leitoras, eu consegui! Uhoooooooo!

Obrigada pela paciência, compreensão, pelas cobranças (hahaha), pelos empurrões...

Helô Delgado, Ivany Souza e Bianca Bonoto (que tanto me pediu “James”, “James”, “James”), vocês foram essenciais, únicas, maravilhosas... Serei eternamente grata por terem caminhado comigo nessa jornada. Este livro não teria saído sem a ajuda de vocês. Podem ter certeza. Obrigadaaaaaaaa!

Amigas que me consolaram nos meus “choros” de desespero, que me colocaram para cima, *me* chacoalharam, e, acima de tudo, torcem por mim: Nana Simons, Zoe X, Agatha Santos, Rafa Pimenta, Ramone... vocês são anjos na minha vida.

Leitoras Misteriosas, Indecifráveis e Inevitavelmente incríveis, sem a voz de vocês ecoando em minha mente, dia após dia, pedindo por esta história, eu teria demorado mais algum tempo para escrevê-la (hahaha). Olha,

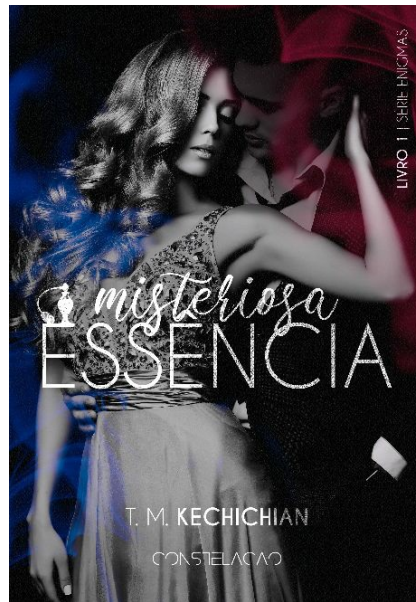
vocês são meu tesouro, meu bem precioso. Obrigada por sempre acreditarem em mim! Amo *tus*!

Parceiras da minha vida, blogueiras, profissionais que incentivam e promovem a literatura nacional, muito obrigada! O esforço e carinho que têm comigo nunca será esquecido.

Por fim, agradeço à Talitha que não desistiu. Que respirou fundo, foi lá e escreveu o desfecho desta série que significa tanto para ela. Obrigada por ser tão forte. Obrigada por evoluir a cada novo livro e este, com certeza, ficará marcado para sempre em seu coração.

Obrigada!

Demais obras



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

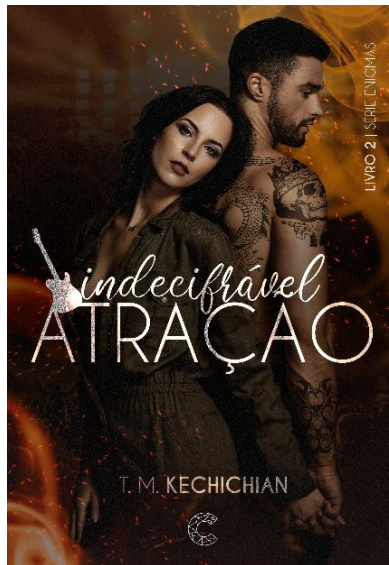
Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

[Adquira o seu aqui](#)



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

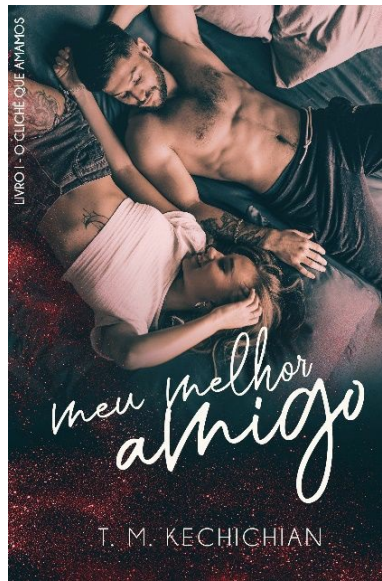
LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-Iorquina, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?

[Adquira o seu aqui](#)



MEU MELHOR AMIGO

E se o seu melhor amigo fosse o amor da sua vida?

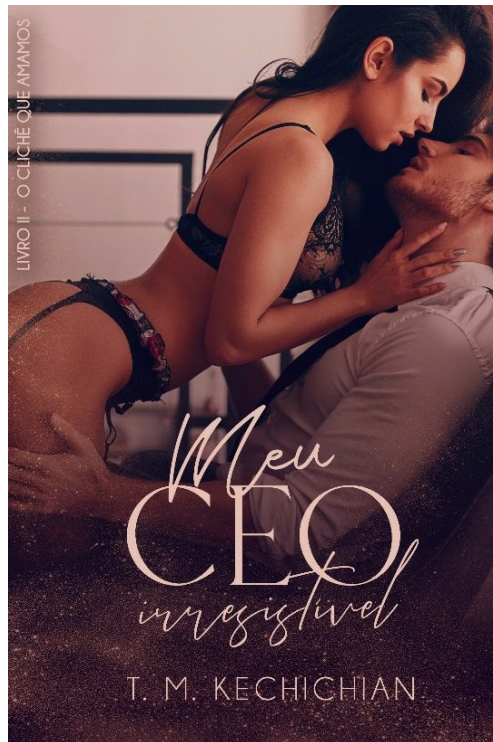
Paula e Maurício são de Angra dos Reis e estudaram juntos dos 7 aos 17 anos, cultivando uma amizade invejável.

Para seguir o sonho de ser médico, Maurício se muda para a cidade do Rio de Janeiro e Paula permanece em Angra, frustrada por não poder realizar o sonho de estudar moda. Apesar de todo o amor e carinho, o pior acontece: com o passar do tempo, eles perdem o contato.

Agora, dez anos depois, Maurício é um médico em ascensão e Paula, empresária de uma loja de roupas. E, como o destino não brinca em serviço, o ex-melhor amigo de Paula retorna para sua cidade natal e veremos que a história dos dois está longe de terminar.

Em Meu Melhor Amigo, prepare-se para rir, dançar, se aventurar pela Ilha Grande e se apaixonar por duas pessoas que tiveram medo de expressar o que realmente sentiam em prol de uma grande amizade.

[Adquira o seu aqui](#)



MEU CEO IRRESISTÍVEL

Letícia é uma paulistana de 29 anos, independente, que trabalha no mercado financeiro e não teve um ano bom. A empresa em que trabalhava faliu, o ex-namorado a traiu, pegou dengue duas vezes... Pois é, nada fácil! Então, quando a amiga Mari a convida para curtir um festival de réveillon em Jericoacara/CE, uma das praias mais lindas do mundo, ela não pensa duas vezes. Parte na esperança de que comece o novo ano com o pé direito.

Henrique Vergueiro faz parte da elite paulistana. Apesar de ter vindo de uma renomada família de empresários em São Paulo, ele é amante da discrição e colocou uma condição um tanto interessante para aceitar o cargo de CEO da Vergueiro Investimentos. O que pouca gente sabe é que ele adora uma aventura...

Virada do ano. Uma viagem pra lá de gostosa. Coincidência ou

destino?

Este romance é para você, apaixonado por um clichê gostoso que mistura diversão, sensualidade e leveza. Prepare-se para se encantar com mais esta viagem literária!

[Adquira o seu aqui](#)



NATAL EM 2

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este Ebook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas, proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian (Autora da Série Enigmas, Misteriosa Essência)

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

[Adquira o seu aqui](#)



EM VOCÊ ME ENCONTREI

Gabrielle Fiore sofreu uma perda irreparável. Aos 34 anos ela é obrigada a voltar para a casa dos pais, em Bento Gonçalves, depois de ter residido por mais de 17 anos no Rio de Janeiro.

Carlos Eduardo Barcellos, um paulistano de 38 anos, abandonou sua vida em São Paulo após viver um casamento conturbado que o marcou severamente. Motivado pela sede de se reerguer, ele embarca em uma aventura ao adquirir uma vinícola no Vale dos Vinhedos, transformando-a na Casa Barcellos.

Duas vidas arrasadas. Um destino cruzado.

“Em Você Me Encontrei” nos faz refletir em como nossas escolhas e

prioridades interferem no nosso dia a dia. Conheça a história de duas pessoas que se encontraram em meio à dor e descobriram, juntas, um novo motivo para sorrir.

“Em você encontrei esperança. Em você eu me encontrei”

[Adquira o seu aqui](#)

Biografia



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas reais, permitindo, com muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade aflorem a

cada novo romance criado.

Redes sociais

Visite o site da autora:

www.tmkechichian.com

Perfil Wattpad

<https://my.w.tt/1F0oHZl1XK>

Perfil Facebook

<https://www.facebook.com/100004297324540>

Perfil Insta

<https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br>

Página de autora

<https://m.facebook.com/tmkechichian>

^[1] Minestrone é uma sopa italiana composta por uma grande variedade de legumes cortados e, quase sempre, arroz ou macarrão.